
O Destino que nos escolheu
ÁGATHA SANTOS



1ª EDIÇÃO

2025

Copyright ©2024 Ágatha Santos

Obra registrada: O Destino que nos Escolheu

Capa: Ágatha Santos

Revisão: Stela Santos

Diagramação: Ágatha Santos

Autor: Ágatha Santos

Redes Sociais: @agathasantosautora

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com a realidade com pessoas vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei º 9.610/98 com aplicação legal pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

Para quem já amou um cara tóxico e não perdeu a fé no amor.

Sinopse

Ela fugia do passado.

Ele buscava respostas.

Ela foi sua assistente. Agora, é o amor que ele jamais quis perder.

Ethan moverá céus e terras para protegê-la, mesmo que o preço seja enfrentar os segredos que os unem.

Ethan Lewis é um homem poderoso, mas seu passado é marcado por uma perda irreparável. Quando ele encontra Charlotte, uma jovem decidida a mudar o próprio destino, uma atração inevitável surge, desafiando todas as suas barreiras. Sob o peso de cicatrizes profundas, ambos descobrem no outro a chance de recomeçar, porém, as sombras não param de persegui-los.

Charlotte Dawson deixou para trás uma vida de abusos e incertezas, mas ser a assistente de um CEO implacável era a última coisa que esperava. Entre o homem severo que comanda seu destino e o amante que a acolhe, ela terá que decidir até onde irá para viver esse amor.

Quando os segredos do passado, uma paixão avassaladora e uma gravidez não planejada colidem, Ethan arriscará tudo para proteger a mulher que descobriu amar e o futuro de sua família.

Tropes:

Homem Protetor

AGE GAP

Casal em busca de redenção

Romance com Passado Trágico

Segredos de Família

Gravidez Inesperada

Almas gêmeas/predestinado

Cicatrizes emocionais

Donzela em perigo

Dividindo o mesmo teto

Assinar Newsletter: https://bit.ly/3Xe1De8

Sumário

Copyright ©2024 Ágatha Santos
Dedicatória
Sinopse
Sumário
Prólogo | Ethan Lewis
Capítulo 1 | Charlotte Dawson
Capítulo 2 | Ethan Lewis
Capítulo 3 | Charlotte Dawson
Capítulo 4 | Ethan Lewis
Capítulo 5 | Charlotte Dawson
Capítulo 6 | Ethan Lewis
Capítulo 7 | Charlotte Dawson
Capítulo 8 | Ethan Lewis
Capítulo 9 | Charlotte Dawson
Capítulo 10 | Ethan Lewis
Capítulo 11 | Charlotte Dawson
Capítulo 12 | Ethan Lewis
Capítulo 13 | Charlotte Dawson
Capítulo 14 | Ethan Lewis
Capítulo 15 | Charlotte Dawson
Capítulo 16 | Ethan Lewis
Capítulo 17 | Charlotte Dawson
Capítulo 18 | Ethan Lewis
Capítulo 19 | Charlotte Dawson
Capítulo 20 | Ethan Lewis
Capítulo 21 | Charlotte Dawson
Capítulo 22 | Ethan Lewis
Capítulo 23 | Charlotte Dawson
Capítulo 24 | Ethan Lewis
Capítulo 25 | Charlotte Dawson
Capítulo 26 | Ethan Lewis
Capítulo 27 | Charlotte Dawson
Capítulo 28 | Ethan Lewis

Capítulo 29 | Charlotte Dawson
Capítulo 30 | Ethan Lewis
Capítulo 31 | Charlotte Dawson
Capítulo 32 | Ethan Lewis
Capítulo 33 | Charlotte Dawson
Capítulo 34 | Ethan Lewis
Capítulo 35 | Charlotte Dawson
Capítulo 36 | Ethan Lewis
Capítulo 37 | Charlotte Dawson
Capítulo 38 | Ethan Lewis
Capítulo 39 | Charlotte Dawson
Capítulo 40 | Ethan Lewis
Capítulo 41 | Charlotte Dawson
Capítulo 42 | Ethan Lewis
Capítulo 43 | Charlotte Dawson
Capítulo 44 | Ethan Lewis
Capítulo 45 | Charlotte Dawson
Capítulo 46 | Ethan Lewis
Capítulo 47 | Charlotte Dawson
Epílogo | Charlotte Dawson
Agradecimentos
Sobre a Autora
Me siga nas redes sociais!
Leia também as outras obras da autora



Prólogo | Ethan Lewis

Vinte anos atrás

Eu fui o único que sobreviveu a tragédia que levou a vida das pessoas que eu mais amava no mundo, resultando na consequência de chorar em suas lápides, e, lamentando todo o tempo que perderíamos a partir dali.

Não teríamos fotos na minha formatura do colégio, nem saberiam o quanto fui bem como jogador titular do time da escola, muito menos para qual faculdade eu ingressaria no futuro.

Estava considerando a carreira militar, talvez, longe de tudo que era dor e demonstrava o quanto minha vida era vazia e infeliz, eu pudesse encontrar um pouco de luz e conforto.

— Ethan Lewis, venha aqui agora mesmo. — Rolei os olhos para o chamamento exagerado da minha avó.

Deixei meu quarto e desci dois lances grandes de escada, caminhei pelos corredores, cinco portas adiante e entrei na maior biblioteca que já vi.

Ainda não havia descoberto como ela conseguia fazer a própria voz ecoar pelas paredes da mansão, tinha quase certeza de que era um dom especial adquirido com os anos de vida que ela já tinha.

Dei duas batidas na madeira entreaberta e coloquei a cabeça para dentro. Vicent, mordomo e homem de confiança da senhora Lewis estava de pé, em frente à mesa, provavelmente reportando a mensagem que me colocaria em apuros.

— Pode me dizer por qual motivo o diretor da escola solicitou minha presença urgente na administração?

Repassei na mente tudo que eu e meus amigos havíamos aprontado durante a semana na escola, com medo de acabar me entregando em algum delito oculto, dei de ombros e mantive o rosto sereno.

Eu era muito bom em disfarçar as emoções, mesmo as mais profundas, como o sepultamento dos meus pais.

— Três lavatórios do vestiário masculino explodiram misteriosamente na manhã de ontem. Foram encontrados vestígios de pólvora no armário do Adam e Peter. O que me custa muito a desacreditar que você não esteja envolvido também.

— Vó Mad... eu...

— Não me venha com termos carinhosos, rapazinho. Se você está envolvido nesse ato vândalo, seja descente e assuma sua parte no acontecido.

Baixei a cabeça, não conseguia encarar o peso da cobrança que aquela senhora jogava para cima de mim. Ela não era capaz de entender que eu havia perdido tudo e só buscava uma forma de descontrair e aliviar o peso do luto que se arrastava com meus sentimentos.

— Eu também estava junto. Só fui mais esperto de não deixar provas no armário. — Bufei ao erguer o olhar. — Eles foram burros. Era óbvio que o primeiro lugar a ser investigado seria os armários dos alunos.

— Engraçado que o de vocês foram os primeiros. Realmente, Ethan, é essa a marca que quer deixar no mundo? De um delinquente?

Engoli em seco, sem saber o que responder.

Ainda era novo demais, não sabia o que pretendia fazer da vida, nem qual caminho trilharia. Eu era herdeiro de uma multinacional de energia, tinha muito dinheiro, suficiente para não precisar trabalhar mais na vida, caso não quisesse, o que aumentava minhas opções.

— Vá para o seu quarto e não saia de lá até que eu mande.

— Mas...

— Vicent, recolha celular, computador, videogame e qualquer outra coisa que possa distraí-lo. Mandarei alguns livros para que possa ler.

— Vovó... — choraminguei.

— E saiba que o custo do conserto sairá da sua mesada, rapazinho. Fará uma carta pública de desculpas para a escola e seus colegas.

— A senhora está exagerando.

— Eu? — Ela elevou a mão até o peito, contornou a mesa e parou diante de mim. — Tenho sido muito paciente desde a morte dos seus pais. Quero te apoiar no luto, mas você ainda tem tanto, meu querido, precisa enxergar isso.

— Perdi as duas pessoas que mais amava na vida.

— Sim! Você perdeu seus pais, eu perdi meu filho. — Os olhos claros que ela tinha brilharam com tristeza estampada. — Mas você ainda tem a mim, tem seus amigos, tem uma casa e muito dinheiro. Ainda pode sonhar em fazer algo de bom, Ethan. Existem pessoas que chegam ao mundo em meio a uma tragédia e não tem como sair dela, querido.

— Não me importa a dor dos outros, vovó. — Torci os lábios descontente.

Por que, sempre que tocávamos nesse assunto, ela insistia em mencionar dores piores do que as minhas? Eu não queria saber da dor alheia.

— Pois deveria. Apesar de não acreditar, naquela noite, houve mais perdas do que a nossa.

— Tanto faz. — Dei de ombros e me virei para sair.

— Espero que um dia possa compreender isso, querido.

E eu só esperava completar a maioridade para decidir por mim mesmo o que fazer da minha vida.



Capítulo 1 | Charlotte Dawson

Fechei mais o casaco em torno do meu corpo, Boston estava mais frio do que me lembrava. O Queens costumava ser mais acalorado, talvez pela quantidade de pessoas transitando na rua.

Ou poderia ser meu medo gritando, com receio de não ter chance alguma em conseguir apoio da única pessoa que eu sabia que seria minha salvação naquele momento.

Não era muito inteligente retornar para a cidade de onde fugi aos dezesseis anos, mas com um pouco de sorte e auxílio, Archie nunca me encontraria aqui, ninguém sabia da ajuda que recebi desde que nasci.

Era um segredo, segundo a tutora do lar temporário que vivi toda a vida, alguém muito bondoso e cheio da grana, havia decidido me adotar como sua boa ação e custeava as despesas que eu gerava.

Tudo bem que a maior parte do dinheiro ficava para a tutora, que segundo suas justificativas, era muito trabalhoso manipular a todos e esconder a pequena mentira que acercava minha permanência ali.

Eu só tinha um nome, que não era muito difícil de encontrar o paradeiro, já que uma corporação inteira estampava em letras prateadas, na fachada de um prédio opulento em Seaport District, o centro urbano da inovação e tecnologia.

Ela era a matriarca de tudo aquilo, rios de dinheiro transbordavam das suas mãos e sempre me perguntei o motivo de não ter me levado para ser criada no quartinho dos empregados em sua mansão, ao invés de uma casa no subúrbio.

Com certeza minha vida teria sido muito melhor embaixo do teto luxuoso da sua propriedade, aprenderia algum ofício e poderia pagar por minha estadia.

Puxei o ar com força e ajeitei o cabelo atrás da orelha. Era um tique nervoso, acontecia sempre que estava prestes a fazer algo que me deixava com medo ou desconfortável.

Archie costumava dizer que era minha maneira de manipular uma situação para colocar todos a meu favor, o que não era verdade. Eu nunca mencionava meus problemas para ninguém, odiava incomodar, por isso, sempre agia por conta e resolvia minhas dificuldades sozinha.

Encarei meu vestido amarelo, estava desbotado e um tanto puído, mas, era a melhor peça das que consegui juntar quando deixei o Queens às pressas no trem para Boston.

Quatro longos anos haviam se passado desde que deixei a cidade, o casaco não conseguia inibir o ar gelado de atingir minha pele e começar a esfriar meus ossos.

Provavelmente meus lábios estavam com uma coloração arroxeada devido ao frio, o que poderia ser um ponto a favor no momento que eu precisasse implorar de joelhos, na porta do condomínio luxuoso em Beacon Hill, por uma cama e um prato

de comida.

Nunca imaginei que poderia descer ainda mais na escala social quando saí daquele lar temporário, mas a vida consegue nos provar que sempre existe um fundo do poço ainda mais arraigado que o anterior.

"Pode repetir seu nome?" — Ouvi a voz eletrônica falar através do fone.

— Claro, eu me chamo Charlotte Dawson. Sou afilhada de Madelyn Lewis. — Fiz uma pausa, incerta de como continuar. — Faz muito tempo que não nos vemos, eu estava fora da cidade e agora que retornei, percebi que não tenho mais seu telefone. — Inventei uma desculpa esfarrapada.

O próximo passo era começar a chorar e fingir um desmaio, quem sabe pudesse comover o guarda dentro da guarita.

"Só um momento" — ele respondeu.

Cruzei os braços estendidos diante do corpo, entrelacei os dedos e os dobrei até a boca, baforando ar quente nas juntas geladas. Realmente estava frio e eu começava a me preocupar em passar a noite na rua.

Logo a temperatura cairia mais, assim que o sol começasse a se pôr, e meu plano de contingência, que não existia, precisaria entrar em ação.

Soltei os braços, balancei para frente e para trás, fiquei na ponta dos pés e tornei a firmar os calcanhares, bufei ar quente contra o frio só para ver a camada branca se formar diante de mim. Estava pronta para tocar o interfone, mais uma vez, quando o portão pequeno social foi aberto e um homem de meia idade saiu, os olhos espantados cravados em mim.

— Charlotte? É você? — Olhei sobre o ombro, por pura burrice, já que sabia bem quem eu era. — Por Deus, menina, não tem ideia do quanto a senhora Lewis te procurou.

— Ela procurou por... mim? — gaguejei no final da frase, espantada com a informação.

— Claro que sim. Ela ficou preocupadíssima... — O homem interrompeu as palavras e se aproximou estendendo a mão para mim. — Por favor, permita que eu leve sua bagagem. Vamos entrar.

— É só essa mochila. — Ajeitei a alça no ombro. — Eu mesma levo.

— Entre, por favor. — Ele comprimiu os lábios, parecia descontente com a minha negativa.

Adentrei o portão branco e enorme, uma rápida olhada em direção a guarita e pude ver dois corpos grandes atentos em mim, como se eu fosse uma ameaça para aquele lugar.

— Tem certeza de que eu posso entrar? — Encarei do posto de observação para o senhor simpático, incerta.

— Claro que pode, senhorita Dawson. É uma convidada especial da senhora Lewis. Nenhuma porta se fechará para você.

Escondi o semblante aliviada, apesar da dignidade estar por um fio, ainda processando o momento em que eu imploraria de joelhos por ajuda, não queria entregar os pontos tão cedo.

O homem parou diante de um carro enorme preto, acredito que foi a primeira vez que vi algo tão requintado de perto, abrindo a porta traseira, ele sinalizou com a mão livre para eu entrar.

— Por favor. — A leve curvada de corpo fez eu me mexer com rapidez.

Tirei a mochila das costas e pulei no interior do carro deslizando pelo banco de couro branco, macio e surpreendentemente quente, fazendo os pelos do meu corpo eriçarem com o contraste gelado da pele.

— Coloque o cinto, por favor. — O homem solicitou assim que tomou a direção do veículo.

Coloquei a mochila de lado e puxei o cinto creme transpassando o corpo. Somente quando ele ouviu o clique da fivela foi que deu partida, e finalmente começou a se mover.

À medida que avançamos, fui envolvida por uma paisagem elegante e serena, um charme diferencial que nunca havia visto antes na vida. Árvores gigantescas farfalhavam contra o vento gelado, criando um dossel verde nas longas ruas, filtrando a passagem dos raios solares.

Jardins impecáveis e varandas ornamentadas, pareciam fazer parte de uma realidade jamais vista pela humanidade. E de fato não foi, ao menos não para mim.

Uma grande parede de pedras se ergueu verticalmente à frente, adornadas com detalhes intricados que exalavam sofisticação. O carro estacionou diante da grande construção, com janelas amplas, emoldurada por arborizações floridas, convidando a luz do sol a irradiar sobre elas.

Um caminho de lajotas entre o gramado, desenhando o percurso até a entrada principal, ladeado por jardins exuberantes e cuidadosamente cultivados. Arbustos floridos de tons vibrantes de rosa e violeta adicionavam um ar romântico para o lugar, enquanto árvores altas e majestosas cobriam o gramado bem aparado com sombras singelas.

Parecia um castelo dos contos de fadas que eu lia dos velhos livros rabiscados do lar temporário.

— Chegamos, senhorita.

— É aqui que a senhora Lewis mora?

— Sim. A propriedade pertence à família há quatro gerações.

Antes que eu pudesse recolher minha mochila, ainda embasbacada com a visão, o homem gentil abriu minha porta e estendeu a mão para que eu apoiasse.

Ignorei sua tentativa cortês e saltei, ajeitando a mochila

no ombro e ganhando um olhar repreensivo de sua parte.

— Vamos entrar.

Ele caminhou ao meu lado até a grande entrada. A porta deveria medir, no mínimo, uns três metros, folha dupla, talhada à mão, formando um desenho intrincado de rosas e folhagens, muito elegante.

Até aqui eu já estava muito impressionada, e, sinceramente, desacreditada de tudo que vislumbrava. Mas nada me preparou para o espaço amplo e arejado, inundado de luz natural que brilhava através das grandes janelas em arco.

Uma grande luminária de cristal pendurada no teto reluzia como a peça central daquele ambiente, que era muito maior do que qualquer casa que eu já havia visto na vida.

— Não se deslumbre tanto. Você ainda não conhece todos os cômodos.

— Desculpe.

— Não, senhorita Dawson. Se desculpar é se colocar muito abaixo da sua posição. Corrija os ombros e levante a cabeça. — Era impressionante o poder de convencimento dele, pois me fez executar tudo que disse em automático. — A senhora Lewis está muito feliz com sua volta e irá recebê-la assim que se instalar em seus aposentos.

— Aposentos? Ela vai deixar que eu fique com um quartinho na área de serviço? Isso seria maravilhoso! — Não consegui conter o tom esperançoso, muito menos o sorriso aliviado que despontou em meus lábios.

— Senhorita, preciso enfatizar a importância da sua presença na mansão Lewis. Sua chegada é um forte desejo da matriarca deste lugar e nada menos que o excepcional será digno de atendê-la. — Continuei encarando o homem com uma leve careta, já que entendi menos da metade do que falou. — Você é uma convidada de honra.

— Ah...

— Permita-me mostrar suas acomodações.

Fechei a boca e me limitei a seguir os passos do homem que ainda não sabia o nome, mas já considerava meu anjo da guarda neste lugar.

Nada na vida eram flores e corações, não esperava que as coisas mudassem só porque minha madrinha era cheia da grana e me ajudaria a sair do buraco que havia me enfiado.



Capítulo 2 | Ethan Lewis

Eu estava sentado à cabeceira da imponente mesa de mogno da sala de reuniões principal, a dor irritante na têmpora esquerda insistia em martelar na minha cabeça. A tensão no ar era palpável. As janelas panorâmicas ofereciam uma vista deslumbrante do horizonte de Boston, no entanto, a beleza lá fora contrastava fortemente com a atmosfera carregada aqui dentro.

— Precisamos de uma solução imediata para o problema na planta de energia solar em Nevada — disse com firmeza, meus olhos perfurando cada um dos executivos presentes. — Os atrasos estão nos custando milhões e a nossa reputação está em jogo.

Os murmúrios preocupados ecoavam pela sala. Eu absorvia cada palavra, cada sugestão, com a mente trabalhando a mil por hora. Sabia que a decisão que tomaria hoje poderia definir o futuro da empresa.

No meio da discussão acalorada, uma leve batida na porta

interrompeu meus pensamentos. A porta se abriu devagar, revelando minha assistente, Kate, com uma expressão séria e ansiosa. Ela hesitou por um momento antes de se aproximar da mesa, os olhares de todos os presentes, voltando-se para ela.

— Senhor Lewis, preciso falar com o senhor em particular, é urgente. — A voz tremia levemente.

—Vamos fazer uma pausa de dez minutos — declarei aos presentes. —Discutiremos a questão da planta solar depois. — Franzi a testa, claramente irritado com a interrupção.

Enquanto os executivos saíam da sala, levantei-me e fiz sinal para Kate me seguir até meu escritório adjacente. Assim que a porta se fechou, virei-me para ela,com o semblante demonstrando a minha impaciência.

— O que é tão urgente que não podia esperar? — perguntei, a voz fria e controlada.

Kate respirou fundo, os olhos encontrando os meus com dificuldade.

— Senhor Lewis, eu tenho tentado falar há semanas com o senhor, já realizei todos os trâmites da minha demissão no RH e a partir de amanhã eu não virei mais.

Fiquei em silêncio por um momento, a expressão se tornando mais dura e fechada. Sempre desprezei a ideia de que compromissos pessoais pudessem interferir no trabalho, especialmente na minha empresa.

— Demissão? — repeti, a palavra soando estranha em meus lábios. — Kate, você é uma das melhores assistentes que já tive. E agora você está me dizendo que vai abandonar seu cargo por... isso? ─ Apontei para a sua barriga.

— Isso? Eu noivei há mais de quatro meses, precisei deixar meu futuro marido sozinho na noite de comemoração, porque o senhor teve uma emergência em Nova York e exigiu que eu resolvesse os trâmites da viagem inesperada.

— É sua função. — Devolvi, indignado.

— Não na noite do meu noivado. Eu ainda demoraria um tempo para me afastar definitivamente, mas com a descoberta da gravidez, preciso tirar o

pé do acelerador, e isso inclui ser sua assistente, senhor Lewis. — Ela engoliu em seco, mas manteve a postura. —Acredito que seja o melhor para mim e para minha família — completou.

Respirei fundo, tentando controlar a raiva que borbulhava dentro de mim.

— Muito bem, Kate. Se é isso que você realmente deseja. Mas saiba que sua decisão é extremamente inconveniente para a empresa. E não espere recomendações.

— Entendido, senhor Lewis. Obrigada por tudo, mesmo assim. — Kate assentiu, visivelmente abalada, porém, decidida.

Enquanto ela saía do escritório, me sentei à mesa, esfregando as têmporas com os dedos. Tinha uma crise na planta solar para resolver, uma reunião difícil para retomar, e, naquele momento, mais um problema com a substituição urgente da minha assistente. As complicações pessoais dos outros eram algo que eu não podia tolerar, especialmente em meio a uma tempestade corporativa.

— Senhor?

Bufei, sentindo meu autocontrole se esvair.

“Por que ela não partia de uma vez?”

— O que foi, Kate?

— Espero que um dia, o senhor encontre alguém que o faça querer priorizar a vida, as memórias e o convívio familiar.

— Acho difícil. — Encostei na cadeira, cansado.

Fechei os olhos por um momento, recuperando a compostura. Em breve, estaria de volta à sala de reuniões, enfrentando a tempestade com a mesma determinação implacável que sempre demonstrei.

A planta de energia solar em Nevada era um dos projetos mais ambiciosos da Lewis Global Holdings. Com sua vasta extensão de painéis solares, ela tinha o potencial de gerar energia suficiente para abastecer milhares de residências, posicionando a empresa como líder no setor de energia renovável. No entanto, o projeto enfrentava uma série de problemas,

desde atrasos na construção até dificuldades técnicas, que ameaçavam tanto o cronograma quanto o orçamento previsto.

Esfreguei o rosto e me levantei, decidido a voltar para o problema mais importante do que a decisão impensada da minha assistente, que resolveu brincar de casinha.

E era exatamente por esse motivo que eu nunca me comprometia além de alguns encontros com mulheres esporádicas. Envolvimento emocional, compromisso, priorizar o relacionamento, eram desculpas esfarrapadas para pessoas fracas justificarem a incapacidade de serem bem-sucedidas.

Retornei para a sala de reuniões ainda mais determinado em liquidar todos os problemas em Nevada. Uma assistente pessoal não tiraria meu foco do trabalho. Depois eu solicitaria ao RH uma pessoa capacitada, disposta a trabalhar e, principalmente, solteira.

Definitivamente o novo funcionário precisaria ser solteiro.

E sem filhos.

Claro.

Nada de crianças para virarem motivo de falta e relapso no trabalho.

— Bom, senhores, vamos resolver o problema de Nevada. — Sentei na cabeceira da mesa e encarei a tela do notebook, que havia ficado aberto.

Era uma mensagem urgente do chefe do departamento de operações em Nevada. Ele informava que uma das empresas terceirizadas, responsáveis pela instalação dos painéis solares, estava enfrentando problemas financeiros graves e ameaçava parar os trabalhos se não recebesse um pagamento adiantado.

Peguei o celular sobre a mesa e digitei uma mensagem furiosa para minha assistente, cliquei em enviar, mas ela retornou com erro. Kate havia desativado sua conta, já que não tinha mais obrigações com o cargo.

— Merda! — bradei alto o suficiente para assustar os diretores que discutiam as alternativas. — Senhores, temos um problema ainda maior.

Depois de quase duas horas de reunião, uma dor de cabeça descomunal e um almoço muito insosso, que a secretária da diretoria havia

me fornecido, tardiamente, resolvi pausar o dia e ir malhar.

Só uma coisa conseguia me colocar no eixo da pressão dos problemas colossais que meu cargo exigia. A Lewis Global Holding era pioneira no setor de energia renovável, sua reputação precedia o nome, e uma falha não era algo tolerável.

Ainda mais se fosse eu o responsável por qualquer mancha na história da empresa.

Tirei a mala de academia do banco de trás do carro, caminhei determinado até o vestiário, naquele horário poucas pessoas utilizavam os aparelhos da academia coorporativa.

Sempre acreditei no lema de “mente sã, corpo são”, então, implementei no térreo do prédio uma academia para uso de todos os funcionários, sem qualquer custo para eles.

Era um benefício a ser utilizado, principalmente quando os problemas da firma se tornavam grande demais para serem resolvidos com clareza.

Coloquei os fones, a música que eu gostava de escutar para correr e fui direto para a esteira livre. Observei duas moças no ambiente, eram jovens, acredito que estagiárias, mudaram drasticamente o comportamento com a minha chegada.

— Boa tarde, senhor Lewis.

— Boa tarde.

Acenei com a cabeça e coloquei o aparelho em movimento. Uma caminhada leve, acelerei para um trote e logo estava correndo meus costumeiros cinco quilômetros diários.

Deixei os pensamentos livres, repassando toda a discussão da reunião, as brechas e problemáticas futuras, os possíveis gastos com o atraso, nossa posição perante os acionistas, e as medidas de contenção de danos.

Ainda precisava encontrar uma assistente, minha agenda se tornaria um caos nos próximos dias, precisaria viajar para Nevada e não teria tempo de decidir ou entrevistar a nova funcionária.

Minha avó teria um pequeno colapso quando descobrisse que não a

acompanharia no evento de caridade deste final de semana, pois eu estaria a quilômetros de distância.

Era por um bem maior, ela precisaria entender.

Senti o suor escorrer por minhas têmporas, deslizando pelo pescoço e umedecendo a camiseta que já estava enxarcada nas costas. Dei uma rápida olhada para o lado e as garotas assistiam meu desempenho, sem qualquer fingimento no interesse.

A única regra que me impedia de flertar com uma mulher, era o fato de ela trabalhar para mim e acabar achando que teria mais privilégios por trepar com o chefe.

No intuito de evitar constrangimentos futuros, eu coloquei um limite intransponível para funcionárias ou associadas e parceiras de negócios. Na verdade, qualquer mulher que caracterizasse vínculo empresarial.

Não atrapalharia minha vida nem por um decreto. Ninguém tinha o poder de me tirar do eixo.

Encerrei os cinco quilômetros quando meu relógio esportivo apitou, parei a música e a esteira, retornei para o vestiário, aliviado por nenhuma delas me abordarem.

Uma chuveirada rápida e estava pronto para retornar para o topo do prédio e governar meu mundo com a mesma determinação de quando assumi a empresa.

A caminho do elevador encontrei com as jovens da academia, ainda usavam roupas de ginástica, apesar de indicarem que embarcariam no elevador.

— O senhor tem um ótimo desempenho, senhor Lewis.

— Obrigado. — Enfiei as mãos nos bolsos, desconfortável.

— Quem sabe, um dia, poderíamos marcar um treino juntos. Garanto que consigo acompanhar seu ritmo. — O tom levemente insinuador.

Sorri, com desdém, girei o tronco na direção da garota, sua amiga parecia envergonhada com a cantada ordinária que ela me passou.

— Não temos tal compatibilidade, acredite em mim. Além do mais,

não cultivo qualquer relação com os funcionários, que não seja de ordem profissional. — Ela pareceu se constranger com a minha seriedade. — E aconselho que não tomem o elevador com essas roupas, a regra da empresa é que se vistam de maneira formal. — Ergui as sobrancelhas enfatizando minha desaprovação.

— Sim, senhor. — A amiga, mais sensata que a primeira, a puxou pelo braço em direção ao vestiário.

“Eu, definitivamente, preciso que o dia de hoje acabe.”



Capítulo 3 | Charlotte Dawson

Eu não queria ser uma pessoa deslumbrada, principalmente dado ao meu histórico de vida, contudo, comecei a acreditar que Deus estava olhando para mim e dando uma oportunidade de começar a viver de verdade.

Com vinte anos de idade, nenhum estudo além do básico, pouca experiência com trabalho, salvo alguns bicos como garçonete e faxineira, nenhum dinheiro no bolso e sem qualquer previsão de quando teria uma refeição descente.

As coisas estavam bem ruins para o meu lado, procurar pela minha madrinha foi a última — e única, para falar a verdade —, oportunidade de conseguir sair do limbo que havia colocado minha existência, desde que saí do lar temporário com dezesseis anos.

Realmente acreditei que fugir com Archie era a decisão mais certa para o meu caminho. Estava completamente apaixonada, iludida com uma

vida simples, mas cheia de amor.

O castelo encantado que montei na cabeça, durou por aproximadamente seis meses, até as coisas começarem a mudar e eu perceber que ele estava longe de ser um príncipe encantado.

Só que ele sempre sabia como contornar as situações, me enrolar com suas palavras doces e cheias de manipulação. Archie, apesar de tudo, era muito inteligente e conhecia meus pontos fracos.

Costumava atingir minha ferida com tamanha precisão que, a única coisa que me restava era aceitar e obedecer. A todo momento ele me convencia de que estava errada, que havia falhado e caberia somente a mim melhorar para que nosso relacionamento evoluísse.

Encarei minha imagem no espelho de chão. Fui orientada pelo senhor, que descobri se chamar Vicent, de que deveria me preparar para o encontro com minha madrinha.

Passei alguns segundos encarando o homem, talvez meu semblante confuso tenha denunciado que eu não sabia bem o que queria dizer “me preparar”, então ele gentilmente explicou que o banheiro estava equipado com produtos de higiene pessoal básicos, enfatizou que em breve trocaríamos pelos que fossem da minha preferência, colocar uma roupa mais confortável — como se eu tivesse muitas outras dentro da pequena mochila —, e descer para o primeiro andar, na segunda ou terceira porta à esquerda.

— Acho que isso é aceitável o suficiente. — Coloquei uma mexa do cabelo úmido atrás da orelha. — Você está nervosa, Charlotte, pare já com isso.

Apontei o dedo para o meu reflexo ao franzir o cenho, tentei passar uma imagem determinada a mim mesma, mas, na verdade, o desespero tomava conta das minhas ações a cada minuto.

“Ela pode muito bem te escorraçar para fora daqui.”

“Por qual motivo, afinal, ela te aceitaria embaixo do próprio teto?”

“Você não é ninguém sem mim, joaninha.”

A voz afetada dele ecoou dentro da minha cabeça ao mesmo tempo que me arrepiei, surpresa pela sensação ser tão vivaz a ponto de me fazer

girar no quarto à procura do dono daquelas palavras.

— Não seja paranoica. — Respirei profundamente ajeitando os ombros. — Hora de encarar sua única chance.

Abri a porta e observei o extenso corredor, diversas portas brancas, com paredes brancas e o chão — adivinha? —, também em branco. Havia alguns quadros coloridos na parede, chamavam de arte, entretanto, só via rabiscos e manchas.

Desci a escada larga e curva, meus olhos deslumbrados, mais uma vez, com o ambiente, assim que meus pés atingiram o térreo, parei por um instante para admirar a construção.

— Senhorita Dawson? — Olhei para o corredor à esquerda. — Por favor, me acompanhe. A senhora Lewis irá recebê-la em seu jardim particular.

— Jardim? Dentro da casa? — Alarmei impressionada.

— Sim. — Ele chegou a fazer um bico, intrigado com minha empolgação.

Seguimos por mais um longo corredor, inúmeras portas adiante, Vicent abriu uma à direita e deu passagem para que eu entrasse.

Se estava bestificada com a beleza do saguão de entrada da mansão, nada na minha existência me preparou para o jardim encantado que eu havia acabado de entrar.

Alice no país das maravilhas estaria com muita inveja de mim naquele exato momento.

A fragrância floral, um paraíso botânico, um refúgio de paz e beleza. Grandes janelas de vidro arqueadas se estendiam do chão ao teto, banhando com uma luz natural suave que irradiava no lugar.

No centro do espaço, dois sofás luxuosos de vime com almofadas cremes e aparentemente fofas, convidavam ao descanso. Uma mesa de centro, em vidro com molduras de ferro forjado, estava adornada com arranjos florais frescos e livros de jardinagem artisticamente empilhados.

A temperatura era perfeitamente controlada, quente o suficiente para

as plantas tropicais, ainda assim, agradável para quem estivesse lá dentro. Sentia uma brisa leve vindo de lugares estratégicos, nos quais ventiladores bem-posicionados circulavam o ar.

— Vai ficar parada na porta até quando? — Dei um pequeno salto no lugar, girando para um recuo em que uma senhora elegante e com semblante sereno vinha. — Desculpe, não pretendia te assustar.

Éramos da mesma altura, apesar de perceber que ela usava um salto pequeno — em torno de três centímetros no máximo —, vestia um conjunto roxo meia estação e seus cabelos eram grisalhos, mas não de uma forma desleixada. Ela tinha um penteado elegante e os fios brancos traziam luminosidade para o rosto.

— Muito prazer, sou Charlotte Dawson, sua afi... lhada. — Minha voz falhou no final, incerta de como me direcionar.

O que eu sabia era o que a responsável pelo lar adotivo me contava, a história sobre uma madrinha bondosa que se preocupava comigo, porém, nunca soube a verdade por trás daquelas palavras.

— O prazer é todo meu, Charlotte, sou Madelyn Lewis, mas isso você já sabe. — Ela sorriu, afetuosa. — Vamos nos sentar, Vicent, traga um chá.

— Para já, madame. — Olhei sobre o ombro a tempo de ver o senhor educado se retirar e fechar a porta.

— Você não faz ideia do quanto me preocupou quando deixou o lar temporário.

— Bem, é um nome interessante sendo que permaneci nele por toda a minha vida.

— De fato. — Ela sentou, graciosa, em uma poltrona, as mãos apoiadas no colo e os tornozelos cruzados de lado. — Tenho certeza de que não ficará maior se permanecer em pé, querida. Sente-se aqui, temos muito a conversar.

— Desculpe, ainda estou sem acreditar que a encontrei.

Caminhei cautelosa até o sofá de dois lugares à sua frente. Usava uma calça jeans surrada e uma camiseta da minha banda favorita na juventude.

Ganhei a peça de aniversário quando completei quinze anos, foi o presente mais legal que a Kayla, a tutora do lar, havia me dado. Um dos únicos para ser sincera.

— E eu impressionada que tenha aparecido depois de quatro anos de buscas. Você simplesmente sumiu do mapa sem deixar rastros.

Nem para Kayla contei sobre meu romance com Archie, convencida por ele de que seria perigoso revelarmos nossa intenção de ficarmos juntos, mantivemos em segredo todos os nossos encontros e escapadas até o momento de fugirmos.

Para não levantar suspeitas, assim que Archie completou dezoito anos e foi convidado a deixar o lar, ele me fez esperar por quase um mês para que partíssemos. Assim não ligariam minha fuga a ele.

— Não havia muita perspectiva para mim naquele lugar. Precisava sair e viver minhas próprias experiências.

— Mesmo? Com apenas dezesseis anos?

— Uma rotina de estudos e cuidar dos menores da casa, além dos serviços domésticos, não era bem o meu sonho de vida.

— Ah... eu. Mas cuidei para que você fosse assistida da melhor forma. Deveria ter feito esporte, aprendido algum instrumento musical, feito cursos extras. — A senhora estava indignada. — Aquela mulher me enganou.

— Kayla tinha sua própria maneira de lidar com a vida e fez seu máximo para que eu tivesse o mínimo. Mas a verdade era que os outros órfãos ocupavam muito do seu tempo.

— Isso é um ultrage. Vou falar com ela...

— Não! — Meu grito fez com que a senhora Lewis se assustasse e levasse as mãos até o coração. — Quer dizer... eu... Fui embora por minha vontade. Ela nunca me expulsou.

— Sim, mas as atitudes dela não foram decentes.

— Eu vim procurar a senhora pelo único motivo de não querer mais ter qualquer relação com a minha antiga vida, madrinha. Tenho a intensão de manter essa promessa e nunca mais olhar para trás. Pode fazer isso por mim?

Tentei o meu máximo para manter o rosto calmo, apesar do meu coração gritar desesperado e temeroso. Se Kayla soubesse que eu estava de volta à cidade, seria um prato cheio para Archie, caso ele resolvesse me procurar.

Nenhuma ligação com o passado era a única maneira de me livrar de uma vez daquele homem.

— Você tem razão. — Respirei aliviada e a porta foi aberta.

Olhei sobre o ombro e vi Vicent entrar com uma bandeja, depositou na mesa de centro entre nós duas. Serviu o chá fumegante, ofereceu açúcar, mas eu recusei.

— Ao natural. Como deve ser. — A senhora Lewis pegou seu pires e xícara, satisfeita com a minha escolha.

— Conserva o sabor.

— Concordo, querida. — Ela levou a louça até que aproximasse dos lábios e soprou. — Seja o que for que tenha feito da sua vida dos dezesseis até aqui, não deu certo. Estou errada? — Balancei a cabeça em negativa. — Pois bem. Apesar de querer muito saber o que te levou a partir e, principalmente, a voltar, fico feliz que tenha vindo a mim. Minhas noites de sono serão mais tranquilas a partir de hoje.

— Suas noites de sono? Eu a fiz perder noites de sono?

— Milhares delas. — Ela sorriu.

— Desculpa. Eu não tinha a intenção.

— Deixe disso, Charlotte. Só constatei um fato. Vamos nos concentrar no agora e traçar um plano.

— Plano?

— Sim, querida. Você fará planos para o futuro. E eles serão tão grandiosos quanto seus sonhos permitirem.

.

Capítulo 4 | Ethan Lewis

Eu degustava do meu bourbon e observava o mar de pessoas transitando na área do bar, algumas já alteradas pela quantidade de álcool — e outros subterfúgios ingeridos —, outros à procura de uma companhia para a noite e eu, me perguntava por qual motivo aceitei vir para esse lugar depois do dia de merda que tive.

— Melhora essa cara, Lewis. — Olhei enviesado para o lado, Peter balançava o corpo no ritmo da batida com seu copo de vodca na mão. — Estamos em uma balada. Precisa se divertir.

— Eu disse que queria ir para casa.

— Meu amigo, você necessita de uma boa foda, não vai encontrar isso naquela mansão enorme. A não ser que resolva seduzir o Vicent. — Peter jogou a cabeça para trás gargalhando da própria piada.

Virei para o outro lado e Adam estava alheio ao comentário, o olhar fixo na pista de dança, parecia hipnotizado por alguém. Tentei seguir sua linha de visão, mas não encontrei nada específico que se destacasse a ponto de chamar tanto assim atenção.

— Adam? — ele não ouviu. — Adam? — elevei a voz e ainda nada.

Dei um tapa de leve no seu ombro e o homem pareceu despertar de outra dimensão, piscando diversas vezes com o cenho franzido, virou na minha direção, a cor havia se esvaído do seu rosto.

— O que aconteceu? — Fiquei preocupado.

— Eu... Nada. Não aconteceu nada. — Ele deu um gole da sua bebida e balançou a cabeça. — E, então, como estão as coisas em Nevada?

— Uma completa merda, cara. Já estou me arrependendo do empreendimento.

— Se alguém pode resolver esse problema, é você. — Ele tocou meu ombro.

— O que tá pegando? Isso aqui é uma sessão de terapia com apoio emocional? — Peter se enfiou no meio de nós. — Parem de frescura e curtam a noite. Pelo amor de Deus.

— O que ele tomou? — Adam me olhou questionando.

— Estou no meu primeiro copo. Nem vem. — Peter ergueu os braços e se empolgou quando a música mudou. — Essa merece minha presença na pista. Fui. — Ele sinalizou com a mão livre para a multidão e se esgueirou até lá.

— Ainda não consigo entender como terminamos amigos dele. — Comentei e Adam balançou a cabeça em concordância.

— Peter é a dose caótica na nossa vida regrada.

— Fale por você, celibatário. — brinquei e meu amigo, desde a infância, fechou a cara.

Adam e eu nos conhecemos no colégio, andávamos juntos dentro e fora da área escolar, só nos separamos quando ingressamos na faculdade, eu permaneci em Boston e ele foi para Nova York, se formou em economia e hoje cuida da empresa de investimentos da família.

Até mesmo no meu período de alistamento, ele era a única pessoa com quem eu conseguia falar um pouco sobre como era estar em um lugar onde sua vida era a única coisa que você tinha.

Por todos esses anos, nunca o vi com qualquer namorada, encontro, ou pretensão de sair com alguma pessoa. Cheguei a pensar que meu amigo fosse gay, o que não seria um problema para mim, mas Adam nunca demonstrou interesse em homens.

Tomei para mim que ele era um cara reservado e não gostava de expor seus casos.

Peter entrou em nossa vida quando retornei do serviço militar e assumi a empresa da família, precisei de um advogado para trabalhar junto a mim, visto que demiti o antigo, porque não entendia que precisava obedecer a um homem mais jovem que ele.

Pouco me importava se ele era amigo da minha avó havia mais de quarenta anos, o homem era obsoleto, arrogante e teimoso, nunca aconteceria

um entrosamento com alguém mais jovem e cheio de ideias revolucionárias.

Apresentei os dois em um encontro em casa e, de uma forma esquisita, nos tornamos muito próximos.

— Sou um homem reservado e não tenho qualquer problema com isso.

— E por que não faz como Peter e eu e encontra uma companhia para a noite?

— Aqui todas estão dispostas à mesma coisa. É um pouco sem graça conquistar alguém que já está convencida.

— O que quer dizer? Você é o Dom Juan que seduz mulheres inocentes? — Escondi o riso por trás do copo de bourbon.

— Prefiro ser discreto e conhecer melhor a companhia que terei.

— Muito trabalho, cara. — Mirei a pista e avistei uma loira linda, olhando diretamente para mim. — Prefiro as que sabem o que desejam e que acreditam que sou o cara certo para cumprir o papel.

Ergui mais o copo e cumprimentei a mulher com um aceno discreto de cabeça, o que fez ela ajeitar o cabelo e acenar com os dedos de volta.

— Boa sorte com sua lógica. Estou encerrando a noite por aqui.

Bati no ombro do meu amigo em cumprimento e parti para meu objetivo: a loira de vestido curto dançando para mim. Seu gingado era atraente, a boca carnuda e havia um toque malicioso que prometia muito do que eu almejava para a noite.

Ela girou o corpo na minha direção a tempo da minha mão encaixar na sua lombar colando nossos corpos, enquanto minha boca se chocava contra a sua em um beijo promissor.

A mulher não tinha problema nenhum em demonstrar suas intenções em público, o que era muito oportuno. Não gostava das cheias de pudores, não tinha tempo e nem disposição para lidar com melindres.

Estávamos em uma balada, não procurávamos um casamento, só queríamos curtir a noite, beber um pouco e terminar em uma cama suados, satisfeitos e prontos para seguir com nossas vidas.

Dez minutos de conversa, descobri que se chamava Ananda, era brasileira e estava passando uma temporada em Boston para fazer um curso que a empresa em que trabalhava a designou.

Nunca havia dormido com uma latina, seria algo interessante para acrescentar a minha experiência com as mulheres.

Fomos para o meu flat, que mantenho justamente para isso, pois seria de péssimo tom levar alguém para a mansão onde minha avó mora. Além de achar que a senhora Lewis tentaria me casar com todas as mulheres que passassem por aquela porta.

Deixei o lugar quando o sol surgia ao horizonte, precisava passar em casa e pegar uma mala de roupas que havia pedido para Vicent providenciar e partir para Nevada.

Coloquei um bilhete na cabeceira do lado de Ananda, agradeci a noite e desejei um bom retorno para seu país. De fato, em algum momento da minha vida, precisaria visitar as terras calientes do Brasil e conhecer mais das latinas.

Entrei na mansão e subi direto para meu quarto, sabia que minha avó em breve estaria na sala de jantar, pronta para tomar seu café da manhã comigo, o que eu não teria tempo de fazer, visto queo voo sairia em aproximadamente uma hora.

Tomei um banho rápido, coloquei um jeans e uma camisa azul clara, peguei os óculos de sol no display do closet e caminhei direto para o quarto, com a mala na mão.

Deixei-a próximo do roupeiro e caminhei para a sala de jantar, onde ouvia vozes, mais do que o comum, encarei meu relógio e julguei cedo demais para uma visita.

Adentrei pelas portas duplas e estaquei no lugar ao mirar a figura miúda com cabelos da cor de chocolate derretido, sentada à direita da minha avó que falava sobre algo que não conseguia escutar.

Principalmente quando o som de uma risada discreta soou pelo ar, fazendo com que ela cobrisse a boca com seus dedos delicados, as unhas curtas, não tinham o esmero de uma mulher sofisticada, mas ainda era fascinante de olhar.

— Vai se juntar a nós ou pretende ser o telespectador do desjejum, meu neto? — Pigarreei e encarei minha avó.

— Bom dia, vó. Infelizmente não poderei me juntar a senhora e sua visita. Preciso ir para Nevada, muitos problemas com o projeto.

— Meu Deus. Algo que possamos fazer?

— Acredito que sim. Mas prefiro me encarregar pessoalmente.

— Muito bem. Deduzo que não me acompanhará no jantar de sábado.

— Infelizmente, não.

— Sei bem o quanto lamenta, Ethan. — Ela abanou a mão no ar, desdenhosa. — Deixe-me te apresentar a minha convidada, Charlotte Dawson. Ficará por um tempo conosco.

“Charlotte Dawson... Soava bom aos ouvidos.”

— Mesmo? Seja bem-vinda, senhorita. De onde se conhecem?

— Eu...

— Ela é filha de uma grande amiga. Agora não precisa ir? — Minha avó se intrometeu e tirou minha chance de falar com a garota.

Com certeza era bastante jovem, uma pupila, que provavelmente alguma ricaça da alta roda havia confiado a minha avó que ensinasse bons modos. Não seria a primeira nem a última vez que aconteceria.

— Preciso. Até a volta.

— Ah... Ethan? — Olhei para trás. — Falarei com Kate para passar o seu convite para o nome de Charlotte. Ela me acompanhará.

— Kate me deixou, vó. Está grávida e vai se casar.

— Ah, que coisa mais linda! — Ela uniu as mãos em oração. — Precisamos comprar um bom presente de casamento.

— Não darei nada. Ela me abandonou no meio do caos.

— Ethan Lewis!

— Nem pensar. Preciso ir. Ainda tenho que encontrar outra assistente o quanto antes.

Girei e deixei o lugar, não sem antes dar uma boa olhada na garota com olhar amedrontado, lábios pequenos e bochechas avermelhadas. Ela era encantadora de um jeito estranho, mas já ocupava a lista de intocáveis.

Sair com alguém da estima da minha avó era muito pior do que sair com uma funcionária da empresa



Capítulo 5 | Charlotte Dawson

Encarei o relógio na mesa de cabeceira, faltavam poucos minutos para eu ser despertada pelo alarme moderno daquele quarto. As cortinas se abririam, uma música clássica tocaria no sistema de som e logo Vicent bateria à porta.

Quinze dias haviam se passado desde que procurei a senhora Lewis e minha vida mudou completamente com essa decisão. Acordar às seis da manhã, estar na mesa de café às sete, aulas de conhecimentos básicos, de etiqueta, leitura obrigatória, almoço, aula de dança de tarde, mais estudos e, enfim, o jantar.

Havia ganhado aparelhos eletrônicos de última geração: computador, tablet, celular, fones, relógio, todos sincronizados e que complementavam a nova Charlotte Dawson.

Ainda não sabia qual era a pretensão da senhora Lewis, parecia que eu

era parte de algum projeto em sua mente. Talvez uma causa social que ela mostraria os resultados em breve.

“É cruel você pensar tão pouco de alguém que tanto te ajuda.”

— Aff... — Chutei as cobertas para longe e finalmente me levantei.

Não conseguiria dormir mais, estava inquieta desde que ouvi uma conversa entre Vicent e minha madrinha sobre o retorno do neto, Ethan Lewis.

O homem mais lindo que já havia visto pessoalmente, que me deixou tão fora do eixo, que não tive qualquer reação quando entrou na sala de jantar naquela manhã, os cabelos úmidos e displicentes, a roupa alinhada, aqueles ombros largos e preenchidos dentro do tecido claro.

Seu olhar era confiante, com certeza sabia bem da sua capacidade de encantar quem o olhasse por mais de um segundo e não parecia preocupado em usar isso a seu favor.

Não queria me sentir tão nervosa, mas a verdade era que, quanto mais ouvia falar do homem, mais curiosa eu me tornava sobre como seria conviver com ele dentro desse casarão.

Acompanhei minha madrinha no jantar de caridade, nunca havia imaginado estar no mesmo ambiente da nata de Boston. Provavelmente todo o giro financeiro da cidade estava no mesmo lugar aquela noite, o que me deixou mais introspectiva que o normal.

“Precisa se acostumar com eles, querida. No fundo, são só pessoas.” — usava o que minha madrinha me ensinou como um mantra para não me deixar abalar.

Coloquei a calça de alfaiataria branca, uma blusa de poá, sapato baixo e prendi o cabelo em um rabo de cavalo. Também estava tendo aulas com uma personal stylist, que me ensinava a como me vestir de acordo, combinações de roupas, cabelo e maquiagem.

Coloquei o relógio no braço e ajeitei a fivela, saí pelo corredor ouvindo uma pequena comoção no hall, repassei os compromissos da senhora Lewis na mente, mas não havia nenhum programado.

Havia descoberto recentemente que tinha uma ótima memória para

guardar informações, estava me saindo muito bem auxiliando minha madrinha com sua agenda social.

— Você demorou mais do que o previsto, querido.

— Nevada foi mais problemática do que imaginei.

— Fico feliz que esteja de volta. Vamos aproveitar o desjejum?

— Não posso. Preciso estar na empresa na primeira hora, tenho uma reunião importantíssima.

— Sempre correndo. — Ela riu baixo. — Precisamos conversar sobre sua assistente.

— Já solicitei ao RH que providenciasse algumas entrevistas. Devo resolver a questão esta semana.

— Sabe bem que precisa de alguém confiável para ficar com você.

— Claro, vovó. Estou ciente.

— E eu tenho a pessoa certa.

Minha curiosidade me fez sair das sombras, no topo da escada, desci alguns degraus o que acabou chamando a atenção de ambos e interrompeu o assunto quando se viraram para mim.

— Ah... Sua visita ainda está aqui? — Seus olhos me escrutinaram e senti minha pele se aquecer.

— Eu disse que Charlotte passaria uma temporada conosco.

— Claro. Você disse.

Ele ainda me olhava com atenção, era mais do que curiosidade, parecia querer me desvendar por completo, arriscaria dizer que havia interesse em seu comportamento.

Senti as mãos suarem, mas não conseguia me mover do lugar.

— Já que ambos estão aqui me poupam repetir o assunto: Charlotte está em um treinamento intensivo, Ethan, acredito que possa assumir o lugar de Kate ainda esta semana.

Pisquei duas vezes, observei a cabeça do homem se voltar,

lentamente, para a senhora Lewis, que sorria radiante, como se tivesse feito a melhor das revelações.

— Do que está falando, vó?

— Não é óbvio? Charlotte é sua nova assistente pessoal.

— O que?

— Como assim?

Soltamos em uníssono e voltamos a nos encarar, com total incredulidade.

— Eu nem sei se ela é qualificada.

— Bom, eu a estou treinando para isso.

— Vó. A empresa não é um parque de diversões para seus experimentos sociais.

— Que grosseiro, Ethan! — A senhora tocou o peito, chocada.

— Desista, senhora Lewis. A empresa não será seu laboratório.

— Cuidado com o tom que usa comigo, rapazinho. Ainda tenho forças o suficiente para te dar uma lição.

— Por favor, vovó — Ele bufou, desdenhoso.

— Não briguem por minha causa. Eu... — Desci um degrau e quando fui descer o outro, acabei me desequilibrando.

— Charlotte!

Minhas pernas voaram para cima e eu desci as dezenas de degraus usando meu traseiro como apoio.

— Ai. — Soltei quando parei, faltando três degraus para alcançar o piso.

Mirei os sapatos elegantes dos Lewis, sentindo meu traseiro latejar e o rosto corado de vergonha não me permitia me mover.

— Você está bem, criança? — A senhora Lewis curvou o corpo entrando na minha linha de visão.

— Estou.

— Venha. Levante-se daí. — Observei uma palma grande com dedos grossos diante de mim.

Quando ergui o olhar encontrei o semblante sério do homem, que ainda há pouco, estava indignado com a ideia de me ter como assistente.

Toquei seus dedos e uma descarga elétrica se alastrou do nosso contato por todo meu corpo, acendendo diversos alertas em meu sistema, o que me fez ofegar sem qualquer pudor.

Um puxão, rápido e eficaz, me colocou de pé e minha perna fisgou ao sentir minha bunda dolorida protestar. Falseei o apoio me desequilibrando, o que me fez cair direto nos braços fortes e grandes do homem a minha frente.

— Pegue ela, Ethan. Não vê que está machucada? — O tom preocupado da senhora o fez girar os olhos, insatisfeito. — Vicent! Chame o doutor Hermann.

— Eu estou... Ah! — Tentei argumentar que estava bem, mas fui alçada feito um saco de batata pelo senhor Lewis.

— É melhor você se deitar antes que caia de novo e arrume um processo contra nossa família.

— O que?

— Ethan! Não diga besteiras — a senhora advertiu.

— Só falei por falar. — Ele torceu os lábios e subiu as escadas comigo em seus braços.

Tentei ignorar o fato do seu corpo ser bem firme, provavelmente o resultado de muitos exercícios físicos. Assim como mantive a cabeça virada para frente, evitando seu rosto, que estava tão próximo do meu.

— Em que quarto está?

— Terceiro à esquerda.

Fui colocada na cama com cuidado, tentei me ajeitar, mas a fisgada me fez produzir uma careta de dor.

— Não se mexa. Você bateu o seu... a sua... a... parte de trás, e é

melhor aguardar o médico. Pode ter quebrado algo.

— Meu traseiro? — Alarmei os olhos, preocupada.

— O cóccix. — Minha madrinha surgiu ao lado do homem.

— Preciso ir para a empresa. A senhora assume daqui. — O senhor Lewis se virou para a avó. — E esqueça a ideia que teve. Isso não vai acontecer.

Ele deixou o quarto no mesmo momento em que ela resmungava algo sobre “isso que vamos ver”, mas eu estava cansada e constrangida demais para sequer argumentar que seu neto tinha razão.

— Fique calma querida, em breve o médico chegará.

— Eu estou bem.

— Iremos suspender as aulas práticas por hoje. Você precisa descansar.

— Não se preocupe, madrinha. Eu dou conta.

— Bobagem. Você claramente se machucou.

— Isso não é nada. — Bufei ao abanar as mãos no ar.

— Vamos ver o que o médico dirá.

Encostei a cabeça no travesseiro e suspirei, conformada. Sabia que não adiantaria brigar com a senhora Lewis, além do mais, eu realmente estava com uma dor latejante e não conseguia me mover o suficiente para sequer me sentar alinhada à mesa.

O senhor de cabelos brancos e sorriso simpático foi tão delicado e educado quanto poderia ser um médico particular atendendo a domicílio. Receitou alguns analgésicos e pediu repouso absoluto até que a dor diminuísse.

Segundo ele, eu era jovem demais para quebrar algo, no entanto, precisaria ficar em observação, caso a dor persistisse, teria que ir até o hospital.

“Nem a pau.”

Fiquei dois dias na cama por ordem médica, mais três por vontade da senhora Lewis, que só permitiu que eu me levantasse quando me viu caminhar e saltitar no corredor do piso superior, provando que estava apta para comandar meu corpo.

Por todo este período não vi o senhor Lewis, quase perguntei a Vicent o paradeiro do seu patrão, mas seria invasivo demais.

Coloquei um vestido social azul escuro, saltos médios, um coque baixo e escolhi uma bolsa pequena. A madrinha tinha um compromisso inadiável, segundo ela, e exigia minha presença.

Vicent nos guiou até o centro de Boston, uma das ruas mais importantes e movimentada da indústria tecnológica, estacionou em frente ao enorme letreiro do sobrenome que me abrigava.

— O que estamos fazendo aqui? — Senti meu coração palpitar.

— Tenho que resolver uma questão com meu neto.

— Acho melhor eu esperar no carro com Vicent.

— Você vem comigo, querida.

Seu olhar não me deu brecha para qualquer tentativa de permanecer fora daquele edifício e, resignada, acompanhei a senhora determinada pelos corredores da empresa.

.



Capítulo 6 | Ethan Lewis

Tanto trabalho para manter o projeto dentro do prazo e não manchar a reputação da empresa, contudo, os rumores haviam vazado e a imprensa estava polvorosa exigindo uma declaração do CEO da Lewis Global Holdings.

Precisava organizar uma coletiva de imprensa, algo que a Kate era realmente boa em fazer, escolhia os melhores meios de comunicação, mantinha um bom relacionamento em meu nome com alguns deles, o que nos favorecia em episódios de crise, como acontecia naquele momento.

Minha assistente não havia aprendido nada comigo nos longos anos que convivemos. Sempre enfatizei a ela a importância do trabalho, do quanto somente ele poderia tornar alguém reconhecido e grande, o que traria a relevância pessoal que todos buscavam.

Mas ela resolveu ouvir a porcaria do coração mole que carregava no

peito e ainda me deixou em um momento nada oportuno.

Havia solicitado ao RH que enviasse as candidatas selecionadas no período da tarde. Faria as entrevistas e o teste de fogo para elas aconteceria com o problema da coletiva.

“Poderia realizar uma competição. A que se saísse melhor com a situação emergencial, seria contratada.”

— Você está querendo me foder a seco? É isso mesmo?

Meu escritório foi invadido por Peter, mais um ponto negativo na longa lista que atribuí a Kate, visto que, se ela estivesse aqui, isso jamais aconteceria.

— Deveria entrar assim na sala do CEO?

— Sim. Quando o CEO é um belo filho da mãe e me deixa em uma situação complicada com o novo contrato de Nevada.

— Era isso ou perder a obra.

— A Holding não é um banco, Ethan. Tem ideia do quanto vamos sangrar?

— Isso cabe ao financeiro. Você só garante que a empresa não se ferre no processo.

— Viu? É nessa parte que eu tenho todo o direito de socar a sua cara.

— As coisas mudaram bastante desde que deixei a cadeira da presidência, mas tenho quase certeza de que essa conduta é inapropriada no ambiente de trabalho. — Escutei uma voz firme adentrar o ambiente.

Levantei da cadeira no mesmo instante que Peter girou no lugar para ver a minha avó entrar altiva na sala que um dia foi seu mundo. Apesar da surpresa, o que realmente chamou a minha atenção foi ver sua acompanhante.

A garota estava linda. Delicada. Usava um tom discreto, ainda assim, mostrava feminilidade, a postura elegante, apesar de introspectiva. Era a medida perfeita para aguçar o interesse masculino.

— Vovó Lewis, como está? — Peter abriu os braços e um sorriso idiota para minha avó.

— Muito bem, Peter. — Eles se cumprimentaram com o afeto costumeiro.

Quando meu melhor amigo finalmente mirou o olhar na garota, notei sua postura modificar por completo. Dois passos, gingados, para o lado, estendeu a mão para cima e recebeu a palma insegura dela.

— E quem é essa preciosidade de jovem?

— O novo experimento da minha avó. — Soltei mais do que depressa.

Peter agiu rápido, beijando o dorso da garota e se afastando de imediato.

Ele bem sabia o que aquela frase queria dizer. Havia passado por um mês tenebroso quando minha avó resolveu que Peter deveria namorar a filha de uma de suas amigas.

O coitado precisou viajar para outro estado, por um mês inteiro, para que a senhora Lewis o tirasse do seu radar e eu conseguisse explicar, com todo cuidado, que Peter, Adam e eu, éramos jovens demais para pensar em casamento.

Não que eu visse um futuro desses para mim, mas ela ainda não precisava saber disso.

— Meu neto, pelo jeito, está com um humor aflorado hoje.

— Sempre. — Enfiei as mãos nos bolsos e contornei a mesa.

Beijei o rosto da minha avó e acenei para a garota, que me olhava com a cabeça levemente inclinada para baixo. Parecia não querer entrar em um confronto, apesar da sua presença em minha sala, acompanhada da matriarca da família, querer dizer justamente o contrário.

— Foi um prazer, revê-la, vovó Lewis, mas eu tenho muito trabalho a resolver. — Meu amigo afastou um passo e depois outro.

— Não precisa fugir de mim, Peter. Não tenho qualquer intensão de que você e Charlotte tenham um encontro.

Segurei o riso quando ele pareceu relaxar diante da senhora impositiva.

— Agradeço por isso — respondeu. — Sem ofensas. — Suas mãos abanaram na direção da garota.

— Não ofendeu. Acredite. — Ela devolveu, direta, deixando claro que ele nunca seria uma opção.

— Sabe? Eu sou um homem de muitas qualidades... — Meu amigo, que tem um ego do tamanho de um elefante, não conseguiu deixar quieto.

— Peter, cai fora daqui. — Cortei o assunto.

— Tudo bem. — Peter ergueu as mãos em rendição e se afastou.

A garota sorriu, de forma discreta, não pretendia deixar alguma brecha, mas tanto eu quanto meu amigo pegamos o movimento, e eu tinha certeza de que Peter via aquilo como uma oportunidade.

Apesar do trauma de ser um experimento da minha avó no passado, o homem não conseguia pensar de forma sensata quando estava diante de um possível desafio.

— A que devo a visita? — Apontei para o sofá que ficava no canto da sala. — Aceitam beber alguma coisa?

— Não pretendo me demorar, querido. — Ela liderou o caminho e se colocou no sofá maior, onde a garota também se sentou.

Soltei um botão do meu paletó, o termostato da sala deveria estar desregulado, sentia meu corpo emanar em ondas de calor repentinas, ou poderia ser por me ver encurralado pela senhora perspicaz a minha frente.

— Sou todo ouvido. Tenho vinte minutos. — Conferi o relógio de pulso.

— Apesar da sua relutância em me ouvir, tendo em vista que comandei essa empresa por mais anos que você tem de experiência, quero te propor uma aposta.

— Aposta? — Enruguei o cenho.

Corri meus olhos da senhora persuasiva a minha frente para sua cobaia, que demonstrava tanta confusão quanto eu. Poderia ser que ela não soubesse as pretensões da minha querida avó, contudo, não poderia baixar a guarda, nunca.

— Um mês de experiência com Charlotte e qualquer outra candidata que você julgue qualificada. A melhor assistente fica com o cargo.

Balancei a cabeça idealizando o cenário na mente.

— Interessante. Mas o que seria apostado a ponto de fazer eu me dispor a tal “brincadeira”? — Fiz aspas com os dedos, enfatizando meu humor para tudo aquilo.

— Simples. Se eu ganhar, você vai sair para encontros com mulheres preparadas para se casarem e que estejam à altura da nossa posição.

— Pode esquecer. — Bufei em meio a uma risada desdenhosa.

— Mas... — Ela pausou, aguardando que eu a encarasse de novo. — Se você ganhar, nunca mais ouvirá uma palavra que seja da minha parte sobre casamentos, encontros, namoros ou herdeiros.

Puxei o ar lentamente, enchendo os pulmões com um fôlego de esperança muito oportuno para o mar caótico que vinha enfrentando, desde que Kate resolveu viver sua vida chata e feliz.

Apesar de completamente descabida a sugestão para mudar meu estado civil, havia uma enorme, gigantesca chance, de eu sair vitorioso e liquidar de uma vez as investidas da minha querida e insistente avó, sobre como lidar com a minha vida.

Claro que em algum momento eu teria um herdeiro para quem deixar todos os meus bens, mas isso era fácil de se resolver, adoção, barriga de aluguel, uma noite inconsequente.

“Não. Uma maluca não era opção de mãe para meu futuro filho.”

Fato era que, sofrer a pressão familiar sobre o que deveria ou não fazer não era algo que me chamava a atenção, ainda mais dado ao meu histórico.

Eu vivi o luto intensamente, cresci e embarquei em uma missão da qual não estava completamente preparado. A realidade de uma guerra nos fazia repensar muitas coisas e ter alguém que eu amasse em perigo, era uma delas.

— Aceito. — Soltei ao me colocar de pé. — Você começa hoje à

tarde, junto com a minha candidata. Espero que se esforce o suficiente, senhorita Dawson, pois eu não facilitarei sua vida.

— Sim, senhor. — Seu tom baixo demonstrou insegurança.

— Isso será bem interessante.

Deixei a sala no mesmo instante, fui pessoalmente até o RH e revisei todas as fichas que haviam separado. Escolhi duas que me chamaram a atenção e liguei para marcar uma entrevista emergencial.

Uma delas achou que era um trote e ignorou minha proposta, mas a que tinha um currículo melhor, Mary Poter, vinte e quatro anos, graduada em administração, respondeu com entusiasmo nossa conversa e se prontificou a estar na empresa logo após o almoço para o treinamento.

O dia que parecia perdido se iluminou com a aposta da minha avó, eu poderia facilmente me divertir enquanto provava a ela, e sua pupila, que não haveria a menor chance de me vencer naquela empreitada.

Duvidava que a menina era tão qualificada quanto a minha candidata. Ela nem conseguia se manter em pé próximo de uma escada sem cair.

Seria a aposta mais fácil da minha vida e eu tiraria a vovó Lewis do meu pé de uma vez por todas.



Capítulo 7 | Charlotte Dawson

Eu estava completamente ferrada e não teria meios de conseguir me livrar da tamanha confusão que minha madrinha acabara de me enfiar sem ao menos consultar minha opinião.

— Melhore essa cara, Charlotte, um pouco de competição faz bem.

— Fácil falar quando você não terá que executar tarefas das quais não sabe se conseguirá realizar.

— Acha mesmo que nunca passei por isso? — Direcionei meu olhar descontente para ela.

Estávamos em um restaurante localizado no mesmo quarteirão da empresa, ainda era um pouco cedo para o almoço, mas a senhora Lewis não queria perder absolutamente nada sobre a disputa.

— A senhora é a dona e...

— E por isso mesmo enfrentei julgamentos, tentativas de me diminuírem, tentarem provar que um homem no comando seria melhor para a empresa. Você não tem ideia, criança, do que é comandar um legado vindo de homens. Perdi meu marido muito cedo, meu filho ainda era novo para assumir os negócios e precisei atender ao único pedido do meu esposo no leito de morte: comandar os negócios até que nosso menino pudesse ocupar o cargo que seria dele.

— Sinto muito. Deve ter sido difícil fazer isso sozinha. — Mudei a postura, o julgamento anterior dando lugar para a vergonha.

— Aprender sobre o negócio foi a parte mais fácil, confesso. Reassumir a empresa quando meu filho também deixou esse mundo, isso sim foi a tarefa mais difícil. — Seu olhar marejou e eu me senti uma porcaria de ser humano por reclamar de um simples desafio. — Ethan também era novo demais para exercer qualquer atividade na instituição e, depois de tudo, ele demorou para querer esse lugar. — Sua atenção se voltou para a janela envidraçada.

— Farei o meu melhor, senhora Lewis. Não quero decepcioná-la.

— Ah, querida, não se preocupe comigo. Essa é uma pequena brincadeira entre meu neto e eu, você só precisa ser honesta e se empenhar. Confio na sua capacidade.

— A senhora tem mais fé em mim do que eu mesma.

— Oras, então trate de mudar isso. Você tem fome de vencer, Charlotte. É visível em seus olhos. — Ela cobriu minha mão com a sua e deu dois tapinhas carinhosos. — Além do mais, você tem uma fonte de conhecimento inesgotável para consultar sempre que precisar.

— Tenho? — Sorri, inserta.

— Claro. Eu. — Ambas gargalhamos e ela chamou o garçom para pedir nossa comida.

Alegou que uma boa refeição, mesmo que fora do horário, daria mais tempo para eu digerir e estar preparada para os desafios que me aguardavam.

A parte da enciclopédia ambulante funcionou muito bem, a senhora Lewis falou sobre como funciona o ambiente coorporativo, os principais

compromissos do CEO da empresa, quais seriam as atividades mais importantes e os pontos que me favoreceriam.

Senti que estava sendo um pouco trapaceira, mas eu já estava em desvantagem, uma vez que a outra candidata era escolhida pelo futuro chefe. Existia a possibilidade de ele a favorecer, o que fazia meus sentimentos serem conflitantes quanto a honestidade usada naquele acordo.

— Não pense demais, querida. Você está segura.

A frase da senhora Lewis ecoou na minha mente pouco antes de ser deixada na área presidencial do prédio, duas salas de reuniões à direita, a diretoria à esquerda, seguindo em frente, encontraria a antessala da presidência e a porta para o meu desafio: o CEO.

Inspirei profundamente, estufei o peito e repassei todos os motivos pelos quais eu precisava me manter firme e empenhada no propósito.

A senhora Lewis havia me proporcionando uma segunda chance de reerguer minha vida, algo que não seria possível, ou muito difícil, sem a sua ajuda. Nada mais justo do que retribuir o favor.

Não havia ninguém no balcão de entrada, estiquei o pescoço em direção a porta entreaberta, ouvi alguns sussurros e me aproximei, com cautela, espiando pela fresta.

— É fundamental que você se empenhe, Mary. Apesar de ter sua vaga garantida, não posso perder essa disputa com a minha avó. Entende?

— Acho que sim, senhor.

— Que bom. A garota está atrasada, o que é um bom ponto a seu favor. Saímos na frente.

— Eu não contaria com isso. — Adentrei o lugar espalmando a mão na madeira, mais do que determinada.

Não deveria me ofender o fato de ele conspirar com sua candidata, assim como eu fazia há poucos momentos com a senhora Lewis, apesar disso, eu me sentia injustiçada.

— Finalmente resolveu aparecer. — Ele encostou na cadeira, os braços cruzados sobre o peitoral grande e largo.

Era uma tarefa bastante difícil não olhar aquele tamanho de homem como um objeto universal do desejo, com o agravante de que dividíamos a mesma casa, apesar de eu nunca o ter visto lá, além dos dois encontros que tivemos.

— Estava me preparando.

— E se considera pronta?

— Mais do que isso. — Dei um passo à frente e trouxe a agenda que a senhora Lewis havia me dado para junto do peito. — Qual sua demanda para hoje? — Abri o objeto de couro marrom e tirei uma caneta elegante do suporte.

O senhor Lewis sorriu e encarou a sua candidata ao estender um tablet para ela, a tela estampava uma agenda eletrônica com diversos compromissos preenchidos.

— Essa é Mary Poter, sua concorrente. — Ele apontou para a moça que prontamente se levantou e estendeu a mão para mim.

— É um prazer te conhecer...

— Dawson. Sou Charlotte Dawson. — Fechei minha agenda retrógrada e estendi a mão para cumprimentá-la.

— Apresentações feitas. Preciso que cuidem de uma coletiva de emergência sobre o caso de Nevada. Mary, entregarei a você a lista de contatos na imprensa. Pode alinhar isso com o RP.

Observei enquanto ele digitava algo no celular e a tela daquele tablet piscava, sinalizando diversas mensagens recebidas.

— Fique tranquilo, senhor Lewis. Vou providenciar. — Ela acenou com a cabeça e saiu da sala.

Observei o homem imponente se ajeitar na cadeira pousando as mãos sobre o teclado, atento demais à tela para desperdiçar sua atenção comigo.

— Posso ajudar em algo mais, senhorita Dawson?

— Já que Mary vai cuidar da coletiva e o senhor já direcionou tudo a ela, gostaria de saber se há qualquer outra demanda que eu possa atender.

— Não. Pode ir. Ajude Mary no que ela precisar.

Abri a boca, mas tornei a fechar. Sua disputa não era comigo e sim com sua avó. Eu precisava manter meus sentimentos fora disso e dar o meu melhor.

Apesar da situação estranha entre eles, eu tinha uma excelente oportunidade de fazer algo realmente bom com a vida e não podia desperdiçar a chance por um capricho.

— Com licença.

Ajeitei a bolsa no ombro e deixei a sala em seguida, observei Mary se familiarizando com a nossa área de serviço, adentrei o lugar como se estivesse acostumada a fazer tudo aquilo, não poderia baixar a guarda para minha adversária.

— O senhor Lewis me falou sobre a aposta, achei bem esquisito. — Ela virou a cadeira na minha direção. — Eu preciso do emprego e imagino que você também, sendo assim, proponho que façamos nosso melhor, mas unidas. Uma empresa desse porte deve precisar de funcionário em outros setores.

Sorri amistosa e, confesso, aliviada. Seria péssimo lidar com alguém tentando me passar a perna o tempo todo.

— Por mim tudo bem.

— Então venha aqui e vamos resolver juntas a coletiva. Precisaremos agilizar isso o quanto antes.

— Vou falar com o RP. Assim entenderemos o que ele tem em mente.

— Boa ideia. — Mary concordou e rapidamente meu humor melhorou.

Nossa tarde foi inovadora, produtiva e muito empolgante. Nunca imaginei que um cenário totalmente novo e desafiador na minha vida me faria tão feliz.

Conversei com a secretária da diretoria e consegui providenciar um pedestal com um vaso lindo de flores para dar um toque aconchegante para o assunto tão delicado.

Faltavam dez minutos para o senhor Lewis descer até a sala de conferência que estava cheia com os trinta repórteres mais conceituados e conhecidos do meio empresarial, os quais atenderam de prontidão ao pedido inesperado da empresa.

Servimos água e suco, tornei a conferir o som de todos os microfones dispostos na mesa, repassei o olhar pelo ambiente e fiquei satisfeita com o resultado do meu trabalho com Mary.

— Onde ela está? — Enruguei o cenho.

Adentrei o acesso lateral do salão, encontrei um dos vigias que me avisou que Mary havia corrido em direção aos banheiros. Segui seus passos e entrei no ambiente grande e elegante, com diversas cabines.

— Mary?

— Oi. — Sua voz era sofrida.

— Está tudo bem?

— Não. — Um choramingo. — Comi algo que não me fez bem. Não consigo sair daqui.

— Mas faltam cinco minutos para a coletiva.

— Precisa dar conta disso por nós duas, Charlotte.

— Não brinca comigo, Mary. Eu estou no meu primeiro dia.

— Bom, eu também.

— Mas você tem experiência.

— Você só precisa direcionar as pessoas que farão as perguntas na ordem que está no tablet.

Um objeto foi empurrado por baixo da porta parando diante dos meus pés.

— Sei que consegue.

— Eu não teria tanta certeza — resmunguei ao recolher o aparelho do chão e marchar para fora do banheiro.

Bati de frente com algo bastante duro, o tablet voou da minha mão e

senti mãos grandes segurarem meus ombros para que eu não espatifasse no chão também.

— Garota, você nunca olha por onde anda? — Os olhos do senhor Lewis eram irritadiços.

— Desculpe.

Saí do seu aperto com rapidez e corri até o aparelho, a tela toda estraçalhada.

— Ah... não...

— Não se preocupe com isso. A manutenção tem outro para repor. Onde está a senhorita Porter?

— Hãm... ocupada.

— Com o que?

— Problemas emergenciais.

— A coletiva é a emergência. — Ele bradou e bufou. — Esqueça. Vamos logo com isso.

O senhor Lewis ajeitou o paletó fechando um botão e liderou o caminho para a coletiva.

— Mas eu... — falei mais alto e desisti.

Que Deus me ajudasse.



Capítulo 8 | Ethan Lewis

Apesar da irritação com o sumiço da minha candidata, não pude deixar de notar o bom trabalho que fizeram ao organizar a coletiva com rapidez e eficácia.

Reconheci e acenei para alguns rostos quando entrei, os flashs dispararam na minha direção enquanto eu me ajeitava na mesa ao lado de Peter, advogado responsável por toda a parte legal dos problemas em Nevada.

Fiquei satisfeito com a disposição do lugar, até um vaso de flores foi colocado para trazer leveza, provavelmente ideia da minha candidata, que já tinha experiência com coletivas.

Olhei para trás, em direção a porta que havia entrado, na esperança de ver a senhorita Poter passar por ela, mas só encontrei o semblante assustado da garota, que obviamente não deveria saber a ordem das perguntas, em razão de o tablet ter quebrado.

— Podemos começar? — Peter, sussurrou para mim.

— Só um minuto. — Tirei o celular do bolso e abri o e-mail com a relação de jornalistas e perguntas aprovadas que a senhorita Poter havia me enviado previamente. — Ei! — Chamei a garota que se assustou, mas correu para me atender. — Chame pela ordem e certifique-se de que o questionamento é o correto.

— Tudo bem. — Seu sorriso quase repartiu o rosto, de tão aliviada que se sentiu.

— Boa tarde a todos, agradeço de antemão a disponibilidade para essa coletiva — anunciei assim que me virei. — Responderei somente as perguntas enviadas e selecionadas pela minha equipe.

Olhei sobre o ombro e dei um aceno sutil para que ela começasse a chamar pela lista.

— Morning Metropolitan? — ela chamou com um tom inseguro.

— Aqui. — Um homem de meia-idade ergueu a mão. — Boa tarde, senhor Lewis. Gostaria de saber qual o impacto financeiro que a Lewis Global Holdings está enfrentando com os problemas na planta em Nevada. E como isso resulta na economia perante o mercado?

— Boa pergunta. — Pigarreei e continuei meu discurso sobre a trajetória e cuidados que estou tomando para que as consequências financeiras sejam as mínimas possíveis para todos.

— A empresa está considerando buscar financiamento adicional ou apoio de investidores para concluir o projeto? — Ele devolveu.

— Não — respondi, resoluto. — Próximo.

— Daily Dispatch. — Dessa vez, pelo menos, a garota soou mais confiante.

— Sou eu. — Uma mulher ergueu a mão. — Haverá alguma implicação nas tarifas de energia ou nos contratos com clientes devido aos atrasos?

— Estamos trabalhando para que isso não aconteça — Peter quem respondeu.

— Houve alguma falha na supervisão ou na execução do projeto que a administração pretende abordar? — O questionamento veio do fundo, uma voz feminina.

Empertiguei o tronco e localizei a loira estonteante do jornal eletrônico Weekly World, sentada no fundo, usava vermelho nos lábios carnudos e na vestimenta, seu nome era Wanda.

— Sua pergunta não foi autorizada, senhorita.

— Eu vou responder. — Arrisquei um olhar para a garota, calando sua reprimenda. — Houve alguns desafios na supervisão e execução do projeto que identificamos e estamos abordando de forma proativa. A natureza complexa de uma proposta dessa magnitude, inevitavelmente, traz consigo obstáculos que nem sempre são previsíveis. No entanto, reconhecemos que algumas falhas ocorreram. Estamos implementando uma revisão completa dos nossos processos de gestão e supervisão para identificar áreas onde podemos melhorar.

— Isso atribui do senhor? Quando sua avó estava no comando nada desse tipo aconteceu.

— Porém, nada foi tão ousado quanto esse projeto. — Pisquei um olho para ela e voltei a olhar o todo. — Próximo.

O restante da coletiva durou mais trinta minutos, as perguntas foram direcionadas para a questão ambiental e futuros prazos, e nenhuma mais sobre a capacidade do gestor.

— Senhor Lewis, desculpe. Aquela pergunta não estava na programação. — A garota se defendeu assim que se aproximou, desligando a mesa de microfones.

— Localize Wanda e a coloque na minha sala. Estarei lá em um minuto — exigi ao me levantar. — Entendeu? — questionei ao perceber que ela não se mexia.

— Cl-claro — gaguejou antes de correr para o amontoado de pessoas que se dirigiam para a saída.

— O que vai fazer? — Peter segurou meu braço antes de eu me afastar.

— Saber o porquê de ela estar me atacando.

— Isso é obvio, não acha?

— Ela não seria tão imatura assim — resmunguei ao me soltar do seu contato e marchar para o elevador.

Fazia algum tempo que conhecia Wanda, fomos apresentados em um leilão beneficente que ela cobria. Era uma mulher muito interessante e inteligente, a conversa rendeu o suficiente para tomarmos um drink em seu hotel, uma noite acalorada, e, antes que o dia raiasse e ela despertasse, eu parti.

Nos falamos esporadicamente depois disso, nunca rolou outro encontro ou sequer falamos sobre o que havia acontecido.

Encontrei com a senhorita Poter na recepção da minha sala, encarei-a por algum tempo, achei que a garota iria desmaiar, mas resolvi ter misericórdia da sua situação.

— Espero contar com a senhorita quando precisar.

— Claro que pode, senhor. Eu tive uma emergência.

— É sério o que falamos mais cedo, Mary. Preciso ganhar da minha avó, para isso você tem que ser perfeita.

— Eu serei.

— Ótimo. Está subindo uma visita, deixe entrar direto.

— Claro, senhor.

Fechei a porta da sala, tirei a gravata e fui até o pequeno frigobar que tinha a minha disposição. Peguei dois copos, servi um pouco de água com gás e sentei no sofá social.

Abri dois botões da camisa, estava displicente, as pernas jogadas, não precisava fazer média com Wanda, ela conhecia muito bem meu lado selvagem.

— Entre — ordenei quando ouvi duas batidas fracas na porta. — Você foi bem cruel comigo, querida.

Soltei assim que ouvi a movimentação, estava com a cabeça reclinada

no encosto e os olhos fechados.

— Senhor Lewis. — Levei um susto ao reconhecer a voz da garota, empertiguei o tronco e acabei virando meu copo de água na minha calça.

— Porcaria! — Bradei ao me levantar, tarde demais.

Havia uma mancha enorme na minha braguilha, fazendo eu parecer uma criança toda mijada.

— Senhor! Deixe-me ajudá-lo.

A garota correu até mim, pegou um guardanapo da mesa e se curvou, diante da minha cintura, ela passou a esfregar o papel na minha virilha e a fisgada instantânea fez meu pau despertar.

Levei alguns segundos, horrorizado com a cena, minha mente foi transportada para outro contexto, nada ortodoxo, com aquela garota de joelhos diante de mim e implorando para me chupar.

— Ei! — Afastei e caí sentado no sofá.

Ela se assustou e foi para trás, batendo com as pernas na mesa de centro, prestes a se chocar com o vidro. Levei a mão adiante e capturei a sua puxando seu corpo para cima do meu.

A situação que era ruim ficou muito pior quando suas pernas se encaixaram nas minhas e ela caiu sobre mim, usava um vestido justo, seu traseiro entrou em contato com a minha coxa.

— Você está bem? — perguntei quando minhas mãos pousaram em sua cintura e apertei com firmeza sentindo sua carne macia.

— S-sim... — Ela ofegou.

“Merda! Ela tem uma boca linda e convidativa.”

— Interrompo algo?

Olhei adiante, Peter havia escancarado a porta, seu semblante indecente nos encarando com interesse. A garota se tornou um peixe escorregadio, tentando se afastar e se atrapalhando no processo.

— Não. Claro que não. — Ela tratou de responder ao se colocar rapidamente em pé e alisando o vestido para baixo.

Charlotte tinha um belo par de pernas, torneadas, lisas e de um tom imaculado. Meu pau se agitou mais uma vez dentro da calça, fazendo meu cérebro se apegar no imaginário mais devasso da minha mente.

— Ethan, sério? Não aguentou? — Peter enfiou as mãos nos bolsos e acenou com a cabeça para minha braguilha.

— É água, idiota.

— Sei.

— Com licença.

A garota saiu feito um foguete da sala, cheguei a ter pena dela, contudo, precisava confessar que não lamentava em nada do que acabou de acontecer.

— O que aconteceu aqui? — Peter ainda tinha o semblante desconfiado.

— Nada que sua mente pervertida esteja pensando. — Levantei e fui até o lavabo que mantinha em uma parede oculta da sala.

— A garota estava montada em você, amigo.

— Não chame ela assim. — Coloquei a cabeça para fora do reservado e avisei. — Ela é senhorita Dawson, protegida da minha avó. Não se esqueça disso.

— Eu não esqueci, já você...

— Eu estava esperando a Wanda. Que por sinal, não soube o motivo de não ter subido.

Troquei de calça e retornei para a sala.

— Vai se encontrar com ela de novo?

— Quero saber quem queria me prejudicar na coletiva.

— Essa é fácil. O ego dela.

— Duvido. Tem mais por trás disso.

— Você e sua mania de achar que ainda está no exército. Não tem inimigos querendo te liquidar aqui, amigo.

— O perigo sempre está à espreita.

Aquele sentimento ruim que me invadia toda vez que recordava meu tempo como soldado retornou, o amargor no fundo da garganta, o cheiro de ferro vindo do sangue que permeava aquele lugar.

— Terra chamando Ethan. — Foquei a visão em Peter. — Relaxa, cara. A coletiva foi bem e você respondeu com firmeza. Teremos uma boa repercussão.

— Assim espero. — Peter caminhou para a saída. — Peça que a senhorita Dawson venha até aqui.

— Tudo bem. Farei companhia para a Mary.

— De jeito nenhum! — Vociferei antes que ele alcançasse a maçaneta.

— Não seja egoísta, Ethan. Não pode ficar com todas. — Ele tombou a cabeça e jogou um beijo na minha direção.

— Vou te demitir.

— Vá em frente.

O filho da mãe foi embora gargalhando, e eu tive uma grande vontade de concluir minha ameaça.



Capítulo 9 | Charlotte Dawson

Atravessei o hall da presidência com tanta pressa, que não tive tempo de responder o chamamento de Mary, alcancei o lavabo e me tranquei ali dentro, sentindo meu coração bater descompassado e a respiração errática.

Fui até a pia, abri a torneira e juntei um punhado de água para molhar a nuca — uma vez que, se fizesse no rosto ardente, arruinaria a maquiagem que havia feito —, deslizei a mão pelo pescoço aplacando a quentura que me tomava.

“Onde estava com a cabeça, Charlotte?”

“Eu não tive culpa. Foi um acidente.”

— O fundo da minha calcinha tocou a perna dele! — A voz anasalada demonstrava que eu estava próxima de sucumbir. — Respira! — Puxei o ar para os pulmões. — Está tudo bem. Não foi nada demais. Um episódio isolado e esquecido. — Abanei as mãos no ar ao encarar minha imagem no

espelho.

Respirei fundo mais uma vez, minhas bochechas evidenciavam um tom coral bastante constrangedor, mas eu ignoraria qualquer reação do meu corpo e focaria no profissional.

— Esta é sua única chance, garota, não faça tudo errado. — Apontei o dedo em riste para o reflexo, alisei o vestido e deixei o lavabo.

Óbvio que, com a sorte que me acompanhava por toda a vida, eu não teria um minuto de paz e sossego para me restabelecer, dado que o senhor Lewis estava rente a porta, feito um cão de guarda a minha espera.

— Ai! — Levei a mão ao peito, assustada.

— Você está bem?

— Claro que estou. Por que não estaria? — Agradeci mentalmente por ter mantido a voz firme.

— Só estou conferindo. — Ele enfiou as mãos no bolso e me encarou do jeito arrogante que sempre fazia. — Tenho um compromisso agora. Já dispensei Mary e você também está dispensada por hoje.

— Ah... tudo bem. — Acenei uma vez com a cabeça.

Tentei passar por ele, mas sua mão foi rápida em alcançar meu cotovelo fazendo com que meu corpo girasse em sua direção, enquanto eu fitava seu contato em minha pele. Era quente e convidativo.

— Tem como ir embora?

— Os meios de transporte público existem para isso, senhor.

— Você não vai usar um coletivo. — Sua voz saiu como uma ordem, alta e clara.

— Não vou? É uma regra da empresa?

— Claro que não.

— Então, se todos os funcionários escolhem a forma como irem e virem, acho que posso me sentir no mesmo direito.

— Você não é igual a todos, garota. — Uma leve torcida nos lábios,

desgostoso.

— Acredito que eu não deveria ter privilégios. É desonesto.

— Sua chance aqui já começou de forma bastante manipulada e favorecida, não acha?

— Eu não sabia de nada daquilo. Sua avó... ela agiu por conta.

— Muito conveniente. Afinal, quem é você, senhorita Dawson?

— Eu...

— Como chegou na vida da minha avó? Claramente não é da alta sociedade, ou não se prestaria ao papel de ser uma mera assistente.

— Sou alguém que sua avó teve misericórdia. — Empinei o queixo, recusando sua tentativa de me deixar por baixo. — Só estou tentando seguir minha vida, sem problemas.

— E resolveu se tornar uma pedra no meu sapato? — Seus olhos afilaram, desconfiados.

Era intimidador estar sob o escrutínio de um homem importante como ele. Eu seria facilmente esmagada, se fosse da sua vontade. Estava dentro da cova do leão, com meu pescoço a prêmio para um homem lindo e completamente inatingível.

— Isso foi sua avó quem fez. Na minha condição, senhor Lewis, negar qualquer oferta de ajuda ou oportunidade de trabalho é uma completa loucura.

— E qual a sua condição, senhorita Dawson?

— A de alguém que não nasceu em berço de ouro ou com privilégios. — Percebi suas pálpebras se alarmarem e um toque de raiva surgiu em sua íris.

Apesar de ele ser um homem controlado e que não entregava suas emoções de imediato, levando em conta as poucas vezes que interagimos, minha fala tirou dele um pouco da sua parcimônia, e talvez, eu tenha encontrado uma brecha em sua armadura.

— Está me julgando, senhorita? — Um passo adiante, intimidador.

— De forma alguma, senhor. Tendo em vista que meus serviços não são mais necessários por hoje, peço licença para me retirar. — Acenei com a cabeça.

— Pensando melhor... — Estaquei no lugar, pois havia dado alguns passos para longe da nossa interação estranha. — Tenho um compromisso agora, e você pode me acompanhar. — Girei para observar seu semblante presunçoso.

— Mas a Mary foi dispensada.

— Só preciso de uma assistente de qualquer forma. — Ele deu de ombros, como se fosse banal. — Mas se não está disponível, posso ligar para Mary e ela retornar.

— Não! — Empertiguei o tronco. — Estou aqui para atender suas demandas, senhor. — Sabia que estava me castigando pela minha provocação.

“Bem-feito, para você e sua boca grande, Charlotte!”

— Ótimo! Sairei em... — Ele levantou o punho conferindo o relógio — uma hora.

— Uma hora? — questionei, espantada.

— Algum problema?

— Não. Não, senhor. — Fechei a boca rapidamente na tentativa de inibir minha indignação.

Deixei que o homem se afastasse antes de demonstrar a insatisfação. Claro que eu não me importaria de trabalhar, se toda a situação não soasse como um castigo pela minha fala.

“Eu não menti. Ele, de fato, é um privilegiado.”

Retornei para minha mesa, aproveitei para conhecer mais do lugar, tornei a conferir o tablet com o sistema que usávamos, a agenda da presidência e os compromissos da próxima semana.

“Uau! Ele tem uma vida bastante ocupada.”

Reuniões com executivos, jantares de negócios, um final de semana

em Vermont.

— O que ele vai fazer lá? Se está na agenda é um compromisso profissional.

Continuei conferindo o mês e milhares de afazeres sociais, encontros estratégicos, políticos, até mesmo com artistas. O homem era muito bem relacionado, isso não poderia negar.

Compreendia com mais clareza todo o empenho da minha madrinha em me ensinar o básico de como me portar e tudo que eu deveria saber estando tão próxima do seu neto.

Foi a hora mais longa que já aguardei na vida. Revi a agenda e decorei diversas responsabilidades, aproveitei para conhecer, de forma muito limitada, o sistema usado na empresa, assim me familiarizaria para quando de fato fosse usá-lo.

— Olá, moça!

Olhei para a entrada do hall e o mesmo homem que me pegou em uma situação constrangedora com o chefe, encarava meu semblante com curiosidade, e interesse.

— Olá, senhor...

— Pode me chamar de Peter. Sem formalidade. — Aproximou-se com um gingado peculiar.

Sua leveza era evidente, apesar da vestimenta demonstrar alguém importante e diferenciado. Ele claramente exercia um humor muito mais acolhedor.

— Posso te ajudar em algo? — Ofereci ao me colocar de pé.

— O chefinho ainda está no escritório?

— Sim.

— Valeu! — Acenou para a porta e caminhou determinado.

— Se puder aguardar, anunciarei sua entrada. — Cortei sua tentativa de invadir o espaço do CEO.

“O que ele pensava que era, afinal?”

— Relaxa, moça. Sou o advogado da empresa e — levantou o dedo em riste. —, melhor amigo do Lewis.

Com uma piscadela sugestiva o homem invadiu a sala do meu chefe dizendo que o pinscher que ele havia contratado para guardar a porta da presidência era bastante eficaz.

Tornei a me sentar, a madeira foi fechada e nada mais poderia ser ouvido. Aproveitei o tempo livre e abri a rede social no computador da empresa, desativei minhas contas por precaução, mas tinha a senha de um perfil fake, no qual costumava vigiar meu ex.

“Eu era patética. Sei bem disso.”

Conferi alguns conhecidos, disfarçando de mim mesma o objetivo real que me fez abrir o site. Entrei no perfil do Archie, absolutamente nada. Ele estava logado havia uns minutos.

Desloguei e fechei o site, ao girar na cadeira me deparei com dois pares de olhos me encarando. Um com interesse genuíno e o outro desconfiado.

— Podemos ir, senhorita? — meu chefe questionou, ácido.

— Claro, senhor. — Levantei e peguei minha bolsa.

— Ainda não sei o porquê você quer levar a pobre coitada. Vai ser um jantar chato, com comida ruim.

— Preciso de alguém para anotar o que for dito.

— O velho mal fala. — O tal Peter argumentou e recebeu um olhar repreensor.

— Ela vai.

— Ok, chefinho.

O senhor Lewis bufou para a provocação e tomou o caminho para o elevador. Peter sinalizou com a cabeça indicando que eu deveria segui-los e assim o fiz.

Descemos quinze andares em completo silêncio. Meu chefe e o advogado com as caras enfiadas nos celulares e eu com os dedos trançados

diante do corpo.

— Vai no seu carro? — o Senhor Lewis perguntou assim que chegamos do lado de fora do prédio.

— Vou. Tenho outra coisa para fazer depois da reunião — Peter respondeu.

Eles se despediram e o advogado caminhou para a garagem lateral, enquanto um carro enorme preto estacionava no meio fio e um homem gigante, de terno alinhado, contornava o carro e abria a porta de trás.

— Boa noite, senhor Lewis.

— Boa noite. — Ele entrou no carro com elegância e maestria.

Fiquei parada por um tempo observando a cena até que o pigarrear do motorista me fez despertar e correr até a entrada.

— Oi, sou Charlotte, a assistente em treinamento.

— Muito prazer, sou Jason. Motorista e segurança.

— Ah... ok.

Empoleirei no carro, um tanto desajeitada, já que ele era bastante alto para minhas pernas curtas. Encarei meu chefe de relance, seus olhos estavam fixos abaixo do meu tronco, foi quando notei o quanto a saia do vestido havia subido.

— Seria conveniente se usasse calças. — Ele decretou e eu rapidamente me ajeitei colocando o cinto.

— Claro. Senhor.



Capítulo 10 | Ethan Lewis

Poucas vezes na vida eu me arrependia das decisões que tomava. Isso porque sempre usava a razão, agir na impulsividade era um tiro certeiro para a derrota, e, mesmo sabendo disso, eu fiz.

O julgamento explícito da garota tirou o pouco de coerência que me mantinha sob controle. Ainda era capaz de sentir seu corpo quente contra o meu, o vão macio roçando minha coxa e despertando meu pau de forma instantânea.

Eu não sabia dizer o que ela tinha — e confessava que não estava disposto a arriscar nada para descobrir —, entretanto, desde que botei meus olhos nessa garota, algo dentro de mim aflorou, era desconhecido e pouco conveniente, o que me fazia agir por impulso, deixando meu humor ainda pior do que de costume.

“Por que, diabos, ela tinha que usar uma roupa tão atraente?”

— Quero que tome nota de absolutamente tudo que for dito. MacCallister é uma raposa velha e preciso sempre estar um passo à frente dele — ordenei enquanto encarava a janela fumê.

— Eu não trouxe o tablet.

Girei o pescoço com calma, mas meus olhos denunciavam a irritação por sua falha. Odiava gente lenta, era óbvio que, se sairia comigo para um jantar de negócios, deveria levar seu material básico. O que ela pensava? Que seria um enfeite de mesa?

— Anote no seu celular, então. Espero que tenha acesso a qualquer informação que eu precise na hora. — Continuou me encarando, os olhos enormes, amedrontados. Provavelmente ainda não tinha sincronizado o sistema da empresa em seu aparelho. — Use o meu. — Tirei o celular do bolso do paletó e ofertei à garota.

Ela segurou a ponta do objeto encarando a tela bloqueada com a imagem da faixada da empresa, logo que foi instalado o novo letreiro, prateada e imponente, podia ser lida a quilômetros de distância.

— Qual a senha? — questionou encarando a tela.

— Não tem. — Seu olhar se voltou para mim com rapidez. — Nunca deixo o aparelho longe dos meus olhos, e caso aconteça algo, o sistema de segurança da empresa deleta todos os dados e informações relevantes.

— Own... entendi.

Charlotte voltou a encarar o objeto, deslizou o dedo sobre a tela visualizando os aplicativos, compenetrada e, aparentemente, muito interessada. Os dentes se prenderam no lábio inferior, era inocente a atitude, o que fez meu sistema despertar por completo.

Era um sinal de alerta para a fera que habitava meu âmago surgir, exigente e ansiosa, interessada demais pelo desinteresse da garota.

Diferente de todas as mulheres que cruzavam meu caminho, que a primeiro momento sempre tentavam evidenciar suas qualidades e fascínio por mim, ou pelo sobrenome que eu tinha, essa, não parecia querer nada comigo.

Era ridículo, e um pouco abusivo da minha parte, mas estava difícil conter aquele lado sombrio da minha alma, que sempre mostrava sinais da

sua existência quando envolvia Charlotte Dawson.

Ajeitei o quadril no banco, o incômodo entre as pernas se tornava maior e mais apertado. Seria uma péssima ideia deixar o carro com um volume grande nas calças, ainda mais com o Peter por perto.

Chegamos na entrada do restaurante antes do que eu previa, porém, com tempo suficiente para eu acalmar a animação indiscreta. O motorista abriu minha porta, contornei o carro para abrir o lado da garota, no entanto, eu a encontrei se ajeitando de pé ao bater à porta do carro.

— Poderia ter esperado. — Soltei a contragosto.

— O que? — Encarou-me confusa. — Fiz algo de errado?

— Vamos logo com isso, Ethan. Tenho um encontro inadiável hoje. — Peter se aproximou batendo as palmas.

— Você é pago para me servir. Espero que se lembre disso.

— Nunca fui capaz de esquecer. Graças a você, meu caro. — Ele bateu a mão espalmada com mais força do que deveria nas minhas costas.

Liderando o caminho para dentro, Peter nos levou até a mesa de nosso convidado, que nos aguardava com seu sobrinho do lado.

“O que esse merdinha fazia aqui?”

O rapaz se achava com o rei na barriga. A sorte dele era que MacCallister era rabugento o suficiente para nunca ter tido um filho, garantindo ao sobrinho mais velho o posto de herdeiro.

— Finalmente, Lewis.

— No horário, MacCallister. — Estendi a mão aceitando seu cumprimento.

— Senhorita... — O velho estendeu a mão para a garota. — Muito bom ter algo belo para desfrutar em um jantar enfadonho.

— Uma pena que não sou a peça de decoração adequada, senhor. — Reprimi o sorriso que insistia em despontar.

Peter não foi tão discreto e soltou uma gargalhada debochada ao se colocar à direita da garota. Eu ocupei o lugar à esquerda, como se ela

precisasse ser protegida de algo.

“Era ridículo.”

— Finalmente conseguimos nos reunir, mas ainda não entendi o motivo. — O rapazote apoiou os antebraços na mesa tomando a palavra.

— Nem teria como entender. Essa conversa compete somente aos cabeças — Peter quem respondeu, colocando o garotinho no cercado a que pertencia.

— Não seja rude com Liam, Bailey, é ele quem comandará tudo quando finalmente me aposentar.

— Sabemos que sua aposentadoria está muito longe de acontecer, MacCallister. — Evidenciei o óbvio.

Aquela raposa era gananciosa demais para deixar que outro mandasse naquilo que levou anos construindo.

— Ao menos ainda consigo manter seus dedos longe do meu empreendimento.

— Veremos até quando.

— Que comece o jogo. — O velho abriu os braços com ar jocoso.

Essa brincadeira perdurava por anos, desde que assumi a empresa sempre deixei claro meu interesse de comprar a construtora que dava forma a nossos projetos.

Claro que o fato de eu fechar os planos de Nevada usando empresas menores e locais, abalou a confiança e parceria que tínhamos e a raposa velha havia se tornado mais reticente em nosso acordo.

— Podemos pedir algo antes? Estou morto de fome. — Peter, como sempre, aliviava a tensão que pairava em nossos encontros.

— Claro. Não podemos deixar a dama na mesa a nossa mercê. — O velho apontou para a garota, que mais parecia um bibelô estático entre meu amigo e eu.

— Não tem que se preocupar com a minha assistente, MacCallister.

— O que aconteceu com Kate? — o mais novo questionou.

— Desertou — Peter quem respondeu.

— Não aguentou o humor leve do CEO? — O rapaz insistiu.

— Prezo pela competência, disponibilidade e honestidadeaos que me servem, garoto. Para se estar ao meu lado, precisam carregar essas três vertentes.

— Exigente.

— Nem me fale. — Um sussurro, perceptível à mesa.

Todos , inclusive eu, encaramos a figura miúda ao meu lado, que percebendo a burrada que havia feito, tratou de se afundar ainda mais na cadeira, envergonhada.

— Voltando a questão que importa. Já avisei que não estou à venda. Minha empresa continua comandada pelos MacCallister e seguirá assim. — O velho retomou o cerne da questão.

— Sua diretoria acha que está obsoleto, Jack. Seria tão mais fácil desfrutar de uma boa aposentadoria. Sairia do mercado com glória e um excelente legado.

— O que sabe da minha diretoria? Colocou espiões na cúpula?

Seu tom subiu, tornando fácil demais desestabilizar o homem.

A diferença entre ele e eu era que, apesar de uma raposa esperta e ardilosa, ele tinha um apego emocional gigantesco em sua empresa, coisa que não acontecia comigo.

O sobrenome que eu carregava ia além da torre de concreto que perpetuava por tantos anos. O que era mais valoroso já havia se perdido, sem qualquer chance de se recuperar.

Tudo aquilo não passava de um jogo de poder, dinheiro e influência.

— Você deveria ter escolhido melhor as pessoas que te rodeiam, meu amigo. Eles cantam feito canários quando recebem um pouco de ração.

O mais novo bateu com o punho fechado na mesa e apontou o dedo acusatório em minha direção.

— Cuidado, Ethan. Você está indo longe demais.

Precisei sorrir para a coragem do rapaz.

— Eu ainda nem comecei, garoto. E para você é senhor Lewis.

— Tio, acredito que não exista qualquer possibilidade de desfrutarmos de uma refeição decente.

— Concordo.

Ambos se levantaram ajeitando o paletó. Repeti o gesto, assim como Peter, por pura cordialidade e, claro, uma demonstração de controle da situação. Eu não tinha qualquer intensão de progredir na nossa discussão. O objetivo sempre foi irritar o velho.

— Até mais, MacCallister. — Acenei com a cabeça.

— Sinceramente, espero que não, Lewis.

Assim que eles estavam longe o suficiente, me virei para Peter, que ajeitava sua cadeira no lugar, abandonando o posto.

— Minha missão aqui foi concluída. Nos vemos amanhã. — Bateu continência para mim e estendeu a mão na direção da garota. — Boa sorte com o chefe, Charlotte.

— Obrigada — respondeu com um sorriso.

Afunilei o olhar, incomodado com a forma como ela se sentia à vontade com Peter, que conhecia a muito menos tempo do que eu.

“Será que ele havia dado em cima dela?”

— Está com fome? — questionei assim que retomei meu lugar.

— Não, senhor.

— Podemos jantar aqui. Ou em casa. O que prefere?

— Em casa, com sua avó.

Respondeu mais do que depressa, o que me fez pensar que seu desejo de se livrar de mim era maior do que o de me servir.

— Vamos pedir aqui mesmo — afirmei ao tirar o guardanapo do anel e o estender sobre o colo.

— Se ia decidir o que fazer, por que me perguntou?

— Para que você entenda quem manda e quem obedece — determinei.

Abriu a boca para responder, minhas sobrancelhas se ergueram, em automático, desafiei que ela soltasse o que seu rosto evidenciava: algum desaforo pesado e inapropriado.

Não havia me esquecido de que Charlotte era concorrente na aposta que fiz com minha avó, e estava longe de admitir perder o prêmio.

Muito bem, senhorita Dawson. É assim que deve fazer. Obedecer sempre.

Sorri satisfeito ao perceber sua mandíbula travar com raiva.

“Esse jogo estava começando a ter um fundo de graça.”



Capítulo 11 | Charlotte Dawson

O senhor Soberbo conseguia despertar o pior de mim com uma rapidez assustadora. Engoli a meia dúzia de palavras inadequadas que pensei em responder pela sua declaração ridícula de quem manda e quem obedece, contudo, infelizmente, ele tinha razão.

Eu precisava aguentar os desmandos e desaforos dele, ao menos por hora. A chance que a senhora Lewis havia me dado era única, e eu não sei como reagiria se eu brigasse com seu herdeiro.

— O que gosta de comer?

— O que o senhor preferir — respondi, respeitosa.

Virou a cabeça para mim, eu mantinha as mãos sobre o colo e o cardápio ofertado pelo garçom estava fechado ao meu lado.

— Muito bem. Sou carnívoro, então comeremos algo suculento e

malpassado. — Ele pareceu convencido de que me desagradaria com a informação.

— Ótima escolha.

— Não vai querer uma salada? — Ergueu as sobrancelhas, provocador.

— Acho ultrapassado e um tanto sexista estereotipar meu gosto alimentar baseado no fato de eu ser uma mulher. — Soltei, fingindo despretensiosidade enquanto ajeitava o guardanapo no colo.

— Só estou usando a minha experiência.

— Desculpe dizer, senhor, mas está equivocado. Eu como de tudo e nunca dispenso um bom filé.

Voltei meus olhos para o homem e o vi suprimir um sorriso por detrás do punho fechado em frente aos lábios. Aquilo tudo era um jogo com o intuito claro de me desestabilizar.

Eu era a candidata da sua avó, e pelo visto, o interesse do senhor Lewis em casamento o fazia se empenhar arduamente em me tirar da jogada.

“A madrinha poderia ter facilitado um pouco, pelo menos.”

— Então, senhorita Dawson, de onde você é?

— Daqui mesmo. Passei alguns anos em Nova York, retornei há pouco tempo.

— E de onde conhece minha avó.

— Sua avó foi uma espécie de anjo da guarda por toda a minha vida.

— Um projeto social?

Soaria ofensivo aos ouvidos, vindo de qualquer outra pessoa, mas aos poucos eu percebia que essa era a maneira de Ethan Lewis ser, falar e agir: direto e objetivo.

Ele não fazia rodeios, muito menos enfeitava situações.

— De certa forma, sim. Eu sou.

— Minha avó está em uma fase insensata, por assim dizer, óbvio que

sua brincadeira com a vaga de assistente não passa disso, senhorita.

— Então o senhor não tem muito com o que se preocupar. — Apertei os lábios.

— Posso te garantir um bom emprego, em um cargo mais adequado para suas competências. Não ficará desamparada.

— Está tentando me subornar, senhor Lewis? — Afunilei o olhar, de forma acusatória para ele.

Permaneceu com o rosto impassível, sem uma resposta que fosse levando-me ao velho ditado “quem cala, consente”.

— Eu não traio quem me estende a mão. Sinto muito que o seu estado civil esteja em um jogo ridículo articulado por sua avó, não tenho qualquer interesse em contrariar o senhor, mas não vou facilitar para Mary, apesar de ter gostado muito dela.

Resolvi agir conforme o modus operandi do meu futuro chefe e deixei claro quais as minhas intenções diante do que estávamos enfrentando. Era ruim para ele, era ruim para mim e não havia nada que poderíamos fazer quanto a isso.

Seu rosto manteve-se em uma máscara intransponível de CEO poderoso, que não entregava uma gama que fosse de emoção, deixando seus concorrentes abalados.

— Ganhou pontos a seu favor, candidata — respondeu e eu sorri.

Nosso jantar foi mais tranquilo do que imaginei a partir daquele ponto. O senhor Lewis sacolejou a bandeira branca, dando uma pausa — bastante necessária —, na competição, para que nos alimentássemos de forma adequada.

Por sinal, devorei minha comida com tamanha pressa e rapidez que fiquei surpreendida por não ter me entalado com algum pedaço de carne. Poderia apostar que eu parecia uma sem-teto morta de fome, mas eu não precisava demonstrar grandes agilidades com os talheres, ou até manter a delicadeza.

Aquilo não era um encontro e ele não estava interessado nas minhas habilidades femininas.

Terminamos de comer e ele pediu a conta. Jason nos aguardava com a porta do carro aberta, o senhor Lewis entrou com elegância e rapidez, eu fiz uma pausa colocando a mão na barriga e encarando o grandão ao meu lado.

— Está bem, senhorita Dawson?

— Sim. Só estou com a sensação de que comi um javali inteiro.

— Na cozinha da mansão tem antiácidos. Acredito que possam te ajudar na digestão.

— Valeu, Jason. — Sorri genuína e ergui a palma para cima. — Toca aqui. — Acenei a mão e ele pegou minha mão usando a sua de suporte.

— Apoie-se em mim, senhorita. Será mais fácil de subir.

Torci os lábios desgostosa, a formalidade era algo que me deixava desconfortável e já passava da hora de eu encontrar um amigo nessa nova vida que se formava ao meu redor.

Consegui me ajeitar no banco, usei a ajuda ofertada, afinal, estava parecendo uma porca roliça, empanturrada com o tanto de comida que foi servida no jantar, e eu fiz questão de comer e mostrar para o sexista ao meu lado que uma mulher pode se alimentar do que quiser.

— Sente-se bem, Dawson? — Percebi o tom jocoso antes de me virar para ele.

— Perfeitamente.

A viagem para a mansão foi tranquila e em silêncio, o que me fez agradecer imensamente, visto que meu estômago estava em uma guerra interna com a comida mal digerida.

Desembarquei do carro antes mesmo do meu chefe e corri para dentro, subindo os degraus de dois em dois, fui direto para o banheiro e enfiei o dedo na goela colocando tudo para fora.

Meu corpo tremia ao sentir o gosto da bile subindo pela garganta, era desconfortável, mas trouxe um alívio imenso para meu estômago sôfrego.

— Tem certeza de que está bem, senhorita?

Eu estava de joelhos, diante do trono, colocando até minha alma para

fora, alguns fios de cabelo fora do lugar e um suador inexplicável. A pura derrota de um ser humano.

Claro que meu querido chefe estaria presente e assistiria de camarote, como fazia naquele momento, com as mãos no bolso, o ombro encostado no batente da porta, que esqueci de fechar, e um pé cruzado sobre o outro.

Seria uma linda cena se não houvesse uma satisfação genuína do homem no meu sofrimento.

— Estou ótima, senhor. Poderia me deixar sozinha? — Acenei para que ele se afastasse.

— Nossa concepção de “ótimo” é bem diferente. Acho melhor chamar um médico e...

— Não! — Soltei rápido ao me levantar. — Só tive um mal-estar. Um banho e cama é o que preciso. Amanhã estarei nova em folha.

— Você parece um fantasma de tão branca. Tem certeza de que está bem?

Virei para o espelho apressada, olhei minha imagem desgrenhada, um papel em branco tinha mais tonalidade do que eu.

— Isso vai melhorar. Não se preocupe.

— Não me preocupo. Só vim constatar meu ponto. Deveria ter aceitado a salada.

Encarei sua imagem através do espelho, um calorão surgiu em meu âmago subindo pela da garganta, tingindo meu pescoço e rosto. Era a raiva, pura e verdadeira.

— Cuide-se, garota. Não quero ninguém se arrastando amanhã.

Ele deixou o limiar da porta com rapidez, apertei os dedos na base da pia, contendo minha indignação, que só foi exposta quando ouvi o clique da porta do quarto se fechar.

— Filho da mãe! Arrogante desgraçado! Imbecil presunçoso! Arhhh! — Gritei batendo na pia. — Quem ele pensa que é? O rei de Boston? Meu dono? Um tirano sem coração?

Tirei as roupas e entrei no chuveiro ainda reclamando, era um diálogo nada amistoso comigo mesma, na esperança de acalmar meu humor e digerir o desaforo que aquele presunçoso me ofertou.

Eu sabia que nada daquilo tinha a ver comigo. Se tratava de um plano para desestabilizar a candidata da sua avó, precisava reforçar tal informação na minha mente, feito um mantra, assim eu teria melhor controle do humor quando ele me atacasse.

— Não é pessoal, Charlotte. São negócios.

Fitei, outra vez, minha imagem no espelho, o banho havia devolvido parte da minha dignidade, mas ainda precisava do antiácido que Jason sugeriu antes de saímos do restaurante.

Coloquei a camisola e o penhoar, lindos e refinados, um dos muitos presentes que a madrinha havia me ofertado, fiquei com preguiça de pentear os cabelos, então só os tirei da toalha e bati.

Deixei o quarto olhando para os dois lados do corredor. Não pretendia encontrar com ninguém e ter que explicar por qual motivo eu estava perambulando pela mansão.

Muito menos incomodar Vicent, que na certa, ficaria preocupado com meu estado e se ocuparia de cuidados exagerados para minha melhora.

Pé ante pé, fui até a cozinha, nenhuma alma viva até aqui, o que era um ótimo sinal. Foram poucas as vezes que estive naquele ambiente, sempre servida, nunca precisara me incomodar em saber como operava ou funcionava os bastidores da mansão.

Vicent era um mordomo exemplar e muito aplicado, atendia a todos os desmandos dos moradores, e hóspedes, no meu caso, com esmero e tamanha dedicação, que tornava a todos ignorantes sobre coisas simples, como por exemplo: onde ficava os antiácidos.

Comecei abrir e fechar portas, uma a uma, vasculhando o lugar à procura de uma caixinha de remédios.

— O gato resolveu assaltar a cozinha? — Meu corpo inteiro se arrepiou e fechei os olhos, arrependida por ter saído do meu quarto.

Girei no lugar e perdi a voz, raciocínio e compostura ao mirar um

homem alto, com o abdômen malhado e definido de fora, braços fortes, e um calção de pijama preto, baixo o suficiente para mostrar o desenho das suas entradas para o parque de diversões entre as pernas.

“Puta merda...”



Capítulo 12 | Ethan Lewis

Foi inevitável escanear seu corpo, da ponta dos pés até o último fio de cabelo, preso de forma nada sensual para cima e molhados, o que me fez pensar em sua pele cheirando a água fresca e sabonete.

“Não vá por esse caminho, Lewis, é burrice.”

— Estou procurando antiácidos. — Charlotte parecia recuperada de alguma distração e respondeu um tanto embaralhada.

— Eles ficam no alto, para que as crianças não alcancem.

Fui até ela e ergui o braço dando um toque na porta superior, o clique indicou que estava destravada e eu abri. Fiz tudo isso sem tirar os olhos dela, que parecia bastante incomodada com a minha aproximação.

— Alguma criança frequenta aqui? — Seu questionamento me fez franzir o cenho.

“O que se passava na cabeça dessa garota?”

— Esporadicamente. Visitas, eventos sociais, bailes. Hoje são menos frequentes.

— Ah...

Puxei a pequena caixa de metal, apoiei na pia e me virei para procurar o remédio que ela precisava. Acho que exagerei ao pedir um prato tão forte e gorduroso, a menina está sofrendo mais do que uma lição por ser condescendente comigo.

Encontrei o remédio, contornei seu corpo e fui até a geladeira, peguei a jarra de água e um limão, deixei sobre a bancada e alcancei um copo na cristaleira do outro lado.

Tinha ciência que seus olhos estavam cravados em cada movimento meu, mas ao contrário do que costumava acontecer, me senti confortável em sua companhia e escrutínio.

— Aqui. Tome isso. — Estendi a ela meio copo d’agua com um comprimido.

Aceitou sem questionar e fez como ordenei. Entregou o copo vazio e eu tornei a encher de água, mas, dessa vez, espremi o limão inteiro, mexi e devolvi a ela.

— Agora beba tudo.

— Limonada sem açúcar não deve ter um gosto muito bom. — Seu rosto se transformou em uma careta ao encarar o copo.

— Anda logo, garota. O limão vai ajudar a limpar seu estômago.

Empurrei o objeto para cima dela, que não teve uma alternativa que não fosse aceitar.

Charlotte fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás ao virar todo o conteúdo de uma vez para dentro. Terminou limpando a boca com o antebraço e uma expressão comprimida, nitidamente descontente pelo gosto ácido.

— Viu? Não doeu.

— Mas quase me matou. Eu poderia ter vomitado em cima de você. — Tentou soar ameaçadora.

— Garanto que não seria a pior coisa que eu presenciaria. — Tomei o copo da sua mão e coloquei na bancada. — Além do mais, já te vi vomitando antes, então não seria uma surpresa para mim. — Concluí ao fechar a caixa de remédios e voltar no lugar.

— A culpa não foi minha. O senhor que invadiu minha privacidade.

— Saiu correndo do carro e entrou feito um trem desgovernado na mansão. Precisava verificar que estava viva e bem, ou minha querida avó arrancaria minhas bolas.

Cruzei os braços diante do peito, o olhar da jovem desceu por minha extensão. Não era modesto, sabia muito bem que o fato de eu estar sem camisa mexeria com a libido feminina e foi intencional.

Na manhã seguinte, quando chegasse no escritório e precisasse lidar com as demandas, sempre que me olhasse de terno, ou camisa social, lembraria do que tinha por baixo do amontoado de pano, e com alguma sorte, teria a chance de atrapalhar seu desempenho.

Era uma jogada baixa, sabia disso, mas contra a senhora Madelyn Lewis era preciso usar todo o tipo de arma. Até as mais mundanas.

“Claro! Nada disso tem a ver com o meu amiguinho de baixo se animando em deixar a garota desconfortável.”

— Uhrum... então... obrigada pela ajuda. EU já vou... subir... — Colocou as mãos atrás do corpo e recuou um passo e depois outro.

Ela bateu contra a bancada, o cotovelo colidiu com o copo que havia usado e o barulho de estilhaço foi ouvido em seguida quando o objeto atingiu o chão, depois de rolar pela bancada.

— Droga! — reclamou assustada.

Encarei seus pés descalços, praguejei alto e avancei sobre ela, segurando sua cintura com rapidez, alcei seu corpo em cima da bancada e a coloquei sentada.

Suas mãos voaram para meu ombro no processo, os olhos assustados

e a respiração acelerada, ela não esperava por isso, nem eu, mas não poderia permitir que se cortasse.

— Fique aqui.

Fui até a dispensa, peguei uma vassoura e pá e realizei o trabalho de juntar todos os cacos que haviam se espalhado. Claro que a luz parca dificultava a tarefa, mas eu não estava disposto a ascender as luzes e acordar toda a mansão por conta de um incidente.

— Eu posso ajudar. — Ofereceu ao tentar desmontar da bancada.

— Nem pense nisso, Dawson. — Adverti de imediato e ela parou o que estava fazendo. — Eu já estou terminando. Espere aí e não se mecha.

— OK.

Sua resposta foi em um tom de despeito, ela não gostava de receber ordens, era nítido, um grande problema para lidar com um chefe que tinha muita facilidade em mandar.

Apoiou as mãos na ponta da bancada e suas pernas começaram a balançar, não demonstrava ter mais de quinze anos com a atitude, apesar disso, o tecido da camisola marcado por seu corpo contava outra verdade.

Charlotte já tinha tamanho suficiente para saber o que um homem como eu poderia imaginar ao ver uma mulher em minha cozinha, usando trajes como aquele e fingindo uma inocência que eu sabia que não habitava seus pensamentos.

Vi a forma como me comeu com os olhos, tinha tanto interesse no meu tipo quanto meu pau tinha no dela.

“Você nunca gostou de novinhas, Lewis, o que está acontecendo?”

Acelerei a tarefa e terminei tudo com rapidez, claramente deixando um serviço de merda para trás, mas eu não queria continuar dando vazão aos pensamentos inapropriados que se formavam na minha mente pervertida, graças ao membro descontrolado, que recentemente, eu descobri possuir.

“A bancada tinha a altura perfeita para eu me enfiar no vão das pernas dela e comê-la até que meu nome fosse a única coisa que ela gritasse.”

— Chega!

Praticamente joguei os instrumentos de limpeza em um canto qualquer e fui até a garota, cumprindo a última tarefa tortuosa para salvar seus pés de um corte indesejado.

Alcei seu corpo sem pedir licença, ela gritou e enredou meu pescoço, mais por medo do que vontade. A cabeça virada para a saída e a jugular, clara e exposta para meus lábios, deixou minha boca sedenta e meu pau ainda mais animado.

— Não se empolgue. É só até sair da zona de perigo.

— Mas eu não estou empolgada — respondeu o comentário que nem era para ela.

Foi aí que me toquei: estava tão perdido no sangue pulsando dentro das minhas calças que dei voz ao mantra que estabeleci para meus instintos aflorados.

Cruzei a porta e praticamente soltei a menina, que só não caiu no chão porque seus braços seguraram nos meus.

— Boa noite. — Soltei atravessado e tratei de alcançar as escadas subindo de dois em dois degraus.

Bati a porta do quarto e entrei direto no banheiro, me livrei da roupa e abri a ducha, sentindo o jato gelado colidir contra minha pele quente. O choque era bem-vindo e ajudava a aplacar o maldito calor que latejava no meu membro.

Só não foi o suficiente para evitar que eu fechasse as mãos em torno da excitação que ainda sentia e movimentasse, apressado, aumentando a pressão e liberando a avalanche de pensamentos pecaminosos com a garota.

“Quando ela nasceu, você já fazia mais do que isso, Lewis.”

— Ah, cacete. — Soquei meu pau e usei a outra mão para apertar as bolas.

Estavam pesadas e doloridas, muito perto de gozar, imaginei seu canal quente e úmido, apertando meu pau com força ao chegar ao ápice, em cima daquela bancada. Os seios pequenos, mas deliciosamente empinados, entumecidos pelo arrepio de prazer que tomava seu corpo.

Gozei mais rápido do que já pude registrar na memória. A vontade de comer minha futura ex-assistente era verdadeira, e bastante perigosa, se eu não tivesse discernimento para lidar com a situação.

Uma ideia nada convencional veio a minha mente. Era bastante baixa e ardilosa, mas valia o esforço para ganhar aquela aposta e me livrar da garota e da minha avó ao mesmo tempo.

Seduzir Charlotte para que ela viesse para meu lado, aproveitava para livrar meu sistema desse desejo inexplicável, teria um sexo prazeroso no processo — isso eu tinha certeza —, depois eu a dispensaria.

Quebraria a regra de não sair com funcionários, porém, era para um bem maior. Ela não ficaria por perto depois de ser rejeitada, desistiria da vaga e dona Madelyn perderia a aposta.

Eu até poderia falar com Adam e conseguir uma vaga de recepcionista para a garota, assim todos sairiam ganhando.

— É isso. Perfeito.



Capítulo 13 | Charlotte Dawson

Depois de uma noite infernal para conseguir dormir, minha mente traiçoeira reforçava a todo momento as memórias do homem arrogante com aquele abdômen malhado de fora, me pegando no colo, fazendo minhas mãos queimarem em contato com sua pele quente.

Chegava a ser ridículo o tamanho do tesão que senti por um homem tão mais velho que eu. Nunca havia acontecido.

Fora Archie, eu nunca fui de prestar muita atenção no sexo oposto. Comecei cedo e o ciúme dele comigo nunca permitiu que eu sequer olhasse muito para o lado.

Resultado da noite foram olheiras gritantes, que nem mesmo o corretivo conseguia disfarçar. Mantive o cabelo solto, na tentativa de esconder um pouco do semblante e vesti um terninho preto, discreto e com um recorte bonito.

Sapatos baixos e confortáveis, não era o apropriado para a vestimenta, conforme a consultora de moda que minha madrinha havia marcado em uma das visitas logo que cheguei, mas eu não sabia ainda como seria minha rotina e preferi optar por conforto.

Desci as escadas com rapidez, conferi o relógio e ainda tinha tempo para uma xícara de chá antes de pegar o transporte público.

— Bom dia, querida.

— Bom dia, madrinha. — Cumprimentei com um sorriso genuíno.

— Sente-se e coma. Logo Ethan se juntará a nós e ele sempre está apressado.

— Não se preocupe. Meu tempo está calculado certinho. Consultei o horário do transporte ontem.

— Do que está falando? Você vai de carona com Ethan.

— Ah, não, madrinha. Eu não quero privilégio algum.

— Minha cara, não se trata disso. Mas se ambos vão para o mesmo lugar, o que pode haver de errado em ele te fornecer uma carona?

— Também não vejo mal algum, vó.

Corri os olhos para a entrada e vislumbrei o homem poderoso, em seu terno elegante, cabelos alinhados e o semblante de que havia tido uma excelente noite de sono.

“Sorte a dele.”

— Viu, querida? Não tem com o que se preocupar.

— Sairemos em vinte minutos — ele informou e eu tratei de encarar meu prato.

— Sim, senhor.

— Quando terá tempo para desfrutar de uma refeição decente com a sua avó, Ethan? — A senhora reclamou e ele fez uma careta de tédio.

— No momento em que eu tiver uma assistente competente que consiga encaixar meus compromissos e ainda deixar brechas para descanso e

lazer. Até lá, vovó, estou com a corda no pescoço.

— Bom, quando Charlotte ganhar, isso será resolvido.

— Se... ela ganhar — ele retrucou ao se servir de um pouco de café.

“Preto, puro, sem açúcar. Anotado.”

Observei seus hábitos para aprender como meu futuro chefe funcionava. Precisava me adequar as suas necessidades e isso dependia integralmente de conhecer absolutamente tudo sobre o homem.

— A mídia tem elogiado as medidas que a Lewis tomou sobre o projeto em Nevada.

— A dor de cabeça está valendo a pena, vovó. Quando concluirmos a primeira fase, o negócio triplicará o valor e devolverá todo o investimento com o maior lucro já registrado na companhia.

— Meus parabéns, querido.

— Aprendi com a melhor.

A forma como a frase saiu, me fez olhar na sua direção e me encantar com a admiração que ele direcionava à senhora ao meu lado.

Era nítido o amor que cultivavam e confesso, vergonhosamente, que uma sombra de inveja se instaurou em meu âmago. Era feio, até ardiloso, no entanto, inevitável imaginar como seria bom ter alguém assim em minha vida também.

— Preciso ir. — Ele finalizou o café e levantou.

Não esperei que me chamasse, soltei os talheres e me coloquei de pé com rapidez. O homem me encarou pela primeira vez, seu olhar parecia perfurar minha alma, de um jeito que nunca ninguém havia feito.

— Estou pronta — falei tão baixo que temia não ter sido ouvida.

— Meu neto, a pobre coitada mal conseguiu se alimentar.

— Pois que ela acorde mais cedo amanhã, vovó. É a única opção — aconselhou, os olhos irônicos ainda cravados em mim.

— Não se preocupe, senhora, eu estou satisfeita.

— Vicent! — a mulher chamou, apressada.

Tratei de contornar a mesa enquanto o mordomo adentrava o ambiente com uma bolsa preta pequena nas mãos.

— Senhorita Dawson, seu almoço.— Estendeu o objeto na minha direção.

— Pra mim? — Apontei a mão para o próprio peito.

— Saco vazio não para em pé, querida. — A senhora Lewis justificou.

— Anda logo com isso, garota — meu chefe resmungou e saiu apressado.

Encarei por onde ele passou e voltei rapidamente para Vicent, peguei a minha “lancheira”, dei um beijo em seu rosto em agradecimento, assim como fiz com a madrinha em seguida e saí correndo.

O mordomo ficava escandalizado com minhas atitudes informais, sempre me dava um sermão sobre como deveria manter a etiqueta social, mas eu não conseguia vê-lo como um empregado.

A única diferença entre nós era o fato de eu dormir no segundo andar por um mero capricho da dona da casa.

Corri até o carro, que tinha a porta aberta e Jason ao seu lado, mantendo a postura inabalável de fiel escudeiro.

— Bom dia, Jason. — Cumprimentei animada e ergui a palma.

Ele tornou a repetir o gesto do dia anterior, girando minha mão e usando a sua de apoio para eu embarcar.

— Bom dia, senhorita Dawson.

Murchei com sua formalidade e aceitei a ajuda, porque tinha um pouco de dificuldade em entrar nesse barco de quatro rodas, devido a minha altura.

O senhor Lewis manteve a atenção no celular, uma rápida olhada, vi seu semblante concentrado e digitava furioso, algo parecia ter acontecido e roubado o humor que ele nem cultivava.

Encarei o vidro escuro e me mantive o mais quieta possível até chegarmos à empresa.

Meu dia começou promissor, apesar do humor completamente abalado do chefe assim que descemos do carro na entrada do edifício. Ele adentrou o prédio antes mesmo que eu conseguisse desembarcar, encarei Jason, que também não soube o que dizer e simplesmente deu de ombros.

Encontrei com Mary no saguão, subimos juntas, discutindo alguns pontos sobre como seriam as demandas do dia. Ela era bastante competente, apesar de sermos concorrentes, não existia uma disputa tóxica entre nós.

No final das contas, venceria quem o chefe preferisse como assistente e tivesse competência para o cargo. A capacidade individual era algo a ser percebida por quem nos avaliava.

Passamos a primeira hora do dia com a secretária da diretoria, que nos explicou um pouco sobre o andamento interno e, principalmente, alguns protocolos que deveríamos executar quanto ao tratamento e rotina do CEO.

— Você pode levar o café para ele? — Mary pediu, por algum motivo, que eu desconhecia, ela tinha medo do homem.

— Claro.

Cara feia nunca foi algo que me assustava. Lidava com a hostilidade desde muito nova, o que dizia mais sobre a pessoa grosseira do que eu.

Fui até a copa, peguei uma xícara elegante, montei a bandeja, coloquei o café puro e fui até a presidência. Bati na porta com suavidade, não escutei nenhuma resposta, arrisquei abrir uma fresta e ele estava imerso em papéis.

— Com licença...

— O que é? — Sua voz era impositiva e um tanto ríspida.

— Trouxe seu café.

— Deixe aqui.

Entrei confiante na sala, passos determinados, coloquei a bebida sobre a mesa, na bandeja, mantendo a segurança de não derrubar nada acidentalmente.

Encaixei as mãos atrás do meu corpo e permaneci parada, encarando a figura a minha frente, concentrado no que fazia. Os papéis espalhados, uma caneta entre os dedos enquanto ele lia algum relatório, os lábios comprimidos, parecia absorto em algo importante.

— Deseja alguma coisa, senhorita Dawson. — Sua voz saiu baixa, mas determinante.

— Sim... — respondi no impulso, com os pensamentos nada profissionais rondando minha mente.

Seus olhos ergueram até mim, foi quando me toquei que o pensamento havia saído da minha boca sem autorização prévia.

— Quero dizer... não! Eu... é... o senhor precisa de mais alguma coisa?

O homem soltou a caneta e recostou na cadeira alta e enorme, em couro preta, parecia ser muito macia e, com certeza, passava um ar de imponência que ajudava no estereótipo de chefe poderoso que o senhor Lewis exercia.

— Será que você é capaz de fornecer tudo que eu preciso, Dawson? — Seu tom, ainda baixo, soava como uma música pecaminosa aos meus ouvidos.

Eu poderia pensar que estava ficando louca, talvez estivesse mesmo, mas o escrutínio do homem pelo meu corpo enfatizava o duplo sentido em seu questionamento.

— Isso depende, senhor.

— De que? — Ele apoiou as mãos nos braços da cadeira, interessado.

— Se eu estaria apta para desempenhar a tarefa decretada.

— Não tenho dúvida alguma da sua capacidade, senhorita. Acho até que um empenho exacerbado me daria mais trabalho.

— Competência demais seria um problema, então? — Senti minhas bochechas corarem.

Eu não fazia ideia até onde ele queria ir com aquele diálogo estranho, dar corda para sua provocação era perigoso demais, mas a minha coerência e

instinto de autopreservação estavam longe da razão.

— Não. De modo algum. Só exigiria toda a minha capacidade, o que seria bom. Gosto de testar limites, senhorita.

Algo dentro de mim puxou o fio de racionalidade, antes que eu pudesse questionar de que tarefa estávamos dialogando, dei um passo para trás, depois outro, saindo do transe luxurioso que me enredava.

— Se precisar de algo mais, é só chamar, senhor.

— Terei isso em mente.

Deixei a sala e fui direto para o banheiro, não dei ouvidos para Mary, que tentou falar algo sobre o almoço do nosso chefe com alguém da imprensa na sala da presidência mesmo.

— Você está maluca, Charlotte! — Decretei assim que entrei no lavabo.



Capítulo 14 | Ethan Lewis

Ajeitei a braguilha mais uma vez, não havia nada que pudesse acalmar a rigidez que abrigava minhas calças desde que a garota saiu apressada da minha sala.

— Que merda foi essa, Lewis. — Passei as mãos na cabeça e me levantei.

Fui até o aparador, servi uma dose dupla de bourbon, virei de uma vez, sentia meu palato e garganta queimar, o que era bem-vindo, já que precisava acalmar outras partes da minha anatomia que estavam escaldantes.

Ela entendeu perfeitamente do que eu estava falando, havia entrado no jogo e algo a tirou dele, cedo demais, ou poderia dizer que foi no tempo certo para que eu não a colocasse sobre a mesa.

“Seria lindo se ela se servisse para mim com as pernas abertas sobre os documentos.”

— Menos, Lewis! Bem menos!

Tornei a passar a mão pelos cabelos e servi mais uma dose de bebida.

Ainda não havia chegado nem a metade do dia, e eu tinha uma montanha de problemas para resolver, precisava lidar com a Wanda, que aceitou almoçar comigo para conversarmos sobre a coletiva, e eu só pensava em como foder minha futura ex-assistente sem me ferrar no processo.

O interfone tocou e logo a voz de Mary podia ser ouvida: “Senhor, o senhor Hunter está aqui para vê-lo.”

— Adam? Aqui? — Conferi o relógio.

Intrigado com a visita inesperada, fui ao seu encontro, abri a porta e vislumbrei meu amigo completamente absorto pela mesa da recepção, ou, sendo mais específico, pela assistente que trabalhava ali.

— O que faz aqui? — Ele saiu do seu estado de estupor, virou para mim e sorriu.

— Que jeito delicado de recepcionar seu amigo.

— Há de convir que sua visita é, no mínimo, estranha.

— Vamos, preciso falar com você. — Ele sinalizou com a cabeça para minha sala.

Retornei o caminho, segurei a maçaneta e dei espaço para que ele adentrasse, entretanto, Adam tornou a encarar minha assistente e se perdeu, mais uma vez, em pensamentos.

— Ei, cara, vamos — chamei e ele finalmente entrou.

— Minha visita é de cunho profissional, Ethan, mas faço isso como amigo.

— Pode falar. — Enruguei o cenho.

— MacCallister ligou para meu pai essa manhã.

— Mesmo? — Sorri.

— O cara está desesperado, Ethan.

— Que bom. É exatamente assim que o quero. — Tomei meu lugar na

mesa, animado.

— Você não tem provas concretas do que aconteceu, meu amigo. Para que torturar o homem daquela maneira?

— Apesar da minha motivação ser pessoal, Adam, comprar a empresa dele será muito benéfico para a Lewis Global Holdings.

— Ambos sabemos que não é por isso que está forçando a barra.

— Os fins justificam os meios, sempre.

— Eu preferi vir pessoalmente e avisar que meu pai ficou realmente interessado na proposta do MacCallister.

— Já contava com isso. Não se preocupe.

— O que pretende fazer se eles fecharem negócio?

— Aguarde e verá. — Sorri de forma maquiavélica.

Adam era o mais certinho entre nós e, com certeza, não concordaria com o plano que montei, na mente, quando comecei toda essa empreitada.

— Você precisa deixar o passado onde pertence, meu amigo.

— Não tenho culpa dele retornar e bater na minha porta insistentemente.

— Ethan...

— Chega, Adam. Não vamos discutir isso de novo. Tenho um dia cheio pela frente, já tomei duas doses de whisky. Não me obrigue a uma terceira.

— Ainda não conseguiu colocar a vida nos trilhos? Sua nova assistente parece ser... competente. — Meu amigo escolheu bem as palavras.

— Quando temos sossego em nossa vida? — Ele bufou em concordância. — E o que você quer saber sobre minha assistente? Até onde sei é solteira, mas não acho que se envolva com herdeiros engravatados.

— Bom para ela. Essa é a pior espécie. — Ele concordou e eu escondi um sorriso. — Podemos almoçar juntos?

— Nada feito. Irei almoçar com a Wanda.

— A jornalista?

— Isso mesmo.

— Boa sorte. — Ele levantou e ajeitou o paletó. — Nos vemos por aí.

Adam caminhou até a porta e a abriu, mas interrompeu os passos quando me ouviu chamar seu nome.

— Agradeço a informação. Sei o quanto é delicado para você.

Ele acenou antes de partir.

Meu amigo não tinha um relacionamento saudável com seu pai, contudo, era obediente demais para se rebelar contra o homem que o criou.

Voltei ao trabalho, precisava revisar o último trimestre, naquela tarde teria uma reunião orçamentária importante e precisava me ater a algumas informações.

“Senhor, a senhorita Wanda está aqui.” — Ouvi a voz doce da garota e empertiguei o tronco.

— Pode mandar entrar. — Apertei o interfone e dei a ordem.

Não demorou para que a loira imponente, usando um vestido vermelho sangue, que evidenciava toda sua feminilidade, adentrasse meu reino como se fosse tomá-lo para si.

Era uma mulher atraente, perspicaz e muito perigosa.

— Fico muito feliz que tenha aceitado meu convite, Wanda. — Levantei e contornei a mesa, galante, segurei seus braços e a beijei nas bochechas com mais demora que o convencional.

— Ainda estou me perguntando o motivo do convite.

— Você é mais inteligente que isso e ambos sabemos.

— Verdade. E eu não tenho nada a dizer sobre o meu questionamento. Por hora, são meras especulações.

— Te conheço a tempo suficiente para saber que não costuma lançar dardos a esmo. Se instigou algo é porque existe uma fonte confiável te fornecendo doses de informação.

— E sua necessidade de saber qual é comprova que ela tem seu valor mais alto do que acordei em pagar.

— Pedi que trouxessem comida para nós. Vamos nos acomodar e conversar com calma. — Indiquei o sofá social.

Tomei lugar na poltrona, tirei o celular do bolso e enviei uma mensagem para que uma das assistentes viesse nos atender. Para meu infortúnio foi a pessoa que está mexendo com meu juízo que me atendeu, passos contidos e olhar baixo, parecia querer se esconder de mim.

— Senhorita Dawson, confirme com a senhorita Poter o almoço que pedi que reservasse logo cedo. — Apontei para minha acompanhante. — O que quer beber?

— Vinho branco.

— Ótimo. Providencie uma garrafa de Sauvignon Blanc na adega. — Ela continuou me encarando como se eu fosse um extraterrestre. — Posso te ajudar em algo? — Ergui as sobrancelhas, irônico.

— Adega? — questionou, o rosto tomado de rubor.

— Sim. Qual a dificuldade?

— Tem uma adega aqui?

— Sim, senhorita Dawson, tem. — Bufei, entediado.

— OK. Eu vou... eu acho. — Balançou a cabeça e eu me levantei.

— Eu mesmo busco. Será mais rápido. — Encarei Wanda, que pareceu curiosa com a interação. — Só um minuto, eu já volto.

Deixei a sala com a garota em meus calcanhares, caminhei determinado entre os corredores da diretoria, até próximo da copa e vestiários, onde ficava uma sala climatizada acessada somente com a digital de algumas pessoas.

— Aqui é a adega da empresa, senhorita Dawson. Sua digital e da senhorita Porter serão cadastradas para que vocês possam atender as minhas necessidades.

— Por que tem uma adega na empresa? — Olhei sobre o ombro para

ela.

Estava deslumbrada com o entorno, nem existia muito para se admirar, era um pequeno cômodo, com prateleiras em todas as paredes, forradas de garrafas.

— Porque as melhores jogadas pedem uma comemoração, minha cara. — Justifiquei ao voltar o olhar para a prateleira e escolher o vinho para hoje. — Aqui está.

Girei no lugar quase tropeçando em cima da menina, que por ser tão curiosa, havia se aproximado demais, acabei enredando sua cintura para que não caísse de bunda no chão.

Suas mãos foram para meus ombros, o rosto alarmado pelo susto e a respiração ofegante, fazendo toda a minha atenção se concentrar no hálito quente que me alcançava.

Ela era linda, de fato. E um perigo para o juízo que se esvaia do meu sistema cada vez que estávamos tão próximos.

— Atenção, garota. Pode acabar se machucando. — Alertei.

O aviso estava implícito com muito mais do que um mero cuidado com o senso de espaço.

— Desculpe... senhor... — Notei sua garganta se movimentar ao engolir.

Concentrei o olhar em sua jugular, observei a vermelhidão subir por seu pescoço e atingir lindamente as bochechas. Estava afetada tanto quanto eu com a aproximação, a diferença entre nós era que ela não sabia disfarçar.

— Não se preocupe, senhorita Dawson. Estou me acostumando com o fato de te socorrer sempre.

Soltei seu corpo e afastei por completo, Charlotte tentou se ajeitar, desconcertada, e eu, saí pela porta mais rápido do que entrei. Havia um limite perigoso em brincar de gato e rato, e se não tivesse o devido cuidado, seria eu a cair na armadilha.

Retornei para a sala e encontrei Wanda de pé, olhando pela janela.

— Aqui está. — Ergui a garrafa e ela se virou. — Espero que não

tenha se entediado muito.

— Não se preocupe. Estou com tempo.

— Bom saber. Agora me diga, o que tem ouvido por aí.

— Nada além do que os outros sabem, Ethan. Eu já te disse.

— Vamos lá, Wanda. Sabemos que isso não é verdade.

— Está bem. — Soltou o ar, cansada. — Dizem que os problemas de Nevada estão mascarados para não causar um impacto negativo na campanha de lançamento no mercado.

— Isso é mentira.

— Bem. A informação chegou acompanhada de fotos e relatórios bastante convincentes.

— Material da empresa? Circulando na rua? — Coloquei a garrafa sobre a mesa de centro.

— Não é da sua empresa, mas das terceirizadas contratadas.

Vasculhei na mente como eles foram capazes de quebrar os acordos de sigilo, cientes que isso os levaria para o buraco.

— Pelo seu semblante isso não poderia ter acontecido.

— Existe um contrato de sigilo.

— Imaginei. Considere o aviso de uma amiga, Ethan, mas alguém grande está tentando te derrubar e vai pegar pesado.

Wanda deixou a sala em seguida, sabíamos que o almoço não renderia nada depois daquela informação.



Capítulo 15 | Charlotte Dawson

Quando percebi os olhos gigantes de Mary, que combinaram com a falta de sangue no seu rosto devido à pressão que deveria ter despencado, sabia que ela não havia feito o que nosso chefe ordenou.

— Você não pediu... — Aflita, confirmei o que era óbvio.

— Esqueci. Completamente. — Ela levou as mãos, trêmulas, até a boca e tapou.

— Qual o nome do restaurante? Talvez possamos pedir com urgência. — Tentei concertar.

— Olá, meninas. Ethan já recebeu sua visita do almoço? — O homem que esteve aqui mais cedo reapareceu. — O que aconteceu?

Sua feição mudou quando percebeu o desespero em nosso olhar. Encaramos uma à outra e voltei a atenção a ele.

— Esquecemos de pedir o almoço do chefe.

— Isso é ruim. — Ele silvou.

— Muito ruim? Ou só ruim? — Mary quem questionou.

— Provavelmente seremos, ambas, demitidas. — Sugeri o óbvio.

— Posso ajudar vocês. Diga que houve um problema no restaurante, enquanto isso ela e eu buscamos o pedido. É mais rápido. — O senhor Hunter deu a alternativa e eu tive uma vontade imensa de pular em cima dele.

— Perfeito!

— Acho melhor a Charlotte ir. — Minha colega apontou para mim, apavorada.

— De jeito nenhum. Você quem esqueceu o pedido. Não seja indelicada e aceite a oferta do senhor Hunter. Eu enrolo os dois. — Apontei com o polegar na direção da presidência.

Observei ela se levantar devagar, ajeitando a saia perfeitamente alinhada, pescou sua bolsa que estava pendurada na cadeira, juntou o aparelho de celular e o apertou com força contra o peito.

— Eu não demoro. Fique com o celular na mão. Vamos nos comunicando. — Mary soltou a ordem, havia um apelo em seu comentário que eu não fui capaz de capturar.

— Tudo bem.

Fui para detrás do balcão, ocupei a cadeira e continuei a separar as correspondências de acordo com a prioridade. Ao menos, se o chefe ficasse muito bravo com nossa falha, teria algo para entregar e não atestar por completo a nossa incompetência.

Empertiguei o tronco quando ouvi a porta se abrir e fechar, era a loira bonita e elegante, com passos tão confiantes quando o olhar se voltou para mim, enquanto caminhava para o elevador.

— Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde... — Soltei sem entender.

Levantei rapidamente e contornei o balcão mais uma vez. Olhei de

um lado, a porta entreaberta, do outro, a mulher elegante caminhando, acabei coçando a cabeça, confusa.

— Almoço cancelado, querida — avisou ao acionar o botão do elevador.

— Mas... eu... — Coloquei o dedo na boca e mordisquei a pele lateral.

— Aconselho a deixar seu chefe sozinho por um par de horas. O humor dele não será nada fácil de lidar por um tempo.

Abri a boca para questionar sobre o que estava falando, até mesmo o que havia acontecido no curto espaço de tempo que os deixei sozinhos, mas as portas metálicas se abriram e ela sumiu rápido demais para que eu tivesse tempo de falar algo.

Ouvi o ruído de algo estilhaçando, saltei girando no lugar, assustada, os barulhos de coisas se quebrando não haviam cessado. Avancei, sem pensar, até a porta e a escancarei, preocupada com o que poderia ter acontecido com o senhor Lewis.

A primeira coisa que reparei quando adentrei o lugar foi na garrafa de vinho branco sendo arremessada na parede oposta as janelas, voltei o olhar para o homem descontrolado, o paletó e a gravata haviam saído, e seu aspecto transtornado me fez recuar um passo. Seus olhos estavam dispersos, perdidos em algo que não era seu escritório.

— Senhor Lewis? — Arrisquei, o tom mais fraco do que pretendia.

Não tive resposta. Nenhuma reação diferente do seu estado imerso em algum tormento que acontecia dentro de si. Suas mãos tentaram desabotoar a camisa, sem sucesso, já que estavam trêmulas demais para manter a coordenação.

Começou a murmurar palavras soltas, não conseguia compreender na distância que estava.

— Ethan... — Melhorei meu tom depois de pigarrear.

Dei um passo, depois outro, meu coração martelava no peito, sentindo a mesma agonia que seus olhos desfocados da realidade transmitiam. Seu pesadelo imerso o estava tragando ainda mais para o fundo, a respiração errática e a sudorese na face eram evidentes.

Sem aviso, ele deu mais um passo, pegou um copo e o arremessou na minha direção. Abaixei com rapidez, tapando os ouvidos ao ouvir o estilhaçar ecoando na sala, seguido de um grunhido de dor, que ele emitiu.

Ergui a cabeça para encontrar seu olhar cravado nos meus. Não pareceu me reconhecer, conseguia enxergar sua revolta, ódio cintilando, perdido no mar de escuridão das suas pupilas dilatadas.

— Quem é você? O que faz aqui? — murmurou entredentes, a voz rouca e ameaçadora, enquanto o corpo tremia dando dois passos até mim

Ele me via como uma ameaça.

Queria poder tocá-lo, dizer que tudo ficaria bem e que estava em seu lugar seguro, mas temia piorar a situação se me agitasse demais.

— Senhor Lewis, está tudo bem. Sou eu, Charlotte Dawson, sua assistente. — Continuei abaixada, para mostrar que não era uma ameaça.

Mantive o tom o mais brando possível, queria pensar com a razão e encontrar uma maneira de fazê-lo retornar da alucinação que estava vivendo, mas o pânico começava a crescer dentro de mim.

— Não posso confiar em ninguém.

Ele rosnou fechando os olhos, os punhos fechados pressionaram as têmporas e um grunhido o fez cair de joelhos. Ele estava à beira do colapso, e meu instinto de autopreservação foi para o espaço quando me levantei rapidamente e fui até ele, me curvando e tocando seu ombro.

Uma péssima escolha. Claro.

Antes que eu conseguisse prever, ergueu a mão instintivamente e me empurrou com força, afastando qualquer contato ou perigo invisível que ele estivesse pronto para lutar.

Fui arremessada direto contra os cacos de vidro que haviam se espalhado no chão, a dor aguda atingiu instantaneamente cortando alguns pontos da minha roupa até chegar na pele.

Soltei um gemido, mais pela frustração do que pela dor. O chão frio e os estilhaços sob mim me mantiveram imóvel, com receio de me mexer e piorar a situação.

Levantei o olhar para ver meu chefe, e algoz, ainda de joelhos, a postura derrotada, os punhos fechados sobre as coxas, a respiração errática, preso dentro da realidade que sua mente o ludibriava a permanecer.

Quando elevou o queixo e o olhar focou no meu, a confusão estampava sua fisionomia, os olhos correram de mim para o ambiente caótico em torno, substituindo a expressão por horror puro.

— Charlotte... — sussurrou, quase inaudível, os olhos arregalados, como se apenas, naquele momento, percebesse o que havia acontecido. — Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Eu podia ver o pânico, e a culpa, em seu rosto, o que cortou meu coração de uma forma que nunca havia feito antes. Conhecia bem o comportamento de um homem agressivo e abusivo, havia vivido esse terror por quatro longos anos.

Não sabia dizer o que exatamente aconteceu com Ethan Lewis, mas não era a mim que ele via, e não era nesta sala que a mente dele estava.

— Eu não... Eu não sabia... — balbuciou ao tentar engatinhar até mim, mas algo fisgou sua mão e quando ele ergueu havia sangue na palma.

— Senhor, fique onde está. — Tentei soar tranquila, cheguei a sorrir. — Tem cacos espalhados para todos os lados.

— Você se machucou — afirmou quando eu apontei as palmas para cima.

Realmente, havia sangue, cacos e diversos cortes. Isso iria doer para um inferno quando eu lavasse.

— Eu estou bem.

Tentei levantar, mas falhei quando meu quadril protestou de dor.

— Não se mexa.

Meu chefe, totalmente lúcido e consciente da realidade, levantou com destreza e veio até mim, se curvou e me levantou em seus braços, como se eu não pesasse mais do que um pequeno saco de batatas.

— Sua mão... — protestei.

Óbvio que ele não deu ouvidos e continuou caminhando para fora daquele cenário caótico, com a trilha sonora de cacos de vidro se partindo embaixo do seu solado.

Mantive o silêncio, não por medo, ou vergonha, mas o receio de alguém surgir e questionar o motivo de eu estar no colo do meu chefe, deixava-me tão nervosa quanto a cena que vivi ainda há pouco.

Entramos na copa, por sorte estava vazia, fui colocada sobre a bancada de mármore preto, em seguida o senhor Lewis começou a abrir e fechar as portas dos armários à caça de alguma coisa.

— O que está procurando?

— O kit de primeiros socorros.

— Última prateleira no canto superior, atrás da lata vermelha.

Ele estacou os movimentos e olhou para onde eu indiquei, seu tamanho o permitiu pegar o que precisava sem o menor esforço, além de esticar a mão, que ainda estava boa, até o local.

— Como sabia?

— Manual básico da empresa. — Dei de ombros quando ele questionou curioso.

Ele abriu a caixa ao meu lado, pegou uma pinça de metal, gaze, antisséptico e um rolo de faixa. Deixou todo o arsenal de lado e se encaixou no vão das minhas pernas, tão próximo que eu bati a cabeça na ponta do armário atrás de mim para me afastar.

— Cuidado. — Ele alertou com a atenção na minha mão.

Seu autocontrole parecia ter se restabelecido por completo. Os dedos seguravam a pinça com maestria e o toque suave, removendo os fragmentos de vidro da minha palma era quase cirúrgico.

— O que aconteceu com você?

Finalmente soltei a pergunta que martelava minha mente desde que entrei na presidência e o vi naquele estado.



Capítulo 16 | Ethan Lewis

Parei o que fazia por alguns segundos, tentando sem sucesso, recordar o que havia acontecido quando minha mente se desligou, logo após eu me despedir de Wanda.

A sensação do perigo, de estar sendo enganado, um sentimento quase paranoico que acionou uma crise que algum tempo não acontecia.

Steven teria muito trabalho na nossa próxima sessão, um lado bom para a situação de merda que eu enfrentava, uma vez que, a pequena fortuna que eu pagava para o infeliz precisava valer seu preço.

— Uma crise.

Respondi sucinto, mas sabia que ela não se contentaria com tão pouco.

— Crise de que?

— TEPT.

Tornei a responder de forma banal, como se não fosse algo realmente perigoso para mim ou para os que estivessem a minha volta. Seria difícil eu minimizar a seriedade do episódio, mas eu não daria mais informações que o necessário para minha assistente.

— Quais os gatilhos? — Soltei a pinça no balcão, respirando profundamente, voltei meus olhos para a garota.

Ela parecia genuinamente interessada, até preocupada, e precisei agradecer por não ter uma nota que fosse de pena em seu semblante.

— Coloque a mão embaixo da água corrente — ordenei, ao pegar o pacote de gaze e abrir. — Alguns barulhos em específico costumam me deixar desconfortável. Também pode acontecer com determinados assuntos se eu for pego desprevenido.

— Que tipo de assunto? — Enrugou o cenho, ainda mais interessada.

Molhei a gaze na água corrente, pois não estava disposta a colaborar com meu trabalho no curativo. Ignorei sua pergunta e comecei a limpar o sangue que se espalhava na mão.

— Senhor...

— Eu não quero falar mais sobre isso. OK! — Esbravejei, sentindo a raiva retornar para meu sistema.

Ela recuou e tornou a bater a cabeça na porcaria do móvel atrás de si. Soltei um xingamento e afastei um passo, depois outro, entendendo que não era bom para nenhum de nós dois nos manter próximos.

— Aplique o antisséptico e enfaixe a mão. Vou mandar alguém aqui para te ajudar.

Determinei olhando para todos os lados, menos para seu rosto. Não queria ver medo em seus olhos, ser o responsável por intimidar alguém que nada tinha a ver com meus problemas.

Deixei a copa apressado, direto para o jurídico, entrei na sala de Peter e encontrei tudo vazio. Conferi o relógio, hora do almoço, aproveitei para usar o telefone e solicitei uma equipe de limpeza para o escritório.

Resolvi encerrar o expediente mais cedo, desci direto para o subsolo, entrei no carro e dirigi, sem destino, até que o trânsito ficasse para trás e as estradas se tornassem mais arborizadas.

Minha cabeça só conseguia pensar sobre a informação que Wanda havia soltado. Seria difícil conseguir uma cópia do material que estava em suas mãos, o que facilitaria o caminho para encontrar o rato no meio da sujeira.

Os acordos com as terceirizadas foram claros, não poderia vazar qualquer informação, ou seria quebra de contrato e todo o acordo seria desfeito, com uma multa considerável a favor da Lewis.

O problema era que nada daquilo tinha relevância, a intenção era manter as terceirizadas e conseguir um braço forte e consistente para não depender somente da empresa do MacCallister.

Estacionei o carro perto de uma ponte, não era à toa, sabia disso. Toda vez que ficava descontrolado, sempre terminava aqui, observando o remendo que indicava um trabalho mais recente na contenção lateral.

Foi aqui que o carro que levava minha família, para um tempo de férias, perdeu o controle e caiu. Fui o único arremessado pela janela, não conseguia me lembrar de absolutamente nada, nem antes, ou depois do acidente.

— Ainda vou provar, pai e mãe. Farei todos enxergarem a verdade.

Algo sempre gritou dentro de mim que o acontecido não foi um infortúnio do destino. O carro passou pela perícia na época, nada foi encontrado, os investigadores alegaram má sorte em um dia chuvoso.

Sempre acreditei que meus problemas não haviam começado no exército, mas, sim, naquele maldito acidente. A desconfiança beirava a paranoia, só evitava falar para que as preocupações da minha avó não aumentassem.

Os primeiros pingos chegaram mais densos do que imaginava pelo mal tempo desde cedo. Encarei o céu cinza, transparecendo os sentimentos conflitantes que ainda bagunçavam meu peito.

— A garota...

Eu sabia que havia feito algo para ela se machucar. Apesar de ter negado e disfarçado, seu olhar entregou o temor que carregava, principalmente quando aumentei o tom na copa e se assustou.

Não era só uma questão de ela conhecer meus lapsos mentais, mas sabia que eu representava um perigo, e sua coragem em me enfrentar, ou imprudência, por não entender como deveria agir, tornou-a parte de algo que eu não partilhava com ninguém.

Minha avó, Vicent, até Adam e Peter, já presenciaram minhas crises, mas nunca chegaram a se machucar, como aconteceu com a Charlotte.

A chuva aumentou e eu retornei para o carro antes que acabasse gripado. Dirigi até o centro luxuoso de Boston, lojas a perder de vista, com as melhores grifes do mundo para atender um público privilegiado.

Entrei na Cartier com a mesma familiaridade de quem visitava a própria casa. Era um cliente frequente, normalmente escolhia pelo site e eles entregavam no escritório, mas a situação pedia mais pessoalidade e esforço da minha parte.

— Senhor Lewis, sempre um prazer revê-lo. — A mulher de meia idade me cumprimentou.

— Obrigado. Preciso de algo delicado e discreto.

— Qual a preferência em material?

— Ouro. Definitivamente.

— Alguma variação específica?

Suspirei, desconcertado com a pergunta. Estreitei o semblante levemente, enquanto tentava imaginar o que seria compatível para Charlotte.

— Eu não faço ideia. — Arregalei os olhos, bastante confuso.

Ouro combinaria perfeitamente com a garota, mas precisava trazer delicadeza, um toque sutil de graça para compor sua beleza natural.

— Tudo bem. Encontraremos algo que agrade. — Sorriu, complacente.

A atendente convidou a olhar a vitrine, diversas pulseiras,

estravagantes, discretas, insossas, irreverentes, em tipos variados de ouro. Nada que descrevesse o que eu precisava transmitir.

Era um pedido de desculpas silencioso, uma recompensa pelo cuidado que a menina demonstrou, e ao mesmo tempo, a confissão velada de minha própria culpa.

— Temos uma nova peça, acredito que vá agradar seu gosto — falou animada, percebendo minha hesitação com as peças no mostruário.

A senhora puxou uma pequena bandeja de veludo diante dos meus olhos e eu respirei mais calmo por encontrar algo perfeito para a senhorita Dawson.

Três elos finos, entrelaçados com perfeição: um em ouro branco, outro em ouro amarelo e o último em ouro rosa. O equilíbrio entre os tons era sutil, quase como se cada cor contasse uma história diferente, mas se completassem de maneira impecável. Sim, era exatamente o que eu estava procurando.

— Essa pulseira representa o amor, a fidelidade e a amizade. — Encarei a mulher, desgostando do que dizia. — A mistura dos três tons de ouro simboliza a união de diferentes emoções em harmonia perfeita. Ouro amarelo para lealdade, o rosa para acolhimento e amizade e o branco, a clareza e convicção.

— É exatamente o que preciso.

— Excelente escolha, senhor. O custo é...

— Não importa. — Declarei ao tatear os bolsos, percebendo que meu celular e carteira ficaram no escritório. — Estou sem meus pertences.

— Não se preocupe. Pode assinar e enviaremos a conta para a sua empresa.

— Perfeito.

Enquanto a mulherencaixava na pequena caixa de veludo o presente, meu pensamento voltou novamente para Charlotte. A pulseira parecia feita para ela. Delicada, porém, resistente; discreto, ainda assim impossível de ignorar. Era como se representasse algo mais do que um simples agrado.

Fui direto para a mansão, subi e tomei uma ducha demorada, ainda precisava entrar em contato com o psiquiatra e marcar uma sessão de emergência, mas não sem antes falar com Peter e repassar o que havia descoberto.

O telefone do quarto tocou assim que saí do banho, ainda de toalha, atendi e fui informado por Vicent que era justamente a pessoa com quem precisava falar na linha.

— Onde você se meteu? Precisei enrolar o pessoal da orçamentaria, e nem gosto desse setor.

— E eu precisei vir para casa. Passe na minha sala e pegue meus pertences, por favor. Te encontro na mansão em um par de horas. Pode ser?

— Tá misterioso. O que aconteceu? Vi sua assistente com a mão enfaixada, disse que escorregou e caiu.

“Ela mentiu... por mim.”

— O que me importa o que aconteceu com ela?

— Deveria, já que sua avó vai ficar maluca quando souber que ela foi embora de coletivo porque você esqueceu que tinha dado carona pra menina.

— Puta que... Merda! — Passei as mãos no cabelo. — Esqueci completamente.

— Tentei oferecer carona, mas ela negou veemente. Acho que não confia em mim.

— Ninguém pode culpá-la.

— Ei!

— Venha para cá e não se atrase.

Encerrei a chamada em seguida e interfonei para a cozinha pedindo para falar com Vicent.

— Senhor?

— Preciso que ligue para o celular da senhorita Dawson e transfira para cá.

— Ela não tem telefone portátil, senhor.

— Não? Como alguém não tem celular nos dias de hoje?

— Pois é. Sua avó tentou dar um aparelho, chegou a entregar, mas nunca foi ativado.

— Garota teimosa.

— De fato.

Encerrei a chamada e vesti um conjunto de moletom, que normalmente usava para correr, calcei os tênis e desci as escadas apressado, lembrando de pegar um guarda-chuvas na entrada, visto que o mundo havia resolvido desabar do lado de fora.

— Garota idiota. Se eu ficar doente, a culpa será dela.

Decretei ao sair para o dilúvio a pé em busca da minha assistente imprudente.



Capítulo 17 | Charlotte Dawson

O tempo feio quando eu saí da empresa anunciou que uma tempestade estava a caminho, no entanto, não imaginei que o céu desabaria a ponto de eu ficar ilhada na parada de ônibus mais próxima do requintado condomínio de luxo, onde minha madrinha vivia. Era maravilhoso morar em um lugar tão privilegiado, mas uma verdadeira desgraça ser a única a depender do transporte público que, obviamente, nenhum dos moradores jamais sonharia em usar.

Eu era a única alma viva naquele ponto, encharcada até os ossos, olhando a água subir implacavelmente alcançando meus pés. Desisti de me manter a margem e subi no banco, abraçando minha bolsa como se ela pudesse me proteger do dilúvio e, quem sabe, dos ratos que eu imaginava nadando pela enxurrada. A água já batia próximo do banco, e o pânico começou a me invadir.

Sem um telefone para pedir ajuda ou qualquer pessoa por perto,

restava-me a brilhante ideia de mergulhar na água suja e seguir até o condomínio. Respirei fundo, me preparando mentalmente para aquela travessia.

— Que droga! — Praguejei ao arriscar descer um pé.

— Ei, garota!

Levantei a cabeça rapidamente e quase caí de volta no banco ao vê-lo. Meu chefe, Ethan Lewis, atravessando a rua para me encontrar, de moletom encharcado, o gorro puxado até as orelhas e um guarda-chuva na mão.

— Senhor Lewis? — questionei, incrédula. Era impossível que ele estivesse ali, e mais impossível ainda que tivesse vindo atrás de mim.

Ele balançou a cabeça em negação, parecendo irritado, e murmurou algo que não consegui ouvir. E então, sem hesitar, avançou pela correnteza que varria a rua, como se o fato de estar praticamente submerso na água suja não o incomodasse nem um pouco. Minha mente não conseguia acompanhar aquilo.

— O que o senhor está fazendo? — perguntei, surpresa e indignada.

Outra vez ignorou a pergunta e, ao me alcançar abaixo do toldo precário, desarmou o guarda-chuva com um movimento rápido e me olhou nos olhos.

— Segure isso. — Determinou, confiando o guarda-chuva em minhas mãos antes que eu pudesse protestar.

Seus braços firmes me ergueram do banco de uma vez, me tirando completamente do chão. Um grito de surpresa escapou dos meus lábios, mesmo que fosse a terceira, talvez quinta vez, que fizesse isso comigo.

— Por que você está aqui? — indaguei, ainda atônita, enquanto ele me carregava com uma força e segurança que não combinavam com a tempestade que desabava sobre nós.

Ele não respondeu. Não disse uma palavra sequer. Apenas continuou a caminhar pela água, firme e determinado, sem se importar com a chuva que nos ensopava por completo. Tudo o que consegui fazer foi me segurar, enquanto me tirava daquele pesadelo de maneira tão inesperada quanto desconcertante.

Quando alcançamos a área segura, longe o suficiente da torrente de água, fui colocada no chão, sua rapidez fez o ar ser tomado dos meus pulmões com o contragolpe.

— Me dê isso. — Ele praticamente tomou o guarda-chuva da minha mão e o armou. — Venha.

Sua mão grande segurou a minha entrelaçando nossos dedos. Eu até pensei em recuar, sair do contato, mas a forma como ele praticamente me arrastou sentido à casa, me fez calar e obedecer.

“Se estava tão irritado, por que veio até aqui?”

Suas passadas eram o dobro das minhas, o que me fez começar a ofegar com muito pouco tempo de percurso. Claro que eu não atribuí minha incapacidade ao fato de ser uma sedentária nata.

Quando atingimos a escadaria da mansão, uma boa caminhada depois, sentia que meus pulmões sairiam pela boca. Precisei me apoiar nos joelhos e lembrar de respirar pelo nariz e exalar pela boca.

— Não foram nem dois quilômetros. Por favor. — O Senhor Lewis, inabalável mesmo molhado, evidenciou com desdém.

Empertiguei o tronco, pronta para dar uma resposta, no mínimo, malcriada, mas fui salva pelo mordomo, que surgiu na porta com duas toalhas grandes nas mãos e o semblante chocado.

— Vocês dois enlouqueceram? Pegarão uma pneumonia e farão a madame Lewis morrer de preocupação.

— É só não abrir a boca para ela, Vicent — meu chefe respondeu como se fosse uma criança de quinze anos retrucando a uma bronca.

— Impossível. Minha lealdade e...

— Serventia é totalmente dedicada a ela. — Disfarcei o sorriso quando o senhor Lewis terminou a frase do mordomo.

— Ainda bem que sabe, senhor. Agora entrem, direto para o banho. Levarei um pouco de chá e sopa para ambos. Precisam aquecer o corpo.

Enrolei a toalha em torno dos ombros e marchei para dentro, ouvindo o protesto do meu sapato encharcado de água. Subi os degraus devagar, ainda

cansada da caminhada apressada do meu chefe.

Por falar no infeliz, ele passou por mim na escada, saltitando como se fosse o atleta olímpico do ano, deu uma rápida olhada sobre o ombro e piscou um olho provocador na minha direção.

Precisei relembrar todos os motivos que me prejudicariam muito levantar o dedo e mostrar um sinal nada amistoso para ele, que na certa me demitiria na manhã seguinte.

Entrei no quarto e fechei a porta passando a chave. Sabia muito bem o quanto aquele homem era curioso e não pretendia correr o risco de tê-lo bisbilhotando meu espaço, mais uma vez.

Entrei no banheiro e vislumbrei minha imagem, parecia um fantasma, branca demais, os cabelos escorridos no rosto e os lábios roxos. Não, eu estava parecendo uma defunta, isso sim.

Tirei as roupas com dificuldade, estavam grudadas e dificultavam o processo de remoção. Quase desequilibrei e caí de bunda no chão ao remover a calça, mas consegui evitar o acidente causando outro: usei minha mão enfaixada para me apoiar na bancada, o que forçou os machucados.

— Ai. Filho da mãe.

Encarei a faixa e comecei a desenrolar, precisava lavar direito e refazer o curativo, caso houvesse necessidade.

Relembrei os momentos perturbadores de mais cedo, meus ombros ainda estavam tensos e a sensação de que eu havia vivido mil vidas em uma tarde, quase acabou com meu psicológico.

Fiquei preocupada quando não encontrei Lewis na empresa, achei que havia tirado um tempo para respirar. Mary ainda não havia retornado com o senhor Hunter, liguei para seu telefone avisando que não precisava mais se preocupar, o almoço havia sido cancelado.

Cuidei para que ninguém se aproximasse o suficiente do hall da presidência para ver a equipe de limpeza removendo tudo que quebrou e substituindo por novos.

Só quando o senhor Bailey veio procurar nosso chefe, informei que havia saído e que não havia levado os pertences, foi que percebi a

preocupação no semblante do engravatado mais descontraído daquele lugar.

Algo me alertou que não era normal aquele comportamento de Ethan, nem que o fato dele simplesmente sumir no mapa, poderia ser tratado com naturalidade.

Milhares de coisas passaram pela minha cabeça, até que o advogado me tranquilizou e disse que, provavelmente, meu chefe estava na mansão, e então se ofereceu para me dar uma carona, que obviamente neguei.

Aquele homem não me dava medo, mas eu não confiava totalmente em sua índole para ficar em um carro sozinha com ele.

Ver o senhor Lewis naquela esquina me deixou perplexa. Não fazia o menor sentido ele ir atrás de mim.

“Era isso que ele tinha feito, não era?”

Será que eu havia sido um encontro inconveniente em algo que ele fazia ali?

Minha cabeça não parava de criar teorias, das mais perigosas até as mais ridículas. Fato era que eu não conseguia me afastar em pensamento, o que me colocava sempre diante do homem, em alguma situação que nos fazia interagir de forma mais íntima do que deveríamos.

— Ele te pegou no colo mais vezes em alguns dias, do que Archie em quatro anos.

A comparação trouxe um gosto amargo para minha garganta. Engoli o bolo que se formou próximo as cordas vocais e entrei na ducha de uma vez. Um banho quente era tudo que eu precisava para limpar a sujeira do corpo e os pensamentos errôneos.

Deixei o banheiro quase meia hora depois, estava revigorada, relaxada e muito cansada. Só queria deitar e dormir, mas antes que pudesse me jogar de roupão e toalha na cabeça no colchão, ouvi uma batida na porta.

— Já vai — falei ao sentir meu coração acelerar mais uma vez.

Destranquei a porta e respirei aliviada ao ver Vicent com uma bandeja, em sua pose elegante e formal, no limiar da porta.

— A senhorita precisa secar os cabelos.

Revirei os olhos, irritada com seu excesso de zelo e voltei para o interior do quarto.

— Pode deixar, Vicent. Sou bastante saudável.

— Uma chuva como aquela não é para ser tratada com tamanho descaso, senhorita.

— Deus... — resmunguei e abri a última gaveta lateral da penteadeira e tirei um secador de lá. — Satisfeito? Estou indo secar meus cabelos.

Joguei os braços para cima e saí marchando de volta para o banheiro, passando por um Vicent que demonstrava grande satisfação no olhar. Poderia sair vitoriosa do pequeno embate se eu não tivesse escutado a voz grossa do meu chefe pouco antes de eu fechar a porta:

— Pode deixar que eu assumo daqui, Vicent.

“Mas que merda!”



Capítulo 18 | Ethan Lewis

Eu estava parado no meio do quarto fazia um bom tempo, conseguia escutar o barulho do secador no interior do banheiro e fiquei imaginando se ela estava realizando algum tipo de penteado elaborado devido à demora.

Troquei o peso entre as pernas, coloquei e tirei a caixa de veludo do bolso da calça cinza um par de vezes e nada da garota sair daquele cubículo.

Estava prestes a bater na porta quando ela finalmente destrancou e surgiu no limiar descalça, usando um roupão branco, os cabelos caíam em cascatas a sua frente, camadas castanhas e lisas, o rosto corado, devido a quentura do ar.

— Finalmente.

— Não sabia que o senhor estava me aguardando. — Vi seus olhos desviarem para o lado, um sinal clássico de mentira.

Ela sabia que eu estava aqui e demorou deliberadamente.

— Sei. — Soltei, desconfiado. — Eu gostaria de te dar isso — estendi a caixa em sua direção. — É uma forma de recompensar o acontecido mais cedo. Não esquecerei o fato de ter sido discreta sobre o assunto.

Encarou o objeto estendido em minha mão como se fosse algo perigoso de se tocar. Demonstrava uma expressão confusa, foi quando algo elucidou sua mente, as sobrancelhas arquearam e a postura se tornou mais rígida.

Os braços se cruzaram diante do peito, uma atitude defensiva, seus olhos encararam os meus e vi um vislumbre de ofensa e incredulidade neles.

— Meu silêncio não está à venda, senhor Lewis.

— Eu não estou te comprando. — Justifiquei, ofendido. — Acha mesmo que eu seria capaz de subornar você? — Era minha vez de ficar incrédulo.

Ela deu de ombros e desviou de mim indo até o guarda-roupa que ficava na parede oposta. Girei no lugar aguardando por uma resposta que simplesmente não veio.

— Comprei para você. Faça o que quiser. — Praticamente joguei a caixa sobre a cama e marchei para fora do quarto, determinado.

Não precisava me explicar, muito menos convencer minha assistente de que minhas intenções eram honestas. Se não quisesse o presente, que devolvesse na loja pessoalmente.

Desci as escadas de dois em dois degraus, encontrei com Peter na porta, havia me esquecido da reunião que marquei antes de precisar sair na tempestade para resgatar aquela desaforada.

— Venha comigo. — Desviei para o corredor que ficava o escritório.

— Um doce, como sempre.

Ignorei a provocação, entrei no ambiente e ordenei que fechasse a porta. Ocupei meu lugar à mesa e ele colocou diante de mim meus pertences que haviam ficado no escritório.

— Você teve um episódio?

Ergui os olhos do celular, que acabara de pegar nas mãos, vislumbrei a preocupação do meu amigo e soltei o ar cansado. Não queria falar sobre aquilo com ninguém além do necessário, mas assim que relatasse o que descobri ele faria as contas e chegaria ao resultado.

— Sim. Existe um traidor entre nós e Nevada.

Soltei de uma vez, sentindo minha mandíbula enrijecer com a raiva que começava a brotar.

— Já falou com seu psiquiatra?

— Ainda não. Temos coisas mais urgentes para cuidar.

— Nada é mais importante que sua saúde. — Ele decretou e eu senti a culpa permear meus ombros. Não gostava de deixar ninguém preocupado com meu estado mental. — A mão enfaixada da sua assistente tem a ver com o que aconteceu?

Engoli com dificuldade quando minha garganta inflou, desconfortável com a admissão que precisava confessar: eu não fazia ideia do que tinha acontecido naquela sala.

Quando dei por mim estávamos no chão, ela machucada, os cacos espalhados em torno de nós e o receio estampado em seu rosto.

— Você está indo pelo caminho errado.

— Ethan...

— Foque em investigar quem poderia vazar informações dos acordos em Nevada. Não precisa ser muito inteligente para imaginar que MacCallister está por trás de tudo, mas quero saber quem é o contato.

— Nossos acordos foram bem amarrados. Quem fez isso cometeu suicídio empresarial.

— Provavelmente ganhou um bom dinheiro para acabar com o próprio negócio.

— Vou ver o que consigo.

— Não podemos sair daqui. Ou levantará suspeitas.

— Conheço um detetive que pode nos ajudar.

— Que seja.

Uma batida na porta e em seguida ela foi aberta por minha avó, que entrou altiva e determinada, a mesma postura que usava quando ia me dar uma bronca quando eu aprontava algo.

— Posso saber por qual motivo você precisou resgatar Charlotte no meio da tempestade, Ethan?

Respirei profundamente e encarei meu amigo que só levantou os ombros com a nítida mensagem que eu estava completamente fodido para lidar com a senhora a minha frente.

— A tempestade sempre alaga a região da parada de ônibus — respondi, como se não fosse nada demais.

— E por qual motivo ela não chegou da mesma maneira que saiu daqui pela manhã? No seu carro.

— Eu saí mais cedo, precisei resolver algumas coisas na rua e vim direto para casa.

— Poderia ter mandado o motorista buscá-la.

— Vovó, sinceramente, sua pupila não é uma prioridade para mim.

— Isso é grosseiro e indelicado, Ethan Lewis, não foi isso que eu te ensinei. — Ela apontou o dedo em riste para mim e eu continuei encarando a situação de forma inabalável. — Peter, coloque um pouco de bom senso e empatia na cabeça do seu amigo.

— Pode deixar, senhora. — O filho da mãe concordou como se eu fosse o errado.

Aproveitei que ela havia virado de costas para sair da sala e mostrei o dedo do meio para Peter, que devolveu um sorriso sacana como resposta.

Achei que estaria livre de interrupções e conversas desnecessárias depois que vovó veio até aqui para chamar minha atenção, contudo, para meu infortúnio, a garota entrou determinada no ambiente, sem bater e praticamente jogou a caixa da joalheria sobre a mesa.

— Eu não preciso de recompensas por fazer meu trabalho.

O tom determinado e a postura rígida a tornava mais brava do que realmente estava. Conseguia ver a mágoa em seu olhar, o que me incomodava como inferno.

Eu não deveria saber decifra-la com tanta facilidade, não tínhamos qualquer intimidade para isso, no entanto, era natural conseguir tal faceta.

— Wow! — Peter soltou ao se aproximar da mesa na tentativa de tocar o objeto.

Puxei a caixa para mim, abri a primeira gaveta e joguei dentro.

— Que seja. — Determinei ao levantar-me. — Eu imaginava que alguém na sua posição saberia valorizar uma oportunidade como essa... Afinal, isso vale mais do que você conseguiria ganhar em um ano inteiro.

— Fico feliz em viver somente com o esforço do meu trabalho.

— Veremos. Você ainda precisa vencer uma competição para manter o emprego. — Pisquei um olho, dissimulado. — Vamos jantar, Peter.

Convidei e deixei a sala antes que perdesse o fio de paciência que ainda me mantinha no controle. Se ela não sabia receber um agrado, pouco me importava, só não poderia me acusar de ingrato depois.

A irritação fervia em minhas veias. Caminhei apressado, as palavras de Charlotte ainda ecoando na minha cabeça. "Eu não preciso de recompensas por fazer meu trabalho." Patético. Acha que tem uma moralidade superior? Que seja.

Peter me seguiu em silêncio, entretanto, conseguia sentir a tensão ao meu redor. Ele estava só esperando o momento certo para proferir algum comentário, como sempre fazia quando percebia que eu estava prestes a explodir. Adentramos a sala de jantar, que ainda estava vazia, e por um momento o peso das responsabilidades — a crise em Nevada, o traidor, os acordos frágeis — parecia me esmagar.

— Você podia ser menos... severo, Ethan — criticou, finalmente, com a voz baixa e cuidadosa.

O que era surpreendente, já que normalmente Peter fazia piada com absolutamente tudo.

— Ela deveria ser grata. A tirei daquela tempestade, e tudo o que faz é me jogar o presente de volta na cara. — Peter balançou a cabeça, mas sem um pingo de surpresa.

— Respeito não se compra com joias. E vamos ser honestos, não foi só um presente, foi? — Travei a mandíbula, a paciência escorrendo por entre os dedos.

— Foi um agradecimento. Nada além disso. Se Charlotte quer transformar isso em uma questão moral, o problema é dela. — Peter levantou as mãos em rendição.

— Aquilo pareceu um cala a boca, meu amigo. Só acho que talvez ela tenha mais princípios do que você pensa.

Dei de ombros, sem vontade de continuar a conversa. Peter podia ter razão ou estar errado, pouco importava agora. Eu tinha problemas maiores para resolver do que as complexidades de como minha ex-futura assistente enxergava meus gestos.

Aproveitei que estávamos sozinhos, pelo visto as mulheres daquela casa estavam irritadas demais comigo para desfrutarem de uma refeição junto a mim. Deixei que as engrenagens da minha mente voltassem ao que realmente importava: a crise em Nevada e o maldito traidor dentro da minha própria empresa.

— Precisamos agir rápido — falei, quebrando o silêncio enquanto Peter se acomodava na cadeira à minha frente. — Se MacCallister está envolvido, alguém dentro da nossa equipe está passando informações para ele. Quero nomes, e quero agora. — Peter assentiu, o descontentamento que pesava seu semblante deu lugar a determinação.

A comida foi servida, mas eu mal prestei atenção. Tudo o que vinha à mente era o caos que se aproximava se não descobríssemos quem estava sabotando nossos contratos. A operação em Nevada já estava complicada demais, e uma traição interna poderia afundar o que trabalhei arduamente para conquistar.

Apesar de tudo, uma pequena parte de mim continuava voltando para Charlotte. A forma como ela tinha me desafiado. Eu deveria estar aliviado por ter devolvido o presente, acreditar que era melhor assim, mas o

desconforto permanecia. Eu não estava acostumado a ser recusado, e menos ainda quando minhas intenções, por mais distorcidas que pudessem parecer para os outros, eram sinceras.

Dawson aceitaria aquela porcaria de pulseira, nem que eu tivesse que abrir aquela cabeça teimosa e obrigar que concordasse.

Capítulo 19 | Charlotte Dawson

Se Ethan pensava que poderia me comprar de uma maneira tão mesquinha e insultante, estava redondamente enganado. A tentativa de subornar meu silêncio com um presente extravagante não apenas subestimava minha ética profissional, mas também desrespeitava minha integridade como pessoa. Eu não era uma jogadora em sua aposta, nem uma peça de negociação em sua cabeça distorcida. A indignação cresceu dentro de mim como uma chama, alimentada pelo desprezo que sentia pela tentativa de me diminuir a tal condição.

Poderia soar exagerado, se eu não visse em seu semblante a necessidade de me silenciar, como se eu fosse usar o momento de fragilidade que teve contra ele.

— Idiota! — Bradei ao bater à porta do quarto.

Soltei o corpo sobre o colchão, exalei com pesar, sentindo a mente cobrar o preço de tudo que havia acontecido. Ergui a mão machucada diante de mim, os arranhões e cortes eram pequenos, nem havia necessidade de manter a faixa.

Ainda doíam, mas não tinha um aspecto ruim.

Fechei os olhos, o cansaço tomou espaço das minhas emoções e desligou minha lucidez do mundo real, convidando-me para lembranças que eu não gostava de visitar.

“Eu estava em casa, sentada no sofá lendo um livro velho que havia conseguido com uma colega do cursinho que fazia de manhã. Tinha esperanças de pegar meu certificado ainda aquele mês e conseguir um emprego melhor do que as faxinas esporádicas que realizava.

A história era empolgante, estava prestes a desvendar que o mocinho não era quem dizia ser, o que mudaria toda a dinâmica e separaria o casal. A ansiedade estava me fazendo devorar cada página ainda mais rápido, o que me fez mergulhar por completo na história a ponto de não ver a hora passar.

— Ei. — Ergui a cabeça ao ver Archie entrar pela porta.

Usava uma roupa meio suja de graxa, trabalhar na mecânica da esquina o estava desgastando, mas ao menos podia ficar perto de mim e o dinheiro ajudava a manter o aluguel.

Seu receio sempre foi se afastar demais e algo de ruim acontecer comigo. Não entendia muito bem o medo insano que ele carregava de não me ter próxima. Até para ir as aulas do cursinho, ele me acompanhava e ficava esperando do lado de fora.

— Oi. Nossa! Perdi a hora. — Fechei o livro e o deixei no sofá, levantei e corri para a cozinha. — Vou preparar o jantar.

Anunciei tratando de tirar o que precisava dos armários e geladeira, para adiantar o que pudesse. Ainda estava pensando na trama quando senti sua presença muito próxima, virei em sua direção e o olhar que me lançou me fez enrugar o cenho.

— O que aconteceu?

— O que é isso? — Ele ergueu o objeto desgastado na altura dos meus olhos.

— Um livro de romance. Peguei emprestado no cursinho com uma colega.

Foleou o livro parando na página que eu havia marcado: — “Ela resfolegou, ansiosa para confirmar o que era evidente. O homem que amava não era um modesto trabalhador. O grande magnata da cidade de Hudson, que tinha a identidade oculta, se revelava diante de seus olhos.” — Ele fechou o livro com um baque.

— O que foi Archie? É só uma história.

— Que diz muito sobre o que você almeja. É isso que sonha, Charlie? Um homem rico que tire você da pobreza que vivemos? — Seu tom baixou, ameaçador e acusatório.

— Do que está falando? — questionei, indignada. — É só um livro.

Voltei a atenção para a pia, um erro idiota, já que ele aproveitou para me puxar pelo braço e bater com o livro no meu rosto, acertando em cheio meu nariz que em seguida pingou sangue na blusa e no chão.

— Não dê as costas para mim! — ele vociferou.

Curvei o corpo para baixo observando o sangue cair enquanto a pressão no meu rosto fazia o impacto latejar onde havia acertado. Aquilo deixaria uma marca muito difícil de esconder.”

— Não! — Sentei na cama me debatendo.

Sentia espasmos incontroláveis, o suor escorria pelo pescoço, o rosto molhado pelas lágrimas derramadas e meu coração parecia que saltaria pela boca a qualquer momento.

Fui direto para o banheiro, a bile subiu e me fez correr desesperada e despejar a sopa, que havia comido, toda no vaso. A memória da dor, do medo e da humilhação eram latentes em meu sistema, eu tentava a todo custo seguir adiante, no entanto, algo sempre me engatilhava para o passado.

Era por isso que eu compreendia tão bem a crise que Ethan teve diante de mim, assim como guardava meu segredo, também guardaria o dele.

— Comeu demais, de novo?

Estava de cócoras diante do vaso, por isso desabei no chão quando girei com rapidez e avistei meu chefe, parado no batente da porta, usando somente calça de pijama preta e nada mais.

— O que faz aqui?

— Escutei um barulho e resolvi verificar.

— No meu quarto? — Ele deu de ombros. — Preciso aprender a trancar a porta.

— Sim, precisa. Mas eu sempre posso arrebentar o trinco. — Encarei-o chocada, antes de levantar, ir até a pia e jogar um pouco de água no rosto.

— O que aconteceu?

— Como pode ver, nada. Só me senti mal e acordei com ânsia.

— E o grito que ouvi.

— Grito? Que grito? — Girei enxugando o rosto e fitei seu olhar desconfiado. — Não escutei nada, senhor.

— Muito bem. — Ele desencostou do batente e avançou um passo.

Encostei na pia, por precaução, as mãos seguraram a beirada do mármore, nervosa com sua aproximação repentina.

— O que vai fazer?

Indaguei quando ergueu a mão e tocou um fiapo de cabelo que eu tinha na testa e afastou para o lado, junto da madeixa solta do rabo de cavalo que havia dormido.

— Vou voltar a dormir e aconselho que faça o mesmo, garota.

Ele afastou um passo, depois outro e finalmente saiu do meu quarto, porém, seu cheiro e energia ainda me mantinham travada no lugar, imaginando todas as coisas que poderiam ter acontecido.

Nenhuma delas eram intenções puristas, o que era uma porcaria para a confusão que estava minha mente em se tratando de Ethan Lewis.

— Ele poderia ser feio... seria bem mais fácil. — Soltei em lamento e abri o chuveiro.

Um banho e cama. Amanhã o dia seria longo e cheio de lembranças nada agradáveis do dia de hoje.

O dia rodava a todo vapor, meu querido chefe havia solicitado que Mary o acompanhasse nas reuniões externas, enquanto eu, ficaria preparando alguns documentos que ele precisava.

Sua agenda estava finalmente em dia, com todos os compromissos encaixados, o que exigia ainda mais da rotina metodicamente calculada para atender as demandas.

Ainda nem tinha visto o rosto dele, já que quando desci para o desjejum, fui informada por Vicent que ele mesmo me levaria para empresa, visto que o senhor Lewis havia saído muito cedo com Jason.

Era melhor assim.

Depois de tudo que havia acontecido, não tinha clima, muito menos conforto em partilhar algo tão banal como uma carona para a empresa com aquele homem.

— Onde está Ethan? — Encarei um senhor de meia idade surgir diante da minha mesa.

— Em um compromisso externo.

— Preciso da assinatura dele agora mesmo.

— Infelizmente não será possível. Chegará somente no final da tarde.

— Não posso esperar. Me dê sua localização que irei até ele.

O homem parecia nervoso, nitidamente alterado, o que gerou desconfiança da minha parte. Uma das regras para ser assistente pessoal do CEO era que, sob hipótese alguma, poderia revelar sua localização ou qualquer informação sobre sua rotina, paradeiro ou condição.

— Isso eu não posso fazer. Mas se quiser deixar o documento aqui, farei com que chegue nas mãos dele.

— Sou um dos diretores da empresa, mocinha.

— Eu compreendo, senhor, mas assim como deve saber, existe uma série de protocolos que preciso seguir. E nenhuma ordem está acima da vontade do mandachuva. — Apontei com o polegar para a sala da presidência, em uma atitude amistosa.

— Que seja! — Ele colocou o envelope diante de mim. — Preciso disso o mais rápido possível.

— Fique tranquilo, farei o meu melhor. — Sorri amistosa e tratei de ligar para Mary.

— Oi?

— Mary, onde estão?

— Neste momento, no hotel.

— Ótimo. Fique por aí. Preciso fazer um documento importante chegar até o senhor Lewis.

— Tudo bem.

Encerrei a chamada, pedi um carro de aplicativo e desci os andares apressada. Batia meu pé, ansiosa, no chão, quando desembarquei no térreo

quase trombei com um entregador, que praguejou algo, mas eu só soltei um pedido de desculpas atravessado.

Prometi uma boa gorjeta para o motorista se ele fizesse aquele carro andar o mais rápido possível. Cheguei na frente do hotel e respirei aliviada por ver Jason parado próximo ao carro.

“Ele ainda está aqui.”

Praticamente corri para dentro, parei no balcão e, pelo olhar da recepcionista, eu deveria transmitir a mensagem errada com meu comportamento. Alisei meu terninho azul-marinho, ajeitei o cabelo atrás da orelha e pigarreei.

— Boa tarde. Posso ajudar com algo? — Tentou sorrir, mas falhou.

— Claro. Eu preciso falar com o senhor Lewis. Ele está em uma reunião neste prédio. — Olhei em torno.

Havia esquecido o tablet e não tinha a informação completa para passar.

— Desculpe, mas isso é muito vago.

— Sim... claro. O meu chefe, Ethan Lewis está aqui, em uma reunião. Porém, não me recordo em que lugar. Preciso encontrá-lo para entregar isso. — Ergui o envelope na altura dos seus olhos.

— Se quiser deixar aqui...

— Ah, não. Eu tenho que entregar em mãos.

— Infelizmente não é possível.

— Mas se me deixar entrar... — Avancei um passo para o lado. — Posso procurar por ele.

— Isto não vai acontecer. — Ela acenou para o alto e logo dois brutamontes de terno surgiram ao meu lado. — Por favor, acompanhem a senhorita para fora.

— Ei. Eu não sou uma terrorista! — Esbravejei o que fez a mulher me olhar de forma assustada. — Eu disse que não sou. Que isso? — Protestei quando um deles segurou meu braço. — Me solta!

— Tirem logo ela daqui.

A recepcionista me encarou com ar de superioridade e o outro segurança repetiu o gesto do primeiro e eu fui escoltada feito uma criminosa para fora do hotel luxuoso.

— O que pensam que estão fazendo com a senhorita Dawson?

A voz ameaçadora de Ethan Lewis ecoou pelo saguão, fazendo com que todos parassem o que faziam para obedecer ao comando velado do homem.

“Isso sim era poder.”



Capítulo 20 | Ethan Lewis

Senti uma fúria quase incontrolável se espalhar pelo meu peito quando vi aqueles homens praticamente carregando a garota para fora do lobby do hotel, como se ela fosse um pedaço de pano velho.

Os olhos de Charlotte chegaram a mim e vi alívio inundar seu semblante. Caminhei determinado até eles e a puxei pelo braço, trazendo-a para perto de mim, toquei suas costas de forma protetora enquanto encarava o segurança com raiva.

— Isso é forma de tratar os clientes?

— Desculpe, senhor. Ela estava importunando a recepção.

Voltei o olhar para a garota, que rapidamente avançou um passo, altiva e determinada, bateu com a ponta do dedo no peito do homem que havia se pronunciado:

— Eu não fiz nada disso, seu idiota.

Revirei os olhos para sua atitude impulsiva, uma ponta de razão entendia os motivos de ela ter sido escoltada feito uma criminosa, mesmo sem saber exatamente o que havia acontecido.

— Tudo bem. Ela é minha assistente e eu assumo daqui — declarei ao puxar a garota pelos ombros de volta para o meu lado. — Obrigada, senhores.

Charlotte se afastou do meu toque me encarando de forma ofendida. Ergui as sobrancelhas na sua direção e enfiei as mãos nos bolsos, a paciência que nunca permeava meu humor, estava se extinguindo por completo.

— Tem algo para mim, senhorita Dawson?

Levou algum tempo até ela engolir tudo que nitidamente gostaria de falar, respirou fundo e ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sempre fazia isso, era algum tipo de movimento repetitivo, só não havia descoberto o gatilho. Ainda.

— Sim. — Um envelope foi ofertado e eu aceitei. — Um dos diretores disse que era urgente. Precisa da sua assinatura.

Enruguei o cenho e peguei o objeto, que não era da empresa, pois não estava timbrado com o símbolo. Deslacrei e tirei de lá uma única folha impressa.

Duas linhas que me fizeram amassar o papel em seguida e segurar os braços de Charlotte com mais impetuosidade do que deveria.

— Quem entregou isso?

— Um homem. De terno. Foi até o hall da presidência.

— Qual o nome? — Sacodi seu corpo de leve, o que a fez se soltar de mim.

— Eu não sei. Não perguntei.

— Ele não estava de crachá? Nenhuma identificação? E você aceitou mesmo assim?

— Olha. Eu sou nova ainda, segui o protocolo de manter em sigilo sua rotina e localização, e vim até aqui trazer o envelope porque ele disse que

era importante e urgente. — Ela justificou.

Passei a mão livre pelo rosto, acalmando meu temperamento, encarei o papel mais uma vez, aquelas duas linhas fazendo minha mente querer me desligar da realidade e levar para um lugar que não era viável visitar.

Saquei o celular, girei no lugar, já não reconhecia as pessoas, o lugar estava se tornando estranho, acionei a discagem rápida e logo fui atendido pela voz serena de Steven.

— Estou entrando em crise... — Consegui soltar ao afrouxar o nó da gravata.

— Respire, Ethan. Você está bem e seguro. Não tem soldados, armas ou emboscadas. Está seguro.

— O perigo... ele... está em volta.

— O perigo é um alerta para se ter cuidado. Somente isso. Continue respirando. — Fiz como ele pediu. — Onde você está?

Olhei em torno, sem conseguir enxergar nada além de borrões.

— Concentre-se em algo. Foque em um objeto, Ethan. — A ordem alta e clara me fez apertar os olhos algumas vezes, até vislumbrar os cabelos chocolate da garota.

Dawson surgiu no meu campo de visão como se uma providência divina a enviasse, o semblante preocupado me fez enrugar o cenho, e as palmas estendidas para mim era um sinal claro que estava cautelosa.

— Ethan? — Tirei o aparelho do ouvido e o encarei por um segundo antes de retornar no lugar. — Você está aí, Ethan?

— Sim. Estou.

Meu tom estava baixo, ainda lidando com a reversão da crise iminente, mantendo a atenção totalmente voltada para a menina que, sem qualquer esforço, havia me salvado de uma exposição vergonhosa.

— Venha para o consultório. Acho que precisa de uma sessão de emer...

— Não preciso. Obrigado, Steven.

Após desligar o celular e tentar acalmar os batimentos, voltei a olhar para Charlotte. Minha respiração ainda estava pesada, mas o foco começava a voltar aos poucos. Eu podia ver a preocupação estampada no rosto dela, e uma sensação estranha de gratidão misturada ao desconforto me atingiu. Não era do meu feitio ser salvo por alguém, muito menos duas vezes pela mesma pessoa.

Fiz um gesto breve com a cabeça para irmos embora, e saímos em silêncio, acompanhados de Mary. A tensão no ar era quase palpável, e a quietação entre nós pesada. Mesmo sem falar sobre o assunto, Charlotte parecia saber exatamente que um gatilho havia desencadeado o começo da crise. Eu odiava isso — odiava a ideia de que ela tivesse presenciado minha vulnerabilidade.

Entramos no carro e o silêncio persistiu. O som suave do motor e o tamborilar da chuva no vidro eram as únicas coisas que quebravam a quietude. Senti o olhar da garota sobre mim, tentando, provavelmente, decifrar o que se passava na minha cabeça. Eu estava irritado comigo mesmo por ter permitido que me visse naquela situação, mas também com o fato de que, de alguma forma, eu sabia que estava em dívida com ela.

Não gostava de me sentir assim.

Durante o trajeto, tentei reorganizar meus pensamentos, mas tudo parecia confuso. Meus dedos bateram levemente na perna, um hábito que eu nem sempre conseguia controlar quando estava à beira de perder a paciência. A lembrança da mensagem no papel ainda estava fresca e me causava um pavor absurdo.

Quando chegamos à empresa, desci do carro, sentindo o familiar alívio de estar de volta ao meu território, no qual tinha controle. Olhei uma última vez para Charlotte antes de me dirigir ao prédio. Havia algo no olhar dela que me incomodava — uma espécie de compreensão. Eu não precisava disso, nem queria que me entendesse.

— Temos uma reunião em uma hora. Não se atrase. — Minha voz saiu fria, dura. Eu precisava colocar a distância entre nós novamente, retomar o controle.

Ela concordou com um acenar, avisei Jason que deveria se reunir com a equipe de segurança do prédio e solicitar todas as gravações do hall da

presidência, verificar quem esteve com a garota antes de ter saído para me encontrar e investigar o percurso do indivíduo no prédio.

Não dei detalhes, ainda, do que era o conteúdo do envelope. Precisava pensar no que faria e tomar cuidado para que o mínimo de pessoas tivesse conhecimento do ocorrido.

Mandei uma mensagem para Peter de dentro do elevador, ordenando que fosse para a minha sala o quanto antes. Encarei Charlotte e Mary de soslaio.

— Ative o celular que minha avó te deu. — Lembrei que a garota teimava em não ter um meio de comunicação.

— Eu não acho que...

— É necessário. Ou terei que providenciar um da empresa para você. Precisa ter uma forma rápida de se comunicar comigo.

— Mary tem telefone. Quando precisar posso pedir a ela.

— Claro. Desde que se lembre que ela é sua concorrente. — Soltei, ardiloso, o que fez as duas se virarem para mim, chocadas. — Isso aqui é uma empresa, e tem uma vaga para assistente do CEO. Está mais do que na hora de entenderem a situação.

As portas se abriram e fui o primeiro a passar por elas, entrei na minha sala e coloquei o envelope em cima da mesa de centro, em frente a Peter, que me aguardava relaxado.

— O que é isso?

— Olhe você mesmo.

Fui até o barzinho e me servi de uma dose de bourbon. Virei de uma vez, sentindo o líquido ardente fazer sua mágica pela minha garganta. Bati o copo no vidro da mesa e tornei a servir a mim e uma segunda dose para meu amigo, prevendo bem a sua reação.

— Puta merda! — girei para ver Peter perder a linha. — Filho da puta! Quem foi?

Contei resumidamente o que aconteceu, como foi e a quase crise que tive no lobby de um dos hotéis mais importantes de Boston.

— A garota te salvou, de novo? — De tudo que ele poderia focar, o idiota se atentou ao mesmo detalhe que eu.

— Eu estava com Steven no telefone. — Dei de ombros como se o fato de ela ser a única coisa que foquei e me trouxe de volta para a realidade não tivesse a menor importância.

— Mesmo assim, acho que...

— Peter! Foque no que é importante. Alguém entrou aqui. Chegou até a porra da minha porta para me ameaçar. — Determinei apontando com o copo para a madeira imponente que isolava o ambiente. — O que você encontrou?

— Nada ainda. Pretendo ir até Nevada na próxima semana. Investigar de perto.

— Faça como preferir, só não deixe que percebam.

— Deveria aproveitar o feriado de Ação de Graças e se afastar.

— Não. Eu não posso.

— Adam ainda não oficializou, mas sua família irá para a casa de Campo e oferecerão um jantar para os amigos mais próximos. Sua avó e você estão na lista.

— Preciso estar aqui. Ainda mais agora.

— Exatamente por isso tem que se afastar, meu amigo. Estão tentando brincar com sua sanidade, Ethan. Seja esperto.

Deixei que suas palavras se afundassem dentro de mim e acalmasse aquele lado meu que sempre estava disposto a enfrentar uma boa briga.



Capítulo 21 | Charlotte Dawson

Não tive a chance de falar com o senhor Lewis depois do ocorrido no hotel. Ele havia sofrido outro princípio de crise, quem estava na ligação conseguiu reverter o quadro antes que mais pessoas percebessem.

Lógico que fiquei muito curiosa para saber o que tinha naquele papel a ponto de fazer meu chefe se descontrolar em público, mas eu não era idiota de ultrapassar um limite rígido.

Minha função era minimizar danos, cuidar da retaguarda dele e não deixar que ninguém, nem mesmo sua outra assistente, entendesse completamente o que havia acontecido.

— Achei que ele te esmagaria ali no hotel. — Mary tornou a puxar o assunto e eu disfarcei com um sorriso.

— Ei, garota, sou muito resistente. Não é um chilique do patrão que me derrubaria.

— O que pode ter deixado ele tão agitado?

— Sei lá. Vai entender o que se passa na cabeça de gente rica.

Tratei o ocorrido com bem menos importância que realmente tinha. Apesar de Mary ter a mesma função que a minha, não parecia correto partilhar algo íntimo como o transtorno do chefe.

— Ouvi nos corredores que ele teve uma crise no dia que saí para buscar o almoço. Até pensei que era pela minha falha, mas depois ouvi dizer que foi a briga com a namorada. A tal Wanda.

Acenei uma vez com a cabeça imaginando de onde ela havia escutado aquela história. Mantive todos afastados para que não desconfiassem, mas algo escapou do sigilo que tentei manter.

— Namorada? Ela foi embora tão rápida. Não sei se nosso chefe tem algo além do profissional. É uma jornalista. — Tentei argumentar para que tirasse a ideia fixa da cabeça.

— Ah, tem sim. — Ela olhou para os dois lados do ambiente e se certificou do óbvio: que não havia ninguém mais por ali. — No dia seguinte chegou aqui uma conta da joalheria mais requintada de Boston. Uma pulseira no valor de quase dez mil dólares.

Uma crise de tosse surgiu em mim, engasguei a ponto de lágrimas brotarem no canto dos meus olhos, o que fez Mary correr até a jarra de água que ficava ali para servirmos alguém na sala de espera e me ofertou.

— Tome em pequenos goles. — Deu batidinhas nas minhas costas, preocupada.

Pigarreei algumas vezes para tirar o bolo que havia se instaurado na garganta. Encarei minha colega, preocupada com meu estado, mesmo sem saber a origem do acontecido.

“Dez mil dólares? O que ele tem na cabeça?”

A raiva e indignação da tentativa de Ethan me subornar retornou com força, assim como a vontade de invadir sua sala e questionar qual era seu nível de bom senso em comprar um cala boca caro daqueles.

— Enfim, Charlotte, parece que eles reataram.

— Como sabe disso? — questionei, mais interessada do que deveria.

— As fofocas de corredor. Você nunca quer ir almoçar no refeitório comigo, fica por fora dos assuntos.

— Cuidado com o que fala, Mary. Lembre-se que é a assistente do CEO e está sob contrato.

— Eu sei. Nunca falo nada sobre nosso chefe. — Ela concordou igual a uma criança entediada.

— Ainda bem.

— Boa tarde, senhoritas. — Ergui o olhar e sorri ao ver o senhor Hunter se aproximar.

— Boa tarde, senhor. Como vai? — Cumprimentei sorridente.

Apesar de sério, o homem tinha um ar sereno, que dava paz ao mesmo tempo que transmitia segurança. Gostava dele.

— Muito bem. E você?

— Bem também. O senhor Lewis está em uma reunião, mas eu avisarei da sua chegada. — Virei para pedir a Mary que interfonasse para o escritório, mas a garota parecia ter perdido a cor do rosto. — Mary? Você está bem? — Toquei seu ombro e ela saltou se virando para mim.

— Sim. Estou. Na realidade, preciso fazer umas cópias, agora. — Levantou algumas pastas e as abraçou apertado. — Com licença.

Os cabelos tamparam quase toda a face quando ela saiu em disparada para a sala de apoio que ficava em outro setor.

— Que estranho. — Franzi o nariz, sem entender.

Retornei para minha função e comuniquei meu chefe, que deu carta branca para a entrada do senhor Hunter logo que o avisei. Em seguida, liguei na copa e solicitei café para três pessoas e aguardei o pedido.

Mary ainda não tinha voltado, então eu mesma levei a bandeja para a presidência quando a copeira a trouxe. Dei uma leve batida antes de abrir e entrar no ambiente, atenta ao que carregava para não causar um acidente.

— Aí está, a querida senhorita Dawson. — Sorri ao ouvir o tom

humorado do senhor Bailey.

— Trouxe café para vocês — anunciei ao erguer os olhos e paralisar no lugar.

Três homens belíssimos, usando ternos que custavam muito mais do que eu ganhava por mês e exalavam uma masculinidade que era para poucos. Ethan Lewis, o líder natural, tinha uma aura de autoridade inegável. O CEO da Lewis Global Holdings parecia capaz de comandar o mundo com apenas um olhar que, aliás, era ao mesmo tempo perturbador e hipnotizante. Seus olhos afiados analisavam tudo ao redor, sempre em busca de controle, enquanto o sorriso raro e enigmático, deixava qualquer um sem fôlego.

Ao seu lado, Peter Bailey, o advogado da empresa, era o oposto em termos de comportamento, ainda assim, igualmente perigoso no quesito charme. O sorriso irônico constantemente estampado no rosto mostrava que sabia mais do que dizia, e não tinha medo de provocar. Com uma piada pronta e a capacidade de desarmar qualquer tensão com uma simples frase, Peter era o tipo de homem que te fazia rir, mesmo quando estava te derrubando em uma negociação.

Já Adam Hunter, CEO de uma das maiores empresas de investimentos, completava o trio com uma elegância que beirava o aristocrático. Sério, porém educado, possuía uma calma refinada que contrastava com o temperamento explosivo de Ethan e o sarcasmo afiado de Peter. Adam era o tipo de homem que fazia cada palavra contar, com seu jeito cortês e postura impecável, tornando-o irresistível de uma maneira sutil e quase letal.

Juntos, eles formavam uma tríade de poder e sedução, o tipo de presença que enchia a sala e fazia qualquer um repensar suas escolhas de vida, ou pelo menos, escolhas de vestuário.

Foi inevitável os pensamentos maliciosos que passaram pela minha mente e, adicionando o constrangimento automático, me fizeram baixar a cabeça e focar na mesa de centro, na qual eu depositava a bandeja.

— Espero que possamos nos conhecer melhor no feriado de Ação de Graças, Charlotte. Ainda não consegui entender de onde você conhece a avó de Lewis. — O senhor Bailey continuou puxando assunto e o desconforto só aumentou.

— É uma longa história.

— Eu adoro histórias.

— Ela e minha avó gostam de fazer mistério quanto a isso — o senhor Lewis comentou com desinteresse ao pegar uma das xicaras de café e retornar ao encosto da poltrona.

— Espero que aceite o convite para minha casa de campo, senhorita. E pode levar uma amiga, caso queira.

— Convite? — Enruguei o cenho, confusa.

— Conversaremos em casa sobre isso. Já pode ir.

Meu amado chefe cortou a conversa antes que eu tivesse a chance de entender melhor do que o senhor Hunter falava.

— Convide Mary para te acompanhar. Tenho certeza de que gostarão do lugar. — Ouvi a voz do homem mais sério, antes de me virar para responder.

— Por que diabos você está convidando minhas assistentes para o feriado? Os dias não serão a trabalho.

— Por isso mesmo, meu caro — ele respondeu ao amigo e tornou a me encarar.

— Pode deixar. — Acenei uma vez e deixei a sala.

Tinha um sorriso nos lábios quando vislumbrei Mary no balcão separando alguma papelada.

— Mary, você não vai adivinhar! — Saltitei até ela, animada.

— O que foi? — Encarou-me, confusa, mas se contagiava com meu sorriso.

— Fomos convidadas para o Ação de Graças do senhor Hunter. E ele especificou um convite especial em seu nome. — Cutuquei seu corpo, brincando com as palavras.

Percebi seu sorriso murchar e uma fachada fria e distante se erguer. Ela afastou meu contato de imediato e voltou a atenção para a tarefa que realizava.

— Eu não vou.

— Não? Por quê?

— Sinceramente, Charlotte. O que vou fazer no meio de um bando de riquinhos mimados, que não sabem fazer nada além de esbanjar dinheiro, ostentar seus carros esportivos exclusivos e relógios suíços feitos sob medida, enquanto discutem sobre férias em iates no Mediterrâneo ou seus novos investimentos em obras de arte caríssimas? Eles proferem seus ganhos para os outros como se fosse uma competição interminável de quem possui a cobertura mais cara em Nova York, o vinho mais raro em suas adegas ou o cavalo mais premiado em corridas internacionais! — Arregalei os olhos ao final do seu discurso empolgado e ostensivo. — Desculpe. Eu... só não gosto disso.

— Tudo bem. Entendi. — Dei de ombros um pouco perturbada com seu rompante.

— Tá... Eu vou. — Encarei seu olhar de culpa e sorri.

— Obrigada! Vai ser ótimo ter uma amiga por lá.

— Somos concorrentes, Charlotte. Lembre-se disso — falou com uma voz masculina, na tentativa patética de imitar nosso chefe.

— Claro! — Ambas caímos na risada.

Ela bateu a resma de papéis com brusquidão, enfiou tudo em uma caixa, determinada em cumprir sua tarefa.

“Quem sabe, esta pudesse ser uma ótima oportunidade para eu ter uma amiga.”



Capítulo 22 | Ethan Lewis

Para evitar a chance de eu recusar o convite para a casa de campo, Adam veio pessoalmente naquele mesmo dia até a mansão e convidou minha avó, que ficou mais do que feliz em confirmar a presença da família, e sua pupila, no final de semana prolongado.

Resolvi manter em sigilo a história do envelope e minhas suspeitas. Minha avó e eu tínhamos uma severa discordância das intenções dos MacCallister, em quem ela sempre confiou os projetos da Lewis Global, já eu, nunca aceitei bem a parceria.

Não poderia provar nada ainda, no entanto, meus instintos gritavam na direção do velho, que não estava nada feliz com nosso último jantar e a forma como o deixei de fora nos negócios de Nevada.

Pretendia continuar trabalhando no feriado, separei meu notebook e uma pilha de relatórios, para que Peter e eu olhássemos de perto. Aquele

bilhete assombrava minha mente e aumentou os pesadelos durante a noite.

— Senhor? — Olhei sobre o ombro para ver Vicent no limiar da porta do escritório. — Suas malas já estão no carro.

— Obrigado.

— A madame Lewis gostaria que Jason conduzisse seu carro.

— Já falei que não é necessário.

— Ela insiste, senhor.

— Por Deus! — Bradei ao me virar completamente para o mordomo. — Ela precisa ser menos paranoica.

— A madame só está sendo zelosa.

Revirei os olhos, incomodado, fechei a pasta que estava olhando e marchei para o hall da mansão, onde uma pequena aglomeração se formou para a partida da família.

— Você vai adorar a casa de campo, Mary, é lindíssima.

— Tenho certeza de que irei. Muito gentil o convite do senhor Hunter.

— Adam é um menino de ouro.

— Não se engane com a carinha de bom moço que ele demonstra, vovó. — Aleguei ao me aproximar o suficiente.

— Ah, você está aí. — Ela bateu em meu peito quando passei a mão sobre seus ombros a abraçando. — Achei uma ideia excelente levar suas assistentes na viagem.

— Isso é coisa do Adam, não minha. — Mostrei indiferença. — Bom dia, senhorita Poter, senhorita Dawson? — Acenei com a cabeça para as duas, formal.

— Ethan, menos formalidade. As meninas estão indo para se divertirem.

— Bom para elas. — Beijei o topo da cabeça da senhora que eu amava tanto e alisei seu braço. — E eu mesmo irei dirigir meu carro.

— Ethan...

— Não vamos discutir isso, vovó.

— Jason foi contratado para ser seu motorista e segurança.

— Ele fará isso no carro da frente. Ou de trás. Escoltando o comboio.

— Então, Charlotte irá com você.

— O que? — Ouvi uma voz ecoar a minha e percebi que era da minha futura ex-assistente.

— Não vou negociar isto. — Vovó apontou o dedo em riste na direção da garota. — Garanta que ele não corra, Charlotte. Esta é a sua missão.

— Eu não preciso de uma babá.

— Encare como quiser, querido. Mary, você vem comigo, assim terei companhia para conversar.

— Sim, senhora. — Minha candidata concordou mais do que depressa, eu diria até feliz.

Charlotte e eu nos encaramos, ambos desacreditados, bufei e marchei para fora, não precisava de alguém para cuidar de mim, muito menos a pessoa que eu vinha evitando havia dias.

Estive ocupado com o trabalho por tempo suficiente para mal dar as caras na mansão. Chegava tarde e saia mais cedo que de costume, tudo para evitar qualquer convívio, ou oportunidade, de ser questionado.

Minha avó simplesmente me entregou de bandeja para a garota e eu não conseguiria evitar a situação sem parecer, no mínimo, esquisito.

Entrei no meu esportivo, coloquei o cinto e dei partida. Dawson entrou em seguida, usava um jeans justo e suéter bege, que a deixava com a aparência ainda mais jovem.

Deveria ser errado, mas meu desejo se acendeu em automático, e o intuito de seduzi-la para ganhar a aposta voltou à minha mente e, talvez, os planos de Ação de Graças começassem a ter algum sentido para mim.

Fora de casa, da empresa, apenas duas pessoas, uma ótima

oportunidade de me aproximar, de tornar nossos momentos mais íntimos. A brincadeira de gato e rato que eu sabia muito bem como jogar.

— Coloque o cinto. — Determinei.

Ela se manteve em silêncio, fez o que mandei de má vontade, parecia tão contrariada quanto eu. Se para mim era ruim ter uma acompanhante para a viagem, imagina para ela? Parecia que estava indo para a masmorra.

Liguei o sistema de som, a tela acendeu no painel com o clipe da música que tocava, seu interesse na janela se voltou naquela direção, era uma daquelas artistas em ascensão, um toque envolvente e a letra bastante sugestiva.

— Achei que seu gosto musical era mais formal.

Arranquei com o carro liderando o comboio.

— Está no aleatório. — Justifiquei. — Pensou que eu escutasse música clássica?

— Algo assim. — Arrisquei um olhar na sua direção e focava o lado externo. — Não se parece com um homem muito moderno.

— E você entende muito de homens para me enquadrar em algum parâmetro. — Retruquei, arrogante.

— Dada a sua idade...

— Ei! — Voltei o olhar para ela, indignado. — Eu não sou velho.

— Claro que não. — Ela estava se divertindo com a minha cara? — Só estou dizendo que sua criação, talvez o tenha feito ser fora dos padrões.

— Você acha que sabe alguma coisa, mas a realidade é que não me conhece. — Informei, desgostoso.

— Não quis te ofender. Desculpe. — Seu tom parecia sincero.

Respirei profundamente e desarmei a muralha que costumava manter, alta o suficiente, perto de pessoas que não conhecia.

— Não ofendeu. E de fato, tem razão. Não gosto das músicas novas, meus ouvidos funcionam a moda antiga.

— Adoraria ouvir um exemplo.

Encarei a figura curiosa de soslaio, ela parecia sincera e, acabei acionando a playlist que costumava ouvir quando estava sozinho. Os acordes de *Unforgettable de Nat King Cole* começaram a tocar.

— Não julgue. Feche os olhos e aprecie. — Adverti quando percebi seu rosto se transformar.

— OK! — Ela segurou o riso, mas obedeceu.

"Inesquecível, é o que você é

Inesquecível, seja perto ou longe

Como uma canção de amor que se liga a mim

Como pensar em você me faz sentir coisas

Nunca antes, alguém foi tanto para mim"

Acompanhei a letra, cantarolando baixo, o toque da música me mantinha calmo e me fazia lembrar de uma época feliz, a única em minha vida que guardo as lembranças como meu verdadeiro legado e herança.

— Meu pai sempre escutava música com minha mãe depois do jantar. Algumas vezes, eu os observava do topo da escada, dançando pelo hall, acreditavam que estavam sozinhos.

Soltei as palavras sem pensar demais sobre como era partilhar com a garota, que eu mal conhecia, memórias tão pessoais.

— Imagino que sejam boas lembranças.

— As melhores.

— Eu gostaria de lembrar de algo também. — Seu riso murchou, mas mantinha os olhos fechados. — Eu nasci sem pai ou mãe, ninguém reclamou minha existência. Sua avó foi o mais próximo que tive de alguém que se importava, ainda sim, só a conheci quando bati em seu portão pedindo ajuda.

— Minha avó cuida de você desde pequena? De onde ela te conheceu?

— Não sei dizer. Eu sempre ouvi seu nome como uma benfeitora, a

chamava de madrinha, mais pela referência do que pela ligação.

— Estranho. — Enruguei o cenho.

Nunca tinha ouvido falar sobre algum projeto social, ou obra de caridade que minha avó estivesse envolvida a ponto de cuidar de uma criança específica.

— Acredito que dei sorte de cruzar o caminho dela de alguma forma e me tornei sua obrigação social. Vai saber? — Ela deu de ombros e abriu os olhos, desviando para a janela novamente.

— Tenho certeza de que, se minha avó tomou para ela seus cuidados, algo pessoal significa — falei tentando confortá-la.

— Pode ser.

— A vida tem maneiras tortuosas de nos mostrar o que precisamos aprender, Charlotte. Talvez sua solidão tenha sido a lição mais dura para te provar que é valente e forte para encarar a vida sem alguém para te guiar.

— Pois é. Mas um conselho seria bem-vindo. Talvez evitasse alguns contratempos.

— Quais contratempos?

A curiosidade sobre a vida dessa menina aumentava cada vez mais, e sua forma sucinta de se comunicar estava me deixando bastante inquieto.

— É difícil explicar a vida de uma pessoa que sempre esteve sozinha, desde o nascimento em um lar temporário. Sempre ali, mas nunca pertencente de fato.

— E por que nunca viu minha avó?

— Kayla dizia que ela era uma mulher muito ocupada e não tinha tempo a perder comigo. Que eu deveria ser grata que ela colocasse comida no meu prato. Só descobri seu nome pouco antes de sair do lar, por um dos contracheques que havia enviado.

— E me deixe adivinhar? Nada vinha para a sua mão.

— Minha cuidadora não foi perfeita, mas ao menos me deu educação e nunca abusou de mim.

Ela parecia bastante resignada, o que me fazia pensar que: ou a garota era quase uma santa, ou sentia culpa por algo. A primeira opção nem poderia ser levada em consideração, a segunda começava a despertar em mim o desejo inquieto de desvendar a história de Charlotte Dawson.

— Acho que encontramos um ponto em comum, garota.

— É mesmo?

— Sim.

— E qual é?

— Você é tão enigmática quanto eu.



Capítulo 23 | Charlotte Dawson

Senti um desconforto ao perceber o interesse genuíno do meu chefe no passado que eu nunca partilhava. Achei que seria justo dar algo em troca por suas lembranças confidenciadas, mas não esperava que a escolha elevasse o interesse dele por mim.

Seguimos o restante da viagem em absoluto silêncio, a música era uma agradável distração, já que eu não conhecia nenhuma daquele repertório.

Ao sair do carro e encarar a casa de campo de Adam Hunter, meu queixo quase caiu. Nunca, em toda minha vida, tinha visto algo assim. O lugar parecia mais uma mansão do que uma casa de campo, com uma fachada que gritava riqueza de todas as formas possíveis. Era imensa, feita de pedra clara, com janelas de vidro enormes que refletiam o sol de inverno, enquanto uma escadaria larga e bem esculpida levava até a entrada principal. Não era apenas o imóvel que impressionava, mas todo o terreno ao redor. O jardim era vasto, com árvores grandes e bem cuidadas, e um caminho de pedras que

se estendia até onde os olhos alcançavam, cercado por plantas perfeitamente podadas.

A sensação de luxo continuava por dentro. O hall de entrada era absurdamente alto, com lustres que pareciam joias suspensas e um piso de mármore que brilhava tanto que eu quase podia me ver nele. Tudo parecia feito para impressionar. O mobiliário, as obras de arte nas paredes e, até o cheiro no ar — algo sofisticado, como aqueles perfumes caros que a gente só via nas revistas.

Eu me sentia pequena ali dentro, como se estivesse invadindo um mundo que não me pertencia.

— Sejam bem-vindos à casa de campo da família Hunter. — Observei o senhor Hunter vir de um acesso atrás da parede central, seu rosto era compenetrado e gentil.

— Quanta formalidade. Sempre educado. — Minha madrinha declarou ao se aproximar dele.

— É o mínimo que a senhora merece. — Ele a abraçou de forma carinhosa.

— Que lugar bacana. — Olhei para o lado ao ouvir o sussurro de Mary. — Parece até aquelas casas de revistas.

— E é. — Saltei no lugar ao perceber a voz poderosa do nosso chefe logo atrás de nós. — Já foi fotografada três vezes para uma revista de arquitetura de Boston.

— Uau!

— Impressionante.

Mary e eu voltamos a encarar o lugar como se pudéssemos memorizar absolutamente tudo de uma única vez.

— Adam, querido, seu pai se juntará a nós? — a senhora Lewis questionou, o que fez o semblante do senhor Hunter se fechar.

— Não. Ele deve estar com uma de suas namoradas em algum resort luxuoso e exclusivo.

— Oh...

— Pode nos mostrar os quartos, Adam? — Ethan chamou a atenção de todos.

Estreitei os olhos, a tentativa de distração funcionou, pois, a madrinha tratou de chamar seu fiel mordomo para acompanhá-la para o quarto que costumava ficar quando visitava o lugar.

— Deixei as duas nos quartos dos fundos. No segundo andar. — O senhor Hunter avisou.

— Eu mostro onde fica. — Meu chefe liderou o caminho para o segundo andar.

A casa de campo era de fato uma mansão. Não havia outra forma de descrever o lugar.

— Aqui é o seu quarto, Mary. — Ethan abriu a penúltima porta no corredor. — E deste outro lado fica o seu. — Ele empurrou a outra porta indicando para mim. — Fiquem à vontade.

Observei ele se afastar ao retornar o caminho que fizemos com muita pressa. Encarei Mary por um segundo antes de explodirmos em um ataque de felicidade pelo nosso espaço.

O quarto em que me instalaram parecia saído direto de uma revista de decoração de luxo. As paredes eram revestidas com painéis de madeira clara, dando ao ambiente um toque aconchegante e elegante ao mesmo tempo. Havia uma lareira de pedra ao fundo, com uma moldura trabalhada, perfeita para as noites frias de outono, e acima dela um espelho enorme que refletia a luz suave dos abajures de cristal. No canto oposto, uma cama gigantesca, com roupas de cama que pareciam feitas de nuvens, estava cercada por poltronas estofadas de veludo, convidando qualquer um a se afundar nelas com uma xícara de chá.

À esquerda, uma porta de vidro deslizante levava a uma varanda particular. Dali, era possível ver as colinas suaves e o jardim impecável, envoltos em uma névoa sutil da manhã. Eu podia imaginar como seria sentar, com uma manta sobre os ombros, sentindo o ar fresco enquanto a paisagem se estendia silenciosa à minha frente e eu lia um bom livro.

Ao lado da cama, uma segunda porta revelava o banheiro, que era quase do tamanho de um quarto comum. O piso de mármore aquecido era de

um cinza suave, com detalhes prateados, e uma banheira de porcelana branca reluzente dominava o espaço, ladeada por uma ducha de vidro espaçosa. Havia ainda uma penteadeira de madeira escura e torneiras que pareciam pequenas obras de arte. Até o banheiro era um reflexo do luxo ao qual eu não estava acostumada.

Identifiquei outra porta, discreta, mas ao tentar abrir vi que estava trancada.

— Deve ser um closet. — Dei de ombros e retornei para o quarto.

— Você viu a banheira? — Mary invadiu o aposento completamente eufórica.

— Acabei de ver.

— Por Deus. Eu viveria o resto dos meus dias aqui.

— Eu também.

— Vejo que gostaram do espaço.

Olhamos para porta e encontramos o senhor Hunter e o senhor Lewis, ambos com as mãos nos bolsos e os olhares atentos em nós duas.

— Sim, senhor. É lindo. — Ajeitei a postura e coloquei as mãos para trás.

— Gostou, senhorita Poter? — Ele se voltou para minha colega, que cruzou os braços diante do corpo.

— Sim. É um belo lugar. Parabéns, senhor.

— Obrigado. O almoço será servido na área externa daqui uma hora. — Ele informou, solicito.

— Podemos comer com os funcionários na cozinha, senhor — Mary sugeriu e eu quase dei uma cotovelada em sua lateral.

— De forma alguma. São minhas convidadas. Sentarão à mesa conosco.

— Muito bem. Preciso trabalhar. — O senhor Lewis cortou o assunto. — Peter está demorando demais.

— Provavelmente teve uma noite agitada.

— Aquele saf... — meu chefe pigarreou ao perceber que estava diante de mim e Mary. — Provavelmente.

Assim que ambos saíram eu me virei para Mary, que tentou se afastar, mas eu a parei ao segurar seu braço.

— Sério que pretendia comer na cozinha?

— Não fazemos parte do mundo deles, Charlotte. Quanto antes entendermos isso, melhor.

— O que tanto te incomoda no senhor Hunter? E por que ele sempre parece interessado em você? — questionei não conseguindo conter a curiosidade.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa sobre você e o senhor Lewis. Já percebi a forma como ele te olha.

— Ele me olha? — Fiquei chocada. — Quando isso?

— A todo momento que você está perto.

— Ele solicita mais a sua presença do que a minha no escritório. — Dei de ombros.

— Porque sempre que você está em torno ele se perde. Outro dia, quando eu estava organizando alguns documentos da reunião com ele, você entrou, precisei perguntar três vezes a mesma coisa, até ele parar de te observar cuidar da área social da sala e sair.

Abri a boca para retrucar, até puxei na memória, mas não havia nada que evidenciasse as informações que a garota me passava.

— Besteira. — Abanei a mão com desdém. — Você está disfarçando para não falar do senhor Hunter.

— Claro que não.

— É sim. Ele é um belo pedaço de mal caminho — comentei, provocativa.

— Se você diz.

— Ah, Mary. Por favor. Nós trabalhamos para um homem lindo e ele tem dois amigos também bonitos. É impossível que você seja cega e não tenha visto o mesmo que eu.

— Charlotte...

— E não me venha com repreensões. Somos mulheres, e não cegas. Os três juntos são uma tentação até para uma freira.

— Charlotte.

— O que foi? — Virei no lugar dando de cara com um sorriso sacana e provocador.

— Senhorita Dawson. É tão bom saber o quanto a minha presença e de meus amigos animam seu dia.

O senhor Bailey estava no limiar da porta, encostado no batente, os braços cruzados na altura do peito.

O constrangimento me atingiu em cheio como uma onda, e senti meu rosto esquentar imediatamente. O sorriso cínico de Peter Bailey, naquele momento, testemunhava a minha desastrosa tentativa de manter uma conversa leve, parecia se alargar a cada segundo.

— Senhor Bailey... — gaguejei, tentando recompor minha postura. — Eu... não... estava falando sério.

Mary, ao meu lado, sufocava uma risada, divertindo-se com o caos que eu havia causado. Claro, ela adorava quando a situação embaraçosa não respingava sobre si mesma.

— Bem, senhorita Dawson, você claramente é uma mulher de opinião forte — continuou ele, sem deixar de sorrir e os olhos cintilando de pura diversão. — E é sempre interessante ouvir o que nossas funcionárias pensam de nós, não é, Ethan?

Olhei para o lado e vi meu chefe, Ethan Lewis, parado ao lado de Peter, com aquela costumeira carranca, o olhar afiado, enquanto faiscava algo parecido com interesse.

— Definitivamente, é sempre bom saber — respondeu ele, a voz carregada de seriedade.

Eu queria sumir, me enterrar ali mesmo, mas tudo o que pude fazer foi soltar uma risada nervosa. Mary, por outro lado, não ajudou em nada, sacudiu a cabeça e murmurou um leve "bem-feito" antes de se afastar para o seu quarto.



Capítulo 24 | Ethan Lewis

A área externa da casa de campo era tão magnífica quanto o restante. Adam havia se empenhado muito, e gastado uma fortuna em dinheiro, para reformar o lugar e deixá-lo digno de uma realeza.

Sua mãe, que havia falecido cerca de uns cinco anos atrás, passava grande parte do seu tempo aqui, exclusa da sociedade — e das humilhações que o marido a fazia passar com seus escândalos amorosos —, terminou seus dias na cadeira de balanço de frente para o pomar aos fundos, como sempre desejou.

Ela era uma jovem senhora, mas a doença havia levado sua saúde e Adam atendeu a todas as suas necessidades enquanto esteve viva, inclusive, prometer que cuidaria da casa que ela tanto amou e teve como lar.

A mesa para vinte pessoas estava arrumada para um banquete, dois empregados aguardavam os convidados se acomodarem para servirem a

comida, o que só não havia acontecido ainda porque minhas duas assistentes estavam atrasadas.

— Por que diabos elas ainda não desceram? — questionei, incomodado.

— Relaxe um pouco, Ethan. Elas não estão aqui na qualidade de funcionárias. — Peter repreendeu, já com seu copo de bebida na mão.

— O dia está bom o bastante para uma caminhada, não acham? — Minha avó sugeriu do sofá, no qual estava acomodada na área social.

— Excelente ideia, senhora Lewis. Podemos fazer uma trilha até o penhasco. O que acham? — Adam se empolgou com a sugestão.

— Preciso trabalhar — argumentei.

— E eu preciso impedir que o Ethan trabalhe. — Peter soltou provocador.

— Vocês são jovens demais para ficarem enfurnados aqui. Saiam um pouco e levem as meninas para passear — a querida senhora afirmou determinada.

Era um sinal claro de que ela infernizaria a vida de cada habitante daquela casa até que sua vontade fosse cumprida. Ainda não sabia qual era seu verdadeiro propósito, mas tinha certeza de que uma ideia mirabolante rondava seus desejos.

Soltei um resmungo em desaprovação, mas não tive tempo de alegar, pois a atenção do lugar foi direcionada para as duas moças que entraram no ambiente. Uma parecia tímida, o rosto vermelho e as mãos entrelaçadas diante do corpo, desconfortável. A outra era o oposto, o nariz empinado, olhar afiado, como se desafiasse qualquer um a falar algo inapropriado, só para que tivesse um bom motivo para soltar a avalanche de energia que continha.

— Finalmente! — Peter exclamou, sorrindo com aquele jeito provocador. — Já estava achando que teríamos de subir para resgatar vocês.

— Tive que convencer Mary de que a decoração extravagante não nos morderia — Charlotte respondeu com um sorriso refinado, sua voz carregada de uma mistura de ironia e charme. A forma como ela se portava me irritava e

fascinava ao mesmo tempo.

— Agora podemos comer — Adam anunciou indo até minha avó e oferecendo apoio.

— Você é um menino de ouro, meu querido. Ethan tem muita sorte de tê-lo como amigo.

Revirei os olhos ao tomar meu lugar à mesa, de frente com minhas duas assistentes, ao lado sentaria minha avó e do outro Peter, que também se acomodava enquanto ria baixo com sarcasmo.

— Acho que sua avó tem um preferido, e não é você.

— Cala a boca. Babaca.

— Querido, você e Peter deveriam aprender mais com Adam. — A senhora soltou assim que se sentou ao meu lado.

Olhei de soslaio para Peter e soltei um “viu?” com as sobrancelhas arqueadas.

— Vovó Lewis, todos sabem que eu sou o melhor exemplo deste trio — Peter mencionou.

— Não me tome como tola, rapazinho. Sei bem o quanto você pode ser voluptuoso em seu comportamento.

— Sou tão transparente assim? — pronunciou com a voz afetada.

— Como água, meu amigo — Adam quem respondeu. — Mary, espero que o quarto esteja de acordo para seu conforto.

— Está mais do que bom, senhor Hunter. Não se preocupe.

Adam inclinou a cabeça, um leve sorriso nos lábios, mas seus olhos, embora educados, obviamente observavam Mary com mais atenção do que o necessário.

— A senhora Lewis sugeriu uma caminhada ao ar livre. — Peter comentou. — Aposto que você vai adorar a vista lá de cima, senhorita Dawson. — concluiu com a voz carregada de provocação.

Claro que ele estava lembrando do comentário nada descente que havia feito em seu quarto sobre meus amigos e eu. O que me fez trincar os

dentes, irritado com o interesse dispensado.

— Ah, tenho certeza de que a vista será... irresistível — a garota respondeu e lançou um rápido olhar em nós três.

Peter gargalhou enquanto eu bufei afinando o olhar na direção de sua ousadia.

— Gosta de se aventurar ao ar livre, Mary? — Adam perguntou em tom suave, quase gentil demais.

— Nunca tentei algo assim. — Mary sorriu de forma hesitante, as bochechas coradas enquanto tentava se acostumar à atmosfera ao seu redor.

— Se Adam continuar assim, vai acabar carregando Mary morro acima — Peter não perdia nunca a chance de incomodar.

— Não será necessário, senhor Bailey.

— Pode me chamar de Peter. Somos amigos aqui. — O safado piscou um olho, todo charmoso para ela.

— Só para constar. Eu não me importaria. Nem seria um esforço. — Adam pronunciou, o que fez todos virarem em sua direção.

— De fato. Vocês dois tem muito a aprender com Adam — Minha avó soltou e eu quase me engasguei com a bebida.

— Cale a boca, Adam. — Interrompi, querendo mudar de assunto. — Antes que essa caminhada se torne mais do que realmente é.

— Ah, Ethan, sempre tão prático. Você sabe como cortar o clima.

Fiquei com o imenso desejo de mostrar o dedo do meio para meu amigo, mas não queria lidar com a reprimenda que viria da senhora ao meu lado.

— Eu não sou muito fã de caminhadas, confesso — Charlotte comentou, o tom meio desconfortável.

— Ah, vai ser divertido — Peter sorriu, claramente adorando a relutância dela. — E prometo que, se você não conseguir, posso carregar você nos braços? — ele sugeriu, com uma piscadela cínica.

Charlotte revirou os olhos, mas eu percebi que ela estava sorrindo.

— Duvido que ela precise disso — respondi, entrando na conversa. — Charlotte é mais resistente do que aparenta.

Todos na mesa se voltaram para mim, interessados de onde eu havia tirado a ideia que fazia da minha assistente, mas não dei nenhuma informação adicional.

Cruzei o olhar com Charlotte que pareceu genuinamente feliz com meu comentário, o que fez meu peito se expandir satisfeito. Era bastante questionador como eu ainda não compreendia o poder que ela exercia sobre meu humor. Como aquele brilho nos olhos dela, mesmo que leve, poderia afetar tanto meu estado de espírito.

Nos despedidos da vovó logo que o almoço terminou, seria uma caminhada informal, mais para reconhecer a área e esticar as pernas.

— O que você está fazendo? — Encarei Peter com estranheza.

Ele havia colocado uma das pernas sobre um toco de madeira enquanto a ponta dos dedos tocava o sapato.

— Alongando. Não quero ter uma contusão.

— Não são nem três quilômetros até o penhasco — Adam argumentou.

— Mesmo assim.

Continuei andando sem a menor paciência para lidar com as gracinhas do meu amigo. Ainda não sabia como ele conseguia ser um advogado tão foda e articulado com essa mentalidade irritante que o tomava na vida pessoal.

Percebi a presença dela ao meu lado antes mesmo de ver seus passos apressados na tentativa de me acompanhar.

— Eu não faria isso se fosse você. Lembre-se do dia da tempestade.

— Foi a prova de que eu preciso me movimentar mais, não acha? — Charlotte devolveu, animada.

— De fato. Mas não sei se aguenta meu ritmo.

— Eu posso tentar. — Deu de ombros e avançou alguns passos em

uma pequena corrida, se colocando a minha frente.

O jeans moldava com perfeição sua bunda redonda e empinada. Imaginar minhas mãos ali era quase uma tortura, destacando cada curva de uma maneira que fazia minha mente vagar para lugares onde não deveria. Era uma provocação silenciosa. O fato de não poder fazer nada a respeito me corroía por dentro.

— Belo traseiro. — Saí do meu momento de contemplação para encarar Peter.

O filho da mãe tinha os olhos cravados na bunda da minha assistente, aproveitei sua distração e acertei um tapa no seu estômago, que o fez grunhir e se curvar no mesmo momento.

— Cacete! Ethan! — Ele esbravejou e eu continuei andando.

— O que aconteceu? — Adam questionou.

— Nada. Algo fez mal para Peter no almoço. — Dei de ombros.

Quase meia hora de caminhada, o que me deixou com o humor bastante irritadiço, devido à demora, chegamos ao penhasco. Era uma visão deslumbrante e grandiosa, as montanhas se entrelaçando e deixando fendas abismais em torno.

— Nossa... é incrível!

Olhei para o lado e vislumbrei Charlotte, os cabelos presos, mas alguns fios rebeldes se mantinham soltos, chicoteando seu rosto livre de qualquer maquiagem, uma beleza genuína e angelical, que a tornava ainda mais nova do que realmente era.

— Sim. É incrível — sussurrei e ela se voltou para mim, só naquele momento percebendo meu escrutínio.

— Ei, Charlotte. Acho que você deveria bater uma foto de nos três aqui. Assim teria uma recordação para admirar.

Peter, como sempre um inconveniente, soltou a piada, o que fez minha assistente se fechar por completo, o rosto ruborizado pela vergonha da lembrança.

— Acho que beleza se torna superestimada quando o ego fala mais

alto, senhor Bailey — respondeu com acidez e eu sorri.

A garota tinha fibra, ninguém podia negar.



Capítulo 25 | Charlotte Dawson

O passeio foi muito melhor do que imaginava. Apesar da falta de costume com exercícios, senti meu corpo bem mais disposto quando retornamos para o casarão e cada um tratou de ir para seus quartos se banharem.

A vida estava me mostrando uma boa dose de como era fácil se acostumar com a mordomia e regalias que o dinheiro era capaz de ofertar. Nunca imaginei estar nesta posição, mesmo que não fosse rica como eles, contudo, desfrutar de tudo que ofereciam era tão prazeroso quanto.

Eu escolhi uma roupa que fosse elegante, sem exagero. O friodo final de tarde pedia uma camada extra, então, optei por sobretudo macio, em tom neutro de cinza, que caía até um pouco abaixo dos joelhos. Ajustado na cintura pelo cinto fino, que realçava minha silhueta.

Por baixo coloquei uma blusa de gola alta em tricô e uma calça

térmica justa preta. Botas baixas e o conjunto ficou muito satisfatório.

Coloquei o mesmo par de brincos e ajeitei os cabelos, agora soltos. Fiquei feliz ao me encarar no espelho, como se estivesse me arrumando para algum encontro.

Meus pensamentos voaram para o homem que eu jamais deveria olhar com qualquer outra intenção que não fosse atender profissionalmente.

— Esqueça isso, Charlotte.

Saí para o corredor e caminhei sem pressa até o térreo, admirando com mais liberdade as obras de arte nas paredes, assim como a disposição arquitetônica do lugar.

Vislumbrei outro caminho, próximo da escada, que eu não havia conhecido. Encarei em torno, julguei não ter problema em fazer um tour sozinha, desbravando o lugar.

Passei por uma porta entreaberta, no final de um curto corredor, parei ao notar alguém do lado de dentro, sentado em uma poltrona, estava introspectivo na leitura de algum livro.

Quando dei por mim já estava dentro da sala, como se tivesse sido atraída até ele. Um magnetismo que não tinha qualquer explicação, no entanto, fazia meu corpo agir e a mente se desligar por completo da racionalidade que assegurava minhas ações.

O ambiente ao nosso redor estava quieto, o crepúsculo jogando as últimas pinceladas alaranjadas através das janelas da casa de campo. Eu sabia que estava em território perigoso, mas a forma como os olhos de Ethan me encarou, como se estivesse avaliando cada um dos meus movimentos, fazia meu coração disparar.

Não havia ninguém por perto, nem Peter com suas piadas, nem Mary com sua presença tranquilizadora. Apenas ele e eu, no silêncio que parecia ensurdecedor.

— Atrapalho? — Consegui sair do meu estado letárgico.

— Não. — A voz rouca de Ethan cortejou o silêncio, o tom carregou de algo que eu não consegui decifrar de imediato. Havia um toque diferente em sua postura, mais relaxado, mas ao mesmo tempo... tenso.

— Quer que eu saia?

— Não.

Eu quis me mover, sair correndo dali e fugir para longe antes que algo irreversível acontecesse, mas não pude. Ethan exercia tal poder sobre mim que fui incapaz de me afastar quando ele se levantou calmamente, contornou meu corpo e parou rente as minhas costas.

— O que veio fazer aqui? Você está quieta demais, Charlotte. — Sua voz um sussurro.

— Estou apenas... pensando — tentei me explicar, sabendo muito bem que ele enxergaria através da minha tentativa.

A verdade era que eu estava desconfortável, mas não da maneira que se esperava. Era um desconforto causado pela proximidade dele, pelo ar de domínio que ele exalava. E, claro, pela tensão que cresceu entre nós.

Ethan deu um passo parando em frente a mim, seus olhos nunca deixando os meus. Eu deveria ter recuado, criado alguma distância, mas minhas pernas estavam coladas ao chão. Sentia o calor do seu corpo se aproximando, a respiração pesada e, como se algo acontecesse eu seria capaz de explodir.

— Você pensa demais, Charlotte — ele murmurou, a voz baixa e intensa. Antes que eu pudesse reagir ou dizer qualquer coisa, ele tomou minha cintura com uma mão firme, e num movimento rápido, me apertou contra ele.

E então aconteceu.

O beijo foi súbito, porém, carregado de uma urgência que me pegou desprevenida. A boca de Ethan era firme, e o calor que irradiava dele, parecia invadir cada parte do meu corpo. O choque inicial deu lugar a um desejo ardente que eu não sabia que existia, e meus dedos se fecharam em seus ombros, sem saber se deveria empurrá-lo ou trazê-lo para mais perto.

O gosto dele era uma mistura de algo luxuoso e perigoso, como se cada movimento de sua língua provocasse faíscas dentro de mim. Eu me entreguei ao beijo, sentindo o calor subir pelas minhas bochechas, o coração disparado, e minha mente completamente tomada pela sensação de seus

lábios sobre os meus. Cada toque, cada pressão era uma dança de poder, e não sabia se estava ganhando ou perdendo. Talvez, as duas coisas.

Quando ele finalmente se foi, o ar ao nosso redor parecia eletrificado. Sua respiração estava tão acelerada quanto a minha, os olhos fixos nos meus como se quisessem me decifrar, me despir emocionalmente. Eu ainda sentia o gosto dele nos meus lábios, e meus pensamentos estavam um caos.

— Isso... não deveria ter acontecido. — Minha voz saiu baixa, hesitante.

Eu estava confusa, mas ao mesmo tempo havia algo profundamente inquietante na forma como meu corpo reagiu ao dele.

— Não deveria? — Ele arqueou uma sobrancelha, aquele maldito meio sorriso provocador nos lábios. —Tem certeza?

Eu não tinha. Mas, em vez de responder, apenas desviei o olhar, tentando retomar o controle da minha sanidade.

— Você vai precisar de um tempo para processar — ele disse, o tom provocador suavizado por algo que eu não consegui identificar. Ele deu um passo para trás, entretanto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, murmurou de forma quase casual — Nos vemos mais tarde... no seu quarto.

— O quê? — Girei no lugar, fitando seu corpo que se movia gracioso em direção a saída.

— Você me ouviu, Charlotte — ele disse com um brilho nos olhos ao me olhar sobre o ombro. — Nos veremos mais tarde.

Eu sabia que deveria dizer algo, protestar talvez, mas nada saiu. Meu corpo estava em chamas, a ideia de ficar sozinha com ele mais tarde, no meu quarto, era tão tentadora quanto aterrorizante. Ele sabia disso. Eu sabia disso.

Quando Ethan saiu do aposento, deixando-me sozinha com minha consciência confusa, toquei meus lábios, ainda sentindo o calor do beijo. Meu coração não desacelerou, e a única coisa que consegui pensar era no que aconteceria mais tarde.

Seria uma péssima ideia deixá-lo entrar no meu quarto, mas... como eu poderia resistir?

Caminhei até uma das enormes janelas, observando o céu que começava a se encher de estrelas, me enganando. Estava prestes a fazer algo que pudesse mudar tudo, e a última coisa que eu queria, era perder o controle. Se eu quisesse sobreviver à tempestade que era Ethan Lewis, precisaria ser cuidadosa. Muito cuidadosa.

Mas a verdade era que, naquele momento, todo cuidado parecia insuficiente.

— Querida, aí está você! — Virei, assustada, percebendo minha madrinha no ambiente. — Eu sabia que você adoraria esse lugar. Há muitos livros interessantes aqui.

Olhei em torno, pela primeira vez percebendo que o ambiente retratava um escritório cheio de estante de livros, sóbrio e tranquilo, parecia realmente um bom lugar para se desfrutar um tempo sozinha.

“Ou para ter beijos roubados.”

— É realmente um lugar adorável — consegui murmurar, com um sorriso fraco, tentando não transparecer o caos interior que Ethan havia deixado em mim.

A senhora Lewis continuou a me observar com aquele olhar analítico e, por um segundo, me perguntei se ela havia percebido algo.

— Ah, querida, tenho certeza de que você se sentirá em casa aqui. Venha, Adam me disse que o jantar será servido em breve. — Virou-se para sair, e eu suspirei, grata pela chance de escapar das memórias que o lugar acabara de criar para mim.

No entanto, à medida que a seguia pelo corredor, o gosto de Ethan nos meus lábios parecia impossível de ignorar. O calor dele ainda estava impresso na minha pele, e cada pensamento que eu tentava desviar, voltava para a maneira como ele me parecia antes de sair, com a promessa tácita de que essa noite estava longe de acabar.

"Nos vemos mais tarde... no seu quarto."

Suas palavras ecoaram na minha mente como um mantra. Parte de mim ficou assustada, não só pelo que poderia acontecer, mas pelo que já havia acontecido. A outra parte, a parte que eu tentava reprimir, sentindo uma

motivação avassaladora, o desejo de reviver aquele beijo — e ir além.

Ao chegarmos ao grande salão, todos já estavam acomodados à mesa, em um ambiente quente e acolhedor, iluminado por um brilho elegante. A mesa, com seus talheres de prata e porcelanas finas, transbordava de uma moda que contrastava com o caos que eu sentia internamente.

Ethan estava sentado no final da mesa, conversando com Peter e Adam, com ar de casualidade em torno deles, como se nada fora do comum tivesse acontecido. Ele chegou a desviar os olhos na minha direção quando entrei, o que trouxe toda aquela sensação novamente.

Será que ele ficou tão tranquilo assim, depois do que havia acabado de acontecer? Enquanto eu estava em completo caos emocional?

A noite transcorreu de forma quase mecânica. Meus pensamentos estavam a quilômetros de distância de qualquer conversa educada que pudesse surgir. Quando a sobremesa foi servida, dei-me conta de que mal havia tocado na comida. Meu apetite havia desaparecido.

— Charlotte, você está bem? Parece distante. — A voz de Mary me trouxe de volta para o presente, e eu forcei um sorriso, tentando disfarçar.

— Sim, estou. Só pensando em algumas coisas. — Um eufemismo para o que de fato estava acontecendo.

Ela me observou por um momento, mas não questionou mais. Eu fiquei aliviada por isso. O jantar finalmente terminou e todos começaram a se dispersar, cada um para seus respectivos quartos. Ethan não havia olhado para mim uma única vez durante toda a refeição, e isso deveria ter me acalmado. Entretanto, ao invés disso, apenas intensificou minha ansiedade.

Eu sabia que, mais tarde, quando a noite acabasse, eu teria muito mais no que pensar.



Capítulo 26 | Ethan Lewis

Ainda sentia o maldito gosto da sua língua em todo meu palato. Mesmo depois de um jantar com a comida refinada, o vinho, e naquele momento, a segunda dose de bourbon que eu virava.

Havia saído da mesa antes que servissem a sobremesa, fui para o escritório, Peter e eu conversamos e analisamos alguns documentos. Logo após o feriado ele iria para Nevada em sigilo, investigar quem havia vazado informações dos contratos.

Subi os degraus da escada de dois em dois, o coração martelando contra a caixa toráxica, que em algum momento, achei que arrebentaria meu peito, tamanha a empolgação que me tomava.

Eu não deveria estar tão feliz em seduzir uma garota quinze anos mais nova, concorrendo a vaga de assistente pessoal e, que, ainda por cima, morava na mesma casa que eu, sob a proteção da minha avó.

Porém, a racionalidade era algo que não estava funcionando muito bem nas últimas semanas, e precisava confessar que o intuito inicial, de ganhar a aposta da minha querida avó, havia ficado em segundo plano depois que provei seus lábios.

Charlotte tinha um gosto viciante, era macia, seu molde pequeno se encaixava ao meu tamanho, a conexão que tínhamos era irresistível, e depois de provar a pequena dose naquela sala de descanso, eu precisava chegar ao fundo daquilo.

A menina já me incomodava por ser capaz de me tirar das crises de TEPT sem um grande esforço, entender o que se passava quando estávamos sozinhos havia se tornado algo necessário para minha mente desvendar.

Entrei no meu quarto, já havia utilizado ele em outras ocasiões pelo simples fato de ser conjugado com o que ficava ao lado no corredor.

Por algum motivo que eu desconhecia, e nem quis perguntar, Adam havia acomodado minhas assistentes nos dois quartos conjugados, que normalmente era usado com segundas intenções.

O motivo de me colocar no que dava acesso para Charlotte, foi muito satisfatório, entretanto,ele ficar com o que dava acesso para Mary, eu não saberia dizer, nem ousaria perguntar. Já era bom o suficiente que Peter não tivesse sido contemplado, ou eu correria o risco de passar dias sem dormir vigiando aquele pervertido.

“Olha quem fala.”

Engoli a hipocrisia que transbordava dos meus poros, fui até o closet e segurei a maçaneta que dava acesso ao segundo quarto. Poderia usar a porta social, ninguém veria, mas era divertido surpreender a garota.

Dawson não demonstrava se impressionar com muitas coisas e esse era mais um dos motivos que me fazia orbitar em torno de quem ela era e como havia chegado até ali.

Abri a porta e senti uma lufada de vapor bater contra meu rosto, fechei os olhos e inspirei o cheiro de laranja fresca, a fragrância que vinha do banheiro, dos produtos que ela usava.

Passei diretoe fui para o quarto, conferi a porta e atestei que estava

trancada, um leve sorriso surgiu no meu rosto com o questionamento óbvio: ela queria que eu implorasse, ou se negaria a atender quando eu batesse?

Sentei na poltrona, próximo da porta da varanda, a noite estava mais fria do que o previsto, podia ouvir o som do vento batendo contra o vidro, uma melodia para a agonia de aguardar, em total expectativa, pelo que viria.

Apoiei o tornozelo em um joelho ao erguer a perna, uni a ponta dos dedos e descansei os cotovelos nos braços da poltrona. Aquela espera era uma tortura, lenta e agonizante, tornando a expectativa um veneno letal para o equilíbrio que eu tentava manter.

Era a mais doce e insana das loucuras, e me fazia sentir mais vivo do que jamais havia experimentado em toda a minha vida.

O barulho do chuveiro sessou, senti uma pontada atingir meu peito, ainda mais forte do que antes. Sua voz soava baixo, o cantarolar de alguma dessas músicas jovens e modernas, a qual eu não tinha paciência de escutar.

O som se tornou mais alto, barulhos vindos do closet indicavam que ela estava prestes a descobrir minha presença, mas o feitiço acabou virando contra o feiticeiro.

Assim que sua imagem leve e limpa surgiu na passagem, o mundo parou de girar por alguns segundos, os cabelos estavam escondidos embaixo da toalha branca, passava as mãos no rosto espalhando algum creme, com olhos fechados e ainda distraída, cantarolava — com uma voz medonha —, uma canção que eu não dava a mínima para tentar entender.

O roupão branco cobria boa parte do seu corpo e a tornava ainda menor do que realmente era. Uma mulher jovem e irreverente, que desfrutava do seu momento íntimo sem saber que era assistida por um fodido como eu.

Ela abriu os olhos e sua feição leve se tornou a transparência da surpresa ao me ver sentado na poltrona do seu quarto. Virou a cabeça com rapidez em direção a porta, e, ao constatar que ainda estava fechada, enrugou o cenho.

— Achou mesmo que um trinco me impediria, Charlotte? — Não resisti a provocação.

Era muito prazeroso brincar com a garota, difícil era quando o jogo se

invertia, o que facilmente poderia acontecer se tratando da minha ex futura assistente.

— Como... como você... Subiu pela sacada? — Olhou diretamente para o acesso que dava para a varanda e foi até lá, testando a trava e comprovando que estava no lugar. — Como diabos você invadiu meu quarto? — As mãos se apoiaram na cintura, mais curiosa do que incomodada.

— Tenho os meus meios, senhorita Dawson.

— Meios bem estranhos. Tenho certeza de que tranquei a porta antes de ir para o banho.

— Eu também tenho certeza disso. Conferi a fechadura antes de me sentar e te esperar.

— Senhor Lewis...

— Ethan. Por essa noite, quero que me chame pelo primeiro nome. — Determinei ao me levantar.

Meus movimentos eram calculados, feito um felino espreitando a presa de perto, pronto para atacar no momento certo, em um único golpe, que abateria a caça e alimentaria a fera que habita meu âmago.

Charlotte não recuou, o que fez a sombra de um sorriso surgir no canto dos meus lábios. Corajosa. Como sempre.

— O que você faz aqui, Ethan?

A pergunta que não havia outra resposta que não fosse o óbvio. Mas entendia sua necessidade. Precisava de clareza e aquele era o momento de jogar a meia verdade que minhas intenções me traziam naquela situação.

Eu queria vencer a aposta. Mas me enterrar fundo dentro de Charlotte era algo que almejava ainda mais.

— Acho que é evidente, Charlotte. Mas vou elucidar suas dúvidas. — Levantei um dedo, com os olhos cravados nos seus. — Vou te foder. Mais de uma vez. Até que não se lembre do seu nome e o motivo de estar aqui. — Levantei outro dedo, feliz por a ter deixado com a fisionomia alarmada e acalorada, perceptível pelo rubor que crescia em sua face. — Sem sentimentos, sem expectativas, isentos de qualquer compromisso. Se trata de

uma foda ocasional. — Levantei outro dedo, seu semblante se tornando desafiador com meu segundo comentário. — Terceiro e último: ninguém deve saber.

— Um segredo sujo. — Ela cruzou os braços, provocadora.

— Não seria interessante para nenhum dos dois que as pessoas a nossa volta, ou a empresa, soubessem que eu fodi minha possível assistente.

A garota avançou um passo, eu conseguia perceber um leve ultraje por trás da sua máscara de mulher bem-resolvida. Não era uma questão de quem mandava ou obedecia, e sim os limites, claros e objetivos, que nos manteria na linha depois desta noite.

— E tudo isso fez supondo que eu realmente queira ser fodida por você. — Tocou com a ponta do dedo, de forma acusatória, no meu peito.

— Se fosse diferente já teria gritado e me expulsado do quarto, querida. — Capturei sua mão e a puxei de encontro com meu corpo.

A porra do encaixe perfeito.

— Ainda posso gritar.

Dessa vez não consegui conter o sorriso, sacana e insinuador, que estampou meu rosto quando aproximei o suficiente para que sua respiração tocasse minha pele.

— Com certeza você vai, Charlotte. E tome isso como uma promessa.

Um pequeno “o” se formou em sua boca e eu não perdi mais tempo. Meu pau estava agitado dentro da calça, apertando o desconforto das roupas e exigindo sua libertação.

Eu precisava respirar e manter o controle, queria saborear aquele momento, gravar na memória cada passo e fazer valer a pena todas as promessas que eu havia feito até aqui.

Os lábios macios foram o incentivo para minha língua invadir seu interior, gemi ao reconhecer aquele sabor, que já era saudoso e fazia eu salivar de desejo.

Sentia minha pele febril, apertei seu contorno ainda mais de encontro ao meu, inspirei seu cheiro enquanto meu fôlego era roubado naquele beijo

indecente, a premissa do que estava por vir.

— Isso... ah, por Deus... — murmurou quando minha boca escorregou por sua mandíbula e pescoço.

Seus dedos delicados se infiltraram nos fios do meu cabelo, bagunçando e puxando conforme eu devorava a área sensível abaixo de suas orelhas.

— Deixe Deus fora disso, Charlotte. O que faremos hoje não terá nada de solene ou angelical.

Deslizei a mão até seu pescoço, e apertei de leve, ainda conseguindo tirar um resquício de surpresa das suas feições.

Essa noite seria única. Para nós dois.



Capítulo 27 | Charlotte Dawson

Achei que havia visto uma miragem, delírio, alucinação, poderia usar qualquer nome, mas fato era que, ver Ethan Lewis sentado na poltrona do meu quarto, a minha espera, foi algo surreal.

Minhas pernas fraquejaram à medida que meu coração disparou, desacreditada de que ele realmente havia cumprido a promessa. Ainda restava descobrir como ele entrou se a porta estava trancada, no entanto, essa pergunta ficaria para depois, já que eu estava ocupada demais lidando com a sua língua pecaminosa no meu pescoço.

Um formigamento atingiu minha garganta, incomodando com o desejo escaldante que fervilhava meu corpo por dentro, ardendo cada parte sensível que me compunha.

A mão grande e forte, puxou um lado do roupão, revelando mais pele nua, até o começo dos braços próximo dos seios.

— Você é macia. Saborosa. — Sua língua rodopiava em cada sugada, sendo ávido e preciso.

Gemi baixo, mais uma vez, controlar minhas reações era algo impossível e nós mal havíamos começado.

Ethan afastou um passo, rompendo nosso contato, me senti vazia e perdida ao perceber sua íris tomada de uma luxúria que nunca havia presenciado, observando a bagunça que eu estava me tornando, graças ao seu toque.

— O presente de Natal antecipado que eu queria muito provar. — Ele puxou o suéter que usava pela parte de trás das costas, revelando o abdômen lindo.

— Será que você foi um bom menino, Ethan?

Seu comportamento dava todos os sinais de que não deveria ser instigado, provocado. Ele era a porcaria da caixa de pandora que eu estava me corroendo para escancarar.

— Depende. Você está pronta para descobrir o quão bom eu posso ser?

Senti uma fisgada atingir meu íntimo, ele fechou nossa distância de novo, tocou a corda do meu roupão e puxou de uma vez, desfazendo o laço que havia atado ao sair do banheiro.

— Hora de desembrulhar meu presente. — Seus olhos se incendiaram ao segurar os lados da peça e empurrar para trás, fazendo com que o tecido pesado deslizasse com rapidez pelo meu corpo.

Tocou a minha barriga próximo ao umbigo, os músculos contraíram, involuntários, devido ao choque do contato, antecipando toda a ansiedade que consumia meu íntimo.

Com um leve resvalar, ele trilhou um caminho perigoso até meu ventre, acarinhando, causando arrepios e pequenos espasmos que se alastraram pelo meu corpo.

— Preciso me segurar... — Encarei seu cenho, franzido, perdido em algum pensamento incômodo.

— Não precisa se conter comigo, Ethan. — Levei a mão até sei peitoral e apoiei a palma sobre o coração.

Conseguia sentir as batidas fortes contra a pele, tão afetado quanto eu com o que aconteceria, eu precisava tranquilizar suas emoções. Não queria que acabasse acionando gatilhos indesejados.

Fechei um pouco mais a nossa distância ao segurar seu rosto entre as mãos, sua dureza contra meu corpo nu. As peles se unindo, tornando ainda mais escaldante o que já era febril.

— Estamos aqui. Agora. Seguros e conscientes do que vai acontecer. Se algo me incomodar, eu vou te falar.

Nossos olhares se cruzaram, e o momento de vulnerabilidade que vislumbrei foi substituído por uma escuridão pecaminosa. Suas mãos deslizaram para minha bunda, alçando meu corpo com rapidez para seu colo, o que me fez entrelaçar as pernas e os braços em torno dele.

Minha boca encontrou a sua, um beijo delirante se iniciou, seus movimentos nos levaram para a cama, enquanto nossas línguas comungavam do desejo que alimentava todas as expectativas criadas até ali.

Afundei no colchão com seu corpo enorme sobre o meu, uma de suas mãos segurou minha coxa, enquanto ele se encaixava melhor no meu vão, fazendo com que sua rigidez se esfregasse no meu ponto necessitado.

Os gemidos que gostariam de sair por meus lábios foram engolidos por seu desespero, que consumia tudo que eu ofertava de bom grado. Senti a caricia na lateral do quadril, o afastar e em seguida o estalar da sua palma contra minha pele.

— Ah! — Soltei.

Mais pelo susto do que a dor, encarei seu olhar injetado, dominante, ditando o ritmo e as regras que permeariam essa noite. Testando meus limites, compreendendo como meu corpo responderia as suas facetas e chegando a mesma conclusão que eu: estava completamente entregue e à mercê das vontades de Ethan Lewis.

— Quero te provar. Não se mova — ordenou ao suspender o corpo e deslizar sobre mim.

Com os lábios habilidosos resvalou meus seios, sem de fato os beijar, instigando ainda mais o que crescia em cada fibra do meu ser. Escorregou pela minha barriga, perpassando sem de fato se aprofundar no caminho e quando atingiu o ponto mais dolorido do meu corpo, soprou.

O ar quente fez minhas pernas se contraírem, involuntárias, mas Ethan foi rápido em apoiar as mãos em cada lado interno e as afastar, acomodando seu tamanho e me deixando completamente exposta.

— Eu disse para não se mexer, baby. — Provocava-me, eu o desafiaria, se a expectativa não estivesse me matando.

— Por favor...

O prazer no semblante de Ethan me vendo implorar era indescritível. Curvou a cabeça o suficiente para que somente o nariz deslizasse pela minha fenda, inspirando o suficiente para encher os pulmões.

— Seu cheiro me faz salivar — A voz baixa, rouca, um aviso perigoso do que estava por vir.

E aconteceu.

Apertei as pálpebras e prendi a respiração, quando sua língua deslizou uma, duas, três vezes e sugou com força o ponto que latejava em prazer.

— Ah... meu...

Ele continuou no mesmo ritmo, ora cálido, ora intenso e rápido, criando uma dança torturante e deliciosa que fez meus dedos se afundarem na colcha e apertar para conter o peso que se formava no meu ventre.

— Vai gozar na minha boca, baby, enquanto sua boceta aperta meus dedos. Entendeu? — Sua voz soava distante, distorcida na miríade de sensações que me dominava.

Um tapa, estalado e forte, me fez erguer o tronco e apoiar os cotovelos, assustada. Ethan me encarava de uma forma dominante e repreensiva.

— Quero você inteira aqui. Atenta a cada comando, a cada coisa que eu fizer. Entendeu? — Acenei com a cabeça. — Permaneça assim. Quero ver seu rosto quando gozar na minha boca.

Engoli em seco quando ele se posicionou mais uma vez no meu vão, voltou a me chupar e com o dedo, circulou minha entrada. Ele testou antes de entrar, até a última falange, depois recuou, incluindo mais um antes de se afundar de novo.

— Oh... — Abri a boca e puxei o ar sentindo a secura quase me fazer engasgar. — Sim...

Meu sangue fervia e acelerava nas veias, sentia que poderia ser completamente consumida pelas chamas que alimentavam meu desejo. Nunca havia sentido tanto tesão como acontecia naquele momento.

Archie não costumava ser tão atencioso, e por mais que em algumas vezes eu conseguia ter prazer e chegar ao orgasmo, era raro e demorava demais.

Com o olhar, ele ditava o comando de que não poderia desviar a atenção dele, assistindo como trabalhava em meu corpo, o prazer que transcorria por realizar a tarefa e o quanto ainda pretendia me enlouquecer.

— Eu... — Soltei quando a respiração falhou devido ao desejo crescente.

— Vem para mim, baby. Quero sentir o gosto do seu prazer.

Ele murmurou antes de voltar a chupar com determinação meu clitóris. Foi uma luta árdua manter os olhos abertos, meu corpo inteiro tensionou, as pernas travaram e o peso que crescia no meu ventre explodiu.

Milhares de pontinhos brilhantes turvaram minha visão e a imagem de Ethan gemendo ao tomar do meu gozo que escorria avido do canal pulsante, era a cereja no topo daquele bolo de sensações.

— Ethan! — Soltei em um gemido, incontrolável ao vibrar com o êxtase momentâneo.

Ele se afastou por completo, pegou algo do bolso, um preservativo, removeu a calça com maestria e elegância. Seu membro saltou livre quando descartou a boxer preta, empinava para cima, rijo, as veias proeminentes adornavam a extensão, que era bem avantajada.

— Calma, baby, vai caber. — Ergui os olhos para seu sorriso sacana e humor no olhar.

Revirei os meus achando a piada ridícula bem inconveniente, voltou para a cama, puxando minhas pernas para cima das suas coxas. O membro cutucando minha entrada, já que meu traseiro estava inclinado.

— Vai montar em mim, Charlotte.

Ethan me puxou pelos braços e eu sentei sobre seu colo, uma mão enlaçou minha cintura, erguendo o suficiente para encaixar seu membro no ponto certo. Apoiei em seus ombros, sua expectativa palpável e um incômodo me deixou nervosa.

Nunca havia feito sexo dessa forma. Normalmente Archie me fazia ficar de quatro, não tinha a coisa do olho no olho.

— O que foi? — Ethan reconheceu minha hesitação. — Quer parar?

Tentou me tirar, mas eu travei o corpo impedindo seu movimento.

— Não. Só é novo. — Argumentei e não dei chance para que a pergunta estampada na feição de Ethan viesse à tona.

Sentei de uma vez, ele emitiu um som estrangulado enquanto seu membro me invadia por completo, preenchendo cada espaço dentro de mim que regozijava de satisfação.

— Puta que...

— Agora é a sua vez de ficar quieto, querido.

Determinei com um sorriso travesso nos lábios antes de começar a me mover e levar Ethan a mesma loucura que ele havia me levado com seus lábios.



Capítulo 28 | Ethan Lewis

Se existia alguma forma de morrer feliz e satisfeito, eu havia acabado de encontrar a maneira certa. Charlotte havia se afundado por completo em mim, acolhendo meu pau sedento em seu interior, me obrigando a respirar fundo para manter o controle.

“Seria uma vergonha se eu simplesmente gozasse.”

— Olhe para mim, Ethan.

A pequena feiticeira que habitava seu íntimo despertou e cantarolou seu desejo que prontamente foi atendido, como se eu fosse a porcaria de uma marionete a seu bel prazer.

Eu costumava ser um homem bastante dominador na cama — e fora dela —, odiava ser guiado ou comandado. Os transtornos que enfrentava me forçavam sempre a estar cauteloso e um passo à frente em absolutamente tudo, ditando as regras de cada ato, inclusive no sexo.

Abri os olhos e encontrei sua alma, translúcida e brilhante, através da íris chocolate. Havia tantos sentimentos dançando naquele mar que eu estava me afogando de bom grado.

Ela reconhecia minha escuridão porque também partilhava desse lugar obscuro e singular. Éramos moldados de dor e traumas, dificuldades acarretadas durante a vida, que não pareciam mais fáceis para ela do que foram para mim.

Levei as mãos até seus quadris e ajudei que seus movimentos fossem mais intensos e rápidos, ela abriu os lábios, não emitiu nenhum som, mas o rubor e o suor brotando de sua pele entregavam parte do que se passava em seu interior.

— Você é deliciosa. — Ofeguei e ela sorriu.

A garota, audaciosa, passou a rebolar a cada intervalo de quicada, meu pau se remexia no seu interior, sentindo suas paredes se contraírem, tornando o sangue bombeado para aquela região ainda mais intenso.

Afastei nossos troncos e enfiei uma mão entre nós, seu ponto de prazer estava desperto e duro, pronto para sucumbir mais uma vez ao êxtase que eu o ajudaria a chegar.

— Ah... Ethan! — ela gritou e aumentou os movimentos, parecendo uma sereia ondulando sobre mim.

— Goza no meu pau, baby. Goza.

A ordem foi dada e obedecida quase que imediatamente, quando os espasmos do seu canal estrangularam meu pau e seu corpo estremeceu inteiro, interrompendo os movimentos.

Segurei-a pela cintura e me afundei mais duas vezes antes das minhas bolas fisgarem e me fazerem ejacular pesadamente dentro do preservativo.

Uni nossos lábios em um beijo afobado, engolimos os gemidos que ainda necessitavam sair para extravasar o que nossos corpos, desesperadamente, precisavam para se libertar.

Fechei os braços em torno dela e a coloquei deitada na cama, ainda estávamos conectados, apesar de ter acabado de gozar, meu pau não queria sair do seu calor úmido e prazeroso.

— Ainda não terminei com você, baby — sussurrei passando a ponta do nariz no seu e afastei para mirar seus olhos. — Eu quero tudo, Charlotte.

Ela não disse nada, mas eu podia ver em seu olhar a total entrega ao meu pedido. E, claro que eu peguei.

Deixei seu interior para tirar a camisinha, aproveitei para brincar com seus seios empinados, circulei a língua e belisquei, instigando seu prazer. Tornei a beijar o outro, sugando com força o mamilo e puxando, moldando minha boca em sua carne.

Escorreguei os dedos para sua intimidade, dedilhando com cuidado e de leve, brinquei com seu corpo, despertando seu desejo, mais uma vez, para o que meu pau implorava para fazer: me afundar de novo dentro dela.

Beijei-a nos lábios quando me ajeitei sobre seu corpo, puxando suas pernas para meus quadris, embalado com um novo preservativo, arremeti de uma vez.

O grito agudo devido a surpresa me fez tapar seus lábios com uma mão enquanto entrava com força em seu interior. O outro braço segurava seu corpo pela lombar, mantendo-a no lugar a cada investida.

— Seja uma boa garota e não grite. Não queremos que minha avó venha ver o que aconteceu com a afilhadinha dela.

Destapei sua boca e usei as mãos para suspender meu tronco e observar seu rosto se contorcendo de prazer a cada movimento meu, socando duro, com a pressão certa para que ambos ficássemos doloridos quando o prazer se esvaísse.

Ela mordeu os lábios contendo os gritos, tive vontade de sorrir, porém, meu corpo entrou em estado de alerta, pronto para se liberar, e, dessa vez, eu a marcaria com minha porra.

Fiquei de joelhos e continuei o trabalho, estimulando seu prazer no tempo que arremetia sem dó. Charlotte pingava suor, assim como eu, as mãos esmagavam os lençóis, e quando ela se contraiu alcançando o clímax, eu saí dela e removi o preservativo com pressa, jorrando em sua barriga.

Senti meu corpo entrar em um frenesi de prazer, contemplei a obra de arte suja que era aquela garota, descabelada entre os lençóis, vermelha e

suada, os olhos languidos, quase sonolentos, enquanto sua barriga brilhava com o líquido do meu deleite.

— Você está linda assim. — Soltei sem pensar.

— Pode tirar uma foto se quiser — respondeu em um sussurro.

Sorri, mesmo cansada ela não perdia o traço provocador. Saí da cama e peguei o celular no bolso da calça, posicionei de um ângulo revelador e fotografei.

— Você fez mesmo isso? — Ela empertigou o tronco, chocada.

— Claro que fiz. — Girei no lugar e caminhei para o banheiro. — Venha tomar uma ducha antes que minha porra suje o seu lençol.

Sorri ao ouvir seus protestos e algo sobre eu ter um ego maior que meu pau. Senti sua presença atrás de mim quando abri a ducha e deixei o primeiro golpe gelado tocar minha pele.

— Está fria? — Percebi a hesitação em seu tom, virei a tempo de capturar seu corpo dentro do meu aperto e a puxei para debaixo d'agua. — Não! Ah! Ethan! — Ela protestou e tentou se soltar, mas foi em vão.

Eu era muito maior que a garota, além do mais, a forma como esfregava seu corpo nu contra o meu, estava me dando muitas ideias do que fazer no chuveiro.

Quando meu pau endureceu entre nós e ela notou, seus movimentos cessaram e me encarou com os olhos arregalados e o queixo caído.

— Você está... você...

— O que foi? — Sorri de lado para a falta de palavras. — Nunca dormiu com um cara viril?

— Está mais para priápico.

Joguei a cabeça para trás assim que a gargalhada explodiu da minha garganta. Passei as mãos no cabelo deixando a água lavar e, quando baixei o olhar e a encareide novo, ela tinha uma expressão contente.

— Eu só estou matando o que me consumia há semanas. — Dei de ombros como se não fosse nada demais.

A verdade era que eu não me lembrava de nenhuma mulher ter despertado tamanho interesse do meu pau e da minha mente. Parecia que tudo que havia acabado de acontecer estava em um passado distante e meu corpo reclamava por mais sexo para guardar em suas memórias.

Virei um pouco do xampu nas mãos e joguei nos seus cabelos. Sabia que estava limpo, ela havia perdido a toalha da cabeça quando nos deitamos e o cheiro peculiar, que já era seu em minha mente, registrou a lembrança com fervor no meu olfato.

— Já lavei.

— Eu sei. Fica quieta. — Segurei seus ombros e a girei, ouvi seu riso baixo e comprimi o meu.

Esfreguei o couro ouvindo seus múrmuros e gemidos de prazer, meu pau obviamente se animou de vez, e minhas mãos escorregaram para seus seios, brincando com os bicos.

Ela encostou as costas no meu peito, entregando-se ao prazer, usei uma mão para afastar os fios compridos da nuca, queria beijar e morder sua pele, estava salivando por mais uma dose do seu sabor.

Senti um pedaço de pele sobressaltada, mais áspera, um contraste claro com a sua macies característica. Fixei os olhos na marca mais escura, um ligeiro relevo que mostrava uma queimadura antiga e cicatrizada da maneira errada. A marca contava uma história silenciosa que meus dedos apenas começavam a desvendar.

Seu corpo tencionou sobre meu toque ao perceber onde minha atenção havia se concentrado. Ela puxou os cabelos de volta para a nuca, cobrindo o pedaço de pele no topo das costas escondendo a cicatriz.

— Acho que já está bom. Estou cansada. — Sua voz saiu inquieta e ela se moveu, me colocando fora do chuveiro. — Preciso tirar o sabão.

Travei a mandíbula quando a raiva surgiu em meu âmago. Seu comportamento terminava de encaixar a peça do quebra-cabeças que minha mente habilmente montava.

“Aquilo é marca de agressão.”

— Isso aconteceu no lar temporário? — questionei baixo, tentando

conter a fúria que emanava de mim.

— Um acidente. Nada de mais.

Mentira.

Como reflexo, ela fez o movimento de colocar o cabelo atrás da orelha, mesmo que ele não estivesse atrapalhando sua visão.

— Charlotte...

— Ethan, por favor. Você tem que ir. Se alguém te pega aqui, eu serei a mais prejudicada. Não quero arriscar a ajuda que tenho da sua avó, muito menos a chance de ter um bom trabalho. — Vi medo e dor em seu olhar.

Saí do banheiro com uma toalha enrolada na cintura. Recolhi meus pertences no quarto, e atravessei a passagem trancando a porta. Vesti uma calça de pijamas, peguei o celular e deixei o quarto determinado.

A raiva ainda permeava minhas entranhas, o que era uma mera curiosidade havia se tornado algo muito maior. Precisava descobrir tudo sobre Charlotte Dawson e, principalmente, quem esteve na sua vida.

Bati na porta com mais força do que pretendia, fui atendido em seguida por um Adam com o rosto amaçado e os olhos semicerrados.

— O que aconteceu?

— Preciso da sua ajuda para desenterrar o passado da minha assistente.



Capítulo 29 | Charlotte Dawson

"Eu tinha conseguido comprar o ferro de passar roupa e a tábua de uma das vizinhas que estava se mudando para Oklahoma. Como ela não levaria os móveis, fez um bazar na área verde do outro lado da rua, colocando tudo à venda. Infelizmente, eu não tinha mais dinheiro para adquirir outros utensílios que seriam úteis, já que minha casa mal tinha móveis e faltava muito para se tornar um verdadeiro lar.

Archie sempre dizia que já tínhamos o suficiente — nosso amor. Mas, ultimamente, eu vinha pensando que isso não era o bastante, o que me fazia sentir uma péssima namorada.

Montei a tábua e coloquei o ferro para aquecer no suporte, peguei algumas peças do baú no quarto para testar. Fiquei feliz com o resultado, o utensilio era bom, tinha até a função vapor.

Quinze dólares estava mais do que bem pago, ele funcionava

perfeitamente.

Ouvi a porta bater e olhei sobre o ombro, sorrindo para Archie, que havia acabado de chegar do trabalho.

— O que é isso? — Ele sinalizou com a cabeça ao colocar a pequena maleta de ferramentas sobre a mesa.

— Acabei de comprar nossa nova aquisição para a casa. E está perfeito.

— Onde conseguiu isso? — Ele se aproximou, curioso.

— Aqui do outro lado da rua. Em um bazar feito pela vizinha que está de mudança.

— Saiu na rua vestida assim? — Seus olhos mediram meu corpo em desaprovação.

Eu congelei por um segundo, sem entender de imediato a gravidade da pergunta. Olhei para baixo, para o vestido florido que eu tanto gostava. Era simples, com flores pequenas e delicadas, uma peça que eu sempre usava nos dias quentes. Não havia nada de errado com ele, pelo menos não para mim.

— O quê? — perguntei, tentando manter um tom leve, como se não houvesse problema algum. — É só um vestido, Archie.

— Só um vestido? — A mudança no tom de sua voz foi quase imediata, de curioso a frio em questão de segundos. — Você saiu assim na rua? Mostrando as pernas para todo mundo? — Ele deu um passo à frente, o rosto endurecido, o que me fez recuar, apertando o ferro entre os dedos, como se aquilo fosse me proteger.

Meu coração começou a bater mais rápido, aquela sensação familiar de tensão se instalando no ar. Eu sabia aonde isso iria. Já tinha estado nesse ponto antes, várias vezes. Mas, por mais que soubesse, eu nunca estava preparada.

— Archie, eu só fui até o bazar. — Esforcei-me para manter a calma, minha voz soando trêmula apesar do meu esforço. — Ninguém se importa com o que eu estou vestindo.

— Não se importa? — Ele deu uma risada sarcástica, aproximando-se ainda mais. Seus olhos, que antes pareciam apenas zangados, agora, estavam tomados pelo ciúme. — Aposto que os caras lá fora adoraram. Ficaram todos te olhando, não foi? — Ele estava perto demais, e o cheiro de suor e raiva o envolviam como uma aura sufocante.

— Não foi isso... — tentei explicar, mas minha voz sumiu no meio da frase. Ele já não estava me ouvindo.

Sem aviso, ele agarrou a alça do vestido e puxou com força, como se quisesse arrancá-lo de mim. Eu me desequilibrei, tropeçando para trás, meu corpo colidindo com a tábua de passar.

— Você não sai de casa vestida assim! — Archie gritou, o olhar faiscando de fúria. Ele se virou bruscamente, e eu pensei, por um breve momento, que ele estava se afastando para se acalmar. Mas, então, vi sua mão alcançar o ferro quente.

— Archie, não! — Eu mal consegui gritar antes de ver o ferro sendo arremessado sobre mim. A dor foi imediata, um calor intenso que se espalhou pela minha nuca e ombro, como se minha pele estivesse sendo queimada viva. Eu caí de joelhos, a dor me dominando, mas o choque me paralisava mais do que o sofrimento.

Tudo aconteceu tão rápido que minha mente nem conseguiu acompanhar. O cheiro de tecido queimado se misturava ao ar, mas a única coisa que eu pensava era na dor lancinante que atravessava minha pele, como se o ferro tivesse cravado sua marca para sempre.

— Olha o que você me obriga fazer! — A voz de Archie soou distante, quase como um eco. Ele estava bravo, mas parecia mais preocupado com o que havia feito do que com a minha dor. — Droga... droga!

Eu não conseguia me mover. A dor era esmagadora, a queimadura latejava como se ainda estivesse sendo consumida pelo calor do ferro. As lágrimas arderam nos cantos dos meus olhos, mas eu me recusava a chorar. Não na frente dele.

Archie se afastou, resmungando algo que eu não conseguia entender, e eu fiquei ali, ajoelhada no chão, sentindo o impacto do que havia acabado de acontecer. O medo, a dor, e a vergonha. Vergonha de ter deixado isso

acontecer, de novo.

Tocar a ferida me fez estremecer, e o simples ato de respirar parecia demais naquele momento. Não era só a dor física, era a cicatriz invisível que sabia que ficaria para sempre.

A cicatriz que eu carregaria, tanto no corpo quanto na alma."

— Charlotte! Acorde! — Protestei e empurrei as mãos de quem segurava meus braços.

— Sai daqui! — gritei, desesperada, ao me sentar na cama.

A respiração irregular, o suor misturado às lágrimas, a visão do apartamento em Nova York dando lugar para o quarto da casa de campo.

— Calma. Você está segura. — Foquei o olhar no corpo grande e cauteloso sentado na beirada da cama. — Está tudo bem, Charlotte. Sou eu, o Ethan.

— Ethan... — Enruguei o cenho, atormentada pelas lembranças vivazes.

Fazia algum tempo que eu não sonhava com os episódios que haviam acontecido. Achei que tivesse conseguido trancar toda a dor e vergonha em um lugar distante na minha alma, no entanto, parecia que o passado sempre estava disposto a me ferrar.

Minha respiração ainda estava irregular, os batimentos fortes no peito, enquanto eu tentava me situar. O cômodo luxuoso da casa de campo lentamente tomava forma, substituindo as imagens de terror que tinham acabado de dominar meus sonhos. Mas a sensação de calor na nuca, a dor imaginária, ainda queimava.

Passei as mãos pelo rosto, tentando me recompor. Ethan estava ali, me olhando com uma mistura de preocupação e cautela. O ambiente estava mal iluminado, apenas o brilho suave de um abajur contornava suas feições, e pude ver a tensão em sua mandíbula. Ele não disse nada por um momento, contudo, seus olhos nunca deixaram os meus.

— Você está segura agora — ele repetiu, a voz baixa, calma, quase como se estivesse falando com uma criança assustada.

— Estou segura — murmurei para mim mesma, mas as palavras pareciam vazias. Minha mente ainda estava presa nas lembranças. O toque do ferro quente, o grito de dor que nem saiu da minha garganta naquela noite.

Eu ainda conseguia sentir os braços de Ethan segurando meus ombros firmemente, provavelmente me impedindo de me debater no meio do pesadelo. O suor escorria pela minha testa, e eu me sentia frágil, exposta demais.

— Charlotte, o que aconteceu? — A voz dele quebrou o silêncio. Havia uma pergunta ali, uma curiosidade que eu sabia que ele não deixaria passar. — Você estava gritando... Chorando. — Ele não insistiu, mas sua presença pressionava.

Eu afastei o olhar, focando na parede oposta. As lágrimas ainda escorriam, mas eu as limpei rapidamente com as costas da mão, como se pudesse apagar o que ele tinha visto. Não queria que ele soubesse. Não queria que ele tocasse nas feridas que eu havia enterrado tão profundamente.

— Nada — respondi bruscamente, tentando desviar a conversa, mas minha voz saiu falha.

— Charlotte... — Ethan se inclinou ligeiramente, e senti sua mão se aproximar do meu braço, como se quisesse me reconfortar, mas me afastei instintivamente, recuando para o outro lado da cama.

— Eu disse que não foi nada! — Rebati, com mais força do que pretendia, minha voz cortando a quietude da noite.

O quarto ficou em silêncio por um momento. O ar estava carregado de algo que não conseguia definir. Medo? Frustração? Raiva? Talvez fosse tudo ao mesmo tempo. Eu estava dividida entre a necessidade de gritar e a vontade de esconder tudo de novo, sufocar as memórias e fingir que nada tinha acontecido.

Ethan me observava, a paciência dele evidente, ainda assim, o peso do seu olhar era insuportável. Eu sabia que ele não deixaria o assunto morrer tão facilmente. E isso me irritava demais.

— Por que você tem que mexer no que não te diz respeito? — Soltei, quase em um sussurro, mas com a acidez suficiente para que ele entendesse o recado.

Não queria falar sobre isso. Não queria que ele soubesse.

— Porque você não está bem — disse simplesmente, a voz grave e firme, mas sem agressividade. Ele estava tentando ser gentil, mas gentileza era a última coisa que eu queria naquele momento.

— E daí? — Retranquei, o calor da raiva subindo pela minha garganta. — Não sou sua responsabilidade, Ethan.

Ele respirou fundo, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas, mas eu não queria ouvi-las. Eu já sabia o que ele ia dizer. Não era a primeira vez que alguém tentava me consertar.

— Não estou tentando ser responsável por você. Só estou aqui — falou calmamente, mas suas palavras carregavam mais do que isso. Elas tinham peso. O peso de alguém que não ia sair tão fácil. Mas isso só me irritava mais.

— Bem, talvez você devesse parar de estar aqui. — Fixei o olhar no dele, e por um momento eu vi algo ali. Algo que ele não estava acostumado a mostrar. Mas eu não tinha forças para desvendar o que era.

Eu sabia que estava sendo injusta. Ethan não tinha feito nada para merecer aquilo, mas a dor que eu sentia não tinha lugar para lógica. Eu só queria que ele parasse. Que ele não visse o quão destruída eu realmente estava por dentro.

Ele hesitou, porém se levantou lentamente da beirada da cama. O peso do silêncio voltou a preencher o quarto. E, por um momento, pensei que ele fosse sair, me deixar com meus demônios.

— Se você precisar de mim... — ele começou a dizer, mas eu o interrompi, cortando suas palavras.

— Eu não vou precisar — falei, com mais frieza do que pretendia. O silêncio que se seguiu foi insuportável. Eu sabia que o tinha afastado, mas, naquele momento, talvez fosse o melhor.

Ele assentiu com a cabeça, os olhos ainda presos em mim por mais um segundo, antes de sair do quarto. Quando a porta se fechou, senti um vazio esmagador tomar conta de mim, o eco de minhas próprias palavras me atormentando.

E eu sabia que, mesmo que não quisesse admitir, a cicatriz que ardia nas minhas lembranças não era a única que eu carregava.



Capítulo 30 | Ethan Lewis

Eu não conseguia tirar a cena da minha cabeça. Charlotte, suada e trêmula, se debatendo na cama enquanto gritava o nome de Archie. Aquela imagem me assombrava desde o momento em que deixei aquele quarto. Nunca a tinha visto daquele jeito — vulnerável, apavorada. Havia algo por trás daquele pesadelo, algo que ela não queria admitir, e eu estava determinado a descobrir o que era.

Eu passei as mãos pelo rosto, ainda tentando processar tudo o que aconteceu. A forma como ela se afastou de mim, recusando qualquer ajuda, qualquer conforto. Era como se estivesse se protegendo de algo muito mais profundo do que eu conseguia alcançar. E aquela cicatriz… Eu já tinha visto no chuveiro, mas não imaginei que houvesse uma história tão sombria por trás dela.

— Archie — murmurei o nome para mim mesmo, o som dele ecoando em minha mente.

Charlotte gritou esse nome várias vezes enquanto se debatia dormindo, como se estivesse lutando contra ele, tentando se libertar. Não era apenas um pesadelo comum. Era uma memória, algo que a havia marcado profundamente, tanto no corpo quanto na alma. E eu sabia que, por mais que ela tivesse se irritado comigo, não podia ignorar o que vi.

"Archie" não era um nome qualquer. Ele era a chave para entender o que a estava destruindo por dentro. E eu precisava saber mais sobre ele, sobre o que aconteceu.

Levantei-me da poltrona em que estava há algum tempo e peguei o celular.

Já tinha conversado com Adam, na casa de campo, sobre a cicatriz quando a vi pela primeira vez. Ele sempre foi o melhor em investigar assuntos delicados, e eu confiava plenamente em suas habilidades.

Disquei o número dele e, em questão de segundos, ouvi a voz grave e tranquila do meu amigo.

— Alguma novidade? — perguntei, ansioso.

— Nada além do fato de Charlotte ter deixado o lar temporário aos dezesseis anos e sua cuidadora nunca mais ouviu falar dela.

— Archie. — Eu disse, sem rodeios. — Ela mencionou esse nome várias vezes enquanto gritava e se debatia… Eu preciso que você descubra quem é esse desgraçado.

Eu não queria dividir a particularidade de Charlotte com um terceiro, ainda mais por sua falta de disposição em falar sobre o que a atormentava. Mas era preciso.

Adam ficou em silêncio por um momento, provavelmente processando a nova informação. Ele sabia que tinha muito mais no pedido de investigação que fiz, mas também entendia o peso de partilhar minhas preocupações.

— *Vou cuidar disso* — ele respondeu, a firmeza na voz deixando claro que faria de tudo para conseguir o que eu precisava.

— Agradeço. — Soltei o ar, um pouco mais aliviado, mas a sensação de desconforto ainda permanecia.

— Ainda estou verificando algumas informações. Mas, Ethan… Isso vai além de alguns dados e registros profissionais. Sabe disso.

— Eu sei. Aguardo notícias — interrompi, mais firme do que pretendia. — Eu preciso saber o que aconteceu com ela.

Eu sabia que estava sendo impulsivo, talvez até irracional, entretanto, não conseguia deixar passar. Havia algo em Charlotte que me prendia, algo que eu não conseguia definir. Talvez fosse a determinação que ela escondia por trás da fachada tímida, ou a força que eu percebia mesmo em seus momentos de maior vulnerabilidade.

Desliguei o telefone e olhei para o relógio. O silêncio do escritório da mansão parecia ensurdecedor naquela noite. Charlotte provavelmente estava acordada, isolada no quarto, forçando-se a engolir tudo que estava sentindo, e isso me incomodava mais do que eu admitiria. Eu não era do tipo que se envolvia nos problemas pessoais dos outros, mas, com ela, era diferente.

Dei o espaço que ela precisava pelo resto do feriado, me tranquei no escritório com Peter e neguei todas as atividades e interações que minha avó queria que fizéssemos.

Peter questionou meu mal humor diversas vezes, mas eu direcionei a conversa para os problemas da empresa, ignorando o desejo que ardia em minhas veias para arrancar da garota quem era o desgraçado que havia acabado com sua paz.

Eu precisava saber. Precisava entender.

E, mais do que isso, precisava protegê-la.

Uma fraca batida na porta me tirou dos pensamentos, girei no lugar, desviando o olhar do jardim iluminado, pela luz da lua, e fitei minha avó adentrar o ambiente parco.

— Sempre escondido nas sombras, querido?

Dei um meio sorriso para a brincadeira que sempre fazíamos sobre o fato de eu constantemente estar no escuro, desde adolescente.

— Por que perder o hábito de uma vida? — Voltei o questionamento ao me aproximar e beijá-la na bochecha.

— Senti sua falta no jantar. Aliás, tenho sentido sua falta desde o feriado. O que aconteceu?

— Muito trabalho, só isso.

— MacCallister me procurou, querido. Você o está perturbando demais sobre a venda da empresa.

— Ele é um velho resmungão, vó. Só isso. — Retornei para a mesa, queria encerrar o assunto antes que ela fizesse perguntas das quais não estava disposto a esclarecer.

Ainda pegaria aquela velha raposa e mostraria o quanto não foi leal da forma que nós fomos. Nem pela parceria de muitos anos, muito menos pela amizade que era cultivada pelas famílias havia gerações.

— Tem muito mais por baixo disso e sei bem que não vai falar até que possa trazer os fatos com provas.

O sague Lewis era mais perspicaz do que imaginava, e por alguns momentos, me esquecia que Madelyn tinha uma astúcia bem acima da média.

Vovó ocupou a cadeira em frente à mesa e permaneceu em silêncio por alguns momentos, o que só indicava que estava escolhendo as próximas palavras com cuidado. Eu sabia o que viria; ela não deixava assuntos pendentes por muito tempo. E eu estava certo.

— Querido, como está indo aquela nossa aposta? — perguntou, casualmente, mas o brilho nos olhos demonstrava o quão longe era inocente.

Suspirei internamente, sabendo que não haveria como escapar. Minha avó adorava manter aquele jogo vivo.

— Ainda não escolhi a assistente definitiva, se é isso que você está querendo saber — respondi, mantendo um tom neutro, ciente de que ela não se contentaria com a resposta superficial.

Claro que eu deixei de lado o fato de seduzir sua candidata para que ela desistisse da vaga em algum momento.

A senhora sorriu de lado, aquele sorriso provocador que me irritava e, ao mesmo tempo, me lembrava por que era a mulher mais formidável que eu conhecia.

— Ah, sim. Claro que não escolheu. Porque, se escolhesse, teria que admitir que perdeu, e então começaria a sair com as jovens encantadoras que eu sugiro — ela disse, cruzando as pernas elegantemente, enquanto me observava com um olhar afiado. — Mas eu estou vendo o quanto está se empenhando, Ethan.

Travei a mandíbula por um momento, no entanto, forcei um sorriso. Se havia algo que minha avó gostava mais do que dar conselhos não solicitados, era acertar em cheio nos meus nervos.

— Não é sobre perder ou ganhar, vó. Eu ainda estou avaliando ambas, como deveria — repliquei, tentando manter a compostura. — E, de qualquer forma, ainda não é hora de decidir nada.

Ela arqueou uma sobrancelha, incrédula.

— Ah, sim. Avaliando. Sei bem como é cuidadoso em suas avaliações... — O tom dela era sarcástico, mas cheio de provocação. — Especialmente quando uma delas tem tantas camadas sob a pele quanto você, não é?

— Vó, por favor. Não sei onde quer chegar com isso.

— Claro que não — respondeu ela, dando uma risadinha. — Você sempre acha que pode esconder essas coisas de mim, mas te conheço melhor do que ninguém. E vou dizer uma coisa, Ethan: é melhor que a viagem a Vermont te ajude a clarear as ideias.

— Viagem a Vermont? — questionei, franzindo o cenho.

— Sim, querido. Será a oportunidade perfeita para você testar suas duas assistentes. O evento vai reunir empresários e políticos de alto nível. Pessoas que podem ajudar a nossa empresa, especialmente com as novas aquisições em andamento. E você vai precisar de alguém ao seu lado para lidar com a pressão — Madelyn disse, com o tom sempre afável, mas cheio de determinação.

— Vó, você não está sugerindo... — Comecei, já sentindo o cansaço se instalar só de pensar naquilo.

— Oh, estou sugerindo sim, Ethan. — Ela me interrompeu, piscando de forma travessa. — Leve as duas. Veja como se saem em um ambiente

mais exigente. Quem sabe isso te ajude a decidir quem realmente deve ficar com a vaga. Ou talvez... a aceitar a derrota e me deixar escolher suas possíveis candidatas a casamento.

— E você deve ter uma lista compilada e no aguardo. — Retruquei, sarcástico.

— Ora, querido, sabe que sou excelente em escolher! E você concordou com essa aposta, lembre-se disso. — Ela me deu um sorriso vitorioso, como se já estivesse se preparando para me apresentar uma fila de pretendentes assim que eu perdesse.

— Só porque achei que seria uma boa forma de a senhora parar com suas tentativas de me casar. — Cruzei os braços, pressentindo o peso daquela decisão idiota.

— Isso só vai acontecer se você vencer. E, pelo que estou observando, está longe disso. — Brincou e se levantou da cadeira com a elegância que sempre exalava. — De qualquer forma, Vermont será um ótimo teste para as suas assistentes.

Eu a encarei, a irritação começando a borbulhar por dentro. Vovó sempre soube como cutucar o ponto certo.

— Você quer mesmo que eu leve as duas? — perguntei, mais para confirmar o que já sabia.

— Claro! — Sorriu, vitoriosa, enquanto caminhava em direção à porta. — Ah, e querido... Não se esqueça: se perder, já tenho alguns nomes interessantes para te apresentar. Jovens bonitas, inteligentes, ótimas companheiras. Você vai me agradecer por isso.

— Vamos ver — respondi com um suspiro.

Assim que ela saiu, o silêncio voltou a preencher o escritório, mas meus pensamentos estavam longe de se aquietar. Vermont. Charlotte. A aposta. O tal “Archie”. Tudo isso se misturava em uma confusão de sentimentos que eu não sabia como resolver.

Se fosse só uma questão de trabalho, a escolha seria simples. Porém, a realidade era que, com Charlotte, as coisas já tinham passado dessa linha. E isso me assustava mais do que qualquer decisão que eu tivesse que tomar.

Agora, além de lidar com empresários e políticos em Vermont, eu teria que conviver de perto com a garota que tem ocupado minha mente muito mais do que deveria.

Parece que o jogo havia virado e eu estava longe de alcançar um bom resultado.



Capítulo 31 | Charlotte Dawson

Jason estava parado próximo à área do elevador, os olhos atentos a qualquer movimentação, deixando Mary e eu um pouco nervosas.

— Por que ele não sai dali? — Mary questionou em um sussurro, a mão afastando os fones de ouvido por um momento.

— Não sei, mas já está me irritando — respondi, tentando manter o foco na agenda em minha frente.

— Acha que tem a ver com aquele envelope? — perguntou, os olhos rápidos analisando a tela.

— Bem possível. O senhor Lewis me chamou um dia depois do ocorrido, na mansão, com um desenhista que fez o retrato falado do sujeito. Juro que quase tive um colapso com tantas perguntas sobre a fisionomia do homem que mal olhei na cara.

— Credo. Deve ter sido horrível.

— Foi bem desconfortável. — Admiti, tentando afastar a lembrança daquilo.

Mary voltou a atenção para a videoconferência com a empresa alemã, falando fluente em um ritmo que eu nunca conseguiria acompanhar. Enquanto isso, eu revisava a agenda dos próximos quinze dias. Um alerta em vermelho chamou minha atenção: a viagem para Vermont, agendada para a equipe que acompanharia o senhor Lewis. Estranhamente, constava que iríamos todos — assistentes, Jason e mais dois seguranças.

— Mary? — Enruguei o cenho, inclinando-me para a tela. — Aqui está dizendo que todos nós vamos para Vermont. Mas até semana passada, só o senhor Lewis iria em voo comercial com Jason.

— Pois é. Vi hoje pela manhã que mudou — afirmou sem tirar os olhos da tela.

— Por quê?

— Não tenho ideia. Mas acho bom providenciarmos roupas térmicas pesadas. Tem previsão de nevasca.

Afundei ainda mais na cadeira. Estava evitando Ethan a todo custo e não pretendia partilhar nada além do estritamente necessário com ele.

"Poderia ter resolvido tudo não dormindo com ele", pensei, revirando os olhos.

— Fácil falar. Difícil é resistir — resmunguei baixinho para mim mesma.

— O que disse? — Mary indagou, tirando um lado do fone e me encarando com curiosidade.

— Nada. — Menti, virando rapidamente de volta para o computador, tentando conter meus pensamentos.

Comecei a ligar e fazer as reservas necessárias para a viagem, passando os dados dos passageiros e ajustando tudo com cuidado. Reservei o hotel, tendo a cautela de garantir que o quarto do CEO ficasse bem longe do meu. Enfim, enviei os e-mails com as informações, locais e horários de

partida. Tudo parecia estar sob controle.

— Charlotte, o senhor Lewis pediu sua presença na sala dele — a voz de Mary me trouxe de volta à realidade.

Eu endureci o tronco, sentindo um leve frio na espinha.

— O que ele quer?

— Não sei. Vai lá e descubra — respondeu com uma pontada de irritação.

— Mas ele está em uma videoconferência — argumentei, já me preparando para inventar uma desculpa.

— Todos sabemos disso, Charlotte. Mas o homem não chegou onde está por ser limitado e fazer uma coisa por vez — ela retrucou, rindo discretamente.

Suspirei e me levantei, ajeitando o blazer com um gesto rápido. Caminhei até a porta da sala e bati, de leve, antes de abrir uma fresta, enfiando a cabeça. Seus olhos se ergueram, e ele fez um gesto com os dedos, indicando que eu me aproximasse.

— Mandou me chamar? — perguntei, mantendo os dedos entrelaçados na frente do corpo, tentando soar casual.

— Sim. Verifiquei seu e-mail sobre Vermont. — Ele pausou por um momento, os olhos sérios, mas a voz tranquila. — Mude meu quarto para a suíte presidencial e coloque o seu e o de Mary no mesmo corredor do meu.

Eu quase engasguei.

— Mas... — Meus olhos se arregalaram. — Só tem quatro suítes naquele andar, senhor. Eu conferi. Todas são de luxo e alto padrão.

— Eu sei disso. Conheço o lugar — informou com tédio, sem sequer desviar o olhar.

— Não acha um gasto desnecessário dos recursos da empresa? — Disparei, sem nem pensar nas consequências. Logo me arrependi.

Meu chefe ergueu uma sobrancelha, o canto da boca esboçando aquele sorriso provocador que eu já conhecia tão bem. Algo me dizia que

estava se divertindo com o meu desconforto.

— Desnecessário? — Deu uma risadinha, quase inaudível. — Não sabia que você estava preocupada com o orçamento da empresa, Charlotte.

— Só estou fazendo meu trabalho, senhor Lewis. — Minha voz saiu mais firme do que eu esperava, tentando manter o profissionalismo, mas não consegui evitar o tom seco.

Levantou-se da cadeira e deu a volta na mesa, caminhando devagar até ficar mais perto de mim. Meu coração disparou com o movimento, e ele parou a uma distância que era, no mínimo, perturbadora.

— Suítes de luxo, quartos no mesmo corredor... — Ethan esboçou um meio sorriso. — Está insinuando que isso tem algo a ver com você?

Eu abri a boca, mas nada saiu. Ele estava me provocando, como sempre. Aquele brilho nos olhos e a leve inclinação de cabeça, eram marcas registradas de quando queria me deixar desconcertada.

— Talvez — consegui soltar, estreitando os olhos. — Não é comum o CEO se preocupar tanto com a localização dos quartos das assistentes.

Aproximou-se um pouco mais, e o ar ao nosso redor parecia eletrificado.

— Ah, Charlotte... — A voz dele era um sussurro baixo e suave, quase sedutora. — Se eu estivesse fazendo isso por você, não acha que reservaria algo... um pouco mais íntimo?

Eu senti meu rosto queimar. Ethan estava me encurralando, literalmente e figurativamente. Antes que pudesse responder, ele abriu um sorriso satisfeito e recuou um pouco, voltando para sua mesa como se nada tivesse acontecido.

— Então... está decidido. Suítes de luxo para todos — ele finalizou, como se o assunto estivesse encerrado. — E não se preocupe com os custos. Eu sei o que estou fazendo.

— Claro, senhor — murmurei, tentando recuperar o fôlego e a compostura. Dei um passo para trás, já preparada para sair da sala e fugir daquela atmosfera sufocante.

— E, Charlotte... — A voz dele me parou antes que eu pudesse abrir a porta. — Não esqueça de arrumar roupas adequadas para o frio de Vermont. Vai ser uma longa viagem.

Eu assenti, sem coragem de virar para ele novamente. Saí da sala com o coração acelerado, tentando entender como um simples pedido de reserva de quartos havia se tornado um jogo perigoso de provocações.

Enquanto fechava a porta atrás de mim, me peguei pensando em como aquela viagem para Vermont seria tudo, menos tranquila.

Passei no banheiro, joguei água na nuca e respirei profundamente. Não poderia permitir que Lewis mexesse tanto com meu sistema. Era um jogo, claro, e ele estava tentando demonstrar controle — como chefe, ele realmente estava. Mas isso não significava que eu tinha que ceder ao que ele queria.

Se Ethan pretendia gastar mais dinheiro do que o necessário com os funcionários, então Mary e eu definitivamente aproveitaríamos sua generosidade. Não havia razão para me abalar por isso.

Voltei ao meu lugar, ajustando as reservas como foi solicitado. Não demorou para que Mary me lançasse um sorriso cheio de empolgação.

— Eu vou amar Vermont! — disse, animada. — Mal posso esperar para ver as montanhas e, quem sabe, até tentar esquiar.

— Que bom para você — comentei, sem conseguir partilhar do entusiasmo dela.

Não poderia dizer o mesmo. Vermont me parecia mais uma armadilha do que uma oportunidade de diversão. Ethan tinha uma forma estranha de me desestabilizar, e o fato de estarmos todos em um ambiente tão íntimo, fora do escritório, não parecia promissor. Eu precisava manter o foco no trabalho, contudo, sabia que seria quase impossível ignorar sua presença, especialmente após o que havia acontecido entre nós.

Decidi não tirar o horário de almoço e saí mais cedo do habitual para cuidar das minhas necessidades práticas: comprar roupas adequadas para o frio de Vermont. Meu guarda-roupa estava longe de ser adequado para uma nevasca e, com a previsão de temperaturas baixíssimas, eu não podia me dar ao luxo de passar frio.

Passei por Jason no caminho de saída e acenei com a cabeça, me despedindo. Ele enrugou o cenho, confuso, mas não questionou. Não importava. Estava cansada de explicações. Saí para a tarde fria que envolvia Boston e apertei o casaco ao redor do corpo, enroscando o cachecol no pescoço enquanto o vento gelado soprava pelas ruas movimentadas.

— Se eu já sofro com o frio de Boston, nem quero imaginar como meu traseiro vai congelar em Vermont — reclamei para mim mesma, rindo sem humor.

— Uma droga de viagem! Não sei para que isso — continuei falando em voz alta, e algumas pessoas ao meu redor me olharam como se eu estivesse sofrendo algum tipo de crise nervosa.

— Uma assistente só seria mais que suficiente. Mas, por outro lado, e se ele me escolher? — insinuei, pensando nas implicações. — Isso seria ainda pior... só nós dois. Ele deveria ir sozinho, como estava programado. — Esbravejei.

Parei na beirada da calçada, esperando o sinal de pedestres abrir. Minha mente fervilhava com mil pensamentos sobre a viagem, o que eu teria que enfrentar, como lidar com Ethan, e como manter minha compostura. Nada seria fácil dali em diante.

Foi então que algo do outro lado da rua capturou minha atenção. Algo no homem de sobretudo bege e chapéu, parado próximo a um poste, fez meu estômago revirar. As pontas grisalhas de seu cabelo e a forma como seus dedos enrugados coçavam a sobrancelha me deram um déjà vu incômodo.

— Não pode ser... — aleguei, estreitando os olhos para focar melhor.

Meu coração disparou.

— É ele!

Era o homem que havia entregue aquele envelope perturbador a Ethan. O que se passou por um dos diretores, e eu, como uma completa boba, caí na conversa dele.

— Ei! — Apontei diretamente para ele, minha voz soando acusatória, o dedo erguido no ar como uma arma. — Espere aí!

O homem me encarou com os olhos arregalados, claramente

perturbado por ter sido reconhecido. Ele deu um passo para trás, a confusão estampada em seu rosto, e em seguida, sem pensar duas vezes, começou a se afastar rapidamente, movendo-se na direção oposta à minha.

— Volta aqui! — gritei, sentindo a adrenalina me impulsionar para frente.

Avancei para a rua movimentada, sem nem esperar que o sinal de pedestres mudasse. Os carros buzinavam, desviando de mim enquanto eu me lançava na perseguição do sujeito. Ele continuava a caminhar mais rápido, o sobretudo balançando com o vento, como se estivesse prestes a desaparecer na multidão.

Mas eu não iria deixá-lo escapar dessa vez.



Capítulo 32 | Ethan Lewis

Deixei minha sala um pouco mais cedo que o habitual, estranhei em encontrar apenas a Mary no seu lugar, dispensei seus serviços por hoje e fui até Jason que me aguardava na porta do elevador.

Desde que recebi aquele maldito envelope, a segurança havia sido redobrada. Infelizmente o retrato falado do sujeito não tinha dado em nada ainda, e ele simplesmente surgiu feito um fantasma no hall da presidência.

A equipe do prédio, nem mesmo a de Jason, conseguiram rastrear os passos do homem pelo trajeto até Charlotte. E sua esperteza o fez esconder o rosto da câmera de segurança.

— Avise a garota que estamos indo.

— Ela já foi, senhor. — Virei para Jason questionador.

— Como assim? Ela vai embora conosco.

— Sim. Mas ela se despediu há uns dez minutos.

— Por que não impediu que saísse?

— Não sabia que ela estava proibida de sair sem o senhor.

— Não está — respondi a contragosto. — Mas, se ela tomar chuva mais uma vez, terei que ouvir minha avó reclamar por uma vida pela minha falta de modos.

— Sei.

Entrei no elevador e soquei o botão do térreo. Disquei seu número, finalmente ela havia ativado a porcaria do telefone que minha avó a presenteou, mas tinha o péssimo hábito de nunca conferir as mensagens e ligações.

— De que adianta ter a porcaria de um telefone de última geração se ela não atende? — resmunguei o questionamento.

— Não sei, senhor.

— Rastreie o aparelho — ordenei e recebi um olhar surpreso de Jason. — Anda logo com isso. Tenho pressa.

Meu chefe de segurança tirou o aparelho do bolso e digitou algo na tela antes de virar para mim.

— Está a dois quarteirões daqui? — Enruguei o cenho.

— Sim, senhor. Não tem nada de relevante para que ela possa ter ido até lá.

— Vamos até ela.

Comecei uma caçada até o local que o localizador indicava, encontramos o aparelho jogado em um canto, na entrada de um beco. Senti meus nervos se inflamarem, a visão se tornando limitada, aquela velha sensação de perigo, companheira de tantos anos, retornando.

— Onde ela está? — Girei no lugar, preocupado.

— Vamos encontrá-la, senhor — Jason determinou ao fazer uma ligação. — Preciso de uma equipe aqui. Tragam drones.

O beco estava escuro, as sombras se alongando conforme a luz do dia se apagava. Cada passo meu ecoava nas paredes de tijolos desgastados, mas o som que mais me perturbava era o que estava dentro de mim. Meu coração batia rápido, cada retumbar trazendo uma enxurrada de memórias que eu não queria reviver. O cheiro familiar de sangue misturado ao ar frio parecia muito próximo... perto demais. Meu peito se apertou com o terror que conhecia tão bem.

Aquela sensação. Eu sabia o que significava. Já tinha sentido isso antes, inúmeras vezes, no deserto quente e infernal do Iraque. Aquele odor era inconfundível, metálico e denso. Minha visão começou a se estreitar, e as alucinações ameaçavam se aproximar. O beco, por um momento, deixou de ser um beco. Se transformou em uma rua desolada, cheia de destroços, onde o cheiro de morte era uma presença constante.

Minhas mãos automaticamente apertaram os punhos. Eu sabia que estava à beira de uma crise. Respirei fundo, tentando trazer a mente de volta ao presente.

"Charlotte. Foque nela."

O celular dela estava caído perto da entrada do beco. Isso significava que ela ainda poderia estar perto. E que precisava de mim. A ideia de Charlotte sozinha e vulnerável em algum lugar à frente me deu a força para continuar, mesmo com o som dos meus próprios passos parecendo cada vez mais distantes, como se fossem de outra pessoa.

Jason ainda falava com alguém ao telefone, coordenando a equipe, mas eu não podia esperar. Meu corpo agiu por instinto, como sempre fazia em momentos de combate. Eu me movi mais rápido, ignorando a escuridão crescente ao meu redor.

Então, eu a vi.

No canto do beco, perto de uma grande lixeira de metal, Charlotte estava ajoelhada, as mãos pressionadas contra o peito de um homem. Ele, inclinado contra a lixeira, o corpo meio sentado, como se sua vida tivesse se esvaído ali, naquele exato lugar. Meu estômago se revirou com o cheiro forte de sangue. Era muito. O suficiente para saber que ele não tinha chance de sobreviver. Charlotte chorava, seus soluços descontrolados ecoavam pelo lugar, e meu coração apertou ao ver o desespero estampado em seu rosto.

— Charlotte! — Eu corri até ela, cada passo fazendo meu peito doer mais com a visão.

A garota levantou o olhar, borrados de lágrimas, as mãos ainda cobertas de sangue no tempo em que pressionava a barriga do homem morto.

— Eu... eu o segui... — Ela começou, mas sua voz se quebrou entre os soluços. — Eu o reconheci... ele... era o homem do envelope. Ele disse que precisava me contar algo importante sobre você... sobre o senhor Lewis. Mas... — Charlotte respirou fundo, tentando controlar o choro, mas falhando miseravelmente. — Mas ele não teve tempo... o tiro... o acertou na hora. Eu nem vi de onde veio!

Olhando para o homem, não restava dúvida de que ele já estava morto. Seus olhos estavam opacos, sem vida, e o sangue ainda escorria lentamente pelo chão. O cheiro forte de ferrugem, combinado com o cenário, trouxe de volta as memórias que eu tentava esquecer. Mas o que importava agora, era Charlotte. Ela estava ali, vulnerável, e envolvida em algo que ia muito além do que eu imaginava.

— Charlotte, largue isso. — Minha voz saiu mais dura do que eu queria, mas era necessária. — Ele já está morto. Não adianta mais...

Ela balançou a cabeça, soluçando.

— Eu... eu tentei ajudar..., mas não consegui... não consegui, Ethan!

Abaixei-me ao lado dela, segurando seu braço com firmeza, mas sem machucar. Eu a fiz soltar o corpo inerte do homem e puxei suas mãos para longe, manchadas de sangue, antes que eu a perdesse de vez.

— Não foi culpa sua. Você não podia fazer nada — falei, minha voz ficando mais suave.

Mas a verdade era que aquele cheiro, o sangue, a violência... tudo isso me levava para um lugar perigoso. Eu estava à beira de uma nova crise. O mundo ao meu redor começou a se desfazer novamente, o beco se transformando na paisagem de guerra. Eu precisava focar. Nela.

— Charlotte — insisti, tentando trazer meu próprio foco de volta. — Olha pra mim.

Ela finalmente me olhou, os olhos perdidos, ainda em estado

alarmante.

— Nós precisamos sair daqui agora. Jason e a equipe de segurança já estão a caminho. — Minha voz tinha um tom de urgência. Eu sabia que ficar ali mais tempo só traria mais problemas, não apenas para ela, mas para todos nós.

Ela assentiu, ainda tremendo, e eu a ajudei a se levantar. Charlotte cambaleou um pouco, mas eu a segurei, mantendo-a próxima. Estava em choque, e eu também quase entrando em um estado que não poderia controlar.

— Ethan... eu não vi de onde veio o tiro... — ela sussurrou novamente, enquanto nos afastávamos da cena.

— Não importa mais. — Eu estava falando tanto para ela quanto para mim mesmo, tentando manter o controle. — Vamos sair daqui e resolver isso depois. Não pense mais nisso agora.

Mas eu sabia que não pensar seria inevitável. Alguém alvejou aquele homem, e isso claramente tinha a ver comigo, com a empresa, com o maldito envelope. E Charlotte estava no meio daquilo. Eu não sabia como ou o porquê, mas a presença dela ali, agora, significava que ela também poderia ser um alvo.

Jason apareceu logo depois, junto com a equipe de segurança, enquanto eu caminhava com Charlotte em direção à saída do beco. A noite já havia caído, e as sombras nos envolviam. Eu sabia que aquela situação estava longe de acabar, mas, por ora, a única coisa que importava era tirar Charlotte dali. E garantir que ela estivesse segura.

Apesar do meu coração batendo acelerado, eu me forcei a manter a calma. Ela precisava de mim no controle, mesmo quando o caos parecia estar prestes a nos engolir.

E eu faria qualquer coisa para mantê-la a salvo.

— Chame um carro. Vou levá-la para meu flat.

— Já está na saída do beco. Liguei para nosso contato na polícia. O investigador está a caminho.

— Obrigado por isso, Jason.

— É meu trabalho, senhor.

Retomei o controle por completo quando adentramos o carro e eu abracei o corpo trêmulo da garota, garantindo que nada e ninguém a machucaria.



Capítulo 33 | Charlotte Dawson

Era reconfortante a quentura do corpo enorme de Ethan contra o meu, que ainda tremia, dando sinais de que meus nervos estavam abalados.

“Eu vi um homem morrer.”

Aquela última centelha de vida passando por seu olhar, ele balbuciou o nome de Ethan diversas vezes, a respiração errática, mas sem de fato conseguir concluir uma frase que fosse.

Fechei os olhos e estremeci com a cena pertinente que me agoniava. Ethan apertou ainda mais meu corpo contra o seu, notei ele tirar algo do bolso, um lenço branco e passar nas minhas mãos.

O branco sendo tingido de vermelho com pequenos borrões, visto que a maioria já havia se tornado sangue seco sobre a minha pele.

O carro parou em frente a um prédio luxuoso, não muito longe da

empresa, enruguei o cenho, julgava que nosso destino seria a mansão.

— Estamos no meu flat. Achei melhor você se recompor antes de irmos para casa.

“Casa”

A palavra ecoou dentro de mim feito um grito de desesperança. Nunca havia sentido verdadeiramente o que aquela palavra significava. Eu reconhecia ambientes temporários, acolhida por um período. Tudo passageiro e com um final próximo.

Uma casa era tão determinante, enraizado e certeiro, que acabei me sentindo ainda mais sufocada.

— Sua casa. Não minha. — Soltei, cortante.

— Claro. Venha, vamos entrar. Você precisa de um banho e um chá.

Ethan não discutiu sobre meu comentário, ele havia respeitado o limite que eu colocava ali, assim como respeitou meu limite na noite do pesadelo. Entender a dor e o tempo de cada um, era algo que ele sabia e exercitava, consigo mesmo e com os outros.

Subimos diversos andares, sentia meu corpo inteiro protestar, dolorido e cansado, a cabeça pesava mais do que o habitual, me fazendo duvidar se conseguiria mantê-la sobre o pescoço.

— Cuidado. — Ethan abraçou meus ombros quando uma tontura me atingiu.

— Estou cansada.

— Sua adrenalina está baixando. É normal.

O flat de Ethan era exatamente o que eu esperava: um reflexo absoluto do homem que era. Assim que entrei, fui envolvida por uma atmosfera de sofisticação e minimalismo. As grandes janelas do chão ao teto deixavam a luz natural entrar da lua, iluminando todo o espaço. A vista da cidade era impressionante, com os prédios altos de Boston se estendendo até o horizonte, como uma pintura urbana em constante movimento.

O piso de mármore polido refletia a luz, criando um brilho suave que parecia seguir cada um dos meus passos. Os móveis, de linhas modernas e

elegantes, eram impecavelmente dispostos. O sofá de couro escuro no centro da sala, com almofadas perfeitamente colocadas, dava a impressão de que ninguém ousava tocá-lo.

As paredes eram adornadas com obras de arte discretas, porém, poderosas. Pinturas abstratas em tons neutros que, de alguma forma, capturavam a atenção sem roubar a cena. O ambiente era uma mistura de luxo e simplicidade calculada — nada estava ali por acaso.

O bar, próximo à cozinha aberta, era impecável, com garrafas de bebidas alinhadas como se fossem parte de uma exposição. A bancada de granito escuro contrastava com os eletrodomésticos de aço inox, e tudo exalava um ar de eficiência e poder.

Eu me senti pequena ali dentro, como se estivesse em um território que não me pertencia. Era um espaço feito para alguém como Ethan — controlado, refinado e absolutamente impenetrável.

— É só um lugar para eu usar vez ou outra.

— Essa frase diminui muito a imponência do ambiente.

— Achei que já estivesse acostumada. Afinal, vive na mansão da família.

— Eu nunca me acostumaria com tanto. — Abracei meu corpo sentindo um frio permear minha pele.

— Venha, vou te mostrar o quarto. Pode tomar um banho quente. Vou arrumar algo para vestir — informou, indicando um portal na lateral.

Ethan abriu a porta do quarto e entrou, seu passo firme e decidido, como sempre. Eu o segui, um tanto hesitante, tentando parecer indiferente, mas meus olhos curiosos não conseguiam evitar de explorar cada detalhe ao meu redor.

O quarto era tão luxuoso quanto o restante do flat, talvez até mais. A cama enorme, com uma colcha, aparentemente macia e elegante em tons de cinza e branco, dominava o centro do cômodo. As almofadas pareciam organizadas de forma meticulosa, sem uma única dobra fora do lugar. Havia uma poltrona de couro ao lado de uma janela ampla, oferecendo uma vista deslumbrante da cidade à noite. As luzes lá fora piscavam suavemente, mas

dentro, a iluminação era suave, acolhedora. Intimista, até.

— O banheiro fica ali — ele disse, apontando para uma porta de madeira à esquerda. Sua voz era casual, mas havia algo em sua postura que me deixava desconcertada.

Eu me aproximei enquanto ele abria a porta, revelando o que parecia mais um spa do que um simples banheiro. O piso de mármore claro, reluzente, refletia as luzes embutidas no teto, criando uma sensação de tranquilidade e luxo. A banheira era enorme, anexa em uma estrutura de mármore, com janelas grandes que davam uma vista privada e discreta para a cidade abaixo. As torneiras de metal cromado brilhavam, e os vidros da cabine de chuveiro ao lado eram tão transparentes que quase se confundiam com o restante do espaço.

— A banheira é grande o suficiente para você relaxar. — Ethan continuou, sem perceber ou talvez fingindo não notar meu olhar encantado enquanto eu absorvia cada detalhe. — O controle da temperatura está logo ali. — Ele apontou para um pequeno painel digital na parede, como se isso fosse completamente normal.

A minha atenção, no entanto, estava nos detalhes. As toalhasperfeitamente dobradas sobre um pequeno banco de madeira, as velas elegantes ao redor da banheira, e até mesmo, os pequenos frascos de produtos de banho que pareciam ter sido cuidadosamente escolhidos para compor a decoração.

— Uau... — O murmúrio escapou dos meus lábios antes que eu pudesse me controlar.

Ethan virou-se para mim, uma sobrancelha levemente arqueada, como se esperasse algo mais.

— Impressionante? — perguntou ele, com um leve sorriso de canto, sabendo muito bem a resposta.

— Um pouco... — Admiti, tentando manter minha compostura, no entanto, olhos ainda dançavam pelos detalhes. Era tudo tão impecável, tão Ethan.

Ele deu de ombros, como se aquilo não fosse nada demais, e voltou a atenção para a janela ao lado da banheira, puxando a cortina para mostrar a

vista.

— Você pode ajustar as persianas eletrônicas aqui, para mais privacidade — afirmou, mostrando-me outro controle, como se estivesse explicando o funcionamento de um carro de luxo.

Eu assenti, tentando absorver tudo, mas a verdade era que, o lugar me fazia sentir pequena, deslocada. Este não era um banheiro comum, e definitivamente não era um espaço feito para alguém como eu.

— Leve o tempo que precisar. Estarei na sala. Preciso verificar com Jason como ficaram as coisas.

O momento de terror retornou para me atormentar e Ethan praguejou ao perceber o medo estampado em minha face. Cruzou o ambiente e me puxou para seus braços, e ali chorei copiosamente.

— Eu estou aqui, Charlotte. Não se preocupe.

— Fica comigo... — Um sussurro, quase inaudível.

Ethan afastou meu corpo do seu, seus olhos procuravam a confirmação para meu pedido. Deixei que meu olhar mostrasse a necessidade que transbordava do meu íntimo.

— Você está frágil e... — Ele engoliu em seco quando eu afastei um passo e removi o cachecol e o casaco. — Charlotte. — Percebi o apelo no tom.

— O que foi, Ethan? Isso não é novidade para nenhum de nós dois — declarei no tempo em que removia minhas roupas.

— Você não está bem para isso.

— Bom, senhor Lewis. Essa constatação cabe somente a mim, não acha?

Removi a calça e fiquei somente de roupa íntima diante do meu chefe, que havia acabado de me salvar em um beco, no qual um homem havia sido morto e eu fui a última pessoa que falou com ele.

O que aquilo tudo me tornava eu não saberia dizer, mas era claro que eu queria esquecer, limpar toda aquela sensação do meu sistema e Ethan era o melhor remédio para meus males.

Ethan avançou um passo cortando nossa distância, seu dedo resvalou minha pele, próximo da alça do soutien, enroscando ali e descendo cauteloso, uma depois outra.

— Você quer isso, Charlotte?

— Sim. — A convicção em meu tom foi a permissão que aguardava para me tomar em seus braços, colocando-me sobre a bancada da pia.

Nossas bocas se encontraram e um choque de reconhecimento e prazer,a saudade invadiu meu palato junto de sua língua habilidosa, que circundou e reivindicou cada parte de mim para si.

— Ethan... — Soltei no fôlego de um beijo para outro.

— Eu vou dar o que você precisa, Charlotte. Tudo que você precisa.

Senti seus dedos afastarem minha calcinha de lado, prendi a respiração quando um dedo e depois outro adentrou meu canal, que estava úmido o suficiente para que o deslizar fosse pecaminoso e escorregadio.

— Tão pronta. — Ele rosnou ao se curvar e puxar a taça do soutien para baixo, revelando um bico entumecido e necessitado. — Eu adoro ver seu corpo responder ao meu toque.

Ele abocanhou meu seio e eu gritei.

Seria uma longa e intensa noite..



Capítulo 34 | Ethan Lewis

Era macio e delicioso. O bico enrijecido contra minha língua fazia meu pau salivar dentro da maldita calça.

Seu pedido foi uma urgência que tocou fundo em meu âmago e eu não resisti ao chamado. Libertei todas as amarras e permiti que a besta em mim tomasse à frente e nos consumisse na sua luxúria.

Cavei os dedos em seu interior escorregadio, bombeei com vontade ao encontrar um ponto específico ali dentro que a faria se derramar em meus braços.

— Oh... Ethan... — Ela agarrou meus ombros, cravando as unhas no tecido da camisa.

— Deixe vir, Charlotte.

Dei o comando ao intensificar os movimentos. Tornei a mordiscar seu

mamilo e brinquei com a boca. Senti seu corpo tencionar, as pernas tremularam e o canal começou a pulsar, enquanto um líquido vazava entre meus dedos.

Seu corpo sofria espasmos significativos e eu beijei seus lábios no mesmo tempo em que segurava sua boceta com a palma da mão, acalmando as sensações.

— Ah... o que foi isso? — ela questionou, os olhos perdidos no êxtase que seu corpo desfrutava.

— Você ejaculou. — Beijei o topo de sua cabeça e me afastei.

Fui até a banheira e a coloquei para encher. Acendi as velas posicionadas, liguei o sistema de som e logo uma música tranquila tocava. Encarei Charlotte ao começar a tirar minhas roupas, estava desesperado para entrarnela, sentir todo aquele prazer em torno do meu pau, mas precisava aproveitar o momento.

Era sobre ela, sempre.

Escrutinava meu corpoe prendia o lábio inferior entre os dentes. Era claro que o que via em mim a agradava, tão fácil de ler, receptiva e disposta, ela era uma verdadeira joia que havia encontrado, que fazia o monstro dentro de mim rugir para consumir.

Encarei a banheira e percebi que já tinha enchido o suficiente para nós dois. Despejei os produtos aromatizantes, fazendo a água levantar espuma, e estendi a mão na sua direção.

— Vem. — Acenei com os dedos.

Charlotte desceu da bancada sem dificuldade, mas precisou de um momento, testou o peso das pernas e garantiu que não fraquejaria no curto caminho. Quando sua mão tocou a minha eu a direcionei para a banheira, um pé depois o outro, ela parou os movimentos e se virou para mim, o olhar brilhando com curiosidade:

— Faz isso para todas que traz para seu abatedouro? — Tive vontade de rir.

— Não. Normalmente elas que fazem para mim.

Fui sincero e isso pareceu acalmar o humor provocativo da garota, que se afundou na água e deslizou para frente dando lugar para mim atrás do seu corpo.

Tomei o espaço e puxei seu tronco para encostar no meu, a pele quente em contato com a minha, fazia meu desejo aumentar. Meu pau pulsou contra suas costas e ela olhou sobre o ombro sorrindo.

— Acho que você está bem animado.

— Eu diria que estou determinado. — Deslizei as mãos sobre seus ombros, acariciei os seios e escorreguei até a barriga plana.

Afastou as pernas e se ajeitou para que seu tronco ficasse de lado e pudesse me olhar. Toquei sua intimidade, ela abriu a boca e eu a beijei.

Senti seus dedos pequenos tocarem meu pau, que se agitou sob a água com a carícia calma que ela passou a fazer. Era uma tortura agonizante, que eu me via na encruzilhada de renegar o toque ou implorar para que continuasse.

— Aperta mais... — Implorei.

Ela fez como pedi, joguei a cabeça para trás e exalei o ar com força. Absolutamente tudo que essa menina fazia, por menor que fosse, me deixava completamente entregue e sedento por mais.

Charlotte girou no lugar, as mãos seguraram meu pau e o apertou na medida, causando a pressão certa para pulsar contra seu toque. Encarei seu olhar, ela tinha determinação e divertimento ali. Gostava de me ver daquele jeito.

Entregue. Encurralado. A sua mercê.

— Soca — determinei ao trincar os dentes e sentindo os movimentos aumentarem.

Levei a mão para trás da cabeça e segurei a borda da banheira. Elevei os quadris, deixando a tarefa para fora da linha d’água.

Quando vi sua boca se aproximar da glande, travei e suspendi a respiração. Aquele calor diferente, sua língua circundando as terminações nervosas, colocando-me rapidamente à beira do precipício.

— Isso... Charlotte. Me chupa! — Rosnei quando ela engoliu minha extensão e apertou as bolas. — Cacete!

A sucção na medida, a massagem na área sensível, sua vontade ávida de me fazer sucumbir, me empurrou do penhasco que eu tentava me controlar e eu caí.

Gozei em jorradas fortes no fundo da sua garganta, ela engoliu tudo com vontade e eu perdi todo o controle que deveria manter. Juntei seus braços com rapidez e a puxei, um grito surpreso escapou dos seus lábios, mas não dei atenção.

Fiz com que se encaixasse no meu colo e segurei seus quadris, impulsionando os meus para cima ao posicionar meu pau em sua entrada.

— Ah! — gritamos juntos.

Ela entendeu minha urgência, suas mãos se apoiaram nos meus ombros e ambos passamos a nos mover com pressa. Eu a empalava com vontade, os peitos saltando diante de mim, fazendo com que minha boca chupasse o bico de forma desesperada.

Charlotte rebolava à medida que eu arremetia, nosso prazer crescendo, mútuo e desenfreado, cedemos à luxúria que nos tomava quando estávamos entregues à intimidade que nossos pedaços de alma partilhavam.

— Goza comigo, Charlotte.

Mais uma vez ela sucumbiu, gozamos juntos, nossos espasmos e pulsar eram uma dança partilhada somente a dois. Algo que nunca havia acontecido e arriscava dizer que era pouco conhecido pelas pessoas.

Tínhamos além de intimidade carnal. Nos reconhecíamos.

Ela desabou contra meu corpo, abracei e acariciei suas costas, senti seus músculos amolecerem e a respiração ficou leve. Fechei os olhos e me permiti, pela primeira vez na vida, desfrutar de outro tipo de intimidade.

Uma que mostrava muito mais do que prazer sexual, ia além. Era cumplicidade e conforto, algo que nunca pensei em partilhar com absolutamente ninguém.

Terminamos nosso banho horas depois, em um silêncio confortável,

eu a esfreguei, enxuguei e vesti, com uma camiseta minha que estava no armário. Fiz com que se deitasse, precisava se recuperar e dormir um pouco.

Beijei-a na testa quando cobri seu corpo e deixei o quarto a meia luz, avisando que providenciaria algo para comer.

Saquei o celular e disquei para Jason que atendeu no primeiro toque.

— Como estão as coisas?

— Encaminhadas, senhor. Mas eles querem falar com a garota. Ela é uma suspeita.

— Ela é um alvo, Jason. — Ergui a voz, o olhar automaticamente se voltando para a porta entreaberta do quarto, verificando se estava sozinho.

Houve uma pausa do outro lado da linha. Sabia que Jason entendia a gravidade da situação, mas a lei não fazia distinção entre vítima e suspeito até que tudo fosse esclarecido. Ainda assim, a ideia de Charlotte sendo arrastada para interrogatórios e envolvida em algo tão sombrio, deixava-me inquieto.

— Eles estão pressionando, senhor. O homem que foi morto era uma figura conhecida em certos círculos... Ele tinha segredos que poderiam comprometer pessoas de alto escalão — Jason falou com cautela.

— Que tipo de segredos? — perguntei, sem esconder a irritação.

— Não sabemos ainda. Mas ele tinha um histórico sujo, inclusive, fazia trabalhos de "intermediário" para gente poderosa. A conexão com o envelope e o fato de que ele foi alvejado depois de se aproximar de Charlotte, é algo que levanta muitas suspeitas.

Fechei os olhos por um instante, respirando fundo. Tudo parecia se encaixar de maneira perturbadora. O sujeito claramente queria contar algo, talvez um segredo que poderia me atingir ou comprometer a empresa. Mas, antes que tivesse a chance, foi silenciado.

Charlotte, por outro lado, estava no lugar errado, na hora errada. O que a tornava um alvo fácil, especialmente para aqueles que estavam por trás da morte do infeliz.

— Eu não quero que ela passe por isso — falei, minha voz mais baixa e controlada agora. — Ela já está abalada o suficiente.

— Eu sei, senhor, mas o fato de ela estar lá, de ela ter seguido o homem... Ela será chamada. Isso é inevitável.

Eu me aproximei da janela, encarando as luzes da cidade. Sabia que Jason tinha razão. Charlotte tinha se envolvido mais do que qualquer um de nós esperava, e agora a situação era muito mais perigosa do que parecia à primeira vista.

— Eu quero todas as informações sobre ele — ordenei, sentindo a frustração crescer. — Quero saber quem ele era, para quem trabalhava, o que pretendia me dizer. E o mais importante, quem foi que o matou.

— Vamos descobrir, senhor.

Desliguei o telefone, sentindo o peso da situação aumentar.

Eu sabia que não poderia impedir a polícia de fazer seu trabalho. Charlotte seria envolvida, gostando ou não. Mas eu faria o possível para mantê-la fora do fogo cruzado. Havia algo a mais nisso tudo. Algo que eu ainda não conseguia ver, entretanto, estava prestes a vir à tona.

Caminhei até a porta do quarto, no qual Charlotte dormia. Ela parecia tão frágil, tão vulnerável naquele momento, mas eu sabia que havia uma força dentro dela que nem mesmo ela reconhecia.

O homem morto... Ele claramente tinha uma ligação com meu passado, talvez com alguma coisa que eu tinha preferido esquecer. Contudo, agora, as cartas estavam na mesa, e eu não poderia ignorar o jogo. O que ele pretendia contar? Por que procurou Charlotte? Tinha a ver com ela ou comigo?

Minha mente fervilhava de perguntas. A única certeza que eu tinha era que aquilo estava longe de terminar.



Capítulo 35 | Charlotte Dawson

Senti um calor aconchegante ao meu lado direito e levantei a cabeça, emergindo de um sonho confuso com um homem vestido de preto, cuja face eu tentava decifrar sem sucesso. Olhei para a fonte de calor e vi o corpo grande e desnudo de Ethan ao meu lado. Ele dormia profundamente, o peito musculoso subindo e descendo de maneira regular, a expressão tranquila, como se nada pudesse perturbá-lo.

Sentei-me devagar, esfreguei os olhos tentando organizar os pensamentos. A noite anterior parecia um borrão em minha mente, mas as lembranças começaram a emergir aos poucos. O homem baleado no beco... Ethan me salvando... depois, o calor da banheira, nossos corpos juntos... tudo voltando em flashes, como uma sequência mal editada de um filme caótico.

"Ele me salvou."

A verdade era tão simples e crua, mas ainda assim, me atingiu com

força.

Se não fosse por Ethan, eu provavelmente estaria... Eu preferia não pensar nas outras possibilidades.

Levantei-me com cuidado, evitando fazer qualquer barulho que pudesse acordá-lo. Caminhei até a porta, o chão frio sob meus pés, e saí do quarto, observando o flat com mais atenção agora que estava mais desperta.

A luz da lua entrava pelas janelas enormes, banhando o ambiente em um brilho prateado, suficiente para que eu me movesse sem tropeçar. O lugar era imaculadamente organizado, como se ninguém realmente vivesse ali. Uma sensação de vazio tomou conta de mim, o mesmo tipo que parecia refletir a vida solitária de alguém que, apesar de rodeado de luxo, vivia isolado.

Atravessei a sala em direção à cozinha, uma bancada de mármore separava os espaços de forma elegante e prática. Sobre ela, alguns recipientes descartáveis chamaram minha atenção, as embalagens exibindo o nome de um restaurante italiano que eu já conhecia. Li o rótulo, e então, minha barriga roncou em resposta, atraindo minha fome crescente.

Contornei a bancada, aproximando-me dos recipientes com cuidado. A chaleira elétrica ao lado estava quente, e o aroma suave de ervas indicava que Ethan havia preparado algo para mim antes de adormecermos. Peguei uma caneca próxima e enchi com o líquido fumegante, inalei o cheiro relaxante antes de dar um gole. O calor se espalhou por mim, acalmando meus nervos agitados.

Olhei para a comida novamente e decidi me servir. Peguei um garfo e abri uma das embalagens, revelando uma porção generosa de fettuccine com molho branco. Sentei-me no banco alto ao lado da bancada, o silêncio ao meu redor me dando uma falsa sensação de normalidade. Comecei a comer devagar, apreciando o sabor, entretanto, minha mente estava longe.

Cada garfada parecia uma tentativa de preencher o vazio dentro de mim, o buraco deixado pela noite tumultuada. Eu tentei me concentrar apenas na comida, na sensação quente e reconfortante de estar alimentada, mas os pensamentos voltavam sempre ao mesmo ponto: o homem morto. Ele estava prestes a me contar algo importante, algo que envolvia Ethan... e agora, ele nunca mais teria a chance de falar.

Suspirei, empurrando o prato para o lado. Por mais que eu tentasse, sabia que não conseguiria afastar os fantasmas daquele lugar tão cedo. Uma sensação de culpa começou a se instalar, como se, de alguma forma, eu tivesse falhado em evitar o desastre. A memória de minhas mãos ensanguentadas, pressionadas contra o ferimento fatal, parecia estar gravada na minha pele.

— Você acordou. — A voz profunda de Ethan me pegou desprevenida.

Corri os olhos, assustada, para o corredor dos quartos e vi Ethan caminhar até mim. Ele usava apenas uma boxer preta, o que foi uma belíssima distração das lembranças perturbadoras que rondavam minha cabeça. Escrutinei toda sua extensão, deliberadamente, sentindo minha boca secar ao relembrar seu gosto e tudo o que fizemos.

— Parece que sim — finalmente respondi, quando ele estava próximo o suficiente e encarava meu prato deixado de lado sobre a bancada.

— Perdeu a fome?

— Sim.

— Deveria se alimentar.

Havia uma preocupação sutil na sua voz, um cuidado que eu não esperava de alguém como ele. Ethan podia ser implacável nos negócios e manter um ar distante, mas aqui, no silêncio do flat, ele parecia diferente. Aquele olhar, atento e protetor, me tocava de um jeito que eu não queria admitir.

— O que acontece agora, Ethan? — Os questionamentos retornaram para minha mente com força total.

Ele soltou um suspiro longo e cansado, como se estivesse se preparando para a resposta que sabia que eu não gostaria de ouvir.

— Por favor, me diga a verdade. Eu posso lidar com ela.

— Você será interrogada — ele disse, a voz firme, mas sem rodeios. Meu coração afundou um pouco mais. — Peter está vindo de Nevada e vai te acompanhar. Não precisa se preocupar com nada. Prestaremos todos os esclarecimentos e tudo será resolvido.

— Um homem morreu, Ethan. Ele queria dizer algo importante. Eu vi seus olhos se apagarem... — Baixei a cabeça, quando o choro travou na garganta. Eu sentia o peso daquilo, como se o fim daquela vida estivesse de alguma forma em minhas mãos, como se eu tivesse falhado em salvá-lo.

— Ei! Não quero que pense nisso.

Em dois segundos Ethan estava ao meu lado e puxava meu corpo em um abraço protetor e reconfortante. Afundei a cabeça em seu peito, aquele cheiro familiar e acalentador, fazendo-me sentir segura, mesmo que o mundo ao redor estivesse desmoronando.

— Tudo será esclarecido. Não precisa ter medo.

— Mas quem atirou naquele homem pode querer te prejudicar — minha voz saiu baixa, carregada de preocupação.

Ethan afastou nossos corpos ao segurar meus ombros, seus olhos brilharam com algo que não consegui identificar. Parecia estar confuso e surpreso ao mesmo tempo, como se eu tivesse tocado em uma ferida que ele mantinha oculta.

— Sou difícil de abater, garota. Sobrevivi a um campo de guerra. — Ele piscou para mim, fazendo graça.

Apesar da seriedade da situação, uma pequena risada escapou dos meus lábios. Havia algo tão consolador na forma como ele minimizava os perigos, como se pudesse carregar o peso de qualquer coisa sem se abalar.

— Um cara durão. — Provoquei, tentando esconder a preocupação que ainda me corroía por dentro.

— Bem durão — ele respondeu, a provocação clara em seu semblante, porém, havia alguma coisa mais profunda ali que eu ainda não conseguia desvendar.

A atmosfera entre nós mudou, o ar ficou mais denso, como se a energia ao nosso redor estivesse eletrificada. Meu corpo entrou em estado de alerta, antecipando as sensações que só Ethan podia me proporcionar. Cada célula minha parecia despertar sob seu olhar intenso.

Ele acariciou meu rosto, os dedos deslizando suavemente pela minha bochecha, provocando um formigamento leve e agradável. Puxei sua palma

para mais perto e a acomodei no contorno da minha face, fechei os olhos e beijei sua mão. Era um gesto tão simples, mas carregado de uma intimidade que eu nunca pensei em partilhar com alguém como ele.

— Precisamos voltar para a mansão. Se você não estiver no café da manhã com a minha avó, ela vai desconfiar.

O toque de Ethan se foi em seguida, e a dura realidade voltou à tona. Ele era meu chefe, neto da mulher que me acolhera... nada mais.

— Tem razão. — Levantei-me do banco, a camiseta larga que ele havia deixado para mim roçando em minhas coxas. — Preciso me vestir.

— Providenciei roupas para você. Estão no quarto. Pode usar o que precisar, eu me troco depois — afirmou, voltando a assumir o tom autoritário e resoluto que tanto o caracterizava.

Em menos de quinze minutos, estávamos no carro, com Jason ao volante nos conduzindo de volta para a mansão. O silêncio era incômodo, e eu não conseguia deixar de pensar nos momentos anteriores, quando Ethan era o amante envolvente, aquele que fazia tudo desaparecer com um simples toque. Agora, ele era novamente o chefe impenetrável, preocupado com as consequências, com a investigação, com o que estava por vir.

Ele não era meu. Eu não era dele.

Entramos pela cozinha, e Ethan disse que eu poderia subir. Ele cuidaria de Vicent e inventaria uma história para explicar nossa ausência prolongada. Nem sequer havia pensado em como minha madrinha reagiria a tudo o que tinha acontecido.

Fechei a porta do quarto atrás de mim e me joguei na cama, exausta. A respiração finalmente acalmou, e meus pensamentos lentamente se dissiparam. Adormeci pouco depois, deixando para trás, ainda que por um breve momento, a confusão que se tornara minha vida.

.



Capítulo 36 | Ethan Lewis

Eu girava a caneta entre os dedos enquanto aguardava o maldito relógio na parede, em frente à minha mesa, andar lento e torturante, tornando a ansiedade que me habitava algo palpável.

Havia conseguido convencer Vicent de que Charlotte havia me acompanhado em um coquetel que fui convidado de última hora, por isso havíamos chegado tão tarde.

Sabia que o mordomo estava especulando informações para minha avó, mas eu não deixaria nada preocupar Madelyn, principalmente algo desse porte envolvendo sua pupila.

“Droga! Ela correu risco por mim.”

A culpa ainda martelava meu peito, já que eu havia me aproximado de Charlotte com intenções bastante deturpadas, ganhar aquela aposta idiota contra minha avó, que nem fazia mais sentido.

Charlotte agia com o coração, havia se colocado em perigo e se tornado parte de algo que não era da sua competência. Tudo por mim.

“O acidente que matou seus pais não foi uma tragédia. Há mais verdades que você precisa descobrir."

As palavras contidas naquele envelope martelavam minha mente. Eram a única conexão com as desconfianças que sempre carreguei na mente, porém estavam surgindo outros indícios, mostrando que minha paranoia tinha um fundo de verdade.

Peter retornou de madrugada de Nevada e acompanhou Charlotte até a delegacia, em que o contato de Jason seria discreto e rápido com o depoimento. Tentei acompanhar a garota, mas meu advogado fez o favor de elencar diversos motivos para que aquilo fosse uma péssima ideia.

Continuei girando a caneta, olhando através do vidro, o chuvisco demonstrando a umidade do dia, tornando-o ainda mais enfadonho do que de costume.

— Senhor? — Girei na cadeira e me deparei com Mary, que me encarava de forma estranha.

— O que foi?

— Trouxe um café. Não almoçou. Quer que eu mande preparar algo leve?

— Não. Obrigado.

Acenei e me remexi na cadeira, pegando a xícara de café para bebericar um pequeno gole. Desviei o olhar para o relógio, nem um minuto completo havia se passado, mas eu já estava farto de esperar.

Peguei o celular e disquei o número de Peter que atendeu no segundo toque.

— Como está indo tudo?

— *Lento. Estamos aguardando na sala de interrogatório.*

— Por que raios aquele infeliz que é nosso contato ainda não dispensou a garota?

— *Ethan, um homem morreu. Não é tão simples.*

— Ela não tem nada a ver com aquilo.

— *Até que possamos provar, ela é a única coisa que liga um corpo no beco.*

Soltei meia dúzia de palavrões e desliguei, sem ao menos me despedir. Afrouxei a gravata, estava incomodado, queria ir até a delegacia, mas sabia que levantaria muita curiosidade.

A parte que me cabia deveria ser resolvida depois. No sigilo e com calma.

O celular tocou e eu atendi sem verificar o visor, deduzindo que fosse Peter.

— Sou eu, Adam.

— *Ah, oi. O que você quer?*

— Esperava que fosse outra pessoa?

— *Uma ligação importante de fora. Encontrei o tal Archie. Ele trabalhava em uma mecânica no Queens e alugava um pequeno apartamento em um dos prédios da mesma rua. Pelo que vi nas fotos, o lugar era precário.*

— E de onde ele conhece Charlotte?

— *Eles estavam no mesmo lar temporário. Eram próximos. Quando Archie completou a maioridade, precisou partir, e adivinha?*

— Ela o acompanhou, com apenas dezesseis anos. — Trinquei os dentes, irritado, o controle que normalmente exercia sobre minhas emoções começava a se desfazer.

— *Exato. Eles viviam juntos até ela partir há poucos meses.*

— E chegar até minha madrinha.

— *Sim. Não existe queixa oficial, mas alguns vizinhos e colegas de trabalho disseram que era raro vê-la na rua sozinha e que o ciúme de Archie era algo preocupante. Um dos vizinhos até comentou que ouviu várias discussões entre eles. Nada grave, mas Charlotte ficava cada vez mais*

reclusa, até que um dia ela simplesmente desapareceu.

— Posso imaginar. — A raiva que se acumulava dentro de mim crescia com cada palavra que Adam dizia. Sabia que havia algo sombrio no passado de Charlotte, mas ouvir os detalhes, sentir como aquele maldito Archie havia moldado sua vida, me consumia. — Obrigado, Adam. Fico te devendo essa.

— *Ethan, tem mais uma coisa, e você não vai gostar de saber.*

— O que foi? — A tensão se espalhou pelos meus ombros, cada músculo do corpo entrando em alerta.

— *Archie retornou para Boston no começo dessa semana.*

Porra!

Minha visão escureceu por um momento, o sangue pulsando em meus ouvidos. Senti a fúria crescendo, um impulso que me fez socar a mesa com toda a força, a madeira ressoando o impacto.

— Mande todas as informações que levantou, Adam, vou passar para Jason. — As palavras saíram entre dentes cerrados, a necessidade de agir, de proteger Charlotte, fervendo nas veias.

— *Tudo bem. Enviarei em breve.*

Encerrei a chamada e fiquei parado, com as mãos pressionadas contra a mesa, tentando controlar o turbilhão que se formava dentro de mim. A raiva queimava como uma chama viva, cada pedaço da informação me empurrando mais perto do limite.

O pensamento daquele infeliz, pressionando uma garota.

Ela só tinha dezesseis anos.

Respirei fundo, mas não adiantou. Não conseguia afastar as imagens que formavam na minha mente. A jovem Charlotte, sozinha, assustada, presa a um relacionamento que sugava toda sua energia, toda sua confiança.

“Como ela pôde ter se envolvido com um cara como ele?”

O pensamento passou por minha cabeça, rápido e cruel, no entanto, me peguei lutando contra ele. Charlotte era forte, mas Archie tinha feito o

possível para miná-la, para dobrar sua vontade e controle. E o que mais me enfurecia era não conseguir parar de imaginar o quanto ela sofreu nas mãos daquele desgraçado.

“A maldita cicatriz”

Levantei da mesa, empurrei a cadeira para longe e caminhei até a janela. O céu estava cinza, refletindo o caos que eu sentia por dentro. Respirei fundo, tentando me acalmar. Eu sabia que precisava manter a cabeça fria, ser racional. Mas a ideia daquele desgraçado em Boston me fazia querer arrancá-lo da cidade com minhas próprias mãos.

Charlotte não sabia que ele estava de volta. Não tinha ideia da ameaça que ele representava. E agora, mais do que nunca, eu precisava mantê-la segura. Eu tinha que estar um passo à frente.

— Porra! — Bradei novamente, dessa vez com menos força, mas, com uma determinação ainda mais profunda.

Fechei os olhos por um momento, tentando pensar com clareza. Ele havia tirado muito dela, roubado sua liberdade, seu senso de segurança. E agora ele estava de volta, querendo mais. Contudo, ele não teria outra chance.

Peguei o celular e liguei para Jason.

— Descobrimos quem é Archie. Ele está em Boston. Quero uma equipe de segurança triplicada na mansão. E ninguém, absolutamente ninguém, pode se aproximar de Charlotte sem passar por mim. — A ordem saiu com a frieza de quem não aceitava outra possibilidade.

— *Entendido, senhor Lewis.*

Desliguei, voltando a fitar a cidade através do vidro. O reflexo da minha raiva me encarava de volta. Não sabia ao certo o que Archie queria, mas qualquer que fosse o motivo, ele teria que passar por mim.

E, naquele momento, fiz a promessa de que, mesmo que tivesse que sujar minhas próprias mãos, Charlotte nunca mais seria vítima dele.

A necessidade tomou a voz da razão e quando dei por mim, já estava a caminho da delegacia, com Jason dirigindo. Enviei uma mensagem para Peter avisando que chegaria em breve, ele respondeu meia dúzia de palavrões, que eu pouco me importei.

Entrei na delegacia com passos firmes e rápidos, meu coração batendo acelerado no peito. O ambiente ao redor parecia abafado e estranho, , porém mal consegui prestar atenção nos detalhes, tinha urgência. Tudo o que eu queria, era encontrá-la.

— Posso te ajudar com algo?

— Charlotte Dawson. Ela está aqui prestando depoimento.

— Peço que aguarde enquanto mando verificar. — Ergui uma sobrancelha, pronto para argumentar, quando a figura arrogante do meu melhor amigo surgiu, junto da franzina garota ao seu lado.

— Como foi? — questionei assim que se aproximaram.

— O que o senhor faz aqui? — Charlotte tombou a cabeça de lado, curiosa.

— Estava aqui perto. — Desviei o olhar para Peter que tinha o julgamento estampado em sua face. — Então?

— Se lesse as minhas mensagens veria que deu tudo certo. Você vai precisar abrir a questão do envelope. Enfim, contar com a ajuda policial.

— Eles não resolvem merda nenhuma.

Escutei um pigarrear e olhei para o balcão, no qual a oficial uniformizada me encarava com descaso.

— Saiam daqui de uma vez. Se os tabloides te pegarem aqui será um prato cheio, Ethan. — Peter informou encarando o entorno, parecia que avaliava o ambiente e procurava por algum jornalista.

— O senhor Bailey tem razão. O senhor nem deveria estar por aqui. Sua agenda estava repleta de demandas internas, devido a viagem para Vermont.

Ela mencionou ao acaso, mas o estalar de língua do meu melhor amigo, somado a sua expressão de “eu te peguei”, quase me fez mostrar o dedo do meio para o infeliz.

Mas resolvi seguir seu conselho, segurei o braço da minha assistente e rapidamente deixamos a delegacia. Jason já estava com a porta do passageiro aberta, deixei Charlotte entrar e me acomodei em seguida.

— Para onde, senhor?

— De volta para a empresa.

Encarei Charlotte, ela observava através do vidro, perdida em pensamentos. Não resisti e deslizei meus dedos pelo estofado quente até encontrar sua mão pequena, acariciei, recebendo seu olhar confuso seguido de um sorriso terno.

Eu faria de tudo para mantê-la segura.



Capítulo 37 | Charlotte Dawson

Desci a escada esbaforida, minha bagagem quicava nos degraus tamanha a pressa em alcançar o hall, onde meu chefe, minha madrinha e Vicent me olhavam espantados.

— Cuidado, querida, pode cair de novo. — A senhora alertou, preocupada.

— Não vou carregar ninguém dessa vez. — Ethan torceu os lábios, desgostoso.

Tive o desprazer de ser despertada por ele, usando um terno impecável, cheirando a colônia de luxo e com os cabelos alinhados, declarando que perderíamos o voo fretado por minha culpa. Saltei da cama feito uma maluca e corri para o banheiro. Levei exatos dez minutos para colocar a roupa que havia deixado separada de madrugada, depois de perder o sono por completo e ficado zanzando pelo quarto, navegando no celular ou

simplesmente, repassando o interrogatório na mente.

Por sorte, Vicent havia me avisado durante o jantar que minha bagagem para Vermont estava pronta e equipada com roupas adequadas para o frio que fazia no lugar. Com tudo que aconteceu, eu havia me esquecido, completamente, de providenciar o que iria precisar para a viagem.

— Ah, Ethan, não seja grosseiro. — A madrinha deu um passo adiante. — Vicent preparou algo para você comer no caminho.

Abracei-a e agradeci por tudo que estava fazendo por mim. Senti meus olhos marejarem, sem um motivo evidente, algo dentro de mim dizia que logo isso acabaria.

Peguei o pacote das mãos de Vicent e dei um beijo em sua bochecha, que o fez balançar a cabeça em negativa, e eu sorri, travessa, ciente de que ele desaprovaria a atitude.

— Vamos logo — Ethan determinou e saiu pela porta, apressado.

Ergui a palma para cumprimentar Jason da mesma forma que tentava fazer toda vez, e de novo, ele segurou minha mão e usou a sua de apoio para eu subir naquela nave espacial chamada carro.

Ethan conferiu as horas, deixando claro sua impaciência. Peguei os meus fones de ouvido da bolsa e selecionei uma playlist para ouvir a caminho do aeroporto.

Não havíamos nos falado mais depois que ele me buscou pessoalmente na delegacia. Ainda não compreendia muito bem os motivos de ele tomar tal atitude, mas não houve brecha para questionar. Ele se enfiou em sua sala e Mary e eu tivemos muito trabalho para deixar absolutamente tudo alinhado com a viagem.

Na hora de ir embora, ele avisou que Jason me levaria e Adam apareceu para buscá-lo. Fiquei bastante curiosa para saber aonde iriam, mas essa era a porcaria de não ser nada além de uma transa ocasional.

Fechei os olhos e deixei que a música tirasse um pouco do peso que permeava meu peito. Minha vida era confusa antes, no entanto, agora, parecia que eu estava me jogando em um abismo de caos e péssimas escolhas.

Ethan era meu chefe, neto da mulher que me acolheu. Se ela, sequer,

desconfiasse que eu estava aquecendo os lençóis do seu neto, nem consigo imaginar o que faria comigo.

“Você é uma aposta para que ele encontre a pretendente adequada, garota. Se toca.”

Havia também o fato de ser suspeita de um homicídio. O investigador não pareceu muito feliz com meu depoimento, apesar do senhor Bailey agir como um advogado exemplar e com seriedade, deixando claro que eu era uma cidadã de bem e só tentei prestar socorro para o homem.

Acho que cochilei em algum momento, fui despertada por Jason que estava com a porta aberta e tocava meu ombro com delicadeza.

— Chegamos, senhorita. — Ele avisou quando retirei o fone da orelha.

Olhei para o lado oposto, Ethan já havia desembarcado. Respirei fundo e caminhei para a escada da pequena aeronave. Uma comissária, linda e sorridente me cumprimentou. Subi as escadas devagar e, assim que entrei, fui imediatamente envolvida por um ambiente de luxo e sofisticação.

O interior era incrivelmente elegante, com assentos amplos e revestidos em couro creme, dispostos de forma espaçosa e intimista. Nada lembrava os aviões comerciais comuns que eu havia visto em fotos na internet. Cada poltrona parecia um trono, com acabamentos em madeira polida e detalhes metálicos reluzentes.

As janelas eram grandes, permitindo que a luz do sol filtrasse suavemente, destacando o brilho impecável das superfícies. O tapete macio sob meus pés abafava qualquer som dos passos, sem contar a sensação de conforto absoluto.

Um bar discreto estava montado no fundo, com garrafas de bebidas finas alinhadas, refletindo a luz dourada. Mesinhas de vidro estavam entre os assentos, e almofadas delicadas ofereciam ainda mais aconchego. À minha direita, uma tela de última geração estava embutida na parede, certamente pronta para entreter qualquer passageiro que quisesse relaxar.

Avistei uma Mary muito animada na segunda poltrona e tratei de ir até ela. Nos cumprimentamos com um abraço apertado.

— Eu estou tão empolgada! — ela sussurrou.

— Para congelar o traseiro nas montanhas?

— Um quarto luxuoso só para mim, com vista para as montanhas. Será que poderemos esquiar?

— Não estamos de férias, Mary — informei o óbvio.

— Mas se conseguirmos uma folguinha, seria bem legal aproveitar. Quando teremos outra chance como esta?

Sua pergunta calou fundo na minha alma. Eu estava vivendo outra fase, descobrindo possibilidades, aproveitando oportunidades, mas era tudo tão superficial. Não existia pertencimento e, em algum momento, tudo acabaria.

“Talvez, comigo na cadeia.”

— Charlotte, está tudo bem? — Despertei dos pensamentos intrusos ao encarar Mary.

— Sim. Claro.

— Bom dia, senhoritas! — Peter entrou muito animado no avião. — Vamos congelar nossos traseiros em grande estilo em Vermont.

Mary e eu trocamos um olhar cúmplice, e eu ergui as sobrancelhas confirmando minha fala sobre o frio do lugar.

— Peter, venha até aqui.

Senti um arrepio na minha nuca e curvei o corpo para o lado, vislumbrando o perfil do meu chefe na última poltrona no fundo.

A comissária entrou e fechou a porta. Jason havia se acomodado no assento do outro lado, acompanhado de mais três homens sérios. Estranhei a segurança reforçada, o que me fez pensar nas possibilidades para as medidas tomadas.

“Ethan corre perigo?”

Pensei em perguntar algo para Jason, mas Mary não poderia ouvir, nem saber de nada. Guardei a curiosidade para mais tarde. Depois que chegássemos ao hotel, daria um jeito de questiona-lo ou, quem sabe, o

próprio chefe.

Cerca de uma hora depois chegamos ao nosso destino. Três carros nos aguardavam na pista de pouso, sendo um para o CEO e seu advogado, outro para Mary e eu, e o último com os seguranças.

Nossa entrada no hotel foi um evento à parte. Uma equipe de segurança cercava Ethan e Peter, enquanto Mary e eu seguíamos logo atrás, lutando para acompanhar os passos determinados dos homens à nossa frente.

Mary e eu fomos ao balcão e fizemos o check-in de todos. Entregamos os cartões dos quartos para cada um e caminhamos até os elevadores. As bagagens chegariam no quarto em breve.

— Podem ir de elevador, senhor. Charlotte e eu subiremos de escada. Seu primeiro compromisso é somente no almoço — Mary informou, solícita.

— Ok. — Ethan entrou no elevador acompanhado de Peter, Jason e mais um segurança. — Subam com elas — ele ordenou ao grupo de homens que ficava para trás.

Encarei os brutamontes enormes, todos com terno preto e feição de poucos amigos. Mary deu de ombros e me puxou em direção à escada principal, que era maravilhosa, digna de um filme de Hollywood. Larga e espaçada, ela tinha um formato oval aberto, o corrimão de madeira e metal dourado ornamentado, reluzia contra a luz que irradiava das grandes janelas do outro lado.

O tapete rubro, com pequenos detalhes decorados, aconchegava nossos solados com sua maciez. Tudo muito sofisticado e tão impressionante quanto tudo que vinha conhecendo desde que entrei na mansão Lewis.

— Três lances de escada? Tá me sacaneando, Mary? — Reclamei quando contornamos o primeiro andar.

— Olha a beleza desse lugar. Precisamos conhecer tudo, Charlotte. Não seja chata.

Arrastei minha bunda degraus acima, resmungando em alguns momentos e tolerando a alegria desmedida de Mary.

Os seguranças nos acompanharam a uma distância respeitosa, atentos ao redor. Deduzi que era algo incutido em suas funções, já que Mary e eu não

tínhamos qualquer necessidade de proteção.

Passei o cartão na porta, finalmente. Estava quase pedindo uma pausa, cansada de tanto andar e ciente de que deveria mesmo procurar alguma atividade física para fazer.

— Meu Deus! — Olhei sobre o ombro e vi Mary saltar no lugar, empolgada com a mesma visão que eu. — Isso é o paraíso.

Acho que nunca tinha visto Mary tão animada. Sua empolgação era contagiante, e eu resolvi desfrutar das poucas horas livres até o primeiro compromisso do chefe.

Entrei e fechei a porta, jogando-me sobre a cama king size. Eu poderia fazer uma festa em cima desse colchão.



Capítulo 38 | Ethan Lewis

Repassei com Peter o que faríamos no primeiro encontro do dia, aquela empresa alemã estava sendo difícil, mas eu contava com a perspicácia do meu amigo para dobrar os empresários.

Estava maluco para ficar sozinho e ir atrás da minha pequena obsessão: Charlotte Dawson.

Eu estava ansioso para beijar sua boca desde que a vi dormindo calmamente de manhã em seu quarto. O celular jogado na cama, um livro aberto no canto, ela não tinha dormido, o que me fez sentir um crápula, por não a ter acalmado.

Dispensei Peter assim que possível e saí do quarto, sorrateiro, fui até sua porta, ao lado da minha, bati e aguardei. Tempo demais se passou, tornei a bater, encarei um lado e o outro do corredor, confirmando que não havia testemunha alguma em volta.

Uma eternidade se passou até que ela abriu uma fresta e eu tratei de empurrar a madeira, abrindo um espaço significativo para que eu entrasse. Encarei seu rosto assustado, os olhos levemente inchados, ela havia dormido de novo.

— Você passou a noite em claro? — questionei, incomodado.

— Quase. Fui dormir quando o dia raiava — respondeu levando as mãos para trás.

— Nada vai acontecer com você. Não precisa se preocupar. — Tentei tranquilizar seu medo.

— E com você? — Enruguei o cenho. — Percebi que aumentou a segurança.

Troquei o peso das pernas, incomodado. Eu havia feito isso por ela, temendo que se tornasse um alvo de quem matou o delator. E, claro, depois de descobrir que seu ex abusivo estava de volta a Boston.

— Coisa de Jason. Ele é exagerado. — Dei de ombros e avancei um passo.

— Sei. E o que o senhor faz aqui? Ainda tem algum tempo até precisar sair.

— Exatamente. — Procedi outros passos fechando nossa distância. — E eu quero aproveitar ele com você.

Percebi o movimento da sua garganta, os olhos foram inundados por uma cor mais intensa, até sua postura mudou, deixando de lado a assistente servil e assumindo aquele ar provocador que tanto me encantava.

— Sou sua distração, senhor Lewis?

— Assim como eu sou a sua. — Rebati e ela sorriu.

— Acho que estou mesmo precisando me distrair. — Estalou a língua, fingindo descaso e eu prossegui.

Feito um animal liberto, puxei seu corpo enquanto minha boca se chocava contra sua, invadindo seu interior, sugando cada gemido e tentativa de falar. Desci as mãos até seu traseiro e alcei seu corpo, sem interromper o que fazíamos, caminhei até a cama e a joguei lá.

— Ah! — ela gritou e riu.

—Tire a roupa, Charlotte — determinei, mais sério do que pretendia.

Não conseguia manter a delicadeza, a capacidade que essa garota tinha de me tirar de órbita era fora do normal. Acho que nunca havia vivenciado isso com ninguém.

Por sorte, ou inteligência, ela obedeceu ao comando e removeu o casaco e a blusa, puxei sua perna no momento que desfez o botão da calça, prendeu os lábios entre os dentes quando tomei a tarefa de remover a peça, assim como os sapatos.

A garota usava uma lingerie cor de rosa, delicada e linda, destoava por completo da devassidão que refletia em nossos olhares.

Desde que soube do seu passado e que o infeliz havia retornado para, provavelmente, atormentá-la, um sentimento de posse e necessidade havia tomado conta do meu âmago.

Ia além de proteção. Sentia que Charlotte e eu partilhávamos algo imutável, insubstituível e permanente. Nos pertencíamos de certa forma e, eu não sabia como, mas a faria enxergar o que tínhamos com a mesma clareza que eu.

— Vire de costas e fique de joelhos na borda. — Ela obedeceu, mais uma vez, sem questionar.

Removi a camisa e abri o cinto e o botão da calça, tirando meu pau desperto e duro para fora, a glande brilhava com o prazer que me causava somente de vê-la assim, entregue a minha vontade.

Soltei o fecho do soutien e ela o removeu, beijei seu ombro dando uma leve mordida o que a fez arquear a bunda de encontro ao meu pau desesperado. Uma fisgada nas bolas me atingiu e eu empurrei seu tronco, até que sua cabeça estivesse deitada no colchão.

O traseiro gloriosamente empinado, curvei e cheirei sua intimidade, minha boca salivou e eu tratei de afastar a renda da calcinha e lambi. Literalmente tomei da fonte que se inundava de prazer, certo de que a faria gritar em breve.

— Eu sou viciado no seu gosto.

Afundei a língua no seu canal, usei o dedo para estimular seu prazer e senti seu corpo estremecer ao tempo que gemia. Só parei a tarefa quando percebi que estava chegando perto do ápice, seu gozo aconteceria junto do meu, como deveria ser.

Segurei seu quadril e me posicionei na entrada escorregadia do seu canal. Deslizei para dentro devagar, sentindo-a se alargar e me receber com muita disposição.

— Ah... Deus...

Acertei um tapa estalado em um lado do traseiro e tratei de me mover. A fera que habitava o fundo da minha alma despertou, sedenta de mais, queria consumir Charlotte, fundir nossos corpos, esvaziar a mente e deixar somente o que importava entre nós.

A entrega.

Bombeei cada vez mais rápido, ditado por seus gritos, arremeti sem dó, enfiei a mão entre suas coxas e estimulei o clitóris até que ambos sucumbimos, sustentei seu corpo quando os espasmos tomaram conta de nós e precisei me esforçar para não desabar em cima dela.

Deitei nossos corpos devagar, ela ainda pulsava junto do meu pau, que estava parcialmente satisfeito com sua libertação. Ele sempre queria mais dela, assim como eu.

— Maravilhosa. Como sempre. — Beijei seu ombro e a bochecha.

Retirei alguns fios de cabelo que haviam se espalhado no rosto e a vi de olhos fechados, a boca aberta fadigada e um leve rubor na pele.

— Vai ser sempre assim? — Sua pergunta me fez travar no lugar.

“Do que ela estava falando? De nós ou do sexo?”

— Espero que a prática nos leve a perfeição. — Tentei brincar com o momento, mas ela tencionou o corpo e se remexeu.

Saí de dentro dela, menos satisfeito do que gostaria, ela levantou rapidamente vestiu a blusa e caminhou para o banheiro, sem olhar para mim.

— Bata a porta quando sair.

“Merda!”

Eu sabia que era a resposta errada, mas não estávamos em condições de discutir um futuro, principalmente com tudo que estava acontecendo. Charlotte não entendia os perigos que poderiam acontecer se eu a assumisse.

Eu nem sabia se era isso que ela queria.

Voltei para o meu quarto e tomei um banho, precisava tirar seu cheiro de mim, precisava retomar a razão e pensar com clareza. Eu estava me permitindo afundar em um caminho perigoso, para mim e para ela.

Fiquei pronto no horário certo, optei por usar um suéter de cashmere cinza escuro, ajustado ao corpo, era confortável e me mantinha elegante para uma conversa de negócios.

Mary usava um terno preto discreto, já Charlotte estava deslumbrante em um vestido de lã na cor vinho, que contrastava perfeitamente com sua pele clara e me fazia querer andar de mãos dadas com ela por todos os corredores.

— É, meu amigo, você está muito ferrado. — Senti o tapa de Peter bater no meu ombro.

— Não sei do que está falando.

— Claro que não sabe.

Ele adiantou os passos e caminhou ao lado das assistentes que caminhavam logo a nossa frente.

Encontrei com a equipe alemã no hall do hotel, fomos para a sala reservada para o almoço, Mary tomou à frente e liderou os trâmites, já que ela sabia falar a língua, era mais fácil.

Charlotte fez questão de se manter distante física e emocionalmente, não me direcionou o olhar nenhuma vez e só respondeu e interagiu com Peter.

Aquilo estava me incomodando mais do que deveria.

Em algum momento do almoço, Charlotte pediu licença e se retirou, sinalizei para Jason, no canto da sala, e ele acenou de volta compreendendo que não deveria deixar a garota sem um segurança.

Remexi o corpo na cadeira algumas vezes, fiquei disperso e precisei pedir que Mary repetisse pela segunda vez uma das informações que estava no e-mail que ela lia para todos.

Meu celular apitou com uma mensagem e eu ergui os olhos mirando Peter, que falava com o advogado deles.

Peter: Vá logo atrás da garota. Eu posso lidar com esses caras.

Ergui o olhar de novo e uma piscada discreta do meu amigo foi o suficiente para eu pedir licença e abandonar o encontro, sob o semblante espantado e confuso da maioria, só consegui ouvir a risada discreta de Peter ao informá-los que eu precisava lidar com uma emergência.

Observei em volta assim que cheguei no hall, diversas pessoas iam e vinham, estava começando a alta temporada. Logo aquele lugar pareceria um formigueiro.

— Ela foi para fora, senhor. — Encarei Jason e acenei tomando o mesmo rumo de Charlotte.

Localizei o segurança, que mantinha uma distância considerável de Charlotte, que admirava o jardim de entrada do hotel, por onde as pessoas transitavam.

— O que pensa que está fazendo? — Soltei e quando ela se virou para mim, assustada, seu rosto estava banhado em lágrimas. — Não...

Cortei nossa distância e embalei seu corpo miúdo, ciente de que, por algum motivo, eu era o culpado de todo o seu sofrimento.

— Eu acho... que eu te amo...

Sua voz era um sussurro, quase inaudível, mas dentro de mim ele causou um alvoroço muito maior que o caos da zona de guerra.



Capítulo 39 | Charlotte Dawson

Aquelas três palavras ecoavam dentro do meu peito, as sensações tão diferentes de quando as usei pela primeira vez, ao me declarar por inconsequência a Archie.

Quando mencionei para meu ex-namorado que o amava, foi por me sentir deslocada com sua costumeira mania de falar sobre sentimentos e constantemente me cobrar um posicionamento sobre reciprocidade.

Finalmente as palavras saíram da minha boca, pouco antes das agressões começarem a acontecer. Às vezes, eu achava que o fato de eu ter dito que o amava, que havia despertado o lado sombrio dele, acreditando que me tinha nas mãos para fazer o que quisesse.

— Charlotte, eu...

— Não diga nada. Por favor. — Recuei o tronco e limpei o rosto. Eu estava uma completa bagunça emocional. — Eu só precisava ser honesta com

você, com tudo que está acontecendo entre nós. Mas sei do meu lugar e o que pode me oferecer, senhor Lewis. — Fiquei orgulhosa de mim por conseguir manter o tom firme.

Afastei um passo e coloquei certa distância entre nós. Estávamos expostos e qualquer um poderia pensar algo errado sobre ele e eu.

— Tem muita coisa acontecendo, Charlotte. O caso do informante, problemas com a empresa e...

— Eu entendo. — Acenei com a cabeça e forcei um sorriso. — Já estou bem melhor. Obrigada por se preocupar. Acho melhor entrarmos, irei até meu quarto me recompor e me juntarei a vocês assim que possível.

Girei e tomei o caminho para a entrada do hotel, que parecia mais movimentado do que quando chegamos. Pessoas elegantes exalavam poder e dinheiro, não me direcionavam um segundo olhar, cientes de que eu não era nada além da assistente de algum ricaço.

Alcancei o marco de entrada e senti uma mão grande e forte se entrelaçar na minha. Estaquei os passos para ver o homem que havia conquistado meu coração, de forma irrevogável, piscar um olho cúmplice para mim e nos conduzir para dentro do hall.

Tentei puxar a mão, quando me dei conta do que estava fazendo, mas ele franziu o cenho, incomodado com a minha tentativa de afastar. Cumprimentou algumas pessoas no trajeto até o elevador, enquanto eu afundava minha cabeça na gola alta do vestido, tentando a todo custo esconder meu rosto.

Olhei sobre o ombro no tempo em que aguardávamos o embarque para o quarto, alguns olhares curiosos se voltavam para nós, teciam comentários e retornavam para suas bolhas particulares.

— Você quis causar uma baita impressão.

— São só pessoas, Charlotte. Elas não deveriam te assustar.

— Eu sou sua assistente.

— E daí? — Ele me olhou, divertido.

— Ethan! — Chamei sua atenção para o óbvio.

— O que acontece na minha cama cabe somente a mim, senhorita Dawson.

Pensei em brincar sobre sua declaração, mas do jeito que ele estava determinado em passar dos limites, era bem capaz de protagonizar uma cena ainda mais constrangedora próximo de todos.

As portas do elevador se abriram e ele me direcionou para o interior, ergueu o dorso da mão que ainda segurava e a beijou com cuidado. Seu olhar, intenso e pecaminoso, me fitava com tanta determinação, que senti o ar ficar rarefeito em torno de nós.

— Descanse. Mary da conta do serviço.

— Isso me coloca em desvantagem na competição. — Ergui as sobrancelhas, provocadora.

— Quem sabe você possa recompensar seu chefe de outra maneira.

— Ethan! — Alarmei os olhos.

Encostei o cartão de acesso no painel, liberando a subida para o último andar. As portas se fecharam em seguida, e eu me peguei fazendo uma dancinha da felicidade assim que me vi sozinha no cubículo.

Ethan Lewis havia acabado de permitir que todos vissem que tínhamos algo a mais do que uma relação chefe e empregada.

— Não é um “eu te amo”, mas significa bastante coisa. — Dei de ombros e desembarquei sorridente no andar presidencial do hotel.

Levei um susto ao vislumbrar dois seguranças no corredor dos quartos, enruguei o cenho e levantei as mãos dando um aceno, que claramente não foi correspondido, já que agiam iguais a robôs automatizados.

Entrei no meu quarto, removi os sapatos de salto e me joguei na cama, fechando os olhos. Eu estava, de fato, uma bagunça emocional, com tudo acontecendo ao mesmo tempo, o medo que deveria sentir, e sentia, era verdade, mas o que me fazia sair completamente do eixo era o sentimento recém-descoberto.

“Eu o amava.”

Passei por um cochilo prazeroso e revigorante e fui despertada por

uma fraca batida na porta. Ergui o tronco e saltei da cama, ajeitei os cabelos, limpei o rosto e alisei a roupa, esperançosa de que fosse meu chefe, mas encontrei um o concierge sorridente com dois embrulhos enormes nas mãos.

— Senhorita Dawson.

— Sou eu.

— Pediram para te entregar essa encomenda. Deve estar na recepção pontualmente as vinte horas de hoje.

— Ah... — Abri a boca sem saber o que responder.

Permiti a passagem para o senhor adentrar, ele foi direto para uma mesa de descanso no canto do quarto, colocou a caixa sobre ela e pendurou o outro objeto no cabideiro.

— Se precisar de algum ajuste, pode chamar a camareira. Ela terá um imenso prazer em lhe ajudar. — Ele sorriu e simplesmente saiu.

Dei alguns passos, incerta do que encontraria embaixo daquele invólucro, no entanto, as borboletas que alvoroçavam meu íntimo, me diziam que seria algo surpreendente.

Ouvi meu celular tocar antes de sanar a curiosidade, encarei a tela, era Mary.

— Onde você se enfiou?

— Eu me senti mal. O senhor Lewis me dispensou pela tarde.

— Tá, mas você precisa estar no salão da recepção junto comigo uma hora antes do evento. Precisamos memorizar algumas fichas para auxiliar o chefe.

— Tudo bem. Eu estarei lá.

Encerrei a chamada e conferi as horas. O cochilo havia durado muito mais do que imaginei, precisava ir para o banho e fazer uma bela maquiagem, queria não só estar apresentável, mas digna de Ethan.

Claro que nós não seríamos um casal naquele jantar beneficente, eu sabia disso, mas algo me fazia querer agradá-lo e aproveitar o tempo que tínhamos longe da realidade.

Tomei um banho revigorante, lavei os cabelos e usei o secador para deixá-lo o mais alinhado possível. Não sabia qual era o modelo da roupa, apesar disso contava que não exigisse um penteado mirabolante da minha parte.

Fiz uma maquiagem básica que havia aprendido no curso intensivo da minha madrinha. Ousei um pouco e escolhi usar um batom vermelho vivo. Fiquei satisfeita com a minha imagem no reflexo, fui para o quarto e finalmente desvendei o invólucro misterioso.

— Uau! — Meu queixo caiu e eu tratei de me vestir.

Eu me olhei no espelho, ainda tentando me acostumar com a ideia de estar usando um vestido tão deslumbrante. O tecido fluía pelo meu corpo como uma segunda pele, moldando minhas curvas de forma sutil, mas elegante. O vermelho rubro era intenso, quase como vinho, mas não exagerado — discreto e sofisticado na medida certa.

A saia descia em uma leve cauda, esvoaçando quando eu me movia, e o decote, em formato de coração, deixava meus ombros à mostra sem ser revelador demais. As alças finas caíam delicadamente sobre minha pele, e o detalhe de renda nas laterais trazia um toque de romantismo que eu não esperava.

Havia algo quase hipnotizante em como o vestido parecia mudar de cor sob as luzes, como se estivesse vivo. Era elegante, sem dúvidas, porém, modesto o suficiente para que eu me sentisse confortável.

Encarei o relógio do celular, confirmei que estava em cima da hora para encontrar Mary.

Coloquei meus brincos de pérola que havia ganhado da minha madrinha. Calcei os sapatos altíssimos e elegantes que vieram com o conjunto, peguei a bolsa de mão, enfiei o celular dentro e deixei o quarto apressada. O elevador começou a demorar demais para chegar, então, resolvi ir de escada mesmo.

— Para descer todo santo ajuda. — Justifiquei quando tomei o caminho.

Encarei sobre o ombro e enruguei o cenho ao ver um dos seguranças me seguindo. Ele deveria guardar o corredor do quarto do chefe, não deveria?

— Por que está me seguindo? — questionei ao virar e encarar o homem sério.

— Estou fazendo meu trabalho.

— Ethan Lewis é seu trabalho.

— Só estou cumprindo o protocolo do Jason. Se tiver qualquer reclamação fale com ele.

— Pois bem. Eu falarei mesmo — respondi de má vontade.

O que tinha de músculos e tamanho, tinha de grosseria.

— Finalmente! — Mary ergueu as mãos para o céu quando me viu. — Uau! Que vestido espetacular. — Ela estava tão espantada que seus olhos pareciam dois faróis iluminados na minha direção.

— Lindo, não é? — Girei assim que terminei de descer os degraus.

— Sim. Mas deveria usar preto. Somos assistentes.

— Não existia qualquer regra no evento para tal. — Dei de ombros, chateada com o banho de realidade.

— Venha. Eu trouxe o tablet, podemos repassar algumas informações.

Nos sentamos em um dos muitos sofás de descanso da recepção, fiquei atenta a tudo que Mary dizia, absorvendo todas as informações importantes para a noite.

Uma mão grande e masculina surgiu entre mim e a tela do tablet, seu perfume atingiu minhas narinas antes que eu pudesse erguer os olhos. E foi impossível evitar o sorriso que surgiu em meus lábios.

— Boa noite, senhoritas. — Ele cumprimentou, os olhos cravados em mim.

Encarei a palma ainda estendida para mim em um claro convite. Quando meus dedos tocaram os seus o choque percorreu meu braço e fez um arrepio atingir minha nuca.

“Eu faria qualquer coisa por esse homem.”



Capítulo 40 | Ethan Lewis

Localizei Charlotte assim que adentrei à recepção acompanhado de Peter. Sentada em um dos sofás no canto, parecia o anjo pecaminoso, chamando a atenção de todos que passavam.

Eu achava incrível como ela era alheia a própria beleza. E minha escolha de cor para sua roupa foi certeira. Vermelho, definitivamente, caía-lhe muito bem.

Cortei nossa distância determinado, ouvi alguma gracinha sair dos lábios de Peter, mas não dei atenção. Eu só precisava mostrar para todo mundo que aquela bela jovem estava acompanhada.

— Terei que esperar muito tempo, senhorita Dawson? — Meus olhos brilharam de humor com seu espanto.

— Claro que não, senhor Lewis. — Ela finalmente levantou e eu pude olhar detalhadamente o quanto havia ficado linda naquele vestido.

— Sabia que estaria linda.

— Muito obrigada.

— Mary, sou menos galanteador que meu amigo, mas preciso dizer que você está uma gata. — Peter soltou a gracinha.

— Obrigada, senhor Bailey.

— Podemos ir. — Cortei o assunto e trouxe Charlotte para meu lado, conduzindo-a em direção ao evento.

O salão de festas era grandioso, o tipo de lugar feito para impressionar logo à primeira vista. As paredes eram revestidas de madeira escura, polidas até brilharem sob a luz suave dos lustres de cristal, pendurados no teto abobadado. As janelas amplas, emolduradas por cortinas de veludo, revelavam o manto branco de neve lá fora, enquanto o calor aconchegante de lareiras discretamente posicionadas nas extremidades do salão, criava um contraste acolhedor.

As mesas, todas impecavelmente decoradas com toalhas brancas e arranjos florais elegantes, estavam dispostas em semicírculo, permitindo uma visão perfeita do palco elevado no centro. Tudo parecia cuidadosamente orquestrado para exalar luxo e exclusividade, um cenário perfeito para o evento beneficente que reunia a elite.

— Aquele é o senador que apoia as causas ambientais — ela sussurrou na minha direção. — O nome dele é...

— Jorge! Como vai? — Cumprimentei o homem, simpático.

— Ethan Lewis. Você cresceu meu rapaz.

— Diz isso desde que eu tinha quinze anos.

— E não menti.

Trocamos animosidades, apresentei Peter ao senador, que era um amigo querido de minha avó.

— E essa bela jovem? — Jorge encarou Charlotte com curiosidade.

— Minha acompanhante — respondi.

— Muito prazer, senador. Uma honra conhecer um homem que se

preocupa tanto com as causas ambientais.

— Bem... fico feliz de saber que nosso trabalho tem atingido as massas mais jovens. — O senhor pareceu ficar feliz com o comentário dela.

— Se nos der licença, iremos nos acomodar.

Segurei o braço de Charlotte e a conduzi para nossa mesa, junto dos empresários alemães que dividiam o lugar conosco.

Trocamos alguns cumprimentos, eles pareciam mais amaciados do que na reunião do almoço. Peter estava conseguindo quebrar a casca dura e intransigente daqueles homens, e eu acreditava que, assim que fechássemos o contrato, eu poderia dar o golpe final no MacCallister.

— James Dickson vindo a sua direita, chefe de operações da Dusant, uma incorporadora agressiva do meio. — Ouvi o sussurro de Charlotte e me virei para ela.

— Decorou tudo isso?

— Sim.

— Muito bem. — Sorri, orgulhoso.

Levantei e cumprimentei o homem que parecia ter muito a falar, mas eu não estava prestando a atenção, já que o imbecil alemão resolveu aproveitar minha distração para tentar conversar com Charlotte, mesmo que ele não falasse uma vírgula em inglês.

— O que eu perdi?

— Mary virou a intérprete de flerte. — Peter soltou e eu trinquei o maxilar.

— Ela não está disponível, senhor Kuster. Espero que tenha ciência disso.

— Não sabia que ela era mais do que sua assistente. — Ele sorriu em provocação.

— O que ela é ou não na minha vida, não lhe diz respeito. Só se afaste dela, ou eu terei que fazê-lo. — Fechei os punhos, irritado.

— Tudo bem. Vamos aproveitar a comida. Pagamos caro demais por

ela. — Peter brincou, em alemão.

— O que aconteceu? — Charlotte olhava de mim para Mary, do outro lado.

— Nada. — Encarei Mary que tinha os olhos arregalados, deixando claro que ela não deveria abrir a boca.

— Como nada? — Charlotte empertigou o tronco. — Mary está pálida, você e o alemão parecem querer se matar e o senhor Bailey está com aquele ar brincalhão quando quer desconversar algo.

— Ótimas observações, senhorita Dawson. — Soltei e não resisti, deslizei a mão sob a mesa e alcancei sua perna. — Só deixei claro para o alemão que você não está disponível.

— Não estou?

— Não.

— Então eu agradeço por isso. — Suas írises brilharam com aprovação.

— Segura a onda, macho alfa. Não fechamos o contrato ainda. — Peter, que estava sentado do meu lado sussurrou.

Torci os lábios em desgosto e deixei que ele conduzisse a conversa para assuntos mais leves. O alemão recolheu suas intenções e minha assistente deixou de ser seu objetivo.

“Fico feliz que o imbecil entendeu o recado.”

Um par de horas depois, as pessoas foram convidadas a desfrutar e dançar com a banda, aproveitei o momento para socializar com algumas figuras importantes que há muito não via.

Era difícil manter a mente na obrigação quando, na verdade, eu só pensava em bancar uma criança com seu presente de Natal, e desembalar Charlotte para meu bel prazer.

Usar vermelho também facilitou para que eu a localizasse no salão sempre que meus olhos percorriam o ambiente a sua procura. Acompanhada de Mary, ela conversava com algumas pessoas, ria e se comunicava com tanta leveza que parecia se divertir.

Minha avó havia ensinado muito bem a sua pupila. Ela se comportava como uma verdadeira dama.

Notei ela pedir licença e caminhar apressada para o reservado, me desculpei com um rico emergente que pensava em investir em tecnologia limpa e parti em seu encalço.

Vislumbrei a saia do vestido entrar no lavabo feminino, não pensei e invadi o lugar, fazendo-a saltar assustada ao se virar.

— O que está fazendo aqui, Ethan? — Ela sorria.

Girei o trinco da porta e caminhei em sua direção, ela avançou de encontro a mim e nos colidimos, entrelaçando braços e línguas. Alcei seu corpo em um beijo necessitado, pronto para ceder ao desejo que me consumia de forma desesperada.

Quebrei o beijo ao colocar seu corpo no chão e virá-la de frente para o espelho. Seu batom vermelho manchado em nossas bocas, a pintura e premissa da devassidão que nos habitava.

— Vou te comer aqui, Charlotte. E terá que ser rápido.

Baixei a boca em seu ombro, inalando e mordendo o pescoço que ela oferecia de bom grado. Espalmei as mãos no seu quadril e subi o tecido macio até que sua pele fosse revelada.

Afastei o tronco para vislumbrar a calcinha, também vermelha e minúscula, sentindo minha boca salivar de desejo. Não teria tempo para isso por agora, precisava ser rápido, deixando para mais tarde a oportunidade de provar seu gosto no meu paladar.

Desci a braguilha da calça usando uma mão, puxei meu pau para fora, duro feito uma pedra, afastei a lingerie do caminho e pincelei sua borda escorregadia.

— Tão pronta, Charlotte. — Mirei os olhos nos seus através do reflexo do espelho.

— Culpa sua, Ethan. — Ela soltou e eu arremeti.

Um grito seco escapou dos seus lábios, levei minha mão até sua boca e a tapei, enquanto bombeava com gosto na sua boceta sedenta.

— Precisa ficar quieta. — Aproximei a boca da sua orelha e mordi o lóbulo, sugando a ponta.

Sentia seus gemidos tentarem escapar por entre meus dedos, encarava-a com uma ordem clara para que se mantivesse assim, cativa e obediente.

— Descobri que te comer é a coisa que mais gosto de fazer. Sabia?

Arremeti com mais força e mais pressa, senti minhas bolas pesarem, enfiei a mão que estava no seu quadril no vão das suas pernas, por dentro da calcinha, e estimulei o clitóris.

Ela estremeceu, as pernas fraquejaram e eu finalmente sucumbi, segurando sua cintura enquanto jorrava em seu interior.

“Era a porra da melhor coisa do mundo. Gozar dentro dela.”

Esperei que nossos corpos se acalmassem, saí do seu interior e voltei a calcinha no lugar. Deixei um beijo no seu ombro antes de me afastar para pegar papel e me limpar.

— Vou sair primeiro. — Falei ao limpar os lábios do seu batom. — Não se limpe. Quero que fique com a minha porra dentro de você. Talvez isso afaste os desavisados.

Olhei para ela e via o fogo que queimava em mim, brilhar em sua íris.

— Sim, senhor.

Tive vontade de tirar a impetuosidade do seu semblante com um beijo, porém, já havia me ausentado por tempo demais, e nos manter trancados em um banheiro público não era a forma mais adequada de ser descoberto.

Conferi a saída, garantindo que não havia testemunhas, caminhei de volta para o salão e encontrei um Peter com a fisionomia preocupada.

— Onde você estava? Precisa retornar para Boston imediatamente.

— O que aconteceu? — Estranhei sua urgência.

— Você e sua assistente preferida estão em todas as capas de jornais. “A assistente assassina”. E essa é a mais leve das introduções. Fotos de vocês

saindo da delegacia, abraçados em frente ao hotel. A coisa tá feia. — Peter soltou tudo de uma vez.

— Droga. Minha avó.

— Vicent me ligou, disse que ela foi para o hospital com taquicardia. Só sabe falar de você e que precisa te ver.

— Merda.

— Vá de uma vez e acalme ela. Eu e as garotas ficamos.

— Mas...

— Ethan. Não será bom vocês chegando juntos em Boston. Use a razão ao menos uma vez.

Apesar de não querer, tive que concordar com meu amigo. Não sabia como minha avó receberia as notícias e precisava garantir que tudo fosse abafado o quanto antes.

Vislumbrei uma Charlotte com o cenho franzido ao observar eu sair da festa com pressa acompanhado de Jason.



Capítulo 41 | Charlotte Dawson

O desembarque no aeroporto de Boston foi um alívio, mas também trouxe um nó no estômago. Enquanto pegava minha bagagem, senti o peso não só das malas, mas das preocupações que me cercavam desde Vermont. Ethan tinha voltado antes, no jato particular, e eu sabia exatamente o motivo: as manchetes dos tabloides que explodiram após nossa chegada ao hotel.

As notícias me atingiram como um soco. Fui acusada de envolvimento na morte de um homem, e, para piorar, repórteres mal intencionados haviam pintado Ethan e eu como amantes em segredo. Havia fotos nossas saindo da delegacia, ele me segurando de maneira protetora, e outras, tiradas à frente do hotel em Vermont, com ele me abraçando. O escândalo estava estampado em todos os sites e jornais que eu evitava olhar desde o momento em que Peter havia me contado.

Durante o tempo em que atravessávamos o terminal, meus pensamentos estavam bagunçados. Minha mente revisitava cada momento

vivido com Ethan, agora distorcido pelas lentes sensacionalistas da mídia. Eu tinha certeza de que, ao chegar à mansão, as portas se fechariam para mim. Minha madrinha, que sempre me acolheu com tanto carinho, estaria devastada com tudo isso. Ethan, claro, não poderia continuar associado a mim, e minha presença só traria mais problemas para ele e sua família.

Ouvia os murmúrios em volta, mas estava tão imersa nos meus próprios pensamentos que não percebi o tumulto, até que um grupo de paparazzi avançou na nossa direção. Luzes de flashes estouraram ao redor, e as perguntas começaram, afiadas e insensíveis.

— Charlotte, você é a nova amante de Ethan Lewis?

— Como foi se envolver em um crime de assassinato?

— É verdade que estão morando juntos?

Fiquei paralisada por um segundo, sem saber como reagir. As perguntas eram cruéis, cortavam como lâminas finas. Peter, sempre atento, rapidamente se colocou na minha frente, usando seu corpo como um escudo para me proteger da horda que se aproximava. Seu rosto estava sério, os olhos cheios de indignação.

— Saiam do caminho! — ele rosnou, abrindo passagem com determinação. — Sem comentários. Deixem-na em paz.

Apertando os passos, seguimos em direção à saída, onde Jason e outro segurança nos aguardavam para garantir que o caos não piorasse. Peter manteve a mão firme nas minhas costas, me guiando enquanto eu tentava me recompor.

O caminho até o carro foi um borrão, e eu mal conseguia processar tudo. Só queria sair dali e desaparecer da vista de todos. Quando finalmente entrei no veículo, afundei no assento, meu peito apertado com a ansiedade que me consumia.

— Isso foi horrível — murmurei, mais para mim mesma do que para Peter.

Ele suspirou, soltando o ar com força ao fechar a porta.

— Não se preocupe, Charlotte. Eles vão inventar o que quiserem, mas a verdade sempre aparece — ele disse, tentando me acalmar. — Concentre-se

em Madelyn. É isso que importa agora.

O nome da madrinha fez o peso no meu peito aumentar. A última coisa que queria era causar-lhe dor, mas as notícias já haviam feito estrago. Peter tinha me contado no avião que ela estava no hospital, após sofrer um ataque de taquicardia ao ver as manchetes. Fiquei imóvel no meu assento, encarando a janela do carro ao tempo que o tráfego de Boston passava ao nosso lado. A cidade parecia tão impassível, indiferente ao caos da minha vida.

— Ethan… ele está com ela? — perguntei com a voz hesitante, sem coragem de encarar Peter.

— Sim, ele foi direto para o hospital. Está lá desde que soube.

Engoli em seco, o gosto amargo da culpa se espalhando pela boca. Eu não conseguia evitar pensar que, se não fosse por mim, talvez nada disso tivesse acontecido. Ethan poderia ter seguido sua vida sem escândalos, sem esse fardo. E agora, sua avó estava sofrendo.

A mansão parecia um destino distante e inevitável. Eu estava convencida de que, ao chegar, a senhora Lewis me olharia de maneira diferente, que haveria um distanciamento impossível de superar. Talvez Ethan nem quisesse me ver depois de tudo.

Quando finalmente chegamos, o carro parou suavemente em frente à entrada da mansão, e meu estômago se apertou mais uma vez. Peter desceu primeiro, abriu a porta para mim, mas eu hesitei por um momento antes de sair. A cada passo em direção à porta da frente, sentia o peso de mil olhos invisíveis, julgando cada movimento meu.

Jason segurava a porta aberta para nós, e entramos no hall silencioso. A mansão parecia mais fria, mais distante. As sombras nas paredes pareciam mais longas, e a ausência de Madelyn, naquele momento, me atingiu com força. Olhei para Peter, que me deu um aceno firme, mas, silencioso, como se soubesse o que eu estava pensando.

— Vá descansar, Charlotte. Você precisa — ele disse, sua voz mais suave do que de costume.

Contudo, como poderia descansar sabendo que tinha causado tanto estrago na vida de todos ao meu redor?

Subi as escadas mais rápido do que nunca, o coração batendo acelerado no peito. A sensação de que estava fazendo algo errado me dominava, mas eu sabia que precisava sair dali, sem avisar ninguém. Entrei no quarto e fui direto para o closet. Olhei para as roupas elegantes e caras penduradas, cada peça um lembrete cruel do mundo ao qual eu nunca pertenceria de verdade.

Com mãos trêmulas, comecei a pegar as peças mais simples que encontrei. Roupas que a madrinha havia me dado com tanto carinho, no entanto, , agora, pareciam me sufocar. Enfiei tudo de qualquer jeito na mochila, sem me preocupar em dobrar ou organizar. Troquei rapidamente de roupa, escolhendo um jeans surrado e um suéter velho que me permitiriam passar despercebida. No fundo do armário, encontrei um boné. Coloquei na cabeça, ajustando-o sobre o cabelo de forma desleixada. Seria perfeito para me esconder.

Minha respiração estava pesada, e a mente, confusa. Parte de mim dizia que eu não necessitava fugir, que devia enfrentar Ethan, Madelyn e todo o caos que me rodeava. Mas a outra parte, a mais forte naquele instante, gritava que eu precisava sair dali. Que aquele lugar não era meu, que eu nunca seria aceita de verdade.

Caminhei até a sacada, sentindo o vento gelado de Boston bater contra meu rosto. Encarei a trepadeira ao lado da parede da mansão, crescendo forte, como se me convidasse a fugir. Testei a estrutura com uma puxada firme e, decidida, comecei a descer. Cada movimento era calculado, mas o medo de ser pega a qualquer momento fazia minhas mãos suarem, escorregando ligeiramente nos galhos.

Cheguei ao chão com um baque leve, meu coração disparado. Olhei em volta, atenta a qualquer movimento, mas a noite estava calma. Apertei o capuz sobre o boné, ajustei a mochila nas costas e comecei a caminhar pela propriedade. Meu corpo todo gritava para que eu me afastasse o mais rápido possível.

Eu sabia para onde precisava ir. O lar temporário no subúrbio de Boston. O único lugar que eu conhecia antes de toda essa loucura, antes de ser jogada no mundo dos Lewis. Era o único refúgio que eu tinha, no qual, por mais desolador que fosse, eu sabia que poderia me esconder.

Caminhei pelas ruas escuras, tentando controlar a respiração ofegante. O metrô ficava a algumas quadras de distância, e eu sabia que a essa hora da noite estaria praticamente vazio. Quando cheguei à estação, o silêncio era opressor. Comprei a passagem automática, evitei os olhares de quem estava ali e entrei no primeiro trem que ia para o meu destino. A sensação de familiaridade e derrota me atingiram com força, enquanto me afastava cada vez mais do centro de Boston.

Eu estava fugindo. Fugindo de Ethan, da sua avó, das manchetes, dos jornais e do caos que minha vida havia se tornado. De repente, o lar temporário, com todas as suas memórias dolorosas, parecia um abrigo.

Cheguei ao lar temporário exausta, o peso da mochila nas costas parecia pequeno em comparação ao que eu sentia no peito. O lugar estava do mesmo jeito que me lembrava: velho, com a pintura descascada e o portão enferrujado. O cheiro familiar de desinfetante barato invadiu minhas narinas assim que abri a porta, trazendo memórias que eu preferia esquecer.

— Ora, ora, olha quem resolveu aparecer! — A voz de Kayla ecoou do fundo do corredor. Ela surgiu com as mãos na cintura, o cabelo preso em um coque desgrenhado e a expressão cínica de sempre. — Se não é a fugitiva, a ratinha fujona.

Soltei um suspiro, aliviada por ela ser a primeira pessoa que vi. Kayla tinha aquele jeito bruto de falar, mas no fundo, sempre soube que podia contar com ela.

— Preciso de abrigo, Kayla. Só me deixa entrar — pedi, esfregando a testa cansada.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas deu de ombros e abriu passagem.

— Claro, querida. Minha casa é sua casa... ou quase isso. Vai querer um chá ou uma bronca antes de dormir?

Sabia que a conversa seria longa e desgastante, mas era um preço justo a se pagar já que ela me estendia a mão



Capítulo 42 | Ethan Lewis

Duas semanas haviam se passado desde que voltei de Vermont às pressas. As notícias sensacionalistas sobre Charlotte e eu nos tabloides caíram como uma bomba sobre nossas cabeças. Minha avó, ao saber das manchetes, teve uma taquicardia e foi levada para o hospital, e eu não pensei duas vezes antes de pegar o jato e retornar.

“— Ethan? — A voz da minha avó me despertou.

Eu estava sentado ao lado da cama de hospital, onde ela descansava depois do susto. A imagem frágil que eu nunca esperei ver, me dava um nó no estômago. Ela sempre foi uma rocha, e vê-la tão vulnerável me lembrava de que o tempo passa para todos.

— Desculpa, vó. O que disse? — perguntei, tentando esconder o cansaço na voz.

— Você estava com a cabeça longe. — Ela sorriu suavemente,

embora sua expressão fosse de preocupação. — Imagino que ainda esteja pensando nela.

Assenti, não havia razão para mentir. Charlotte ocupava meus pensamentos desde o momento em que as notícias saíram. Ela havia ficado para trás, sozinha, e eu sabia que não estava segura. O fato de Archie ter voltado para Boston logo após seu sumiço, deixava-me em alerta constante.

Se ele tivesse conseguido encontrá-la...

— Não tenho notícias dela há algumas horas — confessei, sentindo a frustração voltar com força.

Minha avó assentiu lentamente, o olhar ficando mais sério.

— Charlotte sempre foi uma garota forte, Ethan. E parte disso tem a ver com o que ela passou antes de vir para nós. — Vovó suspirou, e vi que algo mais pesado estava prestes a ser revelado. — Chegou a hora de você saber a verdade sobre o passado dela... e sobre o nosso.

Eu me inclinei na cadeira, sentindo a gravidade do que ela estava prestes a dizer. Sabia que havia algo a mais entre nós, algo que eu não conseguia entender completamente.

— O acidente que matou seus pais... — ela começou, e eu senti meu corpo gelar. — Charlotte estava envolvida, mas não da maneira que você imagina. Os pais dela estavam no carro que colidiu com o dos seus pais, naquela mesma noite. Eles estavam a caminho do hospital para o nascimento dela. Seus pais e os dela morreram naquela tragédia, mas Charlotte nasceu viva, e, de certa forma, senti que era minha responsabilidade cuidar dela.

As palavras de minha avó ecoaram em minha mente enquanto tentava processar a revelação. Charlotte tinha nascido no mesmo dia que meus pais morreram. Nossas vidas estavam entrelaçadas muito antes de nos conhecermos. Era algo que ia além de coincidências, era destino, um elo que eu nunca havia percebido até agora.

— Eu aceitei Charlottena mansão não apenas porque sentia uma obrigação moral — minha avó continuou. — Eu sabia que ela precisava de proteção. Sabia que o destino dela estava ligado ao nosso.

Eu permaneci em silêncio, processando tudo aquilo. A conexão entre

Charlotte e eu ia muito além do que qualquer um de nós poderia imaginar.

— Mas, Ethan — minha avó falou com cuidado, seus olhos fixos nos meus —, estou preocupada com o que vem acontecendo. A acusação sobre a morte daquele homem está nos jornais, e as pessoas são cruéis. Não quero que isso destrua o futuro de vocês dois.

Soltei o ar lentamente, sentindo o peso da situação recair sobre mim. O escândalo que envolvia Charlotte não só estava prejudicando a empresa, mas também podia acabar com qualquer chance de felicidade que eu pudesse ter com ela. Estava sendo retratada como uma criminosa, e eu sabia que a pressão da mídia só aumentaria com o tempo.

— Eu sei — respondi, a voz baixa. — Mas há algo mais que a senhora precisa saber, e isso pode mudar tudo. O homem que morreu... ele me deixou um bilhete antes de ser assassinado. No bilhete, dizia que o acidente dos meus pais não foi um simples acidente. Ele foi provocado.

O rosto da minha avó ficou tenso.

— Provocado? Mas por quem?

— Eu ainda não tenho certeza, mas tenho fortes suspeitas de que MacCalistter está envolvido. Ele tem agido de forma estranha há algum tempo, desde os problemas nas terceirizadas de Nevada até a tentativa de vender sua empresa ao pai de Adam. Eu acredito que ele esteja por trás da sabotagem que causou aquela tragédia.

Minha avó ficou em silêncio, absorvendo tudo o que eu tinha acabado de contar. Seus olhos, geralmente tão sábios e calmos, estavam carregados de preocupação.

— Se isso for verdade, Ethan, você precisa encontrar provas antes de agir. Não pode acusar alguém como MacCalistter sem evidências concretas.

Eu assenti, embora estivesse frustrado por não ter mais informações. Sabia que precisava agir com cautela, porém, o instinto de proteger Charlotte, de salvá-la, me fazia querer correr para resolver tudo de uma vez.”

De volta à realidade, minha mente rodava sem parar, revisitando cada passo que dei na tentativa de encontrar Charlotte. Era como se ela tivesse

desaparecido no ar, se transformado em fumaça, e desde que percebi seu sumiço, não conheci mais um momento de descanso.

Sentia-me um completo idiota por ter acreditado que poderia protegê-la a qualquer custo. Em vez disso, tudo fugiu ao meu controle. Ela havia sumido sem deixar qualquer pista, e cada esforço que fizemos até agora para encontrá-la, se mostrou inútil.

— Senhor Lewis? — Girei a cadeira para vislumbrar uma Mary cautelosa a minha frente. — Reformulei sua agenda, as viagens foram canceladas, algumas reuniões transferidas para videoconferência. O contrato com a Alemanha já foi analisado pelo jurídico, precisa de uma reunião com a diretoria para dar andamento. Eles pedem urgência nesse encontro.

Soltei a caneta sobre a mesa e esfreguei as palmas no rosto. Estava cansado, não queria resolver nada, nem dar continuidade à vida como se tudo estivesse no lugar, pois, definitivamente, não estava.

— Empurre isso para semana que vem.

— Mas senhor...

— Faça o que eu disse, Mary. — Soltei mais áspero do que pretendia.

— Tudo bem.

— Desculpe. Eu não estou em um bom dia.

— Charlotte vai voltar? — Ergui o olhar para minha assistente.

Ela sabia de tudo, não havia como esconder. Meu comportamento em Vermont, as notícias nos tabloides, o humor volátil desde que Charlotte pegou uma “licença” inexplicável.

— Espero que sim.

— Eu também. — Ela deu um meio sorriso e me deixou em minha autopiedade.

Encostei a cabeça no respaldo da cadeira, fechei os olhos e inspirei, tentando manter o controle, aquele fio de razão que me mantinha na linha, sem ceder às crises que assolavam minhas noites, misturando memórias do horror da guerra, o acidente dos meus pais, mas com um novo adendo: Charlotte e sua família.

“Como eu não me lembrava?”

Aquele episódio era um completo borrão na minha memória, pouco me recordava e, cada vez que forçava minha mente a reviver, acionava um gatilho que me jogava em uma crise.

— Que merda! — Bradei ao me levantar e ir até o bar, servindo-me de uma dose de uísque.

— Meio cedo para isso, não acha? — Olhei sobre o ombro e avistei Peter.

— Se veio com notícias que me interessam, está mais do que convidado a permanecer — informei, mal-humorado.

— Você sabe que eu sou a solução dos seus problemas, não é? — Virei na direção do meu amigo, que parecia animado demais. — Finalmente pegamos MacCalistter.

— Como?

— Sonegação de impostos, a empresa será embargada pelo governo.

— E o filho da mãe já sabia disso ao tentar vender para o velho Hunter.

— Exatamente.

— E... Descobrimos uma conexão do homem morto com uma das empresas de MacCalistter. Ele recebia um salário até os dias atuais, mesmo sem estar na ativa. A pergunta que fica é: por quê?

— O que disseram sobre Charlotte?

— Ela ainda é a única testemunha e conexão com o homicídio.

— Eles pensam que ela está na mansão?

— Sim. E precisamos encontrá-la antes que seja chamada e descubram que ela desapareceu. Isso pode agravar muito sua situação.

— Porra! — Esmurrei a mesa, irritado.

Minhas mãos começaram a tremer, a premissa de que eu estava, mais uma vez, perdendo o controle das ações e uma crise começava a se

desencadear na minha mente.

— Mantenha a calma, Ethan. Respire. Você precisa encontrar Charlotte. — Ouvir seu nome me fez manter o foco e puxar o ar para meus pulmões. — E visitar seu psicanalista.

— Estou em contato com Steven constantemente. — Torci os lábios ao virar toda a dose de bebida que havia servido.

— Por mensagem? Sinceramente, Ethan. Você tem que manter a cabeça no lugar, por você e por ela.

— Eu estou mantendo, porra! — vociferei e arremessei o copo do outro lado da sala.

Senti meus nervos crepitarem, a visão turvou, avermelhando tudo em volta, me jogando para uma das lembranças aterrorizantes da guerra.

— Ethan, respira, cara. Mantenha o controle. — Ouvi a voz de Peter muito distante.

Não sentia meus músculos, como se perdesse os movimentos aos poucos, fazendo o desespero dentro de mim se tornar ainda maior.

— Encontramos ela. A senhorita Dawson ainda está em Boston.

Como se um remédio milagroso tivesse feito minha mente voltar para o lugar de forma instantânea, mirei Jason, que estava no meio da sala, sério e atento a mim, aguardando minhas instruções.

— Acho que agora não é uma boa id...

— Vamos até ela.

Interrompi a tentativa de Peter de intervir, recuperei os sentidos, ainda sentia os músculos protestarem, com dificuldade de lidar com a crise que se esvaiu, mas nada mais importava, eu precisava ver Charlotte.

Tudo ficaria bem se ela estivesse comigo.



Capítulo 43 | Charlotte Dawson

Dei a descarga do banheiro, fui até a pia e joguei um punhado de água no rosto, esperava que o enjoo sumisse de uma vez, antes que alguém sentisse minha falta.

Abri a porta e quase atropelei um serzinho impertinente que não desgrudou de mim desde que cheguei no lar temporário. Tiffany era uma garotinha de seis anos, curiosa e falante, que, aparentemente, resolveu me eleger uma das princesas das suas brincadeiras fantasiosas, já que, segundo ela, meus cabelos eram perfeitos demais.

— Você tá dodói? — Ela pendeu a cabeça para o lado, interessada.

Tiffany havia sido tirada da mãe, dependente de drogas, nenhum parente próximo se prontificou a ficar com a menina no período de reabilitação da responsável legal e ela foi designada para o Estado.

A vida dessas crianças não era fácil. O trabalho de Kayla era

admirável, mesmo que ela não fosse a mais sensível das guardiãs, ainda era capaz de proteger, alimentar e auxiliar que os menores seguissem um caminho.

— Um pouco indisposta.

— O que é isso?

— Dodói. — Corrigi para a língua que ela entendia.

— Pede remédio para a tia Kayla.

— Eu não preciso de remédio. Mas você precisa voltar para a recreação. Vamos. — Sinalizei com a cabeça para a área aberta nos fundos.

Entreguei Tiffany para uma das crianças mais velhas e fechei a porta com rapidez, tomando o devido cuidado de ficar escondida nas sombras.

Sabia que Ethan me procurava, Jason esteve aqui duas vezes desde que cheguei, certo de que me encontraria, mas Kayla mentiu para eles de forma convincente.

— Tanto cuidado para não ser vista, mas ontem saiu sem avisar, na calada da noite. — Olhei sobre o ombro e vi Kayla encostar no balcão da cozinha.

Estava com um pano de prato sobre o ombro, os cabelos presos de forma displicente e um semblante perspicaz no rosto.

— Precisei resolver algo.

— Se queria um teste de gravidez, garota, poderia ter me pedido.

— O que? — Senti meu coração disparar.

Acabei ajeitando o cabelo atrás da orelha, mesmo que ele não estivesse de fato me incomodando. Era a minha mania quando alguma coisa me deixava desconfortável.

— Nem preciso de confirmação. Você não mudou nadinha, Charlotte. — Ela balançou a cabeça em negativa. — Já fez?

— Ainda não. — Engoli em seco. — Mas estou muito enjoada.

— Se o filho for do ricaço que saiu nos jornais com você, ficará muito

bem. — Ela estalou a língua, como se fosse a solução da minha vida.

— Não sou interesseira. — Endureci a postura, incomodada.

— Eu não disse que era, menina. Mas, convenhamos, carregar um herdeiro dos Lewis é muito mais vantajoso do que um de Archie.

— O que sabe sobre Archie? — A pergunta escapou dos meus lábios, e o medo dentro de mim crescia, sufocando qualquer outro pensamento.

— Não muito — Kayla respondeu com um tom despreocupado, o que fez meu coração acelerar ainda mais. — Ele voltou de Nova York te procurando. Passou por aqui alguns dias antes de você chegar.

Meu corpo inteiro travou. A respiração ficou presa na garganta, o desespero me invadiu com uma força avassaladora. O simples pensamento de Archie me encontrando aqui, no único lugar no qual me sentia minimamente segura, me deixou apavorada. Ele sabia exatamente onde me encontrar, e isso me tornava completamente vulnerável.

— Ei, aonde vai, garota? — Kayla elevou a voz quando me viu partir desesperada para o quarto que compartilhava com os mais velhos.

Puxei a mochila debaixo da cama, pesquei as roupas sujas do cesto ao lado da minha cama, misturei tudo no interior e peguei a caixa do exame de farmácia que havia comprado e me acovardado de fazer.

— Aonde vai?

— Não sei. Mas preciso sair daqui.

— Por que o medo de Archie te achar? Acreditava que você e ele eram unha e carne.

Encaixei a mochila no ombro com rapidez e virei, encarando uma Kayla que mudou a expressão de desconfiada para compadecida, ao perceber meu rosto com lágrimas derramadas.

— Vivi quatro anos à mercê de um abusador, Kayla. Não pretendo voltar para aquele lugar.

— Aquele filho da mãe...

— Sim. Eu fugi daqui para viver com ele em Nova Iorque e passei os

piores anos da minha vida.

— Charlotte... eu sinto muito. — Seu olhar para mim foi de reconhecimento.

De alguma forma eu entendia que Kayla conhecia aquela dor. Nunca soube da sua história, do seu passado, no entanto, a forma como sempre agiu, deixava claro que precisou lutar para se tornar a mulher forte que era.

— Preciso ir embora.

— Mande notícias.

— Eu enviarei.

Nos despedimos de forma rápida e sucinta, não havia muito o que dizer, sabia que não poderia durar tempo demais ali de qualquer maneira.

Peguei um táxi e fui para um motel na beira de estrada, sem vigilância ou movimentação, paguei por duas noites, em dinheiro, me tranquei dentro do quarto e soltei o ar cansada.

Precisava deixar Boston, tinha que fugir de Archie a qualquer custo, principalmente se eu realmente estivesse... grávida.

Meus dedos tremiam enquanto segurava o pequeno pacote do teste de farmácia. Aquilo parecia tão irreal, uma mistura de medo, incerteza e uma faísca de algo que eu não queria nomear.

— Um filho dele... — murmurei para mim mesma, sentindo as lágrimas ameaçarem novamente.

A umidade nos olhos me cegava, mas rapidamente limpei o rosto com o dorso da mão, como se aquilo pudesse afastar a confusão e o turbilhão de emoções que me consumiam.

Eu não podia me dar ao luxo de desmoronar. Não agora. Respirei fundo e caminhei até o banheiro, segurando o teste como se fosse um objeto capaz de alterar meu destino para sempre. E, de certa forma, era. Não havia mais volta, eu precisava encarar a realidade.

Com as mãos ainda trêmulas,abri a embalagem. O som do plástico rasgando ecoava pelo banheiro pequeno, quase ensurdecedor no silêncio carregado. Olhei para o espelho, me vendo refletida de uma maneira que não

reconhecia. Meu rosto estava pálido, os olhos vermelhos das lágrimas contidas. Eu era uma versão de mim mesma que nunca imaginei existir.

Coloquei o teste sobre a pia por um segundo, apenas observando aquele pequeno objeto com uma intensidade quase sufocante. Eu sabia que, em poucos minutos, a resposta que ele daria mudaria tudo. Meu futuro. Minhas decisões. Minha vida.

— Vamos, Charlotte — sussurrei, tentando reunir coragem.

Peguei o teste, fiz o que precisava ser feito, e o coloquei sobre a borda da pia novamente. Três minutos. O tempo parecia se arrastar. Meu coração batia tão forte que eu podia ouvi-lo...

Apoiei-me na parede fria, tentando controlar a respiração. Meus pensamentos estavam em um redemoinho. Como seria ter um filho de Ethan? Fechei os olhos por um instante e quando os abri de novo, encarei duas linhas que fizeram as lágrimas sucumbirem, sem qualquer controle.

Chorei, como uma criancinha sozinha e medrosa, abracei minha barriga e jurei manter meu bebê seguro de toda a maldade do mundo.

— Meu bebê...

Funguei algumas vezes e respirei fundo, tentando acalmar meus nervos. Eu precisava de um momento de paz, de um pouco de água e algo para comer. Amanhã eu decidiria qual seria a melhor rota a seguir, mas, por ora, precisava apenas sobreviver àquela noite.

Fui até as máquinas automáticas que ficavam no térreo, pegando uma garrafa de água, um refrigerante, alguns salgadinhos aleatórios e um doce. Aquela era a única refeição que conseguiria por hoje, e mal consegui segurar a onda de culpa que veio logo em seguida.

"Nem estou acostumada com a ideia de ser mãe, e já começo a falhar... como posso alimentar meu bebê com isso?" O julgamento pesava em cada escolha, cada passo que eu dava.

Abri a garrafa d’água ali mesmo, sorvendo um gole generoso ao tempo que, minha mente ainda girava em torno da descoberta, da pressão que se acumulava. Minha garganta estava seca, provavelmente por ter chorado tanto que sentia como se estivesse desidratada. Eu precisava de mais água e...

de paz.

Mas, quando virei para voltar ao quarto, algo me fez congelar no lugar.

Jason.

Ele estava no andar de cima, bem em frente ao meu quarto, com o olhar atento, varrendo a área. Meu coração disparou instantaneamente, o pânico subindo como uma onda implacável. Não podia ser. Como ele me achou? Eu estava a um passo de explodir, sentindo o suor frio escorrer pelas costas.

Sem pensar, girei nos calcanhares e comecei a andar rapidamente em direção à saída do motel, buscando uma rota de fuga, qualquer coisa. Não podia encarar Ethan, nem Jason, não agora. Não com tudo o que estava acontecendo.

Eu precisava fugir.

Mas, antes que eu pudesse dar mais alguns passos, senti um bloqueio, como se uma parede tivesse surgido na minha frente.

Quando levantei os olhos, lá estava ele. Ethan.

O olhar fixo em mim e os braços cruzados, como se já esperasse por aquele momento. Seu semblante era uma mistura de provocação e controle absoluto.

— Você realmente achou que podia fugir de mim? — ele perguntou, com aquele tom arrogante e seguro de si, como se já soubesse a resposta.

Meu corpo estremeceu e, por um instante, fiquei paralisada. Ele estava certo. Por mais que eu tentasse, não conseguia mais fugir dele. Eu estava presa, emocionalmente, fisicamente, e agora... com um filho dele na barriga.



Capítulo 44 | Ethan Lewis

O remédio para todos os meus males estava bem diante de mim. Charlotte, com os olhos úmidos, o nariz avermelhado, e claramente nervosa ao me encarar. Sua presença era um alívio que eu não podia descrever, mas também um lembrete de tudo que precisávamos resolver.

— Como me achou? — Sua voz saiu baixa, quase hesitante.

— Um gato sempre espera o melhor momento para pegar o rato. — Mantive o tom irônico, tentando mascarar o desespero e o alívio que me inundavam.

Eu queria puxá-la para perto, sentir seu corpo junto ao meu, lembrar o gosto de seus lábios e a suavidade de sua pele. Mas havia tantas questões pairando entre nós, tantas verdades ainda ocultas que precisávamos enfrentar.

O passado que compartilhávamos era um fardo que teríamos de carregar, e eu só podia rezar para que Charlotte não me deixasse ao descobrir

tudo.

— O que está fazendo aqui, Ethan? — Ela desviou o olhar ao redor, inquieta, como se esperasse que alguém surgisse a qualquer momento. — Ninguém pode nos ver... as notícias...

— São puro sensacionalismo, Charlotte — respondi, sem perder a calma. — Estou mais do que acostumado a lidar com escândalos.

— Mas, minha madrinha... Ela foi para o hospital e descobriu tudo, e agora... ela deve me odiar...

Vi o pânico crescer em seu rosto. Dei um passo à frente, segurando seus ombros com firmeza, tentando passar segurança.

— Respire, Charlotte. — Aconselhei com suavidade. — Acalme-se. Minha avó teve um pequeno problema cardíaco, que já foi tratado e resolvido. O que realmente a preocupa agora é, saber onde está a garota que ela colocou sob seus cuidados desde que nasceu.

— Ela está preocupada comigo? — O tom de surpresa em sua voz me fez estreitar o olhar. Era como se ela não conseguisse acreditar.

— Você realmente acha que Madelyn te expulsaria da mansão só porque dormiu com o neto dela?

— Sim... — Ela abaixou a cabeça, desviando do meu escrutínio.

Suspirei e levei meu dedo até seu queixo, erguendo suavemente sua cabeça para que ela me encarasse de novo.

— Charlotte — murmurei, fitando seus olhos cheios de dúvidas —, minha avó não se importa com essas convenções sociais. Ela nunca foi assim.

— Eu sei, mas... eu fui acusada de assassinato, Ethan!

— Você é apenas uma suspeita, e estamos perto de pegar o verdadeiro culpado. Vamos resolver esse mal-entendido.

— Mesmo? — Sua voz soou incerta, como se ainda estivesse tentando aceitar o que eu dizia.

— Sim, confie em mim. Agora, vá pegar suas coisas. Precisamos voltar para casa.

Ela me ofereceu um sorriso suave, algo que parecia tímido, entretanto, me atingiu com força. Meu coração, que eu achava estar blindado, se encheu de sentimentos que não achava possível. Cada vez que pensava nela ao meu lado, o medo diminuía um pouco, dando lugar a algo maior e que eu não podia mais ignorar.

Permanecemos em silêncio durante todo o trajeto até a mansão, sabia bem o que me atormentava, as verdades que seriam reveladas em breve, quando Madelyn finalmente visse Charlotte.

Era justo ela saber do próprio passado. Havia deixado claro para minha avó que essa conversa seria a primeira coisa que aconteceria quando encontrasse a garota.

Charlote estava apreensiva, eu podia sentir os questionamentos, as inseguranças, o medo permeando seu semblante. E por mais que eu dissesse que tudo estava bem e que seu lugar sempre fora na mansão, ela ainda não conseguia se sentir tranquila.

— Chegamos! — informei no intuito de animá-la. — Vamos, Charlotte, já sabe que está segura e...

— Preciso contar algo para você e sua avó. — Seu olhar retornou para mim. — Algo importante.

— Tudo bem. Falaremos tudo que é preciso essa noite.

Acompanhei Charlotte para dentro da mansão, subimos as escadas e me despedi na porta do seu quarto, com a promessa de que ela se banharia e conversaríamos no jantar.

Precisava reunir coragem para contar tudo e pedir que ela fosse muito mais do que uma reparação na tragédia que partilhávamos. Eu estava apaixonado, louco e irrevogavelmente caído pela garota, sem qualquer chance de eliminar tal sentimento do meu peito.

Contava com a sua declaração para mim em Vermont e com uma porção gigantesca de sorte, para que ela dissesse sim para nós e finalmente tranquilizasse meu coração.

Tomei um banho, coloquei roupas menos formais, estava ansioso, como há muito não ficava. Esta conversa seria definitiva para nosso futuro.

Encontrei com uma Madalyn ansiosa na sala de descanso, ela andava no lugar como se estivesse pronta para uma batalha.

— Quer que eu chame o doutor Hermann? — Brinquei ao chamar sua atenção.

— Ah, querido. Não acreditei quando Vicent me contou que você havia trazido Charlotte de volta para casa. Meu coração está mais do que bem e em paz.

— Isso é bom, vovó. Só espero que ela saiba lidar com a verdade.

— Não há culpados, querido. Vocês partilham a mesma dor.

— E se ela quiser partir? — Soltei o questionamento que vinha me atormentando desde a descoberta.

— Então, não era para ser.

— Com licença. — Olhamos na direção de Charlotte que entrava na sala, tímida.

— Querida. Você me deu um baita susto. — Abri espaço para que Charlotte e Madalyn se encontrassem em um abraço apertado. — Nunca mais faça isso com sua madrinha.

— Pode deixar. Me desculpa. Eu não queria causar tanta confusão.

— Você não tem culpa de nada, criança. Acalme-se. — Ela limpou o rosto de Charlotte. — Temos muito que conversar, mas acima de qualquer coisa que for dita aqui, entenda que somos uma família. Sempre fomos.

— Obrigada.

— Venha, sente-se comigo. Tenho uma história para revelar. Sobre o nosso passado compartilhado.

Ver minha avó abraçá-la com tanto carinho, como se quisesse protegê-la do mundo, mexeu comigo mais do que eu esperava. Era um lembrete do laço invisível que sempre existira entre nós três, mesmo antes de Charlotte saber.

Eu observei enquanto a senhora limpava delicadamente as lágrimas

que ameaçavam cair do rosto de Charlotte, suas mãos firmes, mas ternas. Sabia que aquele toque não era apenas físico, mas emocional, como se ela quisesse apagar toda a dor que a garota carregava sem nem saber de onde vinha.

O olhar de Charlotte refletia confusão, mas também um desejo desesperado de entender, de encontrar respostas para as perguntas que ela nunca fez, mas sempre carregou. Vovó, por sua vez, parecia querer dar a ela não apenas as respostas, bem como uma sensação de pertencimento, que talvez Charlotte nunca tenha tido.

À medida que Madalyn começava a falar, a atmosfera na sala se transformava. Era como se o peso de anos de silêncio, estivesse finalmente sendo liberado, e eu podia sentir a dor de ambas, misturada com um tipo estranho de esperança. Sabia que a verdade poderia ser um bálsamo, mas também um veneno, dependendo de como fosse recebida.

Eu permaneci quieto, observando, tentando prever como Charlotte reagiria. Minha maior preocupação era se, após ouvir tudo, ela se afastaria para sempre. Havia uma parte de mim que temia que a revelação fosse demais para ela suportar, que a dor a fizesse querer partir.

Quando minha avó terminou a história, percebi que meus pulmões estavam prestes a explodir, implorando por um novo fôlego, que eu prendia desde que a verdade começou a se revelar.

Charlotte ouviu tudo atenta, cabeça baixa, focando o próprio colo e, quando finalmente ergueu o queixo, vi resignação e entendimento. O fio de esperança permeou meus sentidos, trazendo um pouco de paz para meu coração desesperado.

— Obrigada por me contar, madrinha. Eu nunca havia entendido a ajuda que prestou para mim. Era estranho e me fazia sentir deslocada.

— A dor nos uniu, criança. Espero que possa perdoar essa velha por guardar tanto tempo uma história que nunca fez bem a ninguém aqui.

Charlote desviou o olhar da senhora e recaiu sobre mim. Troquei o peso entre as pernas, ansioso, não sabia o que ela diria, nem como responderia ao pedido que pretendia fazer.

— Você não tem culpa, Ethan. Por nada. Nem pelo que aconteceu

com seus pais, muito menos pelos meus. Somos fruto de uma tragédia.

— De um crime. — Corrigi, determinado. — E, em breve eu pegarei o culpado por tudo.

— Eu também tenho algo a contar. Para vocês. — Ela correu os olhos até minha avó, insegura. — Quero que saibam que eu não espero absolutamente nada, nem um compromisso, ou dinheiro. Não foi intencional, mas não estou disposta a abrir mão agora que aconteceu. — A menina fechou as mãos em torno da barriga.

— Charlotte... — Minha avó soltou com admiração e eu enruguei o cenho, ainda mais confuso. — Isso é maravilhoso! — As duas sorriram e se abraçaram, chorando.

— Alguém pode me esclarecer o que é tão incrível?

— Querido. Você é muito inteligente para algumas coisas, mas lento demais para outras. Charlotte está grávida.

Vovó bateu as palmas, gritou por Vicent e exigiu que trouxesse um espumante — e suco para a garota —, alegou que precisávamos comemorar. Segundo ela, aquele era um novo começo para os Lewis e os Dawson.

Eu ouvia tudo, percebia os movimentos, mas estava paralisado. Encarava a barriga plana de Charlotte, ainda desacreditado do que acabara de ouvir.

— Ethan? — Ergui o olhar para a garota que tinha meu coração. — Se for demais para você, tudo bem. Sei que tem suas questões e...

— Você é a cura para todos os meus males, Charlotte. — Cortei nossa distância e acabei de joelhos diante do seu corpo. — Senhorita Dawson, torne-me um homem completo e descente, case-se comigo e me permita cuidar, amar e devotar você e todos os filhos que me der durante nossa vida. Juro me esforçar para ser o melhor marido, pai e homem para vocês.

As palavras saíram atropeladas, pude ouvir o suspiro audível da minha avó em algum lugar da sala, mas eu só conseguia prestar a atenção no semblante surpreso da minha garota.

— Sim...

E meu mundo se tornou completo e colorido, pela primeira vez em um longo tempo.



Capítulo 45 | Charlotte Dawson

Eu não conseguia parar de olhar para minha barriga no espelho. Embora ainda fosse discreta, uma pequena protuberância começava a aparecer na parte inferior do meu abdômen. Meus dedos acariciavam a superfície ovalada, quase como se estivessem tentando compreender a imensidão do que estava acontecendo. Eu esperava um filho de Ethan Lewis.

Vesti um vestido de lã midi, que se ajustava suavemente às minhas novas curvas, completei com botas de cano alto e peguei um casaco. A geada prometida para o dia não abalaria minha empolgação. Hoje descobriríamos o sexo do bebê.

Os últimos três meses haviam passado como um borrão. Voltar para a mansão, descobrir as verdades do meu passado, lidar com a gravidez e o noivado com Ethan — meu chefe e, agora, meu noivo — e enfrentar a imprensa voraz que me transformou de "assistente acusada de assassinato" para "grávida em perigo". Cada manchete me expunha mais e mais, mas

Ethan fez questão de garantir que nada nem ninguém me afetaria, nem ao nosso bebê.

Vovó Lewis — ela mesma me pediu que a chamasse assim — assumiu o papel de organizadora oficial do nosso casamento, que seria pequeno e íntimo. Poucos convidados, um representante da imprensa para encerrar os rumores e oficializar o evento, e a cerimônia seria realizada no jardim da mansão. Ethan insistia em acelerar os preparativos, porém, com as investigações em andamento e os problemas da empresa em Nevada, concordamos em esperar até que as coisas se estabilizassem.

E então, havia o MacCalistter. As investigações sobre as fraudes na empresa dele estavam em curso, e a cada dia que passava, novas descobertas surgiam. Sabíamos que o homem morto no beco, que quase arruinou minha vida, estava de alguma forma envolvido com ele. Mesmo sem trabalhar efetivamente, recebia um salário da empresa de MacCalistter, o que apenas intensificava as suspeitas de que havia algo muito mais sombrio acontecendo por trás da fachada empresarial. Mas o responsável pela morte do sujeito ainda permanecia nas sombras.

Suspirei enquanto descia as escadas, preparada para sair. Ethan me esperava no hall. Parecia distraído, preocupado, como sempre ficava quando o nome MacCalistter surgia. Eu sabia que ele estava se esforçando para manter tudo sob controle, mas a pressão de proteger a empresa e nossa nova vida, pesava sobre ele.

— Pronta? — ele perguntou, ao me ver aproximar. Seu semblante suavizou por um momento, e ele sorriu quando colocou a mão protetora sobre minha barriga.

— Pronta. — Sorri de volta, tentando esquecer, por alguns instantes, as nuvens de incerteza que ainda pairavam sobre nós.

Enquanto Jason nos levava para o consultório médico, pude ver a tensão se acumulando no rosto de Ethan. Ele não gostava de falar sobre isso, mas sabia que não podíamos ignorar por muito mais tempo. Aquele velho não era apenas uma ameaça para os negócios; era uma ameaça para nossa segurança, para o futuro do nosso bebê. E eu temia que ele pudesse fazer alguma coisa drástica, se pressionado demais.

— O que foi? — perguntei suavemente, virando-me para Ethan, que

olhava pela janela com uma expressão dura.

— MacCalistter. — Ele suspirou, esfregando a nuca. — Ainda não conseguimos encontrar uma ligação sólida entre ele e o assassinato. Sabemos que aquele homem recebia dinheiro da empresa dele, mas isso não é o suficiente.

— Vocês vão descobrir. — Minha voz foi mais confiante do que eu realmente me sentia. — Peter está investigando, e Adam também. Não vai demorar.

Ethan assentiu, no entanto, continuava inquieto. Eu sabia que ele queria fechar essa página de vez, para que pudéssemos seguir em frente com nossas vidas. Não era só sobre o bebê ou o casamento; ele queria justiça. Aquela raposa velha, como meu noivo se referia a ele, havia causado muito estrago, tanto nos negócios quanto em nossas vidas pessoais, e cada dia que passava sem respostas só aumentava sua frustração.

Quando chegamos ao consultório, o clima estava mais tenso do que eu esperava. Minha mente ainda ecoava as preocupações, e o futuro parecia incerto. Mas, quando cruzamos a porta da sala de exame, e vi o equipamento de ultrassom já preparado, algo dentro de mim se acalmou. Era como se, o mundo lá fora fosse suspenso, e tudo se reduzisse a este instante: descobrir mais sobre o nosso bebê.

Ethan, sempre tão composto, parecia diferente agora. Ele não soltava minha mão, apertando-a com mais força do que o normal, como se também tentasse se ancorar ao que estava por vir. Pude ver em seus olhos um brilho de antecipação, uma mistura de expectativa e temor.

— Está pronta? — ele perguntou em voz baixa, virando-se para mim ao tempo que me deitava na mesa de exame. A preocupação no seu tom contrastava com o carinho que irradiava de seus gestos.

— Acho que nunca estarei completamente pronta para isso, mas estou ansiosa. — Sorri, tentando afastar o nervosismo. Ethan soltou uma risada leve, sua mão ainda segurando a minha.

O médico entrou com uma expressão tranquila, fez as perguntas de praxe, ajustando os aparelhos com destreza, e em poucos segundos a tela ao nosso lado começou a exibir as primeiras imagens. Era algo indescritível,

uma visão de pura magia: nosso bebê. Eu sentia o coração martelar, admiração absoluta transbordava de mim.

— Tudo parece muito bem com o bebê — disse o médico com um sorriso suave. — Estão prontos para saber o sexo?

Eu mal conseguia responder, apenas acenei com a cabeça, com os dedos entrelaçados, ainda mais, nos de Ethan. Senti sua mão apertar a minha com firmeza, e seu calor trazendo um conforto indescritível.

— Sim, estamos prontos — Ethan respondeu por nós dois, voz firme, mas com um toque de emoção que ele dificilmente conseguia esconder.

— Parabéns, é um menino. — O médico virou a tela um pouco mais para nós, apontando para uma área específica da imagem.

O mundo parou por um segundo. Ouvi as palavras do médico, mas elas demoraram a se registrar. Era um menino. Nosso menino.

Senti Ethan apertar minha mão ainda mais forte, e quando olhei para ele, seus olhos brilhavam de uma maneira que eu nunca tinha visto antes. A máscara de CEO implacável, que sempre mantinha sob controle, tinha caído por completo. Havia apenas o homem que eu amava, vulnerável e feliz, com os olhos úmidos de alegria pura.

— Um menino... — ele sussurrou, sua voz entrecortada, como se tentasse absorver a grandiosidade daquele momento.

— Ethan... — minha voz falhou, sentindo uma onda de emoções me invadir. — Nós vamos ter um filho.

Ele se inclinou e, sem se importar com o médico ou com qualquer outra coisa ao nosso redor, beijou-me suavemente na testa. Era um gesto tão simples, ainda assim, carregado de tanto amor, que senti as lágrimas escorrerem pelo meu rosto sem que eu conseguisse contê-las.

— Nosso menino — ele repetiu, ainda encostado a mim, a voz baixa e carregada de ternura. — Vamos protegê-lo, Charlotte. Eu prometo a você, a nós dois... Eu vou fazer de tudo para que nada atrapalhe nossa família.

Eu sabia que ele estava falando mais do que apenas sobre o bebê. Havia um mundo inteiro de preocupações do lado de fora daquela sala, apesar disso, por alguns momentos, todas elas desapareceram. Não havia

MacCalistter, não havia empresas, investigações ou ameaças. Só havia nós três: eu, Ethan, e nosso filho.

O médico, sempre discreto, saiu da sala logo após nos dar as últimas instruções, permitindo-nos um pouco mais de privacidade. Ethan não parava de encarar a tela com o ultrassom pausado, como se estivesse hipnotizado pela ideia de ser pai.

— Ele já é tão real, não é? — perguntei suavemente, ainda tentando absorver tudo.

— Mais real do que qualquer coisa que eu já senti na vida. — Ethan olhou para mim com um sorriso que dizia tudo, aquele que derretia qualquer parte de mim que resistisse. Ele se inclinou novamente e dessa vez, selou nossos lábios, com delicadeza, como se cada segundo desse momento fosse sagrado. — Eu te amo, Charlotte. E vou amar esse menino com tudo o que tenho.

— Eu também te amo, Ethan. — Minhas mãos estavam sobre a barriga, e quando ele se abaixou para beijar o lugar onde nosso filho crescia, o gesto me trouxe lágrimas intermináveis, de pura felicidade.

Eu sabia que, independentemente do que estivesse por vir, nossa família já estava unida de uma forma que ninguém poderia quebrar. O momento era nosso, e nada, nem ninguém, tiraria isso de nós.

Depois do exame, voltamos para a mansão. O frio de Boston estava implacável, mas o calor dentro de mim crescia a cada passo. O pensamento de Ethan e eu formando uma família parecia surreal, especialmente após os meses conturbados que havíamos passado. Assim que entramos, fomos recebidos por Vovó Lewis, que não pôde conter a emoção ao saber que seria bisavó de um menino.

No entanto, a felicidade durou pouco. Assim que Ethan se retirou para o escritório, Peter entrou pela porta, com uma expressão sombria.

— Temos novidades sobre o MacCalistter — ele anunciou, a voz grave.

Meu corpo inteiro ficou tenso. Peter olhou para mim, hesitando por um segundo, antes de continuar.

— Descobrimos que ele tentou vender a empresa ao pai de Adam de forma fraudulenta, no intuito de que o velho Hunter fizesse o que era de costume, para ele, com empresas obsoletas: desmembrasse e vendesse em partes. MacCallister queria apagar qualquer rastro ou vestígio que o ligasse a crimes passados. — Peter fez uma pausa que me deixou ainda mais tensa. — Temos mais evidências ligando o MacCalistter ao pagamento do homem morto. Encontraram um vídeo de uma câmera oculta em um carro, onde o velho aparece entregando dinheiro ao sujeito.

Ethan entrou na sala no meio da conversa, seus olhos imediatamente se estreitando ao ouvir o nome de MacCalistter. Peter resumiu tudo para ele, e pude ver a raiva crescendo no rosto do meu noivo.

— E ainda não temos uma prova concreta de que ele ordenou o assassinato? — Ethan perguntou, a voz baixa e controlada.

— Não, mas estamos chegando perto. Adam está ajudando a rastrear as conexões do dinheiro dado ao homem no beco.

Eu sabia que Ethan queria resolver aquilo o quanto antes, mas estava claro que MacCalistter era um homem perigoso. Ele havia jogado com fogo por tempo demais, e agora estávamos todos presos em suas chamas.

Quando Peter saiu, Ethan se virou para mim, o olhar severo suavizando apenas ligeiramente.

— Vamos resolver isso — ele prometeu. — Não vou deixar aquele homem ameaçar nossa família.

Assenti, mas o medo ainda estava lá, pairando sobre nós. Eu só esperava que conseguíssemos resolver tudo antes que nosso bebê viesse ao mundo.



Capítulo 46 | Ethan Lewis

Era véspera do casamento, e Charlotte estava linda, com sua barriga de sete meses de gestação. Eu não conseguia parar de olhar para ela nos últimos dias. Suas curvas suaves faziam meu coração apertar de uma maneira que eu nunca pensei ser possível. Amanhã, ela se tornaria oficialmente minha esposa, e tudo o que havíamos passado nos últimos meses, finalmente, pareciam estar encontrando seus lugares.

Contudo, como sempre, existia uma única coisa que não nos deixava em paz. MacCalistter. O nome permanecia como uma sombra em minha mente, uma ameaça que eu não podia ignorar. As investigações sobre ele continuavam, mas até agora não tínhamos nada sólido para ligar o desgraçado ao assassinato do homem no beco e aos outros crimes. Ele havia se mantido quieto demais, e isso nunca era um bom sinal.

Charlotte estava no lar temporário onde cresceu, despedindo-se das crianças. Era uma das últimas visitas que faria antes do casamento, e eu sabia

que significava muito para ela. Tinha um coração enorme e uma vontade imensa de ajudar aquelas crianças, algo que só me fazia amá-la ainda mais. Minha noiva queria dar a elas um pouco do que sempre faltou em sua vida — apoio, segurança, carinho.

No entanto, no fundo, eu estava inquieto. Eu sabia que MacCalistter estava tramando alguma coisa, mesmo que ele ainda não tivesse feito nenhum movimento claro. Meu instinto me dizia que apenas esperava o momento certo, e isso me deixava em alerta.

Jason entrou no escritório naquele momento, interrompendo meus pensamentos. Sua expressão era a de sempre, mas o jeito como segurava o telefone me disse que algo estava errado.

— Alguma novidade? — perguntei, tentando manter a calma.

— Não sobre MacCalistter. Mas você precisa ver isso — Jason respondeu, entregando-me o celular.

Peguei o aparelho e olhei para a tela. Uma mensagem de texto, sem remetente, apenas um número desconhecido. Meu estômago revirou ao ler as palavras.

"Se quer ver sua noiva de novo, venha até mim. Cinquenta milhões. Traga em dinheiro. Sozinho.”

Meu sangue gelou. O coração disparou, e uma onda de raiva misturada com medo atravessou meu corpo. Charlotte. Ele tinha Charlotte. Eu levantei da cadeira em um rompante, sentindo o calor subir pelo meu pescoço até o rosto.

— Porra! — Explodi, jogando o telefone sobre a mesa com força.

Jason estava ao meu lado, silencioso, esperando minhas próximas instruções.

— Ele está com ela. Ele pegou Charlotte — consegui dizer, ainda processando a magnitude do que acabara de acontecer.

Jason assentiu, já em movimento, preparando-se para agir. Mas eu sabia que não podia simplesmente montar uma operação de resgate como faria em qualquer outra situação. MacCalistter era imprevisível, e eu não podia arriscar a vida de Charlotte — não com o bebê a caminho.

— Ele quer cinquenta milhões, em dinheiro. E quer que eu vá sozinho — disse, tentando organizar meus pensamentos.

Jason se aproximou, olhar fixo em mim.

— Ethan, nós podemos montar uma equipe, mas precisamos de tempo. Se ele perceber qualquer movimento estranho...

— Eu sei — interrompi. — Ele vai machucar Charlotte.

Fechei os olhos por um momento, tentando respirar, pensar em qualquer coisa que pudesse resolver essa situação sem colocar minha família em risco. Mas a verdade era que aquele desgraçado tinha a vantagem, e ele sabia disso.

A raiva crescia dentro de mim. Eu queria esmurrar alguma coisa, queria acabar com aquele homem com minhas próprias mãos. Ele já havia tirado tudo de mim uma vez, e agora, tentava tirar a única coisa que ainda importava.

— Temos que rastrear o telefone. Ele não pode estar muito longe — falei, tentando pensar de maneira mais racional.

Jason assentiu, já com o telefone em mãos, provavelmente contatando nossa equipe de tecnologia. Eu tinha que fazer algo. Não podia simplesmente ficar parado enquanto Charlotte estava nas mãos de um criminoso.

Peguei o telefone de novo e reli a mensagem. Aquele desgraçado queria dinheiro, mas não era só isso. Ele queria vingança. Queria me fazer sofrer. E eu estava pronto para enfrentá-lo, mesmo que isso significasse jogar o jogo sujo dele.

Olhei para Jason mais uma vez, determinado.

— Monte a equipe, mas mantenha distância. Eu vou encontrá-lo, sozinho.

Jason hesitou, mas assentiu.

Eu sabia que estava jogando um jogo perigoso, mas não tinha escolha. Charlotte era minha prioridade, e eu faria de tudo para trazê-la de volta.

Com um último olhar para Jason, saí do escritório e fui em direção a saída, no caminho liguei para o Adam, necessitava levantar o valor do

resgate.O tempo estava correndo, e eu precisava resolver antes que fosse tarde demais e para isso, teria que agir rápido.

Sabia que, como economista, ele tinha os contatos e os conhecimentos necessários para levantar cinquenta milhões em poucas horas. Disquei o número com as mãos firmes, mas o coração disparado.

— Adam, preciso da sua ajuda — fui direto ao ponto assim que ele atendeu.

— O que está acontecendo? — A voz de Adam, sempre calma, agora carregava uma preocupação evidente.

— MacCalister sequestrou Charlotte. Ele está exigindo cinquenta milhões de dólares como resgate. Preciso desse valor agora.

Do outro lado da linha, houve um breve silêncio. Adam processava a gravidade da situação.

— Vou resolver. Posso levantar o montante em plataformas de investimento online. Vou precisar da sua autorização para acessar seus fundos aplicados.

— Está autorizado. Use o que for necessário. Apenas me avise quando tiver tudo.

Eu mantinha grandes somas aplicadas em ativos de alta liquidez, como títulos de dívida pública e fundos de mercado monetário. Ele sabia exatamente como evitar a burocracia e agilizar o processo.

— Consegui liberar o dinheiro — ele me disse depois de alguns minutos de silêncio. — O valor já está disponível. Utilizei minha rede de investidores e corretoras digitais, consegui converter os ativos em dinheiro, negociei de forma privada para garantir que tudo fosse feito sem atritos posteriores para a Lewis Global.

— Você é um gênio. Obrigado. — Desliguei o telefone, aliviado por um breve momento.

Eu me equipei rapidamente com um colete à prova de balas e uma arma. Não podia depender apenas de uma negociação limpa. MacCalister era um homem perigoso, e não podia arriscar que algo saísse do controle. Estava preparado para o confronto se fosse necessário.

Desde que comecei o tratamento com Steven, meu psicólogo, eu havia aprendido a controlar melhor as crises de TEPT. O compromisso que fiz comigo mesmo, de ser um homem melhor para Charlotte e nosso filho, me mantinha focado. Mas hoje, eu sabia que estaria lidando com uma situação que poderia despertar todos os gatilhos. No entanto, a missão era clara: trazer Charlotte de volta para casa, custasse o que custasse.

Jason já me esperava no carro, e logo, partimos em direção ao local indicado pela mensagem. A equipe de segurança estava em um segundo carro, a uma distância segura. Era melhor assim. Eu não queria chamar atenção desnecessária e sabia que MacCalister não hesitaria em usar qualquer vantagem que tivesse.

O destino era um galpão velho, localizado em uma estrada desativada nos arredores de Boston. O lugar era perfeito para esquemas clandestinos — isolado, sombrio, longe de qualquer civilização ou testemunhas. O tipo de lugar no qual a violência podia acontecer sem ninguém ouvir um grito.

Quando chegamos, Jason estacionou o carro a alguns metros de distância, com a vista fixa no galpão. A estrutura estava desgastada pelo tempo, as janelas quebradas, as paredes corroídas. Tudo ali gritava perigo, ainda assim, mantive a calma, sentindo o peso da arma presa à cintura e o colete firmemente ajustado no meu corpo.

— A equipe de segurança vai ficar de longe — Jason disse, com um olhar atento.

— Sim, ninguém se aproxima a menos que eu peça. — Ajustei o colete novamente e olhei para Jason. — Agora é comigo.

Saí do carro, o vento frio de Boston cortando meu rosto. Caminhei na direção do galpão, o silêncio da noite aumentando a tensão. Cada passo parecia ecoar no vazio.

A porta enferrujada rangeu ao ser aberta, revelando o interior escuro e opressivo. O cheiro de poeira e metal invadiu minhas narinas. Meus olhos rapidamente se ajustaram à penumbra e, ao longe, vislumbrei uma figura familiar.

Archie. Ele estava ali, segurando Charlotte com força, uma expressão sádica no rosto. O sangue pulsou em meus ouvidos. Meu instinto gritava para

avançar, entretanto, eu sabia que precisava ser cauteloso. Minha noiva estava vulnerável, com sete meses de gestação, e qualquer movimento em falso poderia colocar sua vida — e a do nosso filho — em risco.

Antes que eu pudesse dar um passo, uma voz fria e calculada ecoou pelas paredes do galpão.

— Bem-vindo, Ethan. — MacCalistter estava próximo, não havia percebido sua presença, já que meu foco era minha mulher. Um sorriso cínico estampado no rosto. — Parece que finalmente estamos reunidos... para uma verdadeira reunião de família.

Ele riu, uma risada seca, enquanto meu estômago se revirava. A tensão no ar era palpável, e eu sabia que aquele confronto colocaria fim a décadas de sofrimento.



Capítulo 47 | Charlotte Dawson

O galpão era frio e escuro, com uma umidade que parecia se infiltrar nos ossos. Eu estava sentada em um canto, tentando controlar minha respiração. Envolvia minha barriga com os braços em um gesto protetor, enquanto Archie andava de um lado para o outro, murmurando para si mesmo, delirando sobre o futuro que ele imaginava para nós dois.

Desde que ele havia me abordado na saída do lar temporário, eu sabia que não teria como escapar sozinha. Não com o tamanho da barriga que sustentava aos sete meses de gestação.

Minha mente estava um caos, apesar disso, eu tentava desesperadamente manter a calma. Havia uma vida dentro de mim que dependia de minha força e capacidade de resistir.

— Vamos fugir juntos, Charlotte. Eu vou cuidar de você, de nós. — A voz de Archie era carregada de uma doentia obsessão. Ele se aproximou, os

olhos brilhando com uma loucura que me deixava paralisada. — Esse bebê vai ser nosso. Eu serei o pai que ele precisa.

Minhas mãos instintivamente apertaram ainda mais minha barriga. Não, ele não seria o pai do meu filho. Ethan era o pai, o homem que eu amava, quem me fazia sentir segura. Só que ali, naquele galpão, com Archie pairando sobre mim como uma sombra, sentia que meu mundo estava desabando.

— Você sempre foi minha, Charlotte. Desde que nos conhecemos. Não era para você ter me deixado — Archie sussurrou, inclinando-se até seu rosto ficar a poucos centímetros do meu. — Eu te amei primeiro. Ethan não te merece.

— As coisas entre nós mudaram, Archie. Precisa compreender e seguir em frente. Posso te ajudar. Tenho recursos agora. Um tratamento em uma boa clínica... deixe-me fazer algo por você. Em nome dos bons tempos. — Tentei soar mais complacente e tranquila possível.

— Ah! Acha que por estar trepando com um magnata é mais do que eu? Viemos da mesma merda, Charlie. Você é uma pequena coisinha nesse mundo, assim como eu. — Seu olhar continha muita raiva e mágoa.

Tentava manter a calma, mas por dentro meu corpo tremia. Não sabia como sair daquela situação. Queria gritar, correr, qualquer coisa que me afastasse dele, mas estava presa, vulnerável, e qualquer movimento errado poderia ser fatal.

Antes que eu pudesse responder, MacCalistter apareceu nas sombras do galpão. Sua presença fez o ar ao redor parecer ainda mais sufocante. Ele exalava uma confiança fria e calculada, como se soubesse que estava no controle.

— Você está me cansando, Archie — o velho falou calmamente, como se o caos ao nosso redor fosse rotineiro. — Concentre-se no que precisa fazer e terá seu pagamento em breve. Até lá se comporte.

— Que seja! — O mais novo veio até mim, soltei um grito quando ele segurou meu braço com força e me trouxe para perto do seu corpo. — Estou louco para ficarmos sozinhos. Só você, eu e nosso filho.

— Archie... Por favor. Me deixa ir. Eu não te amo mais... — As

lágrimas inundaram minha visão.

— Cala a boca! — Ele bradou ao deferir um tapa no meu rosto de supetão.

— Imbecil! Não machuque a garota ou Ethan não dará um tostão do que pedi. — MacCalistter o afastou de mim.

Meu coração saltou ao ouvir o nome de Ethan. Ele estava vindo. Eu sabia que ele viria, mas, ao mesmo tempo, o pavor tomou conta de mim. MacCalistter e Archie eram perigosos. E Ethan, mesmo sendo forte e corajoso, não poderia lutar contra os dois sozinho.

— E o que você pretende fazer, MacCalistter? — Minha voz saiu baixa, porém, firme. Precisava de respostas. — Por que você fez tudo isso?

O desgraçado deu um sorriso seco e irônico, aproximando-se.

— Porque eu preciso terminar o que comecei há vinte anos. — Senti o choro engatar na garganta, fazendo eu me esforçar mais do que conseguia para manter a firmeza.

— Você é asqueroso.

— Já ouvi coisas piores, garota. Acredite. — Ele estalou a língua e se afastou.

— De onde você e Archie se conhecem? — Desviei o olhar para Archie que parecia fora de si.

— O segredo de tudo é sempre encontrar quem está disposto a sujar as mãos por uma boa quantia de dinheiro.

O barulho de rodas e motor do lado de fora, fez com que Archie corresse até mim me prendendo dentro do seu agarre. MacCallister assumiu uma postura altiva e todos aguardamos, com os olhos cravados na porta de metal, atentos a quem passaria por ali.

— Seus pais, Charlotte... e os pais de Ethan, eles foram obstáculos no meu caminho. O pai de Ethan começou a cavar muito fundo nos meus negócios, descobriu coisas que eu não podia deixar que fossem expostas. — Ele parou, como se saboreasse cada palavra que saía de sua boca. — Eu mandei sabotar o carro deles. Queria eliminar qualquer ameaça e apagar as

evidências.

Senti o chão desabar sob meus pés. Meu corpo tremia, e as lágrimas começaram a se formar nos meus olhos. Ele havia matado meus pais. Ele matou os pais de Ethan. Tudo por ganância, por poder.

— O homem no beco... ele ia falar. — MacCalistter continuou, ignorando o horror em meus olhos. — Estava ficando com a consciência pesada. Eu mandei calá-lo, como fiz com tantos outros.

Antes que eu pudesse respirar, ouvi a porta do galpão ranger. Ethan entrou, seu rosto era uma máscara de controle, mas eu sabia que estava furioso. Ele parou ao me ver com Archie. Nossos olhares se encontraram, e por um breve momento, tudo que importava era que ele estava ali. Ele havia vindo por mim.

— Bem-vindo, Ethan. Parece que finalmente estamos reunidos... para uma verdadeira reunião de família.

— Eu tenho o dinheiro — Ethan disse, sua voz firme e fria. — Mas você precisa soltá-la. Ela vai sair daqui, e vamos resolver isso entre nós dois, MacCalistter.

— Não vou sem você, Ethan. — Soltei e o cano da arma que Archie pressionava contra minha costela se intensificou.

— Precisamos atender o desejo da grávida, Ethan. Então, não. Sua noivinha vai ficar onde está.

— Você quer a mim. A minha família que te causou mal. Não precisa sacrificar uma inocente.

— Que nobre. Veja como é irônico. Sou a pessoa que uniu vocês. Primeiro mandei sabotar o carro dos seus pais. Richard estava xeretando demais onde não deveria. Os pais dela foram danos colaterais. Sua avó cuidou da garotinha órfã por culpa e anos depois, ela se mete com o delator que pretendia me trair, assumindo a vaga de suspeita no crime. — Ele soltou o ar, como se estivesse aliviado. — Chega a ser poético as reviravoltas que o destino dá. Não acha?

— Como pode não se importar em causar tanto mal? — Olhei para o velho com repulsa.

— Ele não tem escrúpulos. Nunca teve. E agora precisa do meu dinheiro para sair do país e não ser preso e responder os crimes de fraudes que cometeu — Ethan explicou.

— Exatamente e muito bem lembrado. Agora, pegue o seu celular e transfira o dinheiro, ou pode dar adeus a sua querida noivinha.

— Tire ela daqui.

— Não! — Rebati, convicta.

— Charlotte, pense no nosso filho. — O olhar de Ethan era um misto de súplica e despedida.

O meu algoz soltou uma risada seca, e MacCalistter parecia considerar a oferta, mas antes que ele pudesse responder, Archie se virou para ele com o rosto contorcido de ciúme e raiva.

— Ela não vai a lugar nenhum! — Archie gritou, apertando o braço em torno de mim. — Você não pode tirá-la de mim!

MacCalistter tentou intervir, colocando a mão sobre o ombro dele.

— Controle-se, Archie. Estamos perto de terminar isso.

Mas Archie, tomado por uma raiva irracional, desviou a arma de mim e, num movimento rápido e sem hesitar, atirou em MacCalistter, acertando seu ombro. O velho cambaleou, soltando um grito de dor, mas não caiu. Aproveitei o momento de distração para me desvencilhar do aperto de Archie e corri para o lado oposto.

Tudo aconteceu rápido demais. Quando me virei, Archie estava mirando na minha direção, a arma apontada diretamente para minha barriga. O medo tomou conta de mim, congelando meu corpo no lugar. Mas antes que ele pudesse apertar o gatilho, Ethan se moveu como um raio, colocando-se entre nós. Ele sacou sua própria arma e, com uma precisão mortal, atirou em Archie.

Aquele que por muitos anos me abusou física e mentalmente, caiu no chão com um baque surdo, seu corpo inerte e sem vida. A arma que ele segurava escorregou de suas mãos. A respiração voltou aos poucos para meus pulmões, ainda com o corpo trêmulo. Ethan correu até mim, seus braços me envolvendo de forma protetora. Eu afundei no seu abraço, incapaz de

controlar as lágrimas.

— Acabou — ele sussurrou contra meus cabelos. — Eu te prometo, acabou.

Entretanto, antes que pudéssemos sair do galpão, ouvi o som de passos rápidos. O velho, mesmo ferido, tentava fugir pela porta dos fundos, cambaleando, mas determinado a escapar.

— Não tão rápido. — A voz de Jason ecoou pelo galpão. Ele apareceu com a equipe de segurança e, logo atrás, a polícia.

MacCalistter foi interceptado antes que pudesse dar mais de dois passos. Suas tentativas de fuga acabaram ali. A justiça, finalmente, o alcançaria.

O alívio começou a tomar conta de mim no mesmo tempo que eu olhava para Ethan. Ele estava ali, ao meu lado, como sempre. Depois de tudo que havíamos passado, estávamos vivos. Estávamos juntos.

— Vocês não podem me prender. Não têm nada contra mim. — A velha raposa protestava enquanto os guardas tentavam contê-lo.

— Não conte com isso. — Ethan se afastou de mim para remover do colete a prova de balas que usava, uma caixinha preta. — É uma pequena câmera, que gravou a confissão dos seus crimes.

MacCalistter, que até então mantinha uma expressão de desdém, congelou no momento em que Ethan revelou a existência do objeto. A arrogância habitual que sempre acompanhava suas palavras foi substituída por um pânico sutil, mas visível. Seu olhar se desviou de Ethan para os policiais ao seu redor, e sua mandíbula tensionou, os músculos do rosto se contraindo à medida que tentava manter a compostura.

— Câmera? Isso não muda nada! — ele gritou — Vocês não têm ideia com quem estão lidando. Eu tenho contatos, dinheiro... eu posso acabar com todos vocês.

— Não mais, MacCalistter. A única coisa que você conseguiu, foi se tornar uma mancha horrenda para seus descendentes. — Ethan decretou antes de se virar para mim. — Vamos para casa — disse, segurando minha mão. E, naquele momento, eu soube que, não importa o que acontecesse a partir dali,

estaríamos bem.

***

Eu observava o arranjo delicado de flores silvestres do meu pequeno buquê de noiva, suas pétalas frágeis, ainda assim, cheias de vida, refletindo a jornada que tínhamos trilhado até aquele momento. O aroma doce das flores me envolvia, e por um instante, eu me permiti relaxar. A leve brisa do jardim particular da vovó Lewis tocava meu rosto, aliviando o calor do dia, fechei os olhos, sentindo a paz finalmente se instalar em meu peito.

A mão que descansava sobre minha barriga sentia a pequena vida dentro de mim, um lembrete constante de como minha vida havia mudado de forma irrevogável. Tudo o que passamos — os medos, as dúvidas, as perdas — agora, pareciam distantes, embora ainda marcassem minhas memórias. Mas, a cada respiração, eu me sentia mais segura, mais protegida, como se nada no mundo pudesse tirar a sensação de que, finalmente, tinha encontrado meu lugar.

— Aí está você. — A voz de Ethan soou suave, mas com um tom de preocupação que só ele sabia demonstrar. Olhei por cima do ombro e o vi caminhando até mim, com a expressão de sempre: forte, seguro, porém, com o semblante carinhoso que me faziam sentir que ele também, de alguma forma, estava curando suas próprias feridas. — Fiquei preocupado.

— Só estou descansando um pouco. O almoço íntimo para mais de duzentas pessoas que Madelyn organizou, está sendo mais intenso do que o esperado. — Brinquei, tentando esconder o cansaço que cobrava seu preço.

Ele sorriu, mas seu olhar se suavizou, como se entendesse mais do que eu deixava transparecer.

— Ela realmente sabe como chamar a atenção.

— Sim, ela sabe. — Concordei, apertando levemente sua mão quando ele se sentou ao meu lado. — Apesar de eu já ter ouvido ela mencionar para mais de meia dúzia de pessoas como a aposta entre você e ela, fez com que nós dois terminássemos onde ela queria. Casados.

— Ainda me pergunto se realmente essa foi a intenção dela.

— Se tratando da sua avó, nunca saberemos. — Dei de ombros e ele

beijou minha têmpora ao me puxar de encontro ao seu tronco.

— Tem razão. — Ele tirou algo do bolso e colocou diante dos meus olhos. — Acho que isso é seu. — o brilho dos metais delicados da pulseira me fizeram sorrir.

— Você ainda tem isso?

— Claro que tenho. Quando eu a comprei, foi me dito que ela simbolizava muitas coisas das quais eu ainda não estava pronto para admitir.

— E agora mudou? — Encarei seu olhar sincero.

— Completamente.

Seus lábios se chocaram contra o meus em um beijo ardente e apaixonado. Selando o compromisso e promessa que fizemos no altar ainda a pouco, sobre cuidar, zelar e proteger.

— Acha que podemos escapulir antes do fim da festa?

— Charlotte, você quem decide o que fazer. Basta dizer e eu faço acontecer. — Seu olhar apaixonado encontrou o meu.

— Parece que você se tornou um homem rendido, senhor Lewis.

— O que eu posso fazer? O destino quis assim.



Epílogo | Charlotte Dawson

Sentada no banco de trás do carro com Ethan, observei a estrada que nos levava ao lar temporário onde cresci. Estava um dia bonito, com o céu de inverno pontuado por poucas nuvens, e aquele frio típico de Boston já não me intimidava tanto. Ao meu lado, Ethan segurava a mãozinha do nosso filho recém-nascido, ele dormia tranquilamente no bebê conforto, envoltopor um cobertor macio. Ainda era difícil acreditar que aquele homem, cuja força e determinação haviam se tornado uma parte essencial da minha vida, agora,pai do meu filho e o amor que sempre esperei encontrar.

Ao chegarmos, senti um aperto familiar no peito, contudo, diferente de qualquer outro que já tivesse sentido. Entramos no prédio, e logo uma onda de lembranças me atingiu: as tardes solitárias, as noites que passei sonhando com algo melhor. Mas, ao olhar para meu filho e depois para Ethan, percebi que meu sonho havia se tornado realidade de uma forma

que nunca imaginei.

Kayla, com seu jeito sempre direto, nos recebeu na entrada com um sorriso discreto e um toque de orgulho que ela tentava, sem sucesso, esconder. Ethan a cumprimentou e, antes que eu pudesse fazer o mesmo, já estávamos rodeados pelas crianças do lar, os olhos curiosos fixos na pequena figura em meus braços.

— Vocês viraram uma lenda por aqui — Kayla comentou, com seu humor afiado de sempre. — Uma história de amor que daria um bom livro, não acha? — Ela piscou para mim.

O acontecido acabou noticiado, principalmente quando MacCalistter teve todos os seus crimes expostos. Nos tornamos uma espécie de lenda sobre amor predestinado em meio a tragédia.

Sorri, sentindo o calor das palavras. Havia tanto ali que eu gostaria de partilhar com aquelas crianças. A dor de se sentir perdida e invisível, as dúvidas e medos de não pertencer a lugar algum, tudo isso finalmente encontrara um desfecho. Queria que aquelas crianças soubessem que, independentemente de qualquer coisa, elas também poderiam encontrar o próprio lugar no mundo.

Ethan, que sempre conseguia entender meus sentimentos sem que eu precisasse dizer uma palavra, olhou para mim com um sorriso suave. Ele apoiou a mão em minhas costas, me incentivando a continuar o que estava prestes a dizer.

— Hoje eu vim apresentar a família que construí para a única família que tive por toda a vida — comecei falando, olhando para as crianças e depois para Kayla. — E eu quero que todos aqui saibam que, mesmo nos dias mais difíceis, vocês nunca estão sozinhos. Sempre existe uma chance de recomeço.

Alguns aplaudiram, e outros correram para perto de nós, tocando os dedinhos do nosso pequeno, rindo e fazendo perguntas curiosas. Ethan o pegou do meu colo e se abaixou

para conversar com elas, segurando nosso filho com cuidado, e o sorriso dele derretia qualquer preocupação que eu ainda pudesse ter.

Kayla então se aproximou, pegou minha mão e a apertou com força. Senti ali, naquele gesto, toda a história que tínhamos compartilhado, todas as dificuldades, todas as superações. Ela inclinou a cabeça, os olhos brilhando com orgulho.

— Você é uma força da natureza, garota. Fico feliz que tenha encontrado seu caminho e sua paz.

As palavras dela me atingiram como uma onda de emoção. Cerca de um ano atrás, eu jamais teria imaginado ouvir algo assim. Mas, ao lado de Ethan, descobri forças que eu nem sabia que possuía. Ele me trouxe o apoio e o amor que eu tanto ansiava, e, juntos, superamos todas as tempestades.

Quando nos despedimos das crianças e de Kayla, deixei uma parte do meu passado, mas também a promessa de que continuaria ajudando como pudesse, contribuindo para que aquele lugar fosse uma luz na vida de todos os que passassem por ali.

Voltamos ao carro com nosso bebê dormindo no meu colo, e Ethan com os braços em volta do meu corpo, nos protegendo. Logo, a cidade corria do lado de fora da janela, mas dentro daquele veículo, tudo era calmo e seguro. Olhei para meu marido, lembrando de cada luta, cada obstáculo que enfrentamos para chegar até ali. E me senti totalmente em paz.

Era como se, finalmente, todos os meus pedaços estivessem se unido. Ao lado de Ethan e de nosso filho, eu sabia que tudo aquilo havia valido a pena.

— Está feliz? — Virei o rosto para o homem que paparicava nosso filho no bebê conforto entre nós.

— Como nunca imaginei estar.

Seu sorriso, aberto e genuíno, só reforçou o quanto eu o amava e queria viver cada dia do resto de nossas vidas ao seu

lado.

Agradecimentos

Escrever "O Destino Que Nos Escolheu" foi uma jornada intensa, cheia de emoções, reviravoltas e sentimentos que, em muitos momentos, pareciam transbordar da própria história para o meu coração. E agora, ao chegar ao fim desta trajetória, é impossível não olhar para trás e reconhecer todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desse processo.

Agradeço, em primeiro lugar, a você, leitora incrível, que escolheu mergulhar nessas páginas, se apaixonar, sofrer e vibrar com Ethan e Charlotte. Cada palavra foi escrita com o desejo de tocar o seu coração, e saber que você chegou até aqui é o maior presente que eu poderia receber.

À minha família, que é o meu porto seguro, obrigada pelo apoio incondicional e por entender minhas ausências enquanto eu me perdia entre capítulos e diálogos.

E, claro, ao universo da escrita, que me permite dar vida a mundos, criar laços invisíveis entre personagens e leitores, e lembrar que, mesmo nas tramas mais sombrias, o amor é sempre a luz mais forte.

Por fim, deixo um lembrete: o destino pode até escolher os caminhos, mas somos nós que decidimos como trilhar cada passo.

Com todo o meu carinho,

Ágatha Santos

Sobre a Autora



Ágatha Santos, também conhecida como "a rainha do café frio esquecido na mesa", é casada, canceriana (intensidade é seu sobrenome) e umbandista de alma e coração. Nascida em Taubaté, interior de São Paulo, ela cresceu cercada pelo dilema de ter nome de escritora, mas nunca imaginou que um dia seria autora de tantas histórias de amor.

Formada em Administração de Empresas, já foi gerente administrativa no setor de combustíveis. Hoje, trocou as planilhas pelos romances e encontrou seu lugar no mundo — atrás de um teclado, criando histórias que misturam amor, risadas e um pouquinho de caos.

A paixão pelos livros nasceu com a Série Cinquenta Tons de Cinza e nunca mais foi embora. Ágatha é devoradora oficial de romances eróticos e encontrou na escrita uma forma de compartilhar seu amor por histórias intensas e divertidas com

mulheres que também adoram sonhar acordadas.

Com vários livros publicados na Amazon, ela gosta de dizer que sua missão é arrancar suspiros, gargalhadas e talvez até umas lágrimas das suas leitoras. E se tem algo que ela leva a sério, além da palavra "continua" no final de um capítulo é: “Se você sonha, você pode fazer.”

Me siga nas redes sociais!

Instagram: Ágatha Santos (@agathasantosautora)

Facebook: Ágatha Santos | Facebook

Leia também as outras obras da autora

